



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

PATRÍCIA REIS MOREIRA SALES

**TATURRECOGNOGRAFIA:
UMA METODOLOGIA CIENTÍFICA PARA AVALIAÇÃO DA TATUAGEM
ENQUANTO DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO HUMANA**

Salvador- BA
2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

PATRÍCIA REIS MOREIRA SALES

**TATURRECOGNOGRAFIA:
UMA METODOLOGIA CIENTÍFICA PARA AVALIAÇÃO DA TATUAGEM
ENQUANTO DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO HUMANA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI-UFBA), como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação e Conhecimento na Sociedade Contemporânea.

Linha de pesquisa: Políticas e Tecnologias da Informação (Linha 1).

Orientadores: profa. dra. Zeny Duarte de Miranda e prof. dr. Eudaldo Francisco dos Santos Filho.

Salvador- BA
2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Jorge Raimundo da Silva – CRB-4 - 1528

S163t Sales, Patrícia Reis Moreira.

Taturrecognografia: uma metodologia científica para avaliação da tatuagem enquanto documento de identificação humana / Patrícia Reis Moreira Sales. – 2024.

222 f.: il., graf., tabs.

Orientadora: Zeny Duarte de Miranda.

Coorientador: Eudaldo Francisco dos Santos Filho.

Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciência da Informação. Salvador, 2024.

Bibliografia: f. 200-216

1. Ciência da Informação. 2. Documento. 3. Tatuagem.
4. Identificação Humana. I. Título.

CDU: 02

PATRICIA REIS MOREIRA SALES

**TATURRECOGNOGRAFIA: UMA METODOLOGIA CIENTÍFICA PARA
AVALIAÇÃO DA TATUAGEM ENQUANTO DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO
HUMANA**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção de grau de Doutor em Ciência da Informação.

Aprovada em: 06/12/2023

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ZENY DUARTE DE MIRANDA**
Data: 25/03/2024 13:23:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Zeny Duarte de Miranda - Orientadora – UFBA

Documento assinado digitalmente
 **EUDALDO FRANCISCO DOS SANTOS FILHO**
Data: 11/12/2023 08:03:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eudaldo Francisco dos Santos Filho - Coorientador – UNEB

Documento assinado digitalmente
 **BRUNO GIL DE CARVALHO LIMA**
Data: 11/12/2023 08:50:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Gil de Carvalho Lima - Membro Externo Titular – UFBA

Documento assinado digitalmente
 **CARINA SANTOS SILVEIRA**
Data: 12/12/2023 14:36:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Carina Santos Silveira – Membro Externo Titular – UFBA

Documento assinado digitalmente
 **BARBARA COELHO NEVES**
Data: 27/03/2024 00:44:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Bárbara Coelho Neves – Membro Interno Titular - UFBA

Documento assinado digitalmente
 **HERNANE BORGES DE BARROS PEREIRA**
Data: 11/12/2023 08:55:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Hernane Borges de Barros Pereira - Membro Externo Titular – UNEB

DEDICATÓRIA

Meu pai e minha mãe.

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos espíritos de luz;

Aos meus pais, Aurino e Ana;

À minha sobrinha, Isabel;

Aos meus irmãos;

Às minhas gatas;

Aos amigos de sempre, em especial, Osvaldo Freitas de Oliveira Júnior;

Aos amigos e colegas das turmas de 2019.1 e 2019.2 do PPGCI/UFBA;

Ao grupo de pesquisa Laboratório de Biometria e Imagem (LBI) da UNEB;

À Coordenação de Arquivo e Documentação (CAD) da UFBA;

Ao corpo técnico do PPGCI/UFBA;

Aos docentes do PPGCI/UFBA, em especial, Francisco Pedroza;

Aos membros da banca;

À professora dra. Zeny Duarte, por mais um ciclo;

Ao professor dr. Eudaldo, por me fazer “pegar a visão” e pela leveza na condução acadêmica dos seus “pacientes”. Esta tese não existiria sem o nobre protagonismo da sua disposição docente e de pesquisador, orientações mais que essenciais. Muito obrigada!

Tempo rei

(Gilberto Gil)

[...]

Pensamento

Mesmo o fundamento singular do ser humano

De um momento

Para o outro

Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos

Mães zelosas

Pais corujas

Vejam como as águas de repente ficam sujas

Não se iludam

Não me iludo

Tudo agora mesmo pode estar por um segundo

Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei

Transformai as velhas formas do viver

Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei

Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei

Álbum: Raça humana, 1984

RESUMO

Esta investigação se propõe a aplicar procedimentos técnicos e metodológicos, a partir de variáveis teóricas e consolidadas, a fim de determinar a tatuagem como documento a ser adequado para sistemas de informação. Envolve três universos teóricos distintos: documento, tatuagem e identificação humana. Ao fato de a tatuagem ser uma alteração biométrica adquirida, uma inscrição em pele humana, atribui-se a condição de poder ser elemento biométrico para identificação de um indivíduo, a partir da proposição e do estabelecimento de técnicas e métodos específicos. Parte de um referencial teórico de autores da Ciência da Informação (CI) que atestam o conceito de documento para além do suporte em papel e de aportes teóricos que garantirão a leitura e o entendimento da imagem na pele e da identificação humana para assim estabelecer uma sintaxe que possibilite a classificação efetiva, além de facilitar a organização e a recuperação da informação derivada do estudo da identificação humana. A pesquisa enquadra-se como de natureza aplicada porque objetiva gerar novos conhecimentos para serem adotados e assume as características descritiva, explicativa e exploratória em relação aos objetivos. Apropria-se da abordagem quantitativa e qualitativa, e o método aplicado é a Teoria Fundamentada em Dados (TFD). Interessa apresentar abordagens sobre a tatuagem enquanto documento e incluí-la na atuação da CI, em sua esfera teórica e prática, para que seja analisada a tatuagem ultrapassando o conceito de apenas ser um ornamento corporal e, mais ainda, possuidora de viés científico notável e assegurado socialmente. Tal perspectiva garante a validade deste estudo enquanto formulação epistêmica teórica original e, assim sendo, o desenvolvimento de uma metodologia documental indicada para dotar a teoria de aparato pragmático de uso de um sistema de informação que elege a pele como suporte do documento.

Palavras-chave: 1. Ciência da Informação. 2. Documento. 3. Tatuagem. 4. Identificação Humana.

ABSTRACT

This investigation proposes to apply technical and methodological procedures, based on theoretical and consolidated variables, in order to determine the tattoo as a document to be suitable for information systems. It involves three distinct theoretical universes: document, tattoo and human identification. The fact that the tattoo is an acquired biometric alteration, an inscription on human skin, is attributed the condition of being able to be a biometric element for identifying an individual, based on the proposition and establishment of specific techniques and methods. It is part of a theoretical framework by Information Science (IC) authors who attest to the concept of document beyond paper support and theoretical contributions that will guarantee the reading and understanding of the image on the skin and human identification to establish a syntax that enables effective classification, in addition to facilitating the organization and retrieval of information derived from the study of human identification. The research is classified as applied in nature because it aims to generate new knowledge to be adopted and assumes descriptive, explanatory and exploratory characteristics in relation to the objectives. It adopts the quantitative and qualitative approach, and the method applied is the Grounded Theory. It is interesting to present approaches to the tattoo as a document and include it in the IC's activities, in its theoretical and practical sphere, so that the tattoo can be analyzed, going beyond the concept of just being a body ornament and, even more, possessing a notable scientific bias and socially assured. This perspective guarantees the validity of this study as an original theoretical epistemic formulation and, therefore, the development of a documentary methodology indicated to provide the theory with a pragmatic apparatus for using an information system that chooses the skin as the document's support.

Keywords: 1. Information Science. 2. Document. 3. Tattoo. 4. Human Identification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de quipo inca	29
Figura 2 - Desenho nas paredes da caverna de Altamira (Espanha)	34
Figura 3 – Runa medieval em madeira	36
Figura 4 - Runa medieval em osso	36
Figura 5 - Corpo tatuado de Jane Doe	37
Figura 6 - Medição da largura da cabeça	63
Figura 7 – Caso Will e William West	64
Figura 8 – Esquema das lesões localizadas na face e pescoço de um cadáver	92
Figura 9 – Esquema das lesões localizadas na face direita da cabeça de um cadáver	93
Figura 10 – Esquema das lesões localizadas no pavilhão auricular direito	94
Figura 11 – Esquema das lesões localizadas na face anterior de um cadáver	95
Figura 12 – Esquema das lesões localizadas na face lateral esquerda de um cadáver	97
Figura 13 - Esquema das lesões localizadas na face lateral direita de um cadáver	98
Figura 14 - Esquema das lesões localizadas na face posterior de um cadáver	99
Figura 15 - Esquema das lesões localizadas na região palmar esquerda	100
Figura 16 - Esquema das lesões localizadas no dorso da mão esquerda	101
Figura 17 - Instrução básica de operação do sistema taturecognográfico	117
Figura 18 - Modelo de transfiguração	118
Figura 19 - Modelo relacional da fórmula taturecognográfica	122
Figura 20 - Imagem de Angelina Bunker por Pixabay	128
Figura 21 - Imagem de Heinz Groth por Pixabay	130
Figura 22- Imagem de Gerhard Lipold por Pixabay	132
Figura 23 - Imagem de Herco Roelofs por Pixabay	134
Figura 24 - Imagem de Ralfy Horsepool por Pixabay	136
Figura 25 - Imagem de Walti Göhner por Pixabay	138
Figura 26 - Imagem de Shaarc por Pixabay	140
Figura 27 - Imagem de Barbara Bonanno por Pixabay	142
Figura 28 - Imagem de McLee por Pixabay	144
Figura 29 - Imagem de jcarnota0 por Pixabay	146
Figura 30 - Imagem de Markus por Pixabay	149
Figura 31 - Imagem de Adriano Isernia por Pixabay	151
Figura 32 - Imagem de Dorothe por Pixabay	153

Figura 33 - Imagem de StockSnap por Pixabay	155
Figura 34 - Imagem de Herco Roelofs por Pixabay	157
Figura 35 - Imagem de ChrisArambula por Pixabay	160
Figura 36 - Imagem de H. B. por Pixabay	162
Figura 37 - Processo de coleta / captura quando autorizado o registro	167
Figura 38 - Modelo de representação 3D da face anterior e posterior do corpo humano	168

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Crescimento do número total de perfis genéticos no BNPG.....	70
Gráfico 2 - Classificação primária	174
Gráfico 3 - Face/lado em relação à classificação primária	175
Gráfico 4 - Extensão	176
Gráfico 5 - Extensão em relação à classificação primária	177
Gráfico 6 - Classificação secundária.....	181
Gráfico 7 - Classificação primária em relação à classificação secundária.....	184
Gráfico 8 - Extensão em relação à classificação secundária.....	185

LISTA DE GRAFOS

Grafo 1 - Mapa de relacionamentos.....	173
---	------------

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características do documento	39
Quadro 2 – Fundamentos técnicos por Hercules (2005) e França (2015).....	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Detalhamento da região da cabeça	112
Tabela 2 - Detalhamento da região do tronco	112
Tabela 3 - Detalhamento da região do membro superior	113
Tabela 4 - Detalhamento da região do membro inferior	114
Tabela 5 - Detalhamento da região insólita.....	114
Tabela 6 - Esquema taxonômico para a Taturecognografia – Corpo humano.....	115
Tabela 7 - Esquema taxonômico para a Taturecognografia – Imagem.....	116
Tabela 8 - Transfiguração taturecognográfica	118
Tabela 9 - Esquema taxonômico da Taturecognografia	124
Tabela 10 - Taturecognografia da figura 20.....	129
Tabela 11 - Taturecognografia da figura 21.....	131
Tabela 12 - Taturecognografia da figura 22.....	133
Tabela 13 - Taturecognografia da figura 23.....	135
Tabela 14 - Taturecognografia da figura 24.....	137
Tabela 15 - Taturecognografia da figura 25.....	139
Tabela 16 - Taturecognografia da figura 26.....	141
Tabela 17 - Taturecognografia da figura 27.....	143
Tabela 18 - Taturecognografia da figura 28.....	145
Tabela 19 - Taturecognografia da figura 29.....	147
Tabela 20 - Taturecognografia da figura 29.....	148
Tabela 21 - Taturecognografia da figura 30.....	150
Tabela 22 - Taturecognografia da figura 31.....	152
Tabela 23 - Taturecognografia da figura 32.....	154
Tabela 24 - Taturecognografia da figura 33.....	156
Tabela 25 - Taturecognografia da figura 34.....	158
Tabela 26 - Taturecognografia da figura 34.....	159
Tabela 27 - Taturecognografia da figura 35.....	161
Tabela 28 - Taturecognografia da figura 36.....	163
Tabela 29 - Demonstração da inserção dos dados relacionado ao corpo humano	169
Tabela 30 - Classificação primária.....	174
Tabela 31 - Face/lado em relação à classificação primária.....	175
Tabela 32 - Extensão	176

Tabela 33 - Extensão em relação à classificação primária.....	177
Tabela 34 - Categorias da região corporal com classificação primária.....	178
Tabela 35 - Categorias da região corporal em relação à extensão.....	179
Tabela 36 - Classificação secundária.....	180
Tabela 37 - Pré-iconográfica em relação à classificação secundária.....	181
Tabela 38 - Iconográfica em relação a classificação secundária.....	182
Tabela 39 - Classificação primária em relação à classificação secundária.....	183
Tabela 40 - Extensão em relação à classificação secundária.....	184
Tabela 41 - Iconográfica em relação à classificação primária.....	186
Tabela 42 - Categorias da região corporal em relação à pré-iconográfica.....	188
Tabela 43 - Categorias da região corporal em relação à iconográfica.....	190
Tabela 44 - Categorias da iconográfica em relação à pré-iconográfica.....	191

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASN Nacional	– Agência Sebrae de Notícias
BNPG	– Banco Nacional de Perfis Genéticos
CI	– Ciência da Informação
CF	– Constituição federal
CTTRCG	– Carta Taturecognográfica
DVI	– Disaster Victim Identification Guide
FTTRCGF	– Fórmula Taturecognográfica
IA	– Inteligência Artificial
Interpol	– The International Criminal Police Organization
LBI	– Laboratório de Biometria e Imagem
LGPD	– Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais
MR	– Macrorregião
RIBPG	– Rede Integrada de Bancos de Perfis Genéticos
RG	– Registro Geral
Sebrae	– Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TabTTRCG	– Tabela de Transfiguração Taturecognográfica
TFD	– Teoria Fundamentada em Dados
TIC	– Tecnologia da Informação e Comunicação
TTRCG	– Taturecognografia
UFPB	– Universidade Federal da Paraíba
Uneb	– Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 O DOCUMENTO NO CONTEXTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	25
2.1 Consolidação teórica do documento	30
2.2 A soberania do documento	45
3 A TATUAGEM	48
3.1 Manifestação cultural e novas funções sociais históricas das tatuagens nas civilizações	52
4 IDENTIFICAÇÃO HUMANA	57
4.1 Antecedentes históricos	59
4.1.1 Identificação civil	65
4.1.2 Formas de identificação.....	67
4.2 Biometria	71
4.2.1 A tatuagem enquanto agente exógeno de identificação.....	73
4.2.2 A pele humana	75
5 PERCURSO METODOLÓGICO	78
5.1 Teoria Fundamentada em dados	80
5.1.1 Coleta de dados e codificação	82
5.1.2 Registros escritos.....	84
5.1.3 Amostragem teórica.....	86
5.2 O início da Taturecognografia	88
5.2.1 Do corpo humano	91
5.2.2 Da imagem.....	102
5.2.3 A experimentação	104
6 TATURECOGNOGRAFIA	107
6.1 Construção taxonômica	108
6.2 Carta taturecognográfica	111
6.3 Fórmula taturecognográfica	119
7 ANÁLISE E DISCUSSÃO TATURECOGNOGRÁFICA	166
7.1 Banco e análise de dados	171
8 CONCLUSÃO	197
REFERÊNCIAS	200
APÊNDICE	217

1 INTRODUÇÃO

Existe um traço perene dentro da construção do processo civilizatório, que é a condição natural das relações da sociedade estarem estabelecidas em regras e costumes de acordo com a conjuntura de cada época observada. Essas condições são renovadas pelas dialogias e disputas dos sujeitos e estruturas em função dos avanços sociais relacionados aos mais diversos campos de ação coletiva, como educação, cultura, política, economia e tecnologia, entre tantos, e às incomensuráveis e naturais hibridizações que são frutos desses campos. A compreensão do hibridismo condiz com os campos identitários, subjetivos e coletivos nas relações e nos processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas se combinam para a geração de novas estruturas, objetos e práticas (Fleuri 2003; Barreto, 2009).

Respondendo a uma necessidade natural dos sujeitos, a escrita foi um recurso de informação, ferramenta e avanço social elaborado pelo esforço humano em transmitir o conhecimento e as experiências adquiridas e essenciais para o desenvolvimento da comunicação humana. Muitos dos fenômenos e comportamentos foram empregados e transmitidos oralmente, fazendo com que, em casos específicos, fossem perdidos em função da baixa capacidade de memorização em razão de sua forma e conteúdo, conseqüentemente não havendo transmissão intergeracional.

López Yepes (1997), importante teórico da Ciência da Informação (CI), sustenta que os primeiros habitantes do planeta sempre demonstraram a necessidade de se comunicarem tanto verbalmente quanto por escrito, sendo a invenção da escrita e a sua transferência para suportes mais duráveis em função da fragilidade da memória.

Nesse sentido, podemos então citar que, em algumas sociedades ou regiões específicas, a escrita começou independente e em mais de um lugar do mundo (Silva, [s.d]; Cohen, 2017). E institui-se historicamente como uma ferramenta de registro, fazendo com que muitas manifestações humanas passassem a ser documentadas e salvaguardadas para a posteridade por meio dela. Por isso, Costa, Silva e Vilaça (2013, p. 2) asseveram que a escrita foi um domínio técnico e um sistema que expressou a linguagem e acelerou todo o processo de construção cultural dos povos que a desenvolveram.

Após assunção, por alguns povos, da escrita como meio de transmissão e perenização de informações, houve uma mudança fundamental nas práticas sociais, mormente as ligadas ao registro da realidade. Ressalta-se que a escrita facultou o registro das informações em diversos suportes, mas a sua garantia perpétua está relacionada às técnicas de preservação

material do seu suporte, como, por exemplo, a pele humana, pedras, paredes, papéis, madeira, dentre outros.

Conforme as práticas sociais foram documentadas, maior conhecimento e transformação de mundo foram percebidos e aperfeiçoados. A necessidade humana de querer saber o funcionamento das coisas e a observação de fenômenos promovem a história do conhecimento científico. O documento se torna agente de mudanças. Ele apresenta e assegura aspectos vividos em sociedades remotas, assim como a manutenção de direitos e deveres e a identificação dos seres, como a pedra moabita, a pedra Pôncio Pilatos, os manuscritos do Mar Morto, os escritos de Aristóteles, os registros de Galileu Galilei, os textos apócrifos, os testamentos, as certidões de nascimento, os anais, os diários e tantos outros documentos que explicam e comprovam tempos anteriores aos de hoje.

Com isso, o documento é demarcador temporal dos homens e das suas manifestações em dada realidade. Desse modo, a CI, área responsável pelo estudo do documento e as múltiplas ações da informação, a partir dos campos da biblioteconomia e da arquivologia, mantém um robusto campo teórico de investigadores, a exemplo dos seus primeiros estudiosos, Paul Otlet (1934) e Suzanne Briet (1951), até Bernd Frohmann (2015), que fundamentam o preceito do documento ser além do suporte papel. Por isso, concorda-se com os mencionados autores sobre o registro de uma informação em um suporte qualquer ser considerado documento.

Calcado nos princípios teóricos elencados, e com prática existente e sem registros escritos sobre a tatuagem nos períodos remotos, infere-se que, desde a pré-história e para além do presente momento, aceita-se a tatuagem como um fenômeno social que pode estar tipificado como um documento de informação, e esse é um dos focos do presente trabalho.

Ainda nesse esteio teórico que está se construindo, procura-se ampliar a tatuagem como objeto e ação de contexto de identificação humana, além de, intencionalmente, seguir a perspectiva originada por Santos Filho (2014) ao aprofundar o estudo da prosoporrecognografia, um processo que estabeleceu um arcabouço teórico que possibilitou a sistematização e classificação da face humana, para fins de reconhecimento e identificação.

A construção da tese pretende alcançar uma teoria que explique um fenômeno social de forma concisa e sistemática alicerçada em uma metodologia reflexiva acerca do objeto investigado. Em vista de investigação científica, a turrecognografia tende a ser a descrição do reconhecimento/identificação da tatuagem em pele humana, com vistas a ampliar o escopo das recognografias para a identificação humana oferecida por Santos Filho (2014).

Posto isto, o tema da pesquisa envolve três universos teóricos: documento, tatuagem e identificação humana. Não é difícil concluir que partimos da premissa de que a tatuagem é um documento, como afirmado no artigo “A tatuagem em pele humana como documento e elemento biométrico para identificação humana” (Reis e Santos Filho, 2021). Dentre outras premissas possíveis, destacam-se a possibilidade de a tatuagem romper a barreira do tempo, no sentido de ser um fenômeno social, e se estabelecer como instrumento de processo de identificação individual, dentro do tecido social.

Dessa forma, sendo a tatuagem um documento, investigada nesta pesquisa em CI, deve ser estabelecida tecnicamente uma metodologia documental para ser capaz de garantir a recuperação dos seus dados na identificação de um indivíduo. Com tal asserção, e observando a dinamicidade do mundo a partir dos avanços tecnológicos e as rupturas científicas, declaramos a pele como um suporte de informação documental, tal qual a biometria pura, fenotípica, e se tornar um elemento de identificação humana. Para tanto, o seguinte problema é apresentado: a incompletude, para a identificação humana, de um sistema, método e taxonomia para a tatuagem enquanto documento auxiliar na identificação de um indivíduo.

Partindo das considerações elencadas acerca do problema, o objetivo geral é a sistematizar metodológica e taxonomicamente a tatuagem como um documento que auxilie na identificação humana. Para os objetivos específicos:

- Investigar se a tatuagem pode convergir para um sistema de informação que auxilie na identificação humana;
- Caracterizar os padrões que contemplam um sistema para tatuagem;
- Classificar as variáveis da tatuagem no corpo humano;
- Estruturar um banco de dados de tatuagem que subsidie a pesquisa;
- Elaborar um protocolo sistêmico.

Alcançando tais objetivos, a tese deve ser uma teoria para a tatuagem estar configurada em um modelo prático para a montagem de um sistema de identificação humana. Por isso, estabelecer procedimentos técnicos e metodológicos, a partir de variáveis teóricas e consolidadas, determinando a tatuagem para ser adequada em um sistema de informação.

A tatuagem tem forte presença na sociedade contemporânea, e no período pré-dinástico no Egito (4000-3100 a. C), conforme o periódico *Archaeological Science* (2018), assim, desde o início das investigações, foi considerada a hipótese de o registro em pele

humana ter a condição de documento, a partir de observações empíricas e de registros históricos do homem.

O fato de a tatuagem ser uma alteração biométrica adquirida, uma inscrição em pele humana, em contexto específico, atribui-se a este fenômeno a condição de poder ser elemento biométrico para identificação de um indivíduo, a partir da proposição e estabelecimento de técnicas e métodos específicos. A tese constrói um aparato metodológico que aborde a diversidade das características da imagem produzida no corpo, bem como sua localização. Para isso, a construção de um sistema a partir de características individualizadoras foi feita, além da seguinte questão de pesquisa:

- Como determinar um sistema de descrição da tatuagem diante da morfologia da imagem e da região do corpo em que foram registradas?

O procedimento da pesquisa inicia com a revisão bibliográfica, com função de conhecer e explorar os universos teóricos, a fim de validar os pontos de convergência. Nesse processo, serão utilizados aportes teóricos que garantirão a leitura e o entendimento da imagem na pele, estabelecendo assim uma sintaxe que possibilite a classificação efetiva, além de facilitar a organização e a recuperação da informação.

Toda pesquisa científica é classificada de acordo com as suas variáveis. Do ponto de vista da sua natureza, a pesquisa é aplicada porque objetiva, a partir do conhecimento adquirido, gerar novos conhecimentos a serem aplicados. Por isso, “é para a solução de problemas concretos da vida cotidiana” (Nunes, 2021, p.10).

Com relação aos objetivos, esta pesquisa é caracterizada como descritiva, explicativa e exploratória. Descritiva, por buscar um aprofundamento maior do objeto e sem interferência do pesquisador, prevalecendo a observação, o registro, a análise e a interpretação do fenômeno (Nunes, 2021; Prodanov e Freitas, 2013). Na pesquisa descritiva, conforme Prodanov e Freitas (2013, p.52), “os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador”. Além disso, eles explicam que a descritiva e a exploratória se aproximam porque proporcionam uma nova visão do problema. Assim, a exploratória, cujo aspecto relevante é ter como objetivo fundamental “o de descrever ou caracterizar a natureza das variáveis que se quer conhecer (Koche, 2011, p.126)”, oferece mais informações sobre o assunto a ser investigado.

A pesquisa ainda é classificada como explicativa, em relação aos seus objetivos, por aprofundar o conhecimento da realidade, explicando o motivo e a razão das coisas. É

importante ressaltar que a experimentação faz parte da pesquisa explicativa, de modo a aprofundar a realidade por meio da manipulação e controle de variáveis (Prodanov e Freitas, 2013, p. 53).

A abordagem desta pesquisa se classifica em qualitativa e quantitativa. A razão da pesquisa ser qualitativa se encontra no objeto, a tatuagem. A natureza do problema da pesquisa tem como objeto um produto criativo da mente humana e seus dados serão coletados a partir da tatuagem e sua variedade de registro em pele. Por ser qualitativa, o método aplicado é a Teoria Fundamentada em Dados (TFD), proposta inicialmente por Glaser e Strauss (1967), mas com adoção da perspectiva aprofundada por Strauss e Corbin (2008). A escolha desse método converge integralmente com o até então percurso da pesquisa: dados são coletados e analisados simultaneamente, sendo categorizados e, quando necessário, previamente ajustados para alcançar o objetivo pretendido. “Ademais, a escolha metodológica legitima a amostra a ser utilizada e oferece critérios para avaliar uma teoria fundamentada nos dados.

Mesmo a TFD possuindo uma abordagem para pesquisa qualitativa, o seu uso em uma pesquisa com abordagem também quantitativa não se torna inviável, pois os dados coletados são de caráter qualitativo, mas serão ordenados e estruturados a fim de garantir uma melhor resposta ao usuário. Assim, é quantitativa porque os dados das tatuagens são ordenados em uma estrutura taxonômica numérica, com resultados por meio de uma tupla matemática e não quantificados estatisticamente.

A adoção dos aspectos, qualitativo e quantitativo, visa concordar com Bufrem (2001) sobre superar nas ciências sociais a discussão sobre os enfoques qualitativo e quantitativo, especialmente na CI, onde o caráter disciplinar permite uma postura mais inclinada à diversidade de enfoques na pesquisa científica.

A justificativa para esta pesquisa se encontra no fato de a tatuagem ser um elemento biométrico de identificação humana e importante no processo civilizatório. Além de auxiliar na identificação de pessoas desaparecidas e de corpos não reclamados, a pesquisa propõe aliar este trabalho aos procedimentos de investigação no âmbito das ciências forenses. Justifica-se também por ser a manifestação cultural de um povo denotar hábitos praticados por sujeitos predecessores, tornando-se uma prática milenar que certifica acontecimentos e promove avanço social nas técnicas e ferramentas utilizadas para a feitura e para o desenho (Rocha Peixoto, 1893; Correia, 1915; Steinen, 1940; Marques, 1997; Osório, 2006; Mayor, 2019).

Ainda se justifica por ser um fenômeno e objeto de uso e manifestação vigente, e a possibilidade de inseri-lo em âmbito digital é uma perspectiva factível que se prestaria com

facilidade ao universo da biometria e identificação humana, passando assim a participar da discussão recorrente na CI, em temas relacionáveis ao avanço tecnológico como a digitalização de documentos, repositórios digitais, segurança em sistemas de informação, dentre outros.

Desse modo, uma manifestação biométrica como a tatuagem poderia ser concebida em um sistema de informação com potencial de organização, preservação, recuperação e difusão acerca do seu conteúdo. Prova disso foi a tentativa de Jain, Lee e Jin (2007 e 2010) com o desenvolvimento do sistema automático de correspondência e recuperação de tatuagens, o Tatto-ID. Segundo os autores, “no entanto, a natureza complexa das imagens de tatuagem exige que desenvolvamos segmentação de imagem robusta e algoritmos de extração de recursos para melhorar ainda mais o desempenho de recuperação” (Jain, Lee, Jin, 2007, p. 9, tradução nossa)¹. A intenção, e talvez a maior dificuldade, seria ter a imagem da tatuagem já disponibilizada em um banco de dados para viabilizar a identificação por meio de comparação e comprovação dos registros. E ainda, o uso específico de um scanner que permita fazer a leitura da imagem da tatuagem no indivíduo para comparar com a imagem armazenada no banco de dados.

Ainda nesse sentido, afirmando sobre a pele humana ser um suporte documental tão antigo quanto o mundo, e por meio de técnicas e aprofundamentos teórico necessários, seria válido que o seu registro pudesse ser organizado em um sistema de informação para contemplar o acesso e a difusão informacional para os mais diversos fins, sejam profissionais, sejam científicos e culturais, e principalmente salvaguardado para além do tempo presente com as devidas práticas preservacionistas, sendo que tal ação não deve ser de forma impositiva para respeitar e resguardar os direitos individuais de cada pessoa.

Nesta tese, a tatuagem é analisada de modo peculiar, pois ela é o documento primário, enquanto está no corpo humano de um indivíduo. São registros escritos em pele humana, como um livro, registros escritos em folhas de papel. E, mesmo quando registrada em fotografia, documento secundário, é analisada e estudada porque mantém o mesmo conteúdo informacional, que continua garantindo a sua construção taxonômica.

O trabalho encontra-se estruturado em oito seções, demonstrando o percurso e o desenvolvimento da pesquisa. A seção 1 é dedicado à Introdução, apresentando o tema de

¹However, the complex nature of the tattoo images requires that we develop robust image segmentation and feature extraction algorithms to further improve the retrieval performance” (Jain, Lee, Jin, 2007, p.9).

pesquisa, seus pressupostos, o problema e as questões de pesquisa, o objetivo geral e os específicos a serem alcançados, assim como a sua justificativa, o enquadramento metodológico da pesquisa e a apresentação do método escolhido. Trata-se de um panorama sobre a pesquisa desenvolvida, a fim de oferecer compreensão e sentido para esta investigação.

A seção 2, “O documento no contexto da ciência da informação”, é reservado para abordar o desenvolvimento do documento no âmbito da CI, a partir dos paradigmas custodial e o pós-custodial. São apresentados outros tipos de documentos para ilustrar o pensamento de teóricos como Otlet (1934), Briet (2016), Escarpit (1976), López Yepes (2001), dentre outros autores que consolidam a perspectiva de o documento ser qualquer objeto independente do suporte ser em papel.

Para a seção 3, “A tatuagem”, apresenta-se um breve histórico sobre o seu surgimento e a sua popularização no mundo, assim como o seu conceito. Demonstra-se o seu uso em diversas culturas e as funções e transformações que ela adquiriu com a sua constante presença no decorrer dos tempos.

“A identificação humana”, seção 4, discorre sobre os antecedentes históricos, bem como a identificação civil e as formas de identificação que estiveram e estão presentes na sociedade a partir de outros estudiosos da época. É uma seção imprescindível para entender a tatuagem como um elemento biométrico de reconhecimento/identificação do indivíduo. Desse modo, esclarece a necessidade de dispor os dados biométricos organizados e classificados, visando a sua recuperação.

“O percurso metodológico”, seção 5, trata da TFD como o método eleito para a construção da pesquisa. Essa seção contempla a coleta de dados e o argumento para a amostra utilizada na pesquisa. O método para analisar o corpo humano e a imagem também são apresentados nessa seção, a fim de demonstrar a experimentação do método científico oferecido nesta tese.

“A taturrecognografia”, seção 6, é a pesquisa desenvolvida a partir de todas as seções apresentadas até então. Nesta seção é explicada a terminologia adequada para o método oferecido e as etapas referentes para o alcance dos objetivos declarados. A seção 7 condensa a análise e discussão taturrecognográfica e também do banco de dados desenvolvido com as tatuagens analisadas na pesquisa. Preserva-se a seção 8 para a Conclusão, reflexões finais, sobre a pesquisa diante dos temas abordados.

Situando a pesquisa no campo das Ciências Sociais Aplicadas, a investigação expõe as relações teóricas dos universos temáticos distintos e teorizar sobre a descrição da tatuagem em

um sistema de informação de um documento não explorado na CI. Como observado na literatura, é comum trabalhar o documento sendo o livro, o jornal, a revista, o mapa, a fotografia, dentre outros formatos (Otlet, 2018; Briet, 2016; Meyriat, 2016).

No mais, a aprovação desta tese não significará endosso da discente, dos orientadores, da banca examinadora ou da Universidade Federal da Bahia (UFBA) às ideologias ou correntes teóricas do uso de determinados autores da medicina legal, considerando apenas o caráter e a colaboração técnica das suas produções.

2 O DOCUMENTO NO CONTEXTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O panorama teórico da CI demonstra que o seu desenvolvimento científico está diretamente relacionado às práxis do saber profissional, seja para a realização de atividades seja para a resolução das questões resultantes do volume de informação produzido, ou ainda pelas novas demandas oriundas das atividades humanas e tecnológicas. O seu estatuto científico acontece por meio dos pilares da produção, organização, tratamento, análise, recuperação e uso da informação. Questões essas relacionadas a natureza, manifestações e efeitos dos fenômenos e processos informacionais que se prolongaram para além do início dos anos 1960 (Saracevic, 1996).

Antes de explodir a Segunda Guerra Mundial, o armazenamento e a organização de livros e documentos de arquivos foram exemplificados a partir das práticas existentes na antiguidade. Miranda (2010, p. 24) explica que, “durante toda a Antiguidade, os gregos e depois os romanos registraram o conhecimento produzido e organizaram-no com etiquetas, ordenando-o de forma numérica e indexando por conteúdos nos Arquivos e Bibliotecas”. Naquele período, os registros eram feitos em papiro e posteriormente em pergaminho, e a organização e o método refletiam a luz da vivência daquele tempo. Porquanto, da necessidade de ordenar e classificar, uma técnica já empregada era a taxonomia, que tem por definição classificação. Na CI, é compreendida como ferramenta de organização intelectual (Campos e Gomes, 2007). Evidentemente, o aparato tecnológico daquela época divergia do atual, mesmo assim era necessário manter a documentação armazenada, organizada e preservada, sendo esse momento considerado tecnicista porque as atividades documentais eram estritamente operacionais e com fins de custódia. Não se vislumbravam ainda a difusão da informação para promoção do conhecimento.

Durante e após a Segunda Guerra Mundial, a explosão informacional ganhou destaque devido ao número de documentos produzidos. Esse crescimento de modo indiscriminado desencadeou discussões acerca da recuperação da informação em menor tempo, com uso da tecnologia como ferramenta.

Sendo a sociedade produtora de documentos, o engenheiro Vannevar Bush (1945), a fim de resolver os problemas gerados pela explosão de informação documentada, principalmente com a massa documental acumulada após a grande guerra, observou que a quantidade de documentos produzidos pelos pesquisadores muito provavelmente não seria acessada com facilidade, em razão da magnitude do armazenamento, inviabilizando, desse modo, a premissa que acreditava no conhecimento humano estar acessível e disponível para

todos. Foi no sentido de desafiar esse problema que, ao desenvolver o Memex, dispositivo que, por meio da indexação, armazenava documentos que poderiam ser consultados com velocidade e flexibilidade (Bush, 1945). Esse autor vislumbrou ser possível o uso da tecnologia para armazenamento e recuperação da informação.

Ademais, é conveniente mencionar que, em função da empiria, teoria e prática, há distinções teóricas relacionadas ao desenvolvimento científico da CI, vejamos: há autores como Armando Silva e Fernanda Ribeiro (2000) que postulam a CI em dois paradigmas, o custodial e o pós-custodial.

No primeiro, o documento se relaciona com ação historicista, patrimonialista e tecnicista, a partir das práticas de organização para salvaguardar o acervo. O documento era preservado com vistas à conservação da memória em arquivos e bibliotecas, sendo esses espaços vistos como guardiões da informação. E, para Miranda (2010, p. 43),

A vertente do Paradigma Custodial tecnicista e historicista de finais do século XIX é caracterizada por uma metodologia aplicada em bibliotecas e arquivos que considerava o tipo de suporte, distinguindo-os para aplicação das técnicas de organização. Durante esse período, os trabalhadores de bibliotecas e de arquivos tinham formação em História, o que direcionava a organização das coleções documentais de Bibliotecas/Arquivos com ênfase de historiador.

A abordagem do paradigma pós-custodial observa o interesse na difusão da informação documentada. Esse perfil faz jus a uma dimensão social e humana, pois dissemina a informação como uma função social sem descartar o seu aspecto pragmático. Para Miranda (2010, p. 91), a CI pós-custodial, além de manter características do custodial (armazenar, organizar, preservar), “se preocupa com a episteme, teoria e métodos próprios; com os produtos e serviços de Informação, origem e comportamento, melhoria e uso”. A autora ainda ressalta que tal paradigma reafirma sua “função social, o dever com a ética e com a promoção de um fluxo de informações para o público” (Miranda, 2010, p. 91).

Santos (2018) explica que esse paradigma, por considerar e discutir os fundamentos de aspectos sociais da informação e da tecnologia da informação e comunicação (TIC), caracteriza a CI como uma ciência pós-moderna. E, ao adquirir essa característica, a CI avança no sentido de romper com o que estava posto e dominado, para que novos olhares e teorias sobre assuntos até então não desenvolvidos ampliem o seu estatuto científico, sem desconsiderar os paradigmas vigentes. Tal fato é oriundo das revoluções científicas que ocorreram entre o final do século XIX e início do século XX, ao que Francelin (2004) argumentava sobre a possibilidade de o conhecimento sofrer com a interferência de diversos

tipos e que o desenvolvimento do conhecimento científico na pós-modernidade é o pensamento aberto ao reconhecimento das distinções, pois o homem vive a vida em sociedade com costumes e culturas distintas.

Para que teorias, metodologias e conceitos sejam construídos, é preciso que a área se distancie das abordagens superficiais e se aprofunde em contextos epistemológicos, múltiplos e complexos, revelando as correntes de pensamento nas quais se apóia. Talvez este seja o caminho para a consolidação da ciência da informação na pós-modernidade. (Francelin, 2004, p. 64).

Desse modo e de acordo com a interdisciplinaridade promovida pela CI, em função do seu objeto, a informação está presente em diversos campos do conhecimento. Inclusive, a partir do dinamismo teórico-social, é aceitável a colocação de Saracevic (1996, p. 47) que apresenta pilares debatidos pela CI:

A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais.

Com cenário discursivo em constante construção, a proposição em relação ao estudo do documento, em consonância com a CI, apresenta-se como um campo fértil para o seu aprofundamento teórico e prático. Extremamente conhecida e generalizada, a clássica definição do documento ser uma informação registrada em um suporte qualquer é referenciada por Paul Otlet (2018, 59), quando afirma ser o documento “um suporte, feito de determinado material e com determinada dimensão, eventualmente resultado de determinada dobragem ou de montagem em rolo, onde se colocam os signos representativos de certos dados intelectuais”. Por certo, o seu desenvolvimento, epistêmico, é sustentado em teorias solidificadas e avança substancialmente na contemporaneidade, como, por exemplo, por meio dos estudos de Suzanne Briet (1951), Jean Meyriat (1981), Robert Escarpit (1976), Javier Lasso de la Veja (1969), Bernd Frohmann (2015), dentre outros que serão citados adiante. Ainda assim, não é um tema encerrado diante do movimento dos neodocumentalistas.

Enquanto objeto de estudo para a construção desta tese, a tatuagem será explorada a partir das suas características e condições de uso empírico e a partir daí criaremos um aparato metodológico do sistema. O documento tem função validada e acordada com a sua existência, premissa que adotaremos nesta investigação.

De tal modo, discorrer sobre o documento é avançar nos postulados existentes. Dodebei (2011) afirma a necessidade de rever o conceito de documento para além da forma e informação, considerando a sua interlocução e preservação. Essa perspectiva tem uma prerrogativa sobre a memória, como é de praxe da investigação da autora. O documento, todavia, estende-se pelas mais diversas prerrogativas sociais, devido ao efeito materializador que se encontra em si, a informação. Nesta pesquisa, o objeto informação não será tema de investigação e sim verificado como elemento essencial e constitutivo do documento. Para tanto, e por se aproximar aos objetivos propostos, considera-se a definição de informação de Silva e Ribeiro (2008, p. 37) essencial para esta pesquisa:

Conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes) socialmente contextualizados e passíveis de serem registradas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidirecionada.

Tal definição defende o suporte como um material independente e garante, ao relatar a forma de comunicação, ser assíncrona e multidirecionada, reflete a condição do suporte ser preservado para a posteridade.

Em relação ao documento, a ruptura do paradigma custodial para o pós-custodial é marcada pela obra *Tratado de documentação* (1934), do belga Paul Otlet, que, naquele período, inovou ao afirmar que o documento não era apenas o livro, mas também a revista, o jornal, o filme, uma fotografia ou uma medalha. Assim, é correto um conteúdo em um suporte qualquer demonstrar novas formas de comunicação. A própria história da escrita remete a inscrição em pedras, paredes e tábuas de argila. Ou seja, suportes anteriores ao papel, como no emblemático caso da concepção documental da Pedra de Roseta, pois:

Feita em granito negro, a pedra contém catorze linhas em hieróglifos (ou hieroglifos), 32 linhas em demótico, e 54 em grego. As inscrições da Pedra de Roseta formam uma versão de um decreto feito pelos sacerdotes de Mênfis estabelecendo que Ptolomeu V era o novo governante do Egito. (SILVA, 2013, p. 23).

Além disso, a história nos apresenta outros exemplos de objetos que, em função do seu uso, podem ser considerados documentos. É o caso do quipo andino. Harari (2017, p. 133) explica que o quipo era constituído de nós posicionados (registro) em diferentes lugares de cordas coloridas (suporte). Foi por meio desse tipo de registro que os incas mantiveram o seu império. No entanto, os quipos foram desativados diante da dificuldade de registrá-los e compreendê-los.

Figura 1 - Exemplo de quipo inca



Fonte: Quipo inca. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/pre-colombiana/arqprec007.html>. Acesso em: 26 dez 2021.

Constata-se então que novos documentos, para além do impresso, promovem o estudo do documento para uma visão moderna e científica do objeto. Portanto, Couzinet (2009, p. 14) afirma que:

No compartilhamento dos saberes, como na construção dos conhecimentos, o documento pode ser portador de várias categorias de sentidos e de funções. Se acrescentarmos sua própria construção e seu contexto de surgimento estaremos diante de um objeto material complexo, que convida a toda uma série de abordagens.

Diante de tal afirmação, considera-se que o documento nasce de uma necessidade humana de registrar um fato de ordem mental ou até mesmo natural. E tal registro pode ser fixado em uma base material para uso imediato ou não. Ainda, um documento não produzido pelo homem e sim pela natureza, como um meteorito, é dotado de informação e é objeto de pesquisa e estudo, considerando para tanto o contexto da criação e o momento no qual esteja sendo utilizado (Meyriat, 2016).

Indubitável a oportunidade da reflexão teórica e prática que Otlet (2018) promoveu e ainda promove para os seus contemporâneos. A discussão aprofunda com notável certeza de o documento ser fundado por meio das manifestações culturais de um povo, tornando-se elo de relações entre pessoas e instituições.

2.1 Consolidação teórica do documento

O desenvolvimento científico em torno do documento como objeto de estudo se inicia na Europa, em torno de 1934, com Paul Otlet, quando declara que considera a Documentação um novo campo científico, assim, uma ciência que trate dos documentos. Na oportunidade, quebra paradigmas e tem como visão de vanguarda à amplificação do conceito de documento como sinônimo de livro.

Preocupado com o excesso de informação documentada, nesse caso, não apenas os documentos em suporte papel, Otlet alertava sobre a necessidade de procedimentos diferentes e inovadores dos que eram aplicados naquele tempo nos documentos, no sentido de atribuir melhor funcionalidade a um universo em constante crescimento. Dessa maneira, o autor inferia que o futuro estava apontando para novos métodos, orientando o acesso do conteúdo documental de acordo com a organização dos seus itens.

De certa forma, o Tratado de Otlet demonstra um conhecimento vanguardista. Ao falar de “Livros”, o autor (2018, p. 59) afirma ser um termo genérico que abrange manuscritos e impressos de toda espécie e ainda, “constituindo em seu conjunto a memória materializada da humanidade, na qual, dia a dia, foram registrados os fatos, as ideias, as ações, os sentimentos e os sonhos, quaisquer que sejam, que tenham impressionado o espírito humano” (p. 59). Percebe-se que essa abordagem traduz a importância do registro humano para a vida, independentemente de em qual momento e para qual finalidade o documento seja utilizado.

Resgatando a definição já citada de Otlet (2018) sobre documento, observa-se que ele não restringe o suporte somente ao papel, pelo contrário, o autor (2018, p. 59) afirmava que “o papel é apenas uma das espécies de matéria capazes de receber a escrita” e historicamente relata que “escreveu-se sobre pedra, metal, cerâmica, papiro, pergaminho e, finalmente, papel” (2018, p. 65). A percepção de não enquadrar o documento apenas ao papel permitiu que a teoria de Otlet se solidificasse e ampliasse o estatuto do documento para os dias atuais.

A análise acerca do documento e suas múltiplas facetas, como o homem agregar ao objeto uma função informativa (Rabello, 2011), ampliou a teoria e prática do horizonte documental. A investigação de Otlet rompe com o paradigma custodial e alcança o pós-custodial ao universalizar o conceito de documento, principalmente para aqueles não usuais no campo da CI.

Conhecida como defensora das ideias de Otlet, a francesa Suzanne Briet aprofundou o estudo do documento para além do suporte papel. A sua obra, *O que é documentação?* (2016), permite avançar em uma compreensão teórica-pragmática sobre a abordagem do documento.

Para Saldanha e Ortega (2018, p. 118), a obra de Briet não apenas aprofundou questões filosófico-aplicadas de Otlet, mas “detectou elementos centrais e abordagens necessárias que modificaram, junto dos elementos anteriormente colocados, as possibilidades da prática documentalista, desdobrando-se na construção do campo no contexto internacional”.

A definição de Briet (2016, p. 1) para documento é ser “todo indício, concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual”. Por meio da citada afirmação, a possibilidade de atribuir a um objeto qualquer o caráter de documento, independentemente do suporte papel, é verificada quando Briet exemplifica um antílope como documento. Esse argumento é apresentado como uma admiração à fertilidade documentária, pois, a partir do momento em que o antílope é catalogado, ele é o documento primário e os documentos oriundos dele, como a monografia sobre o antílope ou o registro sonoro do animal, são considerados documentos secundários. Sendo assim, o animal é um objeto de comunicação. Essa explanação para documento primário e secundário se enquadra para o objeto desta investigação, a tatuagem. Enquanto, no corpo humano, a tatuagem é o documento primário, o seu registro por fotografia ou vídeo seria o documento secundário.

Um exemplo direto da teoria de Briet é aplicada aos aborígenes da Tasmânia (estado insular da Austrália), que tiveram seus cadáveres estudados e publicados em artigos, além de terem os cérebros e esqueletos expostos em museus (HARARI, 2017). Estudiosos da obra de Briet, como Maack (2016), Gugliotta (2018), Saldanha e Ortega (2018) citam as orientações do pesquisador Michael Buckland (1997, p. 806, tradução nossa)² de como um documento deve ser apresentado a partir da ótica de Briet:

- (1) Existe materialidade: apenas objetos físicos e sinais físicos;
- (2) Há intencionalidade: pretende-se que o objeto seja tratado como evidência;
- (3) Os objetos devem ser processados: devem ser transformados em documentos; e, pensamos,
- (4) Há uma posição fenomenológica: o objeto é percebido como um documento.

Os requisitos promovidos por Buckland (1997), quando analisados para a tatuagem ser defendida como documento, são condizentes para o objeto desta tese. A tatuagem existe em

²(1) There is materiality: Physical objects and physical signs only;
 (2) There is intentionality: It is intended that the object be treated as evidence;
 (3) The objects have to be processed: They have to be made into documents; and, we think,
 (4) There is a phenomenological position: The object is perceived to be a document (Buckland, 1997, p. 806).

um suporte físico, a pele humana, que, mesmo sendo possível a sua preservação em seu suporte, pode ser documentada de outras formas, como a fertilidade documentária proposta por Briet (2016). É interessante que a tatuagem seja tratada como evidência, pois é um documento que serve para a comprovação de manifestações humanas e elemento particularizador do indivíduo dentre os seus semelhantes. Tal constatação foi quando o Museu Britânico, em publicação de 2014, localizou uma tatuagem em uma múmia preservada do antigo Egito, demonstrando ser uma prática antiga, datando cerca de 2.000 a.C (British Museum, 2023). Além de ser um objeto processado e percebido como documento a partir dos vestígios e das possibilidades de uso, como documento auxiliar para a identificação humana (Reis e Santos Filho, 2021).

Ainda assim, ao suscitar a possibilidade de todo objeto ou ser vivo ser considerado documento, muitos estudiosos sugerem, a partir da definição de documento de Briet, o estudo do signo linguístico, pois a autora, ao fazer uso do termo “indício”, sugere representação, reconstituição ou prova de um fenômeno físico ou intelectual (Briet, 2016, p. 60).

Considerar o documento como signo também o insere num processo semiótico, do que decorre que as representações do documento em um sistema de informação são, também, interpretantes, leituras possíveis, nunca definitivas e dependente dos contextos e experiências colaterais que, por essa razão, não esgotam seu poder de significação. Significa reconhecer a representação do objeto como uma construção que ultrapassa uma simples inscrição organizada. O documento é a base material da atividade documentária e, ao mesmo tempo, algo cujo sentido não se esgota nele mesmo à medida que mobiliza uma rede de outros signos (Lara e Mendes, 2018, p. 78).

Destaca-se ainda que a teórica francesa (Briet, 2016) declara que o instrumental humano foi enriquecido diante de formas documentárias surgidas das invenções modernas. Para a autora citada, o livro não era suficiente para gerar satisfação nas pessoas, sendo necessário estender aos “documentos iconográficos, metálicos, monumentais, megalíticos, fotográficos e transmitidos por rádio ou televisão” (Briet, 2016, p. 5).

Naquela época e se perpetuando até os dias de hoje, concorda-se com Corrêa e Spudeit (2018) sobre Briet ter ampliado o significado de documento para as evidências e informações contidas em objetos que não fossem somente coleção de livros, mas qualquer objeto ou evento que evidenciasse algum fato era funcionalmente um documento. Desse modo, parafraseando e concordando com Saldanha e Ortega (2018, p. 126):

Suzanne Briet ocupa aqui lugar privilegiado: pensamento e ação, teoria e empiria, são construtos entrelaçados em seu percurso, de modo crítico e intensivo, como um(a) exímio(a) cientista social o faria, dedicado(a) às tensões do mundo a sua

volta, a partir das categorias analíticas e empíricas que possui de antemão e junto daquelas outras categorias que virá produzir.

Considerando os europeus como os pioneiros nos estudos do documento, os dois autores supracitados, Otlet e Briet, são reconhecidos como teóricos documentalistas da corrente clássica (Lara e Ortega, 2012). Posterior a eles, o estudo do documento continuou a se fortalecer na Europa, principalmente na França e na Espanha.

Em princípio, seguem teorias consolidadas, com a tentativa de manter uma cronologia científica da discussão documental, a fim de explanar e convergir à noção de documento para a pretensão desse trabalho infográfico.

No ano de 1969, Javier Lasso de la Vega, no seu *Manual de Documentación*, discute o documento a partir do termo “documentação”, enquanto uma técnica e quem deve ser o profissional responsável por essa atividade, demonstrando estar ciente do surgimento de diversos tipos de documentos.

Lasso de la Vega também compartilha da noção de não considerar apenas livro e revista como os únicos transmissores das criações humana. O espanhol considera a documentação um campo fértil, sendo impulsionado pelo avanço tecnológico, científico e industrial. Desse modo, a documentação seria um campo em constante progresso envolvendo tudo aquilo que não seja livro.

O teórico francês Robert Escarpit (1976) analisou o documento como um objeto informacional. Lara e Ortega (2012) explicaram que o documento para o autor francês é visível e palpável, possuindo sincronia e estabilidade independente do tempo. A sincronia mantém relação com a mensagem e a estabilidade com o suporte material passível de ser conservado, transportado e reproduzido. Ressalta-se que a reprodutibilidade da tatuagem dependeu muito do avanço tecnológico contemporâneo.

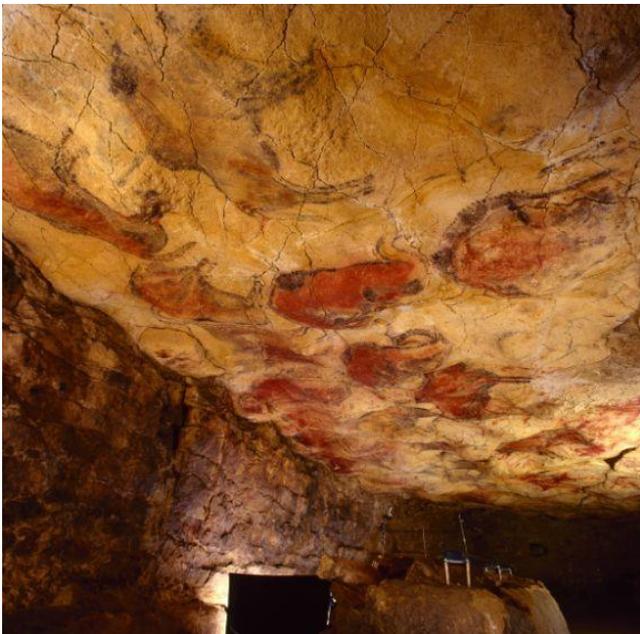
Devido a esses dois aspectos — sincronia e estabilidade —, três funções passam a existir a partir da percepção de Escarpit: a função icônica — sincronia interna da mensagem visual; a função discursiva — criação de uma imagem espacial estável de um discurso inscrito no tempo; e a função documental — estabilização do conjunto da mensagem mista — traço/ícone e palavra/discurso.

Lara e Ortega (2012) concordam também que para o autor a estabilização da informação no tempo tende a se apresentar paradoxal. Eles, contudo, explicam que a cada evento, um novo documento é produzido. Ortega (2016, p. 45) ainda ressalta que o documento para Escarpit “se explica por ser suscetível de uma leitura, ou seja, de uma exploração em função de um projeto a realizar, conduzindo não apenas a uma reativação do

evento, mas a uma produção informacional nova”. Para a tatuagem, a estabilização do seu suporte é possível a partir do emprego de técnicas preservacionistas, como ocorreu com os 70 frascos de fragmentos de pele humana tatuada e preservadas em formaldeído do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, possuindo tatuagens que datam de 1912, (Boletim Informativo [do] Núcleo da Medicina da Ordem dos Médicos, 2017).

Também partidário das ideias de Otlet, o espanhol José López Yepes (1997), ao refletir sobre o conceito do documento, exemplifica as paredes da caverna de Altamira (figura 2), localizada no norte da Espanha, como documentos que contêm mensagens pictóricas.

Figura 2 - Desenho nas paredes da caverna de Altamira (Espanha)



Fonte: Foto de Pedro Saura. Disponível em: <https://www.culturaydeporte.gob.es/cultura/areas/museos/mc/ceres/catalogos/catalogos-tematicos/altamira/primer-arte.html>. Acesso em: 12 mar 2023.

O teórico espanhol López Yepes (2001) faz uso do termo documentação por analisar o documento como “fuente potencial y efectiva para obtener nueva información” (López Yepes, 2001, p. 263) e concorda que o documento seja objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento como arquivologia, biblioteconomia, museologia, diplomática e outras.

A informação documental configura-se como a nova perspectiva que enriqueceu notavelmente o conceito de documento com base em fatos aceitos como as mudanças das necessidades sociais e individuais de informação, o desenvolvimento acelerado de tecnologias desta natureza e o próprio conceito de informação como forma de informar na medida em que requer a adequação de uma mensagem e do meio pelo qual ela é disseminada. A informação documental é gerada quando a informação previamente preservada é recuperada e transformada para se tornar uma

fonte de informação para obter novas informações. Isso se dá no chamado processo informativo-documental constituído pelos sujeitos emissores (o autor da mensagem e os profissionais que a tratam e divulgam), o meio, o item documental e os sujeitos receptores da mensagem [...] (López Yepes, 2008, p.279, tradução nossa)³

Diante da consideração defendida pelo autor, e a título de concordância, o teórico demonstra ter uma visão informativa do documento. Além disso, Lopez Yepes (2001) acredita que possa ser a falta de terminologia definitiva a dificuldade em estabelecer a Ciência da Documentação, pois diversas áreas trabalham com o documento em perspectivas teóricas e práticas diferentes.

Em vista disso e em concordância com os teóricos clássicos acima citados, Jean Meyriat (1981) desenvolveu a sua teoria sobre documento a partir do artigo “Documento, documentação, documentologia” (2016), apresentando a importância do uso e da sua função informativa.

O francês define o documento como um objeto que suporta a informação para ser comunicada e que seja durável. Definição muito ampla, porém, com noção material e conceitual, sendo elas inseparáveis, mas essencial.

Ao contrário de Lopez Yepes (1997), que não se fixa no uso do objeto como documento e sim da importância que cada um deles tem para a sociedade, Meyriat (2016) solidifica o documento em função do uso que é dado a ele. O autor acredita que todo objeto pode transmitir uma mensagem, visto que é possível escrever em diversos objetos, a exemplo das runas medievais encontradas nos suportes madeira e osso em uma investigação arqueológica em Oslo, Noruega (2021).

³La información documental se configura como la nueva perspectiva que ha enriquecido notablemente el concepto de documento al partir de hechos aceptados como las cambiantes necesidades sociales e individuales de información, el desarrollo acelerado de las tecnologías de esta índole y el propio concepto de información como modo de informar en cuanto exige la adecuación de un mensaje y el medio a través del cual se difunde el mismo. La información documental se general cuando una información previamente conservada es recuperada y transformada para convertirse en fuente de información para obtener una nueva información. Ello tiene lugar en el llama do proceso informativo-documental compuesto de sujetos emisores (el autor del mensaje y los profesionales que lo tratan y lo difunden), el medio, el menaje documentario y los sujetos receptores del mensaje [...]. (López Yepes, 2008, p. 279).

Figura 3 – Runa medieval em madeira



Fonte: Rare rune finds in Oslo. Disponível em: <https://www.niku.no/en/2022/01/15796/> Acesso em: 07 mar. 2022

Figura 4 - Runa medieval em osso



Fonte: Rare rune finds in Oslo. Disponível em: <https://www.niku.no/en/2022/01/15796/> Acesso em: 07 mar. 2022.

Outra referência compreensível e que ilustra a teoria de Meyriat, figura 5, são as tatuagens no corpo da personagem Jane Doe, da série televisiva *Blindspot* (2015). Cada tatuagem registrada no corpo revela uma informação que determina a solução de um crime ocorrido ou prestes a ocorrer, demonstrando mais uma vez a informação presente em um suporte diferente do papel que tem o poder de comunicar e esclarecer fatos.

Figura 5 - Corpo tatuado de Jane Doe



Fonte: Jaimie Alexander Blindspot Tattoos. Disponível em: <https://cutewallpaper.org/31x/5sfcp80xy/1779231556.html>. Acesso em: 27 jul. 2023.

Paralelamente, o autor avança no estudo ao demonstrar que objetos que não possuem escritas também têm caráter informacional, nesse caso, objetos que são encontrados em museus como estátuas ou meteoritos. São objetos que nos fazem referência a determinado fato ou conhecimento. Por isso, “todo objeto pode, então, se tornar documento” (Meyriat, 2016, p. 242), visto que o objeto pode se encarregar de transmitir informação. Ao contrário do exposto, a tatuagem, de imediato, possui o caráter informacional por ter uma escrita em pele, independentemente de o seu conteúdo se apresentar de modo iconográfico, imagético ou textual.

Esta primeira distinção mostra que o documento tem uma dupla origem possível. Se ele não foi criado como tal, o objeto pode tornar-se documento pelo fato de que aquele que nele busca informação, ou seja, que lhe reconhece uma significação, o promove, assim, a suporte de mensagem (Meyriat, 2016, p. 242).

Desse modo, um documento que não tenha a intenção imediata de fornecer informação pode em dado momento ter essa atribuição. A literatura nacional observa essa perspectiva de Meyriat (2016) como documento por intenção e por atribuição quando Ortega e Saldanha (2019, p. 195) explicam e exemplificam sobre o documento por intenção e atribuição:

Por este raciocínio é que o autor discorre sobre duas categorias de documentos, as quais não têm relação com os objetos em si, mas com sua condição informacional, que é sempre situacional, temporal. Ele fala em objetos produzidos com intenção de funcionarem como documentos, reconhecendo o papel privilegiado dos escritos como 'documentos por intenção', e objetos que receberam esta atribuição posteriormente, como a bicicleta que funciona como meio de transporte, e as vestimentas dos camponeses do século XVII que tinham a função de roupa para proteção de seus corpos.

Ao refletir a afirmação acima, concede à tatuagem essas duas condições, a de intenção e a de atribuição, pois a sua condição informacional existe intencionalmente ao momento em que se registra uma informação sobre a pele. Seja por qual motivo for, há uma intenção em se tatuar. A atribuição é quando aquele registro em pele adquire uma nova função, ou seja, servir de reconhecimento e identificação para alguém, ou incentivo para alguém se tatuar, dentre outras possíveis funções.

Assim, o autor reconhece o caráter da informação nos documentos, pois é pelo suporte material que a informação (conteúdo) é difundida. Posteriormente, Meyriat (2016) reconhece que o documento existe independentemente da vontade do seu criador e sim do interesse de quem fará o uso. Essa constatação também é condizente com a tatuagem, pois o indivíduo tatuado não tem como deter a capacidade informativa que o outro pode ter acerca daquele registro. Ou ainda não se tatuou para ser identificado civil ou criminalmente. Por isso, a capacidade informativa do documento é fonte inesgotável diante da possibilidade de uso em função do conteúdo contido nele.

Observa-se, de acordo com a sugestão de Meyriat (2016), a função principal e as subordinadas de um documento, como o exemplo dado por ele do objeto bicicleta ser um meio de transporte, mas nada impede esse mesmo objeto/documento de servir para outras finalidades como emitir informação sobre o seu design, o uso no período, o material feito, dentre outros. Caso análogo seria um manual de instrução de um brinquedo eletrônico ou a bula de um remédio ter outra utilidade após orientação de uso, como servir de embalagem de presente. Por isso, o autor relata a necessidade de saber distinguir objetos que foram produzidos para fornecer informação desde a sua concepção.

Generalizando esta observação, pode-se dizer que a capacidade informativa de um documento jamais se esgota pelos usos já realizados das informações que ele contém. Continua sempre possível colocar novas questões a um documento já explorado, com a esperança de se obter informações novas em resposta. (Meyriat, 2016, p. 243)

A função informativa é modificada de acordo com o uso dado ao documento, mediante a vontade de informar e ser informado. Devido a tal constatação, Meyriat (2016, p. 244) afirmava que o “usuário faz o documento”.

Claire Guinchat e Michel Menou (1981), na obra *Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação*, apresentam os tipos de documentos, abordando as suas características, sua estrutura e o seu tempo de vida. Para os autores supracitados (1994, p. 41), “um documento é um objeto que fornece um dado ou uma informação. É o suporte material do saber e da memória da humanidade”.

Eles informam, no entanto, que outras fontes também fornecem informação provenientes de documentos. Afirmam existir também uma grande variedade de documentos. Para eles, os documentos são diferenciados a partir dos aspectos físicos e intelectuais. O primeiro tem “o peso, o tamanho, a mobilidade, o grau de resistência, a idade, o estado de conservação, a unicidade, a raridade ou multiplicidade são fatores que determinam a escolha e a análise de um documento” (Guinchat e Menou, 1994, p. 42). Já as características intelectuais de um documento são definidas pelo seu valor (conteúdo), seu interesse, o público a que se destina e a forma de tratamento da informação (difusão, acessibilidade, originalidade), além de outros aspectos (Guinchat e Menou, 1994).

Quadro 1 – Características do documento

DOCUMENTO	
CARÁTER FÍSICO	CARÁTER INTELECTUAL
NATUREZA	OBJETIVO
Diferem em textuais (são os de texto escrito como livros, revistas, leis, catálogos e periódicos) e não textuais ⁴ (são os que devem ser vistos, ouvidos ou manipulados).	Qual a finalidade do documento? Trabalho, cultura, testemunho, ensino, publicidade.

⁴Os autores apresentam como não textuais:

- os documentos iconográficos ou gráficos: imagens, mapas, plantas, gráficos, tabelas, cartazes, quadros, fotografias em papel e *slides*;
- os documentos sonoros: discos e fitas magnéticas;
- os documentos audiovisuais que combinam som e imagem: filmes, audiovisuais, fitas e videodiscos;
- os documentos de natureza material: objetos, amostras, maquetes, monumentos, documentos em braille e jogos pedagógicos;
- os documentos compostos, que reúnem documentos textuais e não textuais sobre um mesmo assunto, como os livros acompanhados de discos;
- os documentos magnéticos utilizados em informática, isto é, os programas que permitem efetuar cálculos, fazer gestão de arquivos e simulações;
- os documentos eletrônicos utilizados em informática. Veiculam texto, imagem e som. São os documentos do futuro. (p. 42)

MATERIAIS⁵	GRAU DE ELABORAÇÃO
Relacionado com o suporte físico do documento. É a pedra, o tijolo, a madeira, o osso, o tecido e o papel, dentre outros.	Estabelecimento das distinções entre documento primário, secundário e terciário. Primário são documentos originais. Secundários existem por causa do primário, são a descrição do primário: bibliografias, catálogos e boletins. E os terciários são documentos produzidos a partir do primário e do secundário, são documentos que resultam da informação original.
FORMAS DE PRODUÇÃO	CONTEÚDO
Gênese do documento, como ele é produzido. Ou seja, pode ser bruto ou manufaturado. ⁶	Relacionado com o assunto e como ele se apresenta, observando originalidade, fatos, aspectos cronológicos, objetividade e clareza.
COLEÇÕES⁷	TIPOS DE DOCUMENTO
Agrupamento de documentos que possuam a mesma forma.	A fim de facilitar as atividades práticas relacionadas ao armazenamento, de tratamento e de difusão da informação.
FORMA DE PUBLICAÇÃO	
São os documentos publicados e os não publicados. Os publicados têm um caráter comercial e podem ser adquiridos por qualquer pessoal. Os não publicados não são explorados comercialmente e a sua difusão é limitada, como artigos, relatórios de pesquisa, teses e dissertações, dentre outros.	

⁵ Os autores relatam que o papel continua a ser o suporte mais comum. No entanto, para aquele momento, e diante do avanço tecnológico da época, eles já percebiam que a tecnologia faria surgir novos suportes.

⁶ Documentos brutos “são objetos encontrados na natureza, como as amostras de terra, os minerais, as plantas, os ossos, os fósseis e os meteoritos”. Os manufaturados são os produzidos pelo homem, podendo ser objetos produzidos artesanal ou industrialmente como os vestígios arqueológicos, as amostras e os protótipos, ou criações intelectuais, como os objetos de arte, as obras literárias, artísticas, científicas, técnicas e os documentos utilitários, fabricados à mão ou por meio de máquinas. (1994, p. 43).

Nesse aspecto, os autores abordam que a (re)produção dos documentos manufaturados pode ser feita em quantidade maior ou menor, devido também às inovações tecnológicas e o uso de novos materiais, facilitando até o mesmo o seu uso e deslocamento, seja em função do tamanho e do peso.

⁷ Os documentos que pertencem a uma mesma coleção têm a mesma forma, geralmente o mesmo objetivo, e um conteúdo diferente, relativo a um mesmo tema, identificado por um título ou por uma designação própria da coleção” (Guinchat e Menou, 1994, p. 45)

MODALIDADES DE UTILIZAÇÃO	ORIGEM
Relacionado à forma de acesso. Há documentos que necessitam de um equipamento para ter acesso à informação, como um filme gravado em DVD é necessário de um aparelho específico.	Fonte e autoria. Fonte de um documento pode ser pública ou privada, anônima ou conhecida, individual ou coletiva, secreta ou divulgada. O autor pode ser uma pessoa, ou um grupo de pessoas, uma organização ou várias organizações.
PERIODICIDADE	
Tem a ver com o tempo de produção do documento, se ele é produzido uma única vez ou em série, tem relação com o controle da sua chegada na unidade de informação.	

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Ao abordar a estrutura dos documentos, eles mencionam que a formatação de um documento muda de acordo com o tipo, como, por exemplo, a estrutura de uma monografia difere de um artigo em jornal. Para isso, todo documento tem elementos que servem de identificação seja das suas partes, unidade documental e a sua condição. Assim, “em alguns casos, o documento contém o conjunto de informações necessárias ao seu tratamento. Em outros, ele deve ser acompanhado por outro documento que o identifica” (Guinchat e Menou, 1994, p. 48).

A abordagem trazida pelos autores sobre o tempo de vida dos documentos não é focada apenas no suporte, na questão da preservação do material, mas sim da duração de um documento em relação ao seu “valor intrínseco, da disciplina ou domínio tratado, do seu grau de atualidade, de sua pertinência em relação ao estado dos conhecimentos, aos objetivos da unidade de informação e às necessidades dos usuários” (Guinchat e Menou, 1994, p. 51).

Todo documento produzido em determinado momento para um determinado tipo de necessidade verá, conforme a evolução desta necessidade, sua utilidade diminuir até o desaparecimento. Para os documentos brutos, testemunhas de um fato, como, por exemplo, um fóssil, e para aqueles que adquiriram valor histórico, independentemente da conjuntura científica, isto não acontece. Não se deve confundir a frequência de uso de um documento com o seu valor de uso, pois um documento pouco utilizado e eventualmente muito antigo pode ter um grande interesse para um certo público e para objetivos específicos.

Ao fim do seu estudo sobre a tipologia do documento, os autores citados apresentam uma definição dos principais documentos. A maioria das definições de documentos apresentada é em suporte papel como, por exemplo, almanaque, boletim de informação, fascículo, folheto, jornal, livro etc. Ultrapassando o suporte papel, é apresentada a maquete, o disco e a fita de vídeo, por exemplo.

Dentro de uma análise geral do campo científico, Sagredo Fernández e Izquierdo Arroyo (1982a, b) abordam o documento de modo amplo, seja ele de qualquer espécie, classe

e gênero e ainda ser de qualquer suporte independentemente da informação registrada. Outro aspecto do conceito apresentado pelos autores é o de o documento ser acessado por três abordagens: filológica, normal e construtivo/funcional.

A filológica tem relação com o aspecto semântico (definição, qual o conteúdo do conceito de documento) e o aspecto etimológico (denominação, qual o nome do conceito de documento), sendo esses aspectos complementares. O acesso normal relaciona-se com o uso que os teóricos da documentação fazem de um documento por meio de uma síntese complementar. E o construtivo/funcional é um modelo de comunicação humana a partir do documento, definindo-se em uma natureza simbólico-abstrata acerca de documentos ainda não descobertos a partir do processo documental para práticas documentárias a fim de alcançar conclusões definicionais (Fernández e Arroyo, 1982b). A constatação apresentada defende que o caráter documental é definido pelo uso do documento, sendo assim observado pelas três abordagens sinalizadas.

Para José Maria Desantes Guanter (1992), o documento quando preservado guarda as mensagens para serem transmitidas para o futuro quando “A documentação é a comunicação com o passado em desenvolvimento que, unindo-se ao nosso progresso em direção ao futuro, torna-o progressivo (Desantes Guanter, 1992, p. 1, tradução nossa)⁸. Assim, o caráter histórico é contemporâneo e simbólico, ao relacionar o documento com a capacidade de difusão da informação por meio dos tempos.

O estudo de Desantes Guanter (1992) permite recordar-se de Briet e da sua fertilidade documentária quando o autor afirma que o modo documentário é enriquecedor porque a difusão de uma mensagem documentada reproduzida em outro meio foi gerada em algum momento, incorporada e preservada em um suporte e difundida no mesmo suporte ou não.

Outro fator considerável da pesquisa de Desantes Guanter é a relação estabelecida com o campo do direito. Por ser advogado, o catedrático professor demonstra preocupação com o conteúdo da mensagem documentada. Ele valoriza que, no contexto informativo, a verdade deve prevalecer principalmente no que tange a difusão da informação. No decorrer dos seus estudos, o autor aceita uma concepção de documento para além do suporte papel e como prova e testemunho de um fato ao compartilhar a noção de que “documento é considerado hoje todo aquele suporte material, tangível ou não, que oferece informações sobre algo, que

⁸ La documentación es la comunicación con el pasado en desarrollo que, al confluir en nuestro avance hacia el futuro, lo hace progresivo (Desantes Guanter, 1992, p. 1).

carrega em si uma mensagem utilizável para conhecer as coisas” (2000, p. 29, tradução nossa)⁹. Para tanto, exemplifica que uma pedra ou uma porção de terra oferece dados geológicos, físicos ou históricos de valor inestimável e ainda colabora para a pesquisa científica quando reforça o entendimento sobre o documento:

Hoje tudo pode ser documentado. Tudo pode constituir matéria de mensagens que podem ser incorporadas nos mais variados suportes. Nada há que se oponha ao uso desses documentos na fase de conhecimento da realidade; Pelo contrário, um trabalho de pesquisa consciente, honesto e exaustivo requer a exploração de tudo o que contribua para uma melhor compreensão, compreensão e interpretação do objeto a ser estudado (Desantes Guanter, 2000, p. 29, tradução nossa)¹⁰.

Por essa ótica, fica demonstrada a importância do documento como manifestação cultural de um povo. É notório que teóricos se fixem muito no campo de estudo da Documentação, pois, sendo um campo de contínuo fomento, depreende-se assim que há um dinamismo em relação ao objeto trabalhado.

A partir de uma perspectiva renovada, o alemão Bernd Frohmann (2008) destaca que a importância de estudar a documentação está em nas consequências e os efeitos da materialidade da informação na sociedade, porque o documento nomeia a materialidade da informação.

O autor apresenta a materialidade da informação demonstrando a necessidade dos registros para comprovações práticas, com vistas da análise de todo o seu registro ter validade científica e não refutamento descabido. O autor acredita que o abstrato conceito mentalista da informação é restritivo por conceber a informação “como algo que está presente na mente em estado de compreensão”, ou seja, diz respeito a quem pensa e não se tem acesso. Assim, a materialidade permite a relação da informação com as práticas sociais, culturais, políticas e éticas.

Para abordar os estudos da documentação, Frohmann (2015) recorre a Foucault, sobre os estudos de enunciado e instituição, para exemplificar a materialização da informação a partir dos documentos e como o seu uso age na sociedade. Foucault, a partir dos documentos,

⁹ Documento se considera hoy todo aquel soporte material, tangible o no, que ofrece información de algo, que lleva en si mismo un mensaje aprovechable para conocer las cosas (Desantes Guanter, 2000, p. 29).

¹⁰ Todo se puede hoy documentar. Todo puede constituir materia de mensajes incorporables al más variado soporte. Nada hay que se oponga a la utilización de estos documentos en la fase de conocimiento de la realidad; antes al contrario, un trabajo de investigación consciente, honrado y exhaustivo exige la explotación de todo aquello que contribuya al mejor entendimiento, comprensión e interpretación del objeto a estudiar. (Desantes Guanter, 2000, p. 29).

mostrou como os registros das instituições agem sobre os sujeitos, sobre os corpos, dando como exemplo os prontuários médicos. Para ele, os documentos agem como transmissão de poder gerativo e formativo, não como um meio de comunicação de informação, pois as instituições o usam como convém. Ao ponderar a abordagem de Foucault e um dos objetivos específicos declarados na Introdução, o uso da tatuagem convergir em um sistema de informação que auxilie na identificação humana assevera que a classificação sistemática e descritiva dos dados da tatuagem por meio de uma taxonomia é para facilitar o processo de identificação do indivíduo e não fazer uso da subjetividade para traçar um perfil estigmatizado socialmente.

Quando a informação é materializada por meios tecnológicos, a sua produção e processamento ocorrem fora da consciência, devido às transações eletrônicas e automatizadas. Às vezes, um sistema de informação se retroalimenta, pois, os processos são gerados automaticamente, com dados que já haviam sido inseridos previamente. Logo, o autor propõe pensar a informação de forma clara e dinâmica, abrindo possibilidades para os campos de práticas sociais, públicas, políticas, culturais e econômicas, tudo isso por meio da documentação. O poder que o documento tem na sociedade é a partir da sua base informativa.

A perspectiva de Frohmann adota o que muitos pesquisadores têm discutido sobre o movimento neodocumental, que oportuniza a investigação em torno do documento, creditando o seu estudo ser tão importante quanto o da informação. A solidificação das teorias de Otlet e Briet foi pertinente para a compreensão e fundamentação do estudo do documento para além do suporte papel.

Reacender a discussão em torno do documento demonstra um reconhecimento tardio para um tema de estudo imprescindível para a CI. Não é arriscado afirmar que esse movimento surgiu, talvez, em função do avanço tecnológico em que tantos pesquisadores do campo discutem sobre documento digital ou nato digital, preservação digital e outros aspectos tratados para o suporte papel. Por isso, Rodrigues e Baptista (2021, p. 9) acreditam que “retornar ao conceito de documento se configura como uma orientação para a melhor compreensão da informação registrada, em especial, no ambiente digital/virtual”.

A solidificação das teorias de Otlet e Briet foi pertinente para a compreensão e fundamentação do estudo do documento para além do suporte papel. Reconhecer a necessidade de avaliar o que pode ser ou não um documento enquanto objeto de estudo da CI é assunto fundamentado nos teóricos clássicos e contemporâneos. No Brasil, estudiosos sobre documentos, a exemplo de Cristina Dotta Ortega e Marilda Gimenez de Lara, também

recorrem aos teóricos apresentados a fim de desenvolverem estudos sobre o objeto em questão.

As atuais abordagens levantadas na investigação do documento a ponto de elevarem o seu *status* ao de objeto informação não devem ser concentradas apenas dentro do ambiente digital e sim avaliar os objetos que possam se tornar documentos, como já aludidos, e qual a sua relação com a sociedade.

O documento além de possuir uma abrangência maior de formas e tipos, agora tinha também sua natureza expandida. O documento não necessariamente nascia como um documento, mas podia tornar-se um, considerando o grau de potencial informação. O documento passa a se relacionar de uma nova forma com a informação, pois agora está sujeita o documento à intencionalidade e a objetivação (Rodrigues e Baptista, 2020, p. 42).

Se atentarmos para o mundo contemporâneo em que o dinamismo de pôr as ideias em prática com o surgimento de produtos e serviços e o envio/recebimento de mensagens e/ou objetos deixa tudo mais veloz, é certo escalar o documento para um nível maior ou igual ao estudo da informação.

A colaboração intelectual se aprimora dentro de perspectivas múltiplas, mas com a percepção voltada para o documento. Ainda assim, é factível explorar as facetas do documento a fim de enquadrar um objeto qualquer como tal sob a ótica da CI, como é o caso da tatuagem.

2.2 A soberania do documento

O documento por si é parte constitutiva da construção social. Os documentos formalizam a existência e natureza intrínseca de uma pessoa, pensamento, ato ou instituição e mantém a relação dinâmica entre eles. Por fincar-se como testemunho cultural e histórico, o documento garante reconhecimento, direitos e deveres. Assim, a conformação documental se dá por sua existência por meio dos tempos.

O documento colabora na construção individual e coletiva de um povo ou nação. Dentre suas infindáveis atribuições, os registros salvaguardados garantem o reconhecimento de um indivíduo ou um grupo de pessoas, garantindo a perenidade de um povo e sua cultura. Em se tratando da variedade e diversidade possível para a constituição da configuração documental, apontamos aqui a possibilidade que uma tatuagem assume, por exemplo, de ser um elemento biométrico, sendo assim um componente documental. Podemos encontrar na

história várias manifestações que atestam nossa afirmação, como os guerreiros maoris que têm tatuagens sobre as faces dos povos de determinada região australiana.

Depreende-se também que o documento carrega em si aspecto intrínseco e extrínseco. O primeiro tem a ver com a substância constitutiva do documento, sua natureza e características. Ou seja, a informação contida nele figura como substância para compreensão de fenômenos ou fatos que ele representa ou registra e que possam, por meio de sua sintaxe, prever ou auxiliar em sua compreensão. O aspecto extrínseco está vinculado à sua estrutura material (suporte) e finalidade (uso). Geralmente, o suporte escolhido para um documento é o que determina a sua finalidade, com o material que garante o manuseio, deslocamento e, algumas vezes, a reproduzibilidade do documento.

Relevante saber que ambos os aspectos são essenciais ao documento, por garantir uma função existencial a ele. No estudo da Diplomática, Duranti (2015, p. 197) explica que a “forma do documento é tanto física como intelectual”. Sendo o físico para o aspecto extrínseco e o intelectual para aspecto interno, seria o que Silva (s.d.) caracterizaria para extrínseco a “matéria escritória”, o material que recebe a escrita ou o todo material do documento e para intrínseco, o texto que contém a informação ou mensagem intelectual do seu produtor. O aspecto extrínseco tem a ver com a sua forma externa, para Duranti (2015, p. 197):

Os elementos extrínsecos da forma documental são considerados aqueles que constituem o aspecto do documento e sua aparência externa. Podem ser examinados sem a leitura do documento e estão presentes de forma integral somente no original (Pratesi, s.d., p. 53). Eles são o suporte, o texto, a linguagem, os sinais especiais, os selos e as anotações.

Considera-se que o aspecto extrínseco, por ter relação com o formato do documento, é convencionalizado, seja por questões institucionais seja por questões pessoais. Quando institucional, geralmente há um padrão a seguir. E, quando pessoal, o sujeito utiliza da liberdade para registrar a informação no suporte que lhe convém, ou seja, ele tem a opção de usar o papel ou um pedaço de pano para escrever um poema.

Para o intrínseco, Duranti (2015, p. 203) considera “como componentes integrais de sua articulação intelectual: o modo de apresentação do conteúdo do documento ou as partes que determinam o teor do todo”. É necessário o espaço de campos informacionais e sintáticos do que deve constar em documento para garantir o seu formato existencial. Os dados que preenchem esses campos, normalmente são os mesmos dados que facilitam a sua recuperação. A exemplo disso, uma certidão de nascimento contém dados informacionais que se

configuram como tal. Um arquivo mp3 só é sonoro se houver um registro sonorizado nele, assim como uma tela em branco será considerada uma pintura se assim houver pinceladas de tinta.

Assim, a composição do documento é dada pela sua substância (informação), estrutura material (suporte) e finalidade (uso). Tais aspectos promovem o documento a importante e, inevitavelmente, são correlatos à comunicação, à transferência e à cópia.

De todo modo, como alertava Frohmann (2015), o discurso sobre o documento não deve priorizar a sua existência em função apenas da informação, é aceitável considerar o seu suporte de acordo com a sua finalidade. A informação que não está registrada em um suporte é informação perdida, ao tempo que um papel vazio carece de substância para ser documento. Logo, informação é complementar ao documento.

O documento, por ser um objeto de estudo das subáreas da CI, Arquivologia e Biblioteconomia, deve ser analisado para além da obviedade. Deve ser aprofundado como um componente propulsor da atividade humana, sendo percebido com um olhar mais apurado e sensível, para adaptar a noção de um objeto ser documento a partir do momento em que ele se enquadre na acepção básica de termos que compõe a definição de CI: gênese, organização, tratamento, classificação, armazenamento, preservação, recuperação e disseminação.

É preciso compreender o objeto a ser enquadrado como documento para que ele seja contemplado pelas perspectivas teóricas e práticas da CI. Esse conhecimento assegura a discussão em torno do documento, seja ele em suporte papel, seja em suporte madeira, vidro ou até mesmo o bit.

Com um debate longo e profícuo, o objetivo é continuar a discussão sobre o documento, independentemente do seu suporte, seja pelo registro na pele humana, seja por fotografia, respectivamente primário e secundário (Briet, 2016), pois o espaço para análise e operacionalidade é amplo, principalmente quando o conjunto de informação e a fertilidade documentária estão prontos para se tornarem conhecimento. Essa perspectiva garante a validade deste estudo enquanto formulação epistêmica teórica original e, assim sendo, o desenvolvimento da metodologia indicada para dotar a teoria de aparato pragmático de uso de um sistema de informação que elege a pele como suporte do documento.

As novas tendências trazidas ao estudo do documento demonstram um amadurecimento científico. Ainda assim, continua sendo factível explorar as facetas do documento. Nesse sentido, abordaremos a tatuagem como documento de identificação humana.

3 A TATUAGEM

A tatuagem é uma atividade humana presente na sociedade desde os tempos mais remotos. Em seu conceito mais elementar, a tatuagem é pigmento de tinta inscrita em pele. Por se tratar de uma prática milenar e sem a devida precisão cronológica em relação à sua gênese, para Rocha Peixoto (1893, p. 99), a tatuagem “consiste em imprimir na pelle desenhos signaes traduzindo toda a sorte de ideias ou sentimentos, é acusada provavelmente desde os tempos prehistoricos e attestada das epochas protohistoricas até hoje”. Diante desses registros, afirma-se que os seus relatos apontam para o surgimento da tatuagem anterior ao nascimento de Cristo.

Lise, Gauer e Cataldo Neto (2013) explicam que é possível que o homem tenha adquirido afinidade com a tatuagem a partir das cicatrizes corporais e então, antes mesmo de desenhar sobre rochas, passou a se marcar com pigmentos coloridos. Por isso, Correia (1915, p. 244) assevera que “encontram-se desde os tempos quaternarios vestigios inequívocos de que o selvagem primitivo se tatuava, ou pelo menos pintava o côrpo”.

Em artigo publicado no *Journal of Archaeological Science* (2018), arqueólogos relataram que múmias do Egito pré-dinástico possuíam tatuagens preservadas com mais de 5 mil anos (4000-3100). Anterior a essa constatação histórica, o fato mais antigo de registros de tatuagem que se tinha conhecimento era de Otzi, conhecido como o homem de gelo, datado entre 3350 e 3110 a.C.

Na Grécia Antiga, os povos cavaleiros das tribos trácias, citas e amazonas também se tatuavam, inclusive, representações de mulheres tatuadas dos povos citados foram encontradas em um vaso de 500-450 a.C. e em um fragmento de cratera do século IV a.C. (MAYOR, 2019). Mesmo em passagens bíblicas, como Levítico (19, 28) e Isaías (3,28), que tratam sobre marcas corporais, Marques (1997) explica que a palavra “tatuagem” não existe nos textos originais e que nenhum dos Testamentos faz referências à proibição de desenhos em pele.

Dos mares, marinheiros e viajantes se encarregaram de popularizar a tatuagem. James Cook (1769) foi o responsável por difundir o termo “tattoo” (tatuagem em inglês). No Taiti, Cook escutou o som reproduzido pelo instrumento que tocava a pele no momento do ato de tatuar.

Vinda de tatau, a onomatopeia do ato de tatuar. Os taitianos usavam uma espécie de pequeno ancinho de jardinagem, feito de cabo de madeira e um pente de osso humano que serrilhavam na borda para que ficasse dentada. Sobre o ancinho batiam

com um pedaço de pau. Repetidos golpes do martelo no topo do ancinho produziam o tatau que os nativos usavam para designar a ação. A raiz da palavra, ta, significa golpear, bater (Marques, 1997, p. 42).

Sendo conhecida e praticada pelos povos das Ilhas Polinésias e do Pacífico Sul, a tatuagem chega ao Ocidente por meio dos navegadores. Osório (2006) explica que os marinheiros foram tatuados pelos nativos e dessa forma aprenderam a técnica de tatuar. Além do mais, “tatuadores ocidentais do século XIX e XX eram ex-marinheiros” (Osório, 2006, p. 18), que ajudaram na popularização da tatuagem no Ocidente.

A popularização da tatuagem desencadeou no Ocidente um histórico relacionado para grupos não aceitos socialmente como criminosos e prostitutas. Devido à impressão negativa causada, estudiosos da medicina começaram a associar o seu uso a práticas criminosas. Correia (1915) afirmava que a tatuagem era vulgarizada em todos os países da Europa, sendo um atributo de marinheiros, soldados e prisioneiros, feitas na clandestinidade e com execução rudimentar. Assim, a tatuagem “aparece já nos relatos de médicos criminalistas do século XIX, como Lacassagne, Berrillon e Lombroso” (Leitão, 2004, p. 4).

A concepção da ‘impureza da tatuagem’ está diretamente relacionada ao estilo de vida que historicamente faz parte dessa prática no mundo ocidental: nos limbos sociais, na marginalidade, na malandragem, na rebeldia, no fora do convencional, nos excessos de álcool e de todo tipo de drogas (Pérez, 2006, p. 184).

Diante da asserção acima, é oportuno afirmar que os contextos externo e interno, a partir de 1870, como o movimento abolicionista, promoveram novas contestações e inclinações políticas, literárias, artísticas, econômicas e científicas, a ponto de considerar a sociedade atual consciente para desprezar as teorias exageradas do médico e criminalista italiano Cesare Lombroso e de seus seguidores, bem como a existência de pesquisadores que defendam uma tese radical, originada na escola positivista de criminologia (Balera e Diniz, 2013; Augusto e Ortega, 2011).

Prosseguindo, mesmo com cunho marginal, a tatuagem passa a ter novos adeptos no Ocidente, no fim da década de 1960, a partir do movimento da contracultura, com os *punks* e os *hippies* adotando-a como um ornamento corporal a fim de romper as normas e padrões impostas pela sociedade daquela época. A partir de 1970, a tatuagem passa a ser mais presente nos grandes centros urbanos. Os jovens passam a consumir essa arte em pele criando novos perfis e identidade.

No Brasil, a tatuagem também adentrou pelos portos marítimos e sem data exata para sua aparição. Souza (2020) explica que era comum se referir às tatuagens brasileiras da

década de 1960 como atrasada, insalubre ou primitiva. Pérez (2006) explica que o processo de modernização da prática da tatuagem no Brasil ficou dependente de tatuadores estrangeiros intermediarem o acesso às novas tecnologias para realização da tatuagem, como a máquina elétrica. De qualquer modo, o antecedente marginal da tatuagem no Ocidente figura fortemente em sua trajetória.

Ao mesmo tempo, definir a tatuagem é abordar sobre os seus aspectos técnicos. Correia (1915, p. 244) afirma que a tatuagem é “a arte de picar a pele em series de orifícios formando desenhos e introduzir neles uma substancia córante que os torna indeleveis [...]”. Para Sacks e Barcaui (2004, p. 709) “as tatuagens são figuras ou inscrições definitivas produzidas pela introdução de pigmentos exógenos na pele” e complementam:

Para a realização do procedimento o pigmento é posto sobre a pele, e agulhas descartáveis adaptadas em aparelhos elétricos são utilizadas para a injeção do material na derme. Os pigmentos mais utilizados são o carbono, o sulfeto de mercúrio, tintas vegetais, cobalto, sulfeto de cádmio, óxido de cromo, ocre e óxido de ferro.

Infere-se também que o conjunto de conceitos e definições sobre a tatuagem é concebida de modo similar, sendo empregada e aperfeiçoada de acordo com cada cultura. Mayor (2019) menciona que, em 2013, equipamentos de tatuagem foram escavados próximos a um esqueleto nos estepes entre os Montes Urais e o Mar Cáspio e que o “o kit de tatuagem consiste em pigmentos e colheres para mistura-los em duas paletas de pedra, agulhas de ferro douradas e outras ferramentas” (Mayor, 2019, p. 320). Desse modo, Osório (2006, p. 31) define:

A tatuagem é o procedimento pelo qual um pigmento é inserido abaixo da camada superficial da pele. Este pigmento toma um caráter permanente. A forma como o pigmento é inserido e a sua constituição química variam de cultura para cultura. De forma geral, pode-se dizer que o pigmento deve ser mais escuro do que a pele marcada, para que seja visível, e deve ser inserido com algum tipo de objeto pontiagudo, assemelhado a uma agulha. Pode-se esfregar o pigmento na pele e depois perfurá-la, de modo a introduzÍ-lo no corpo, mas pode-se também picar a pele com a agulha e depois esfregar o pigmento, ou ainda molhar a agulha em pigmento e inserÍ-la na pele. Os pigmentos podem ter origem vegetal, animal ou mineral. A quantidade de agulhas utilizadas e sua espessura também variam de cultura para cultura.

Por singularidade, Rocha Peixoto (1893) informa que a prática no Brasil divergia dos países da Europa. Aqui, os desenhos eram encontrados em pranchetas de madeira nas quais os contornos da figura eram cobertos de pontas de aço, executando o desenho de uma só vez com

substâncias diferentes dos corantes usados pelos europeus, como pólvora triturada ou azul de brunideira.

O atual uso da tatuagem na sociedade contemporânea aponta para uma ruptura do que ela foi no passado. Ao ser mais aceita, a tatuagem passou a ser compreendida e mais consumida. Com uma maior aceitação social, é possível observar pessoas acima dos 18 anos, circulando e exibindo sua tatuagem. Na Bahia, a lei ordinária de número 13.920, de 29 de janeiro de 2018, além de dispor sobre as condições de funcionamento, fiscalização e vigilância sanitária dos estabelecimentos de tatuagem e de *piercing*, permite, mediante autorização dos pais ou responsáveis legais, a realização de tatuagem em menor de 18 anos.

Da mesma forma, ao não ser mais uma prática clandestina, encontram-se mais estúdios de tatuagem pelas ruas das cidades e até mesmo em grandes *shopping centers*. Mesmo não havendo um censo brasileiro para determinar a quantidade de pessoas tatuadas no Brasil, a comprovação do crescimento de adeptos pode ser avaliada a partir da criação de 6.763 estúdios de tatuagem e *piercing* em 2022 (Sebrae 2023; ASN Nacional, 2023). Ressaltando que os estúdios de tatuagem funcionam de acordo com as referências técnicas da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), sendo necessário que todos os produtos utilizados para tatuar estejam registrados na Anvisa.

Diante de uma expansão de novos adeptos, ela se estabelece por meio do aprimoramento de novas ferramentas e técnicas, além de ampliar a qualidade dos traços das imagens desenhadas em pele. Considerada um artefato cultural humano, afirma-se ser o próprio homem que percebe a necessidade de adequar a tatuagem ao seu tempo presente.

Por ser uma atividade sumamente humana, a tatuagem está articulada em um contexto simbólico desde a sua existência. As motivações e justificativas para a sua feitura sempre foram e são diversas. Rituais de passagem, homenagem, lembrança, celebrações, ornamentos, *status* social, estilo de vida, atos de rebeldia, atitude transgressora, associação/pertencimento a grupos e punição são algumas demonstrações para a sua existência. Por isso, a tatuagem representa uma expressão individual de caráter social por meio dos tempos.

Fator importante para a tatuagem enquanto objeto de estudo é a sua compreensão por diversas óticas científicas. Ela figura em pesquisas dos saberes médico, histórico, filosófico, antropológico, legal, artístico, dentre outros. Em 2010, Lise et al., afirmavam o crescimento do grupo de pessoas tatuadas, indicando relevância da abordagem, devido às suas múltiplas implicações.

Observando a tatuagem como um elemento social a partir de processos individual e social, e visando um aprofundamento maior de análise, é preciso inseri-la dentro do âmbito de

atuação da CI, em sua esfera teórica e prática, para que seja analisada para além de um ornamento corporal e sim viés científico notável e assegurado socialmente.

A CI, ou qualquer área do conhecimento, quando aceita um objeto diferente do comum de suas respectivas áreas, tende a apostar na inovação com foco na tecnologia, tema nobre para qualquer área hoje em dia. Ainda prezando pelos aspectos como organização, armazenamento e preservação, a CI, como todas as outras áreas do conhecimento, está inserida em um contexto tecnológico que prima pela recuperação e disseminação da informação de forma rápida e eficiente. Desse modo, e fazendo uso da inter, multi e transdisciplinaridade, a CI tem condições de aprofundar o estudo documental da tatuagem.

Diante da disposição científica em que os dois universos teóricos se situam, o privilégio relacional da tatuagem e do documento é em função da interdisciplinaridade, característica basilar da CI, e de uma perspectiva sugestionada para ampliar o escopo científico do campo. Daí novas abordagens, ordenamento científico, metodológico e ideológico.

Os documentos são produzidos a partir da interação social do homem com o espaço em que se encontra. Por estarmos em um contexto dinâmico, a tatuagem também é produzida por meio do envolvimento do homem com o seu meio. Por isso, e sob o mesmo ponto de vista, a tatuagem é um documento que serve para a identificação humana e manifestação cultural.

3.1 Manifestação cultural e novas funções sociais históricas das tatuagens nas civilizações

A existência da tatuagem demonstrou ser tão antiga quanto o homem. O uso da pele humana para se referenciar no mundo ocorreu seja pela tatuagem, seja pela pintura ou pelas vestimentas, em suma, com ornamentos sobre a pele humana.

Como citado, as múmias do antigo Egito apresentam evidências para a prática da tatuagem no período pré-dinástico. Pesquisadores descobriram que duas das sete múmias que se encontram no Museu de Londres possuíam tatuagens. Conforme Friedman e colaboradores (2018), as tatuagens encontradas nas múmias egípcias, revelam elementos da iconografia egípcia, mas com interpretação desafiadora. As tatuagens sugerem que homens e mulheres se tatuavam com referência a animais do período pré-dinástico, símbolos de poder/força, culto/magia.

Conforme estudos, “Otzi, o homem de gelo” e uma das primeiras múmias tatuadas, possui linhas geométricas tatuadas na pele das costas e dos joelhos. Lima (2020, p. 18) assevera que, para alguns pesquisadores e historiadores, “dentro do grupo cultural de Otzi, a tatuagem está relacionada a práticas terapêuticas, podendo ter função medicinal, espiritual ou apenas auxiliar, mas sempre ligada a alguma forma de cura ancestral”.

As cabeças maoris da Nova Zelândia, a mais conhecida manifestação cultural relacionada à tatuagem, representa a bravura dos guerreiros da sua tribo e foram também motivo de cobiça pelos ingleses no século XIX. Muitas cabeças tatuadas foram vendidas para alguns países europeus pelos próprios chefes das tribos maoris. Posteriormente, 100 anos depois, em 2016, algumas dessas cabeças foram repatriadas e se encontram no Museu Nacional da Nova Zelândia, o Te Papa Tongarewa.

Os corpos tatuados da cultura peruana Chancay, em Cerro Colorado, são outra demonstração de como a tatuagem se manifesta em determinado local, povo e história. Luna, Enciso e Majchrzak (2019) explicam que a cultura Chancay foi um grupo sociopolítico desenvolvido em períodos pré-hispânicos. Sobre as tatuagens, eles explicam que muitos dos desenhos são encontrados nas roupas e na cerâmica da cultura Chancay e que algumas tatuagens foram feitas após o falecimento do indivíduo.

Quanto à funcionalidade dessas tatuagens, foi aplicada a pessoas que, além de desenvolverem atividades econômicas cotidianas, como pesca e agricultura, desenvolviam outro tipo de atividade religiosa e/ou mágica. As pessoas que se tatuavam eram xamãs, dedicados ao culto, magia e medicina. A prática xamânica nesta área é preservada até os dias atuais, razão pela qual Huacho é considerada a terra dos feiticeiros (denominação dado desde a Colônia com as violentas campanhas de extirpação da idolatria), tradição que se mantém viva desde os tempos pré-hispânicos. Nesse sentido, o Chancay procurou representar em seus corpos essa sabedoria ancestral com a simbologia utilizada e venerada em suas atividades religiosas, mágicas e charlatanistas (Luna, Enciso e Majchrzak, 2019, p. 366, tradução nossa)¹¹.

A presença da tatuagem também é vista na civilização moche, no Peru, que eram povos anteriores aos incas em mais de 1200 anos. Hamú (1989) explica que os moches não

¹¹ Sobre la funcionalidad de estos tatuajes, se aplicaba a personas que además de desarrollar las actividades económicas cotidianas, como la pesca y la agricultura, desarrollaban otro tipo de actividad religiosa y/o mágica. Las personas que se tatuaban fueron chamanes, dedicados al culto, la magia y la medicina. La práctica chamanística en esta zona se conserva hasta la actualidad, motivo por el cual Huacho es considerado tierra de brujos (denominación dada desde la Colonia con las violentas campañas de extirpación de idolatrías), tradición que se mantiene viva desde épocas prehispánicas. En este sentido los Chancay buscaron representar en sus cuerpos esta sabiduría ancestral con la simbología utilizada y venerada en sus actividades religiosas, mágicas y de curanderismo (Luna, Enciso e Majchrzak, 2019, p. 366).

possuíam escritas e são os objetos artísticos soterrados que auxiliam na reconstrução da cultura, rituais e na identificação de personagens. Em 2006, foi encontrada uma múmia moche, batizada de Senhora do Cão, que viveu há mais de 1700 anos em “excelente estado de conservação, que permitiu aos investigadores visualizar tatuagens de serpentes, aranhas, jaguares e figuras geométricas que cobriam seu antebraço, mãos e pés” (Carmo e Gomes, 2017, p. 100).

Relacionadas às questões espirituais, como expressão de devoção e proteção e de *status*, as tatuagens japonesas sempre foram culturalmente diferenciadas em função do seu desenho, traços e cores, além da técnica conhecida como *tebori* para realizar o processo de tatuar. A tatuagem japonesa surge com o povo *ainu* entre 10.000 e 300 a.C. Silva (2018, p. 294) explica que, naquele período, a tatuagem era exclusiva para as mulheres. Já Lima (2020, p. 24) esclarece que há evidências arqueológicas como estatuetas de barro representando homens com o rosto tatuado, datando até 10.000 a.C., provavelmente para fins espirituais, decorativos e condenatórios.

Com o passar do tempo, as tatuagens japonesas representam imagens da cultura folclórica e mítica¹², como as inspiradas nas máscaras *Hannya*; a *kappa*; a *carpa koi*; o mensageiro *Kirin*; dentre outras mais. Outra característica é a tatuagem japonesa ter uma cobertura corporal extensa, fato que rememora os membros da máfia japonesa *Yakuza*, que possuem seus corpos inteiramente tatuados de forma que as tatuagens sejam escondidas por uso das roupas.

Os negros africanos escravizados possuíam em suas peles cicatrizes (prática da escarificação e não da tatuagem) com o objetivo de serem reconhecidos como propriedade de alguém ou de uma nação. Não bastasse a humilhação dos negros escravizados, Mendes (1812) afirmava que, naquele período, as marcas eram também indicativos da família, do reino, do presídio e do lugar onde nasceram. Na África, porém, a tatuagem também tinha uma intenção voltada para a proteção do mal e das doenças.

Da mesma forma, essa prática perversa de identificar as pessoas por marcas corporais, ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial. Judeus do campo de Auschwitz eram identificados a partir de uma numeração tatuada no antebraço esquerdo.

¹² *Hannya*, representação do demônio; a *kappa*, criatura aquática; a *carpa koi*, peixe colorido; o mensageiro *Kirin*, mensageiro dos deuses

Reconhecidos pelos grafismos impressos em pele, a manifestação indígena também é importante. Porém, as tintas utilizadas pelos índios provinham de elementos naturais e muitas das vezes de caráter temporário como o jenipapo ou o urucum. Conforme Ribeiro (1986, p. 46), “ao contrário do colorido do urucu que é fugaz, o jenipapo impregna tão fortemente as células da epiderme que permanece indelével por semanas”. Muito provavelmente, a pintura indígena é concebida como tatuagem em função da sua feitura:

A pele é perfurada para o recebimento dos enfeites; aplicam-lhe tinta e arranham-na com espinhos ou dentes. Êstes dois últimos métodos chegam a constituir finalmente um tratamento artístico: pintura do corpo ou tatuagem. (Steinen, 1940, p. 221).

As manifestações em que a tatuagem figura demonstram fases da história social, apresentando diversas culturas, povos e etnias. Fatos que reforçam a sua perpetuação para as demais gerações. A tatuagem, assim como a pintura indígena era utilizada para diversas finalidades, seja para designar uma tribo, um ritual ou demonstração de bravura. Logo, as pinturas corporais são características marcantes dos povos indígenas e de alto valor simbólico.

Por isso, a tatuagem deve ser analisada diante da dinamicidade da sociedade contemporânea e compreendida como presente no tecido social manifestada na tecnologia, na educação, na cultura e na economia. A tecnologia adentrou o mundo da tatuagem quando em 1891, Samuel O’Reilly se tornou o responsável pela primeira máquina elétrica para tatuar (Marques, 1997). Com o passar dos anos, o avanço tecnológico permitiu máquinas cada vez mais modernas e precisas.

Além das mais variadas cores de tintas e agulhas dos mais diversos tamanhos com vistas a aperfeiçoar uma imagem tatuada em pele, o aprimoramento profissional dos tatuadores e as técnicas artísticas desenvolvidas elevaram a tatuagem para um produto de mercado, em que o preço cobrado por seu registro esteja atrelado ao desenho, tamanho, cores e o tatuador responsável.

Na medicina, o uso da tatuagem tem servido para esconder marcas e cicatrizes provenientes de algum trauma ocorrido por acidente, reconstrução da aréola mamária ou ainda na blefaropigmentação, que Nunes e colaboradores (2004, p. 166) explicam:

Consiste em uma tatuagem aplicada na região da margem palpebral e dos supercílios com o objetivo de simplificar a necessidade de maquilagem diária. A técnica da implantação de pigmento é análogo à tatuagem de outras regiões do corpo, sendo que em nosso meio, é realizada principalmente em salões de beleza e em estabelecimentos de tatuagem.

Diante da multiplicidade de justificativas e motivações para a sua feitura, a tatuagem passa a ter utilidade para além da exposição artística em pele. Desse modo, percebe-se que o homem faz parte de um agrupamento de pessoas que têm algo em comum e utilizam o corpo como transmissor de crenças e conseqüente cultura. Ao tempo em que as diferenças individualizam, a tatuagem se torna um elemento exógeno de identificação humana.

Inferre-se que a manifestação da tatuagem no corpo humano teve, mesmo que inconscientemente, uma feição de identificação, de forma empírica e não sistematizada, na qual o fato de propor uma imagem e conceito visual identifica o indivíduo com algum processo cultural e mensagem, sendo assim pertencente a algum grupo específico.

4 IDENTIFICAÇÃO HUMANA

Notadamente, o mundo é identificado por meio dos elementos que o constituem: pessoas, objetos, animais e coisas. Toda a sua composição é compreendida por meio de nomes e significados atribuídos, seja para “para designar os objetos de sua circunstância assim como para traduzir os pensamentos formulados sobre os mesmos” (Dahlberg, 1978).

O conhecimento foi fixado por meio dos elementos da linguagem (Dahlberg, 1978), constatando-se existir um natural processo de organização e classificação das coisas com fins de reconhecimento presente na sociedade. Esse ordenamento é em função da própria necessidade humana para estabelecer critérios de convivência e comunicação sobre o que lhe cerca. Por isso, para Dahlberg (1978), a linguagem constitui a capacidade de o homem designar os objetos que o circundam assim como de comunicar-se com os seus semelhantes. O mundo é então classificado para facilitar a compreensão, a partir da identificação, acerca da própria existência humana e de tudo que está envolvido. Afirma-se que a classificação de pessoas, objetos, animais e coisas é essencial para o processo civilizatório e o estabelecimento das relações humanas.

A perspectiva da identificação humana tem a ver com o processo classificatório e civilizatório. Nesse diapasão, os estudos biológicos se importaram com as diferenças humanas para distinguir os indivíduos, pois nenhum indivíduo é igual a outro. Assim, Chediak (2005, p. 65) explica o que é o indivíduo:

A delimitação do conceito de indivíduo é um problema clássico na filosofia. De modo geral, aceita-se que o termo indivíduo não corresponde ao universal, na medida em que o universal diz respeito a uma classe, ou seja, a um conjunto de indivíduos possuidores de caracteres comuns. Associa-se o conceito de indivíduo ao de particular, embora nem todo particular seja indivíduo. O termo particular concerne não só a um único elemento, mas também a um grupo de elementos, tratado de modo indeterminado, quando se refere a uma parte de um todo. Sendo assim, indivíduo está mais relacionado ao termo singular, entendendo-se por este o indivíduo real concreto que, no caso dos seres vivos, refere-se geralmente ao organismo.

Depreende-se então que o indivíduo é compreendido como um ser particular dentro do universo dos seus semelhantes. Por ser único, o processo de identificação é parte indispensável do reconhecimento humano, seja no âmbito concreto, seja no abstrato. Assim, a identificação humana está diretamente relacionada ao processo de reconhecimento individual e, desse modo, à identificação de cada um dos indivíduos. E ainda, observado pela perspectiva biológica, acaba por estar isolado da sua relação com o mundo exterior, pois Chediak (2005)

justifica que, havendo unidade, é possível diferenciá-lo dos demais indivíduos para assim formar uma realidade e identidade própria.

Para França (2015), as exigências à identidade individual nos interesses da vida em sociedade em seus aspectos civis, comerciais e de segurança são maiores. Sobre identidade, conceitua “como o conjunto de caracteres que individualiza uma pessoa ou coisa, fazendo-a distinta das demais. É um elenco de atributos que torna alguém ou coisa igual apenas a si próprio” (França, 2015, p. 56).

Gomes (2004) disserta que os elementos individuais permitem a caracterização individual, desde que esses elementos sejam positivos e estáveis, originários ou adquiridos. Fávero (1980) assevera que as características definem a identidade de alguma coisa ou alguém, seja em vida ou após a morte e sendo determinada pela identificação. Para ele, a identificação é estabelecida a partir de um processo em que ocorre um diagnóstico, qualifica-se e individualiza-se.

Percebendo ser imprescindível para manutenção da civilização, identificar consiste em legitimar um indivíduo de uma identidade. Assim, o processo de identificação não deve ser confundido com o de reconhecimento, por ser este último subjetivo e sem o uso de técnicas para confirmação de identidade.

O processo pelo qual se determina a identidade de uma pessoa ou de uma coisa, ou um conjunto de diligências cuja finalidade é levantar uma identidade. Portanto, identificar uma pessoa é determinar uma individualidade e estabelecer caracteres ou conjunto de qualidades que a fazem diferente de todas as outras e igual apenas a si mesma (França, 2015, p. 56).

Araújo e Pasquali (2006) esclarecem que o termo “identificação” difere de reconhecimento, pois, para o primeiro, é preciso estabelecer uma identidade inequívoca e, para o segundo, é a ideia de comparação. Sendo que a confirmação da identidade, a partir do reconhecimento, é fornecida por autoridade competente.

Nesse aspecto, França (2015) parte da perspectiva da identidade subjetiva e objetiva, estando a subjetiva relacionada ao reconhecimento, uma vez que é a “sensação que cada indivíduo tem de que foi, é e será ele mesmo, ou seja, a consciência da sua própria identidade, ou do seu ‘eu’” (França, 2015, p. 56), e a objetiva à identificação, propriamente dita, quando por critérios técnicos afirma-se a identidade de uma pessoa a partir de elementos que a diferem das outras.

Por ser um conjunto de técnicas que permite determinar a identidade de um indivíduo, seja por quem ele se apresenta, seja por como é conhecido, a identificação está relacionada

com o viés médico e o policial ou jurídico. A identificação da área da medicina exige conhecimentos específicos por identificar a raça, o sexo, a idade, a altura, o peso, os sinais individuais. E o de caráter policial ou jurídico não precisa de conhecimento médico obrigatório, são utilizadas a antropometria e a dactiloscopia (Gomes, 2004).

Partindo de uma observância social e jurídica, e considerando aspectos biológicos, a identificação humana visa dotar um indivíduo que seja certificado pelo Estado, a fim de garantir direitos e deveres e também ser responsável por atos não condizentes para com o convívio social. Logo, era necessária uma identificação célere e acurada diante dos dados humanos observáveis. Desse modo, Santos Filho, Pereira e Monteiro (2019) explicam que a identificação humana, além de ser uma necessidade do processo de formação da sociedade, é um processo categorizado nos institutos civis, por dotar o indivíduo de um registro geral único, e criminais, quando um indivíduo tem algum evento criminal na sua vida.

Desde o século XIX, estudiosos envidaram esforços para estabelecer de modo seguro técnicas para garantir a identidade de um indivíduo diante de outros. Atualmente, porém, os estudos da identificação humana são fundamentados pelos campos da medicina legal, papiloscopia e antropologia forense, amparados por tecnologias que se aperfeiçoam sistematicamente, gerando métodos e processos inovadores. Os métodos foram atualizados e demandados em função do avanço social e tecnológico. A identidade é verificada por múltiplas razões da vida terrestre, como relacioná-la a um povo ou cultura específica, no entanto, a intenção primordial é relacionar o indivíduo, dotado de características próprias, a uma identidade individual em contextos sociais.

4.1 Antecedentes históricos

Historicamente, dentro do processo de constituição das cidades e grupamentos sociais, ao redor de todo o globo, a necessidade de conhecimento de cada indivíduo componente das comunidades refletia e sugeria técnicas para identificação dos indivíduos. Provavelmente, tal necessidade se intensifica com a Revolução Industrial e, por tal asserção, é sabido que as profundas transformações ocorridas desde o século XVI promoveram o crescimento das metrópoles, com o êxodo rural, bem como o aumento da criminalidade e da crise sanitária (Paulo, 2010; Minayo-Gomez e Thedim-Costa, 1997).

Diante do avanço social, a identificação do indivíduo se tornaria essencial para o processo civilizatório. Observando características, sejam extrínsecas ou intrínsecas ao indivíduo, tentativas eram apresentadas a fim de validarem a identificação de pessoas de

modo sistemático. Para tanto, a explanação de Lopes (2002, p. 12) torna compreensível esse momento filosófico e científico:

As chamadas ciências naturais não deram conta de responder às indagações surgidas com a constatação, a descrição e as interpretações que, desde o século XVI, se faziam a respeito do homem ‘selvagem’ ou ‘primitivo’ do novo mundo. Deslocadas do campo das ciências naturais, tais indagações produziram, no século XIX, uma reformulação do conceito de humanidade, levando a Filosofia a defrontar-se epistemologicamente com um problema novo: o homem, em concepção, estaria disperso numa multiplicidade de origens possíveis, estaria colocado numa série sucessiva de seres, diferenciando-se dos demais por certas características de sua evolução, ou seria ele o centro para onde convergiriam os demais seres vivos, constituindo a história como um processo definido a partir da cronologia humana?

Lombroso defendia a teoria de que o homem criminoso tinha predisposição biológica para cometer crimes. Ou seja, era a busca de uma causa genética para justificar a tendência criminal por meio de uma suposta transmissão dos impulsos delinquentiais (França, 2017). Além do mais, Lombroso acreditava que o indivíduo criminoso poderia ser identificado por meio de características físicas e anatômicas, ou medidas antropométricas, o que facilitaria o sistema de identificação humana.

Ao partir do pressuposto de que os comportamentos são biologicamente determinados, e ao basear suas afirmações em grande quantidade de dados antropométricos, Lombroso construiu uma teoria evolucionista, na qual os criminosos aparecem como tipos atávicos, ou seja, como indivíduos que reproduzem física e mentalmente características primitivas do homem. Sendo o atavismo tanto físico quanto mental, poder-se-ia identificar, valendo-se de sinais anatômicos, quais os indivíduos que estariam hereditariamente destinados ao crime (Alvarez, 2005, p. 79).

Como mencionado em seção anterior, teoria esta que não vigorou, pois considera-se, desde o início do século passado e na atualidade, que as ideias lombrosianas tenham caído em descrédito (Alvarez, 2005).

Diante do exposto, a necessidade de identificar indivíduos em sistemas que promettessem uma recuperação rápida e segura dos dados se tornavam mais urgentes. Por isso, os estudos dos métodos de identificação humana também se fizeram presentes no âmbito policial ou jurídico. A identificação era pensada de acordo com a tecnologia da época, mas muitos métodos foram descartados, quer pela invasividade e agressividade do processo de coleta de dados, quer pela dificuldade em dispor desses dados organizados e classificados, assim como pela sua recuperação.

Jeremy Bentham (1791) foi um dos que pensavam em uma forma de reconhecer e localizar indivíduos, visando a identificação daqueles com comportamentos moralmente

desviantes. Desse modo, Araújo e Pasquali (2006) afirmam que os processos iniciais se preocupavam mais com a identificação civil e posteriormente a criminal como uma necessidade de identificar pessoas nocivas à sociedade.

A massa é a derrota das taxonomias, a indeterminação das numerações. Em lugar de relações regradas, é a confusão que domina, excitando a agitação, excluindo a reflexão; mudanças incessantes ali se produzem, fazendo suscitar impressões tão variadas quanto fortes. Toda massa – ausência de classificação humana – já é sediciosa. Ela é particularmente perigosa quando aproxima indivíduos de maus costumes, pois cria um meio comum onde uns aos outros se protegem da censura do Olho: ‘a vergonha é o medo da desaprovação daqueles com quem vivemos. Mas como a desaprovação do crime poderá se manifestar numa multidão composta de criminosos’. (Bentham, 2008, p. 108)

A ideia oferecida por Bentham foi o sistema dermatográfico, o uso da tatuagem para a identificação dos indivíduos desde o nascimento (França, 2017). Para ele, o uso da tatuagem garantiria uma nova sistematização para individualizar o homem em sociedade. A técnica era:

Resumamos. Um nome próprio, verdadeiramente próprio, para cada um (o equivalente a um número, em suma), tatuado em sua carne, indesmançável: isso seria estender a ordem panóptica à terra inteira, a toda a humanidade, e instaurar a segurança geral, pois que se poderia sempre saber a resposta à questão fundamental dos contratos: ‘quem és, tu, com quem eu trato?’ (Bentham, 2008, p.109).

Obviamente, a “solução” oferecida por Bentham é vexatória e discriminatória. O caráter utilitarista em tatuar aqueles que cometiam crimes e delitos era de punição, registrar indelevelmente o crime que cometeu, e servir de “exemplo” para os outros indivíduos. “Gravar-se-á a moeda falsa na frente daquele que a fabricou. O castigo será, assim, lido como um livro aberto” (Bentham, 2008, p.138).

Dentro de uma perspectiva de eficiência do processo e confiança da sociedade, a identificação humana para ser validada necessitaria ser confrontada. Ou seja, para determinar um indivíduo, era preciso que dados ou características sobre ele estivessem previamente registradas a fim de haver a sua confirmação. O registro fotográfico tornou-se ferramenta auxiliar para a identificação humana, mas não como um método infalível, haja vista as possibilidades de modificação humana e a sua dificuldade de armazenamento e classificação (Moura, 2017). Com o seu uso, alguns métodos foram desenvolvidos como o Flebográfico de Ameuille, levantamento fotográfico das veias, e o Sistema Geométrico de Matheios, confronto de medidas da face por meio da fotografia (França, 2017).

Ademais, com o auxílio da fotografia, em 1879, o francês Alphonse Bertillon desenvolveu o sistema antropométrico conhecido como Bertillonage, método de identificação

cientificamente reconhecido que surgiu das anotações referente às características ósseas e corporais registradas nas fichas dos presidiários. Essas anotações apresentavam fotografias, além de dados descritivos como cor da pele, idade, altura, tatuagem e outras marcas corporais (Garcia, 2009; Sousa, 2018), até mesmo a coleta da impressão digital.

Assente no princípio de que cada indivíduo detém um código de identificação inscrito no corpo, a sua técnica resultava num procedimento rigoroso de mensurações corporais com precisão milimétrica. A estatura; envergadura; altura; comprimento e largura da cabeça; comprimento e largura da orelha direita; comprimento do pé, dedo médio e antebraço esquerdo eram as principais medidas utilizadas. O seu sistema incluía observações morfológicas e fisionómicas, marcas peculiares, como tatuagens e cicatrizes, a fotografia judiciária, de frente e perfil, e as impressões digitais. (Sousa, 2018, p. 39)

A antropometria desenvolvida por Bertillon visava a resolução dos problemas jurídicos e criminais. Para tanto, a classificação estatística das medidas do corpo humano era o começo para classificar as fichas, sendo elas separadas por homens, mulheres e menores de 21 anos. Logo após o grupo era separado pelas medidas do comprimento da cabeça em pequeno, médio e grande, sendo subdividido em mais três a partir da largura da cabeça e novamente subdividido em três grupos de acordo com o comprimento do dedo. Assim, 27 subseções e assim sucessivamente até o estabelecimento da identidade de um indivíduo (Galeano, 2012, p. 728).

Diante de tantos dados e informações acerca do indivíduo, o método de Bertillon, mesmo considerando a sua relevância científica para o aprofundamento de outros métodos de identificação humana, demonstrava ser dificultoso quando direcionado à sua execução, classificação e arquivamento. Dessa forma, Santos Filho (2014) explica que a diversidade e quantidade de dados e informações biométricas catalogadas era um impeditivo operacional justamente por implicar para cada pessoa uma grande quantidade de subclassificações antropométricas.

Na operacionalização desse método, porém, as dificuldades surgiram. Ao contrário do que previa Bertillon, havia grande dificuldade na obtenção das medidas, além de apresentarem baixa reprodutibilidade, pois os resultados variavam excessivamente em diferentes ocasiões. Bertillon reconheceu essas dificuldades e na tentativa de contornar o problema adotou escalas de tolerância para a validação da comparação entre medidas. No entanto, isso não aumentou a eficiência do processo. (Garcia, 2009, p. 38)

Ainda assim, observa-se que o aparato tecnológico da época não favorecia o método desenvolvido. O volume de informações documentadas referente a cada indivíduo crescia exponencialmente, o que dificultava a sua organização e rápida recuperação.

Figura 6 - Medição da largura da cabeça

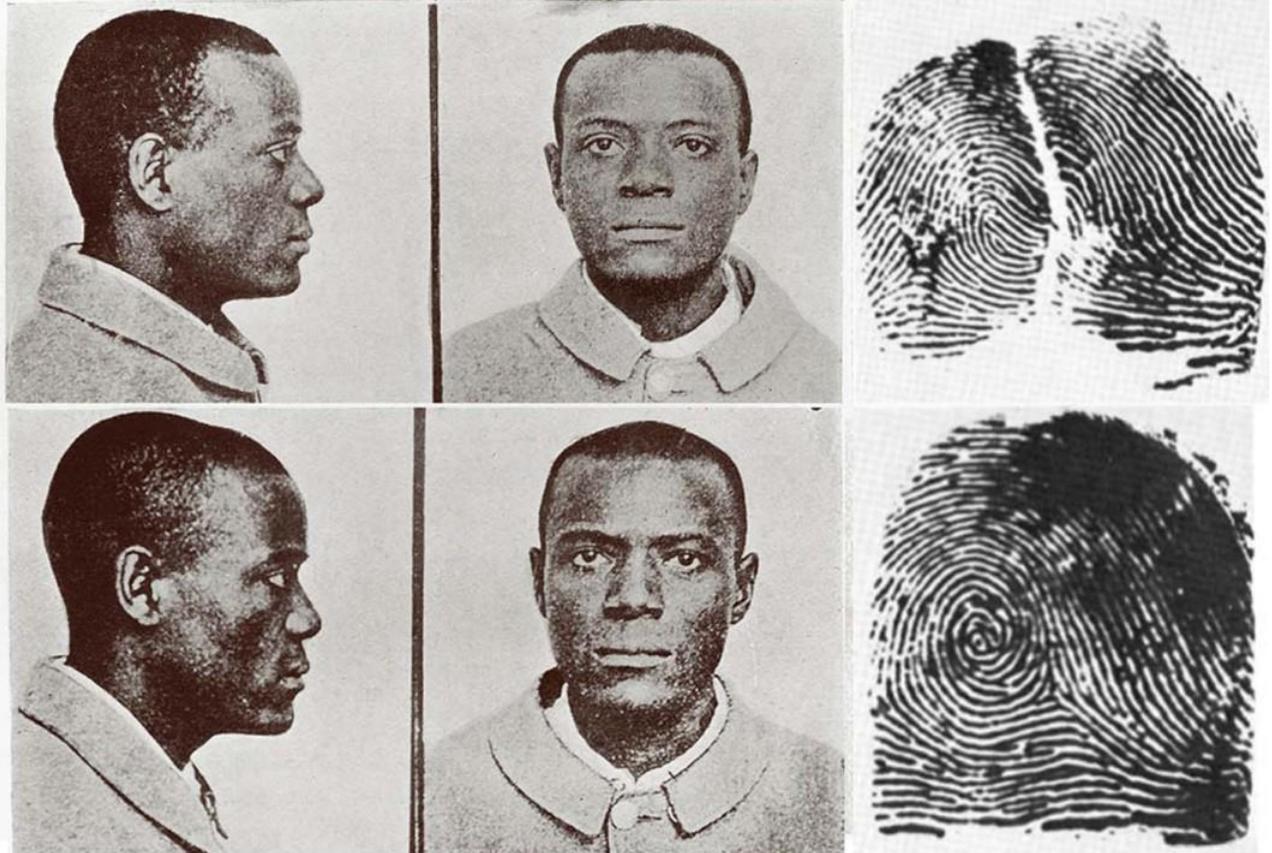


Fonte: Bertillon (1896, p. 300).

Com o passar do tempo, e a partir da adoção da bertillonagem em alguns países ao redor do mundo, relatos de dificuldade ou falhas na identificação humana eram relatadas. Caso determinante para a adoção das impressões digitais, e o fim do método antropométrico, foi a prisão de um cidadão americano, Will West, na penitenciária de Leavenworth (Kansas). Acreditando que Will já havia passado por aquela prisão, um funcionário encontra os dados

antropométricos de William West e compara que Will tem medidas e fotografia semelhantes ao então prisioneiro William. A diferença dos indivíduos foi confirmada após a coleta da impressão digital de Will ser comparada com a de William (ARAUJO E PASQUALI, 2006).

Figura 7 – Caso Will e William West



Fonte: Disponível em: https://www.linkedin.com/pulse/william-west-case-identical-inmates-showed-need-fingerprinting-?trk=organization-update-content_share-article imagem. Acesso em: 14 fev. 2023.

Diante da falência dos estudos de Bertillon, ganham força as pesquisas a respeito das papilas dactiloscópicas, aparato metodológico que investiga escritas papilares como atributos fenotípicos com vistas à construção de um método de identificação humana. Mesmo Bertillon fazendo o registro da coleta da impressão digital, o seu uso para identificação humana não era comum. Estudiosos como William James Herschel (1858), responsável pela construção do primeiro banco de dados de impressões digitais; Henry Faulds (1880), proponente da coleta das impressões com tinta; e Francis Galton, responsável por nomear e representar os pontos das impressões digitais, foram nomes de destaque no desenvolvimento da identificação papiloscópica. O uso da dactiloscopia foi amplamente reconhecido quando o argentino Juan Vucetich (1893) identifica um criminoso a partir da identificação das suas impressões digitais. Para impressão digital, Garcia (2009, p. 40) declara:

As impressões digitais, plantares ou palmares nada mais são do que o suor depositado sobre um suporte sólido. Por vezes, a depender da superfície em que foram apostas, as impressões digitais são diretamente observáveis, as chamadas impressões visíveis. Mais das vezes, porém, as impressões têm de ser reveladas por meio de técnica adequada, utilizando-se reagentes químicos que reagem com os componentes do suor.

A identificação humana a partir das impressões digitais é o sistema mais utilizado no mundo inteiro. Por ser rápido, simples e prático, é um método exclusivo e eficiente, inclusive adotado no Brasil desde 1903 (Moura, 2017; Martins Filho, 2006; França, 2017 e Garcia, 2009). O argumento de Faillace (n/d, p. 181) amplia a defesa do método de Vucetich (1893) ao explicar que as “impressões digitais aparecem desde o sexto (6.º) mês de vida intra-uterina, indo até depois da morte, antes da destruição pela putrefação, mantendo os mesmos caracteres de imutabilidade” e ainda não haver duas pessoas com a mesma impressão digital. Constatou-se que, “desde o seu advento até hoje, não foram encontradas duas impressões digitais iguais. Isto não significa que tal não possa ocorrer, mas, sim, que a probabilidade de ocorrência é desprezível (FIGINI et al., 2003, p. 3)”, tal fato se sustenta porque papilas dérmicas todos os humanos têm.

Desse modo, a adoção do seu uso permitiu que o registro das impressões digitais garantisse documentos para fins de identificação humana, como a carteira de identidade e o passaporte, por exemplo.

4.1.1 Identificação civil

Como observado, muitas foram as técnicas elaboradas para auxiliar na identificação de um sujeito, seja a partir das características presentes ou imputadas a ele, como foi o caso da tatuagem sugerida por Bentham. No Brasil, o art. 57 do Decreto nº 4.764, de 5 de fevereiro de 1903, pregava:

Art. 57. A identificação dos delinquentes será feita pela combinação de todos os processos actualmente em uso nos paizes mais adeantados, constando do seguinte, conforme o modelo do livro de Registro Geral anexo a este regulamento:

- a) exame descriptivo (retrato fallado);
- b) notas chromaticas;
- c) observações anthropometricas;
- d) signaes particulares, cicatrizes e tatuagens;
- e) impressões digitaes;
- f) photographia da frente e de perfil.

Ao elencar as propriedades que o indivíduo possuía, naquele período, apenas daqueles que cometiam crimes e delitos a legislação exigia que os dados referentes as alíneas C e D fossem pelos métodos defendidos por Bertillon e a alínea E de acordo com Vucetich, considerando este último “prova mais concludente e positiva da identidade do indivíduo” (Brasil, 1903). Posteriormente, o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941, do Código de Processo Penal ordena a identificação pelo processo datiloscópico.

Após discussões sobre a identificação por impressão digital causar ou não constrangimento por identificar o indivíduo no âmbito criminal (Moura, 2017), a Constituição Federal de 1988, garante, no art. 5º, que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Liechoski (2018, p. 19) relata que “a identificação civil, criada pela necessidade de facilitar a identificação criminal, já passa a ser considerada fundamental e independente desta finalidade” e ainda condiz com o estabelecido no art. 5º, inciso LVIII, da Constituição Federal “que o civilmente identificado não será submetido a identificação criminal, salvo nas hipóteses previstas em lei. Tal artigo e inciso é regulamentado pela Lei nº 12.037, de 1º de outubro de 2009, que dispõe sobre a identificação criminal do civilmente identificado, garantindo que a sua identificação civil deve ser atestada por documentos como carteira de identidade, carteira de trabalho, carteira profissional, passaporte, carteira de identificação funcional, ou outro documento público que permita a sua identificação, ressaltando que a maioria dos documentos citados pela lei, normalmente, tem a impressão digital coletada. Além disso, o art. 3º da mesma lei indica quando pode ocorrer a identificação criminal do civil:

I – o documento apresentar rasura ou tiver indício de falsificação;

II – o documento apresentado for insuficiente para identificar cabalmente o indiciado;

III – o indiciado portar documentos de identidade distintos, com informações conflitantes entre si;

IV – a identificação criminal for essencial às investigações policiais, segundo despacho da autoridade judiciária competente, que decidirá de ofício ou mediante representação da autoridade policial, do Ministério Público ou da defesa;

V – constar de registros policiais o uso de outros nomes ou diferentes qualificações;

VI – o estado de conservação ou a distância temporal ou da localidade da expedição do documento apresentado impossibilite a completa identificação dos caracteres essenciais.

Desse modo, a Constituição Federal garante que a identificação civil seja anterior à criminal. Logo, “a identificação criminal é para identificar os não civilmente identificados ou identificáveis” (Liechoscki, 2018, p. 19), devendo ainda evitar o constrangimento do identificado, como orienta a lei 12.037/2009. O avanço na leitura da legislação aborda o processo datiloscópico e fotográfico, e ainda a possível inclusão de material biológico para obter o perfil genético. Por isso, o processo de identificação humana carece de confronto de dados, porque se pressupõe que, a partir do nascimento de um indivíduo, todos são registrados em cartório Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais para posterior registro e identificação na Secretaria de Segurança Pública (SSP), a fim de se tornar civilmente identificado.

As garantias legais existentes favorecem o objetivo geral deste trabalho. A proposta de um sistema taxonômico de identificação humana auxiliar com base na tatuagem é para todos os indivíduos, independentemente de ser criminalmente identificado, ou seja, auxiliar também na identificação dos civilmente identificados.

4.1.2 Formas de identificação

Como observado, muitas foram as técnicas elaboradas para auxiliar na identificação de um sujeito, seja a partir das características presentes ou imputadas a ele, como foi o caso da tatuagem sugerida por Bentham. Com a adoção da impressão digital para fins de identificação humana, a Lei nº 7.116, de 29 de agosto de 1983, assegura a validade nacional da carteira de identidade, devendo ela conter os seguintes dados de identificação do órgão expedidor: o nome, a filiação, o local e a data de nascimento do identificado, bem como, de forma resumida, a comarca, cartório, livro, folha e número do registro de nascimento. Deve conter também uma fotografia do rosto, a assinatura e a impressão digital do polegar direito do identificado.

Não obstante, muitas vezes somente a identidade civil não é suficiente para a identificação do sujeito. A depender da situação, como um desaparecimento ou a perda de um menor, por exemplo, é importante o reconhecimento de atributos observáveis sobre o outro que confirmem a identidade. Como explicado, o processo de identificação humana precede de características reconhecíveis por outro, como cor da pele, do cabelo, e dos olhos, a altura, o peso, as cicatrizes, os sinais, que são atributos externos, que servem de auxílio para a confirmação e/ou confrontação de uma identidade ou mesmo a redução do universo de procura.

Dessa forma, o indivíduo pode ser reconhecido e identificado por meio das características naturais ou por marcas adquiridas, voluntaria ou involuntariamente, como tatuagens ou marcas traumáticas, respectivamente. Exemplo disso é a organização criminosa Mara Salvatrucha de El Salvador, cujos integrantes costumam ser identificados por tatuagens com os sinais MS-13 ou até mesmo escrito por extenso Mara Salvatrucha.

A constatação relatada é significativa porque a Organização Internacional de Polícia Criminal¹³ - Interpol, desenvolveu o Guia para identificação da vítima de desastre¹⁴ - *DVI*, com a intenção de fornecer diretrizes na identificação de vítimas de desastres (Dvi [Do] Interpol, 2018, p. 6). O guia apresenta os métodos de identificação sendo aqueles divididos entre primário e secundário.

Os métodos de identificação usados em casos de desastres devem ser cientificamente sólidos, confiáveis, aplicáveis em condições de campo e capazes de serem implementados dentro de um período de tempo razoável. Os meios primários e mais confiáveis de identificação são a análise de fricção, análise dentária comparativa e análise de DNA. Números de série exclusivos de implantes médicos também podem ser identificadores confiáveis em termos de comprovação de identidade.

Os meios secundários de identificação incluem descrição pessoal, achados médicos, tatuagens, bem como bens e roupas encontrados no corpo. Esses meios de identificação servem para apoiar a identificação por outros meios e normalmente não são suficientes como único meio de identificação (embora, dependendo das circunstâncias, possam haver algumas exceções) (DVI [do] Interpol, 2018, p. 18, tradução nossa)¹⁵.

Os métodos primários são os preferenciais por garantir de forma mais objetiva a identidade do indivíduo. No entanto, quando os indivíduos estão carbonizados, em estado avançado de decomposição ou com destruição do tecido, recorre-se aos métodos secundários, os aptos ao reconhecimento. Portanto, é indispensável o conhecimento acerca das características descritivas do indivíduo, principalmente quando os métodos de identificação

¹³ The International Criminal Police Organization

¹⁴ *Disaster Victim Identification Guide*

¹⁵ Methods of identification used in cases of disasters should be scientifically sound, reliable, applicable under field conditions and capable of being implemented within a reasonable period of time. The primary and most reliable means of identification are friction ridge analysis, comparative dental analysis and DNA analysis. Unique serial numbers from medical implants may also be reliable identifiers in terms of proving identity.

Secondary means of identification include personal description, medical findings, tattoos, as well as property and clothing found on the body. These means of identification serve to support identification by other means and are ordinarily not sufficient as a sole means of identification (although depending on the circumstances, there may be some exceptions) (DVI [do] Interpol, 2018, p. 18)

primários não esclarecem de modo seguro a sua identificação. Logo, os dois métodos são trabalhados em conjunto, podendo o secundário ser uma das formas de identificação, de acordo com a intenção do guia, por isso:

Como é impossível saber antecipadamente quais dados podem ser obtidos dos órgãos e quais informações podem ser obtidas para fins de comparação no local de residência da vítima, todas as informações disponíveis (ambos AM e PM) devem ser coletadas e documentadas. A qualidade dos dados AM e PM deve ser do mais alto padrão possível, com processos de qualidade estabelecidos no início da operação (DVI [do] Interpol, 2018, p. 18, tradução nossa)¹⁶.

Observando que os métodos de identificação primários são as análises das impressões digitais, os registros odontológicos e o exame genético (amostra de DNA), percebe-se dentro do contexto apresentado pela Interpol que a identificação deve ser feita por uma ou por todas as formas sinalizadas. É válido ressaltar que, não sendo possível a identificação pelas impressões digitais, a identificação pela arcada dentária requer documentação anterior ao momento da identificação, como exames de imagem e/ou prontuários odontológicos com fotografias a fim de confrontar anatomicamente os formatos dos dentes e raízes. Além de ser de desconhecimento um banco de dados público que contemple essas informações, é preponderante que qualquer sistema de identificação humana tenha um banco de padrão para haver um confronto entre os dados dos registros primário e secundário.

Em relação ao exame genético, o banco de dados de DNA tem o objetivo de armazenar as informações de perfis genéticos do indivíduo. No Brasil, o Decreto nº 7.950, de 12 de março de 2013, instituiu o Banco Nacional de Perfis Genéticos (BNPG) e a Rede Integrada de Bancos de Perfis Genéticos (RIBPG). O BNPG “tem como objetivo armazenar dados de perfis genéticos coletados para subsidiar ações destinadas à apuração de crimes”, significando ser apenas para criminosos, e a RIBPG “tem como objetivo permitir o compartilhamento e a comparação de perfis genéticos constantes dos bancos de perfis genéticos da União, dos Estados e do Distrito Federal” (Brasil, 2013).

¹⁶ As it is impossible to know in advance what data can be obtained from bodies and what information can be obtained for comparison purposes at the victim’s place of residence, all available information (both AM and PM) should be collected and documented. The quality of both AM and PM data should be of the highest standard possible, with quality processes established early in the operation (DVI [do] Interpol, 2018, p. 18).

O DNA (ácido desoxirribonucleico) é constituído por uma longa fita dupla de nucleotídeos com as bases adenina (A), timina (T), guanina (G) e citosina (C). A fita dupla é formada pelo pareamento destas bases em que uma adenina obrigatoriamente se pareia com uma timina ($A = T$); e uma guanina a uma citosina ($G = C$). Logo, o DNA nada mais é do que uma corrente dupla dessas bases, cuja sequência forma os genes responsáveis pelas características genéticas do homem e de todos os seres vivos. Os genes fazem parte da estrutura conhecida como cromossomos e encontram-se em locais denominados locos genéticos. A expressão desses genes é representada pelas nossas características físicas como cor dos olhos, tipo de cabelo (liso ou crespo); proteínas na membrana das células, como os grupos sanguíneos ou os antígenos leucocitários humanos (HLA), entre milhares de outras (Figini et al., 2003, p. 247).

Nada obstante, o art. 8º do decreto acima citado permite que o BNPG utilize o material coletado para identificação de pessoas desaparecidas a partir da comparação de amostras e perfis genéticos dos parentes consanguíneos dos desaparecidos. O XVI Relatório da RIBPG (2022) apresentou uma evolução do número total de perfis genéticos cadastrados no BNPG de novembro de 2014 a 28 de maio de 2022.

Gráfico 1 – Crescimento do número total de perfis genéticos no BNPG



Fonte: XVI Relatório da Rede Integrada de Bancos de Perfis Genéticos (RIBPG). Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-seguranca/seguranca-publica/ribpg/relatorio/xvi-relatorio-da-rede-integrada-de-bancos-de-perfis-geneticos-maio-2022>. Acesso em: 27 jul. 2023.

Esse é um dado importante, pois, mesmo que a coleta de dados seja amparada em lei para o âmbito da segurança pública, no tocante ao registro da passagem criminal de um indivíduo, é ferramenta auxiliar para identificar criminosos, inocentar suspeitos e encontrar pessoas desaparecidas. Ainda, se pensar em ampliar para pessoas civilmente identificadas,

acarreta celeridade e confiabilidade ao processo de identificação humana, constatando então que o indivíduo pode ser identificado por características intimamente naturais. Os outros métodos de identificação não são excluídos, porém, principalmente quando a identificação do indivíduo não é proveniente de acidentes ou desastres em massa.

4.2 Biometria

De acordo com os seus pressupostos teóricos, a CI tem condições de pensar sistematicamente sobre os mais variados tipos de documentos produzidos pelas mais diversas áreas do saber. Por isso, faz uso da interface dos seus próprios saberes e os das TIC com intenção de aprimorar o processamento da informação em conhecimento. Como exposto, o indivíduo é identificado pelas características que fisicamente o definem e o constituem e, conseqüentemente, se diferencia do outro em função delas. Dito isso, a biometria se encarrega de analisar tais características e mensurá-las, de modo que Diaz Rodriguez (2013) explica que muitos teóricos se dividem entre considerá-la como uma ciência ou uma técnica.

Em uma tradução literal, biometria seria as medidas da vida. Para Santos Filho e Pereira (2013), a biometria investiga as métricas corporais do ser humano e suas características individualizadoras, seja por uma perspectiva quantitativa, dimensionando as relações do corpo humano, ou qualitativa quando possibilita inferências culturais e sociais sobre os dados coletados.

Para Gomes, Silva e Vaz (2013, p. 1554), a biometria envolvia demais os dados antropométricos e se tornava complexa por reunir diversos domínios de conhecimento ancorados em diversos modelos de quantificação dos fenômenos corporais. Dessa forma, inferimos que todas as técnicas de identificação humana são pressupostos biométricos.

As técnicas são baseadas nas características do indivíduo e o seu resultado é oriundo do cruzamento das diversas características analisadas, exemplo: duas pessoas com 1,80 cm de altura podem diferir uma da outra pela cor da pele, uma cicatriz, cor dos olhos, cabelos, massa corporal, dentre outras características observáveis pelo olho humano. Por isso, a biometria é a informação sistematizada de características morfológicas e fisiológicas dos seres humanos.

O objetivo dos sistemas biométricos são dois: identificar e autenticar as manifestações fenotípicas dos indivíduos, fazendo com que, por consequência, identificar o indivíduo seja, a partir de um elemento característico, fazer comparações com os dados cadastrados em um banco de dados e concluir por sua identidade.

O objetivo dos sistemas biométricos é a identificação (reconhecimento) ou autenticação (verificação) de indivíduos com base em algumas características fisiológicas ou morfológicas. Deve-se considerar que, para o desenvolvimento de sistemas biométricos, é essencial distinguir precisamente seu objetivo. Ou seja, se o sistema biométrico vai ser usado para identificar ou autenticar; já que reconhecimento e verificação são atividades totalmente diferentes, e para isso algumas características fisiológicas são mais apropriadas para identificação e outras são melhores para autenticação (Díaz Rodríguez, 2013, p. 34).¹⁷

A possibilidade de se considerar um sistema biométrico de identificação a partir da tatuagem é lastreado na investigação de se diferenciar os desenhos e localização da imagem no corpo humano, e este servir para aumentar as chances de diferenciar indivíduos. Em se tratando de observação e percurso metodológico, cabe uma descrição histórica de como a tatuagem já foi considerada como elemento biométrico de identificação. Diante do que foi apresentado, afirmamos que o primeiro método biométrico de identificação sistematizado e aceito cientificamente foi o do já citado francês Alfonse Bertillon, sendo ainda mais eficaz se as tecnologias atuais fossem as de outrora.

Esse método considerava em seus registros características externas como cicatrizes e tatuagem, ambas manifestações como agentes exógenos, com possibilidades de serem mensuradas e qualificadas como elementos biométricos para identificação humana.

Como a biometria representa as manifestações fenotípicas dos seres e possível sistematização desses traços únicos na identificação do indivíduo, pode a tatuagem ser considerada como elemento biométrico para fins de identificação, ser reconhecida por seus padrões imagéticos e identificar ou verificar a identidade de uma pessoa por constatações, a partir de padrões estabelecidos qualitativa e quantitativamente.

Para a determinação da identidade humana por meio da tatuagem, é preciso inicialmente assegurar uma taxonomia da imagem e do suporte, o corpo humano, para que ocorra uma padronização dos métodos analíticos da imagem e construção de um banco de dados como padrão seguro e confiável, fazendo com que a tatuagem seja um registro individual de uma pessoa como todos os outros elementos biométricos sistematizados. Assim, abordar a biometria em uma pesquisa desenvolvida na CI é pensar na sistematização dos seus

¹⁷ El objetivo de los sistemas biométricos es la identificación (reconocimiento) o la autenticación (verificación) de los individuos sobre la base de algunas características fisiológicas o morfológicas. Se debe considerar que para el desarrollo de sistemas biométricos es fundamental distinguir precisamente su objetivo. Es decir, si el sistema biométrico va a ser utilizado para identificar o para autenticar; puesto que el reconocimiento y la verificación son actividades totalmente diferentes, y para ello algunas características fisiológicas son más apropiadas para la identificación y otras son mejor para la autenticación. (Díaz Rodríguez, 2013, p. 34).

dados porque a tatuagem possui dados suficientes para ser utilizada como recurso de informação produzida, organizada, armazenada e processada pelas tecnologias da informação.

4.2.1 A tatuagem enquanto agente exógeno de identificação

A identificação de uma pessoa se dá por diversas formas, como nome, idade, gênero, filiação, naturalidade, estado civil, profissão, residência, dentre outras. Ainda assim, esses dados são de caráter complementar às suas características fenotípicas e biométricas, que são intransferíveis, perenes e seguras, tal qual unicidade, imutabilidade, praticabilidade, classificabilidade e perenidade, como veremos mais à frente.

Nessa esfera, eleger a tatuagem como elemento biométrico é estar ciente de que o seu registro em pele sempre ultrapassa as fronteiras temporais e é considerada como agente exógeno de identificação humana. Assim, as modificações corporais que alteram a estrutura podem servir como elemento biométrico para identificação humana.

Outro elemento que fortalece o argumento da tatuagem como elemento identificador é o seu crescente uso pelas novas gerações, desde a desmitificação do elemento como e sua feição criminal. Dessa forma, atualmente, a tatuagem possui um crescente e diversos números de adeptos e, por isso, incluí-la em um sistema biométrico se faz importante, pois não é mais verdade que seu uso seja identificado no universo da comunidade criminal como outrora acontecia.

Dessa forma, é possível estabelecer a tatuagem como elemento biométrico em um sistema que auxilie na confirmação da identidade de um indivíduo ou até mesmo que sirva de autenticação biométrica.

Mesmo quando consideramos a retirada da tatuagem, podemos encontrar elementos identificadores, o que confere ainda mais segurança na proposta. Tal asserção fica comprovada quando Clarkson e Birch (2013) explicam que um estudo sobre o envelhecimento da tatuagem descobriu que o pigmento da tinta migra para longe do local da tatuagem, devido à divisão ou à morte das células da pele. Ainda, as queimaduras graves na pele não destroem uma tatuagem devido à profundidade dos pigmentos da tinta incorporados à pele (Han e Jain, 2013)

A implicação forense disso é que a identificação de pigmentos de tinta nos gânglios linfáticos pode ser indicativa da presença de uma tatuagem; isto é particularmente útil nos casos em que uma tatuagem foi removida durante a vida, ou nos casos em que a superfície da pele se decompôs gravemente ou foi gravemente danificada após a morte, bem como nos casos em que restos mortais foram desmembrados, ou

mesmo nos casos em que um tatuagem foi deliberadamente desfigurada ou removida para inibir a identificação de restos humanos (Clarkson e Birch, 2013, p.1265, tradução nossa)¹⁸.

A remoção da tatuagem não impede identificação de um indivíduo, mesmo após a sua morte, porque “o desaparecimento de tatuagem na derme não importa a ausência de substância corante nos gânglios, que vão determinar a espécie de tinta empregada” (Gomes, 2004, p. 54). Assim, a proposta oferecida por esta tese amplia o seu uso para auxiliar na identificação de um indivíduo vivo ou falecido.

Assim, Fávero (1980) afirma que a tatuagem interessa pelo aspecto de caracterização individual, como “sinal de identidade”, sendo útil nas identificações e conservá-la em fotografia, mantendo cores e descrição para melhor uso. Para Hercules (2005), as tatuagens têm valor para identificação de pessoas desaparecidas em acidentes de massa.

Como os corpos, em alguns casos, só são resgatados após vários dias, já em avançado estado de putrefação, a perda da epiderme impede a leitura das impressões digitais. Contudo, por serem feitas na derme profunda, as tatuagens não desaparecem dos corpos em decomposição e podem servir de base para a identificação. (Hercules, 2005, p. 31).

Diante da sua existência atemporal, é urgente que a tatuagem seja conhecida cientificamente como elemento biométrico, sendo um agente exógeno que, na maioria das vezes, é registrada em pele, voluntariamente ou não. Para tanto, passível de identificação do indivíduo a partir de um sistema que a classifique e a recupere.

Desse modo, a classificação da tatuagem é dada por categorias quantitativas e qualitativas da imagem registrada em pele humana, resultando na unicidade do indivíduo identificado a partir da confirmação de outros elementos biométricos.

¹⁸ The forensic implication of this is that identification of ink pigments in the lymph nodes could be indicative of the presence of a tattoo; this is particularly use ful in cases where a tattoo has been removed during life, or in cases where the skin surface has badly decomposed or been severely damaged after death, as well as in cases where remains have been dismembered, or even in cases where a tattoo has been deliberately disfigured or removed to inhibit the identification of human remains (Clarkson and Birch, 2013, p.1265) .

4.2.2 A pele humana

Como o processo de identificação situa-se no corpo humano e a tatuagem é um elemento biométrico, a abordagem do assunto deve envolver o seu suporte de informação: a pele.

Por meio de tinta apropriada, a tatuagem se imprime na pele humana, que é o maior órgão do corpo humano, uma vez que é um tecido que protege todo o corpo. Sua “principal função é isolar as estruturas internas do ambiente externo” (Bernardo, Santos e Silva, 2019). Falar sobre a tatuagem é compreender que o seu suporte — a pele — pode sofrer transformações seja por causas naturais (a idade), intervenções estéticas, artístico-cultural (piercings, escarificações e suspensão), dentre outros.

Compreende-se que o processo de identificação humana deve se ater às características individuais a partir de um cruzamento de dados, a fim de alcançar o resultado desejado. Para Hercules (2005) e França (2015), um método de identificação é considerado aceitável se fundamentos técnicos qualificarem as condições necessárias, são eles:

Quadro 2 – Fundamentos técnicos por Hercules (2005) e França (2015)

UNICIDADE
Característica(s) exclusiva(s) do indivíduo que o diferencia dos demais.
IMUTABILIDADE
Características dificilmente modificáveis do indivíduo, mesmo pela ação do tempo, meio ambiente, idade ou doenças.
PRATICABILIDADE
Dados característicos que sejam fáceis de acessar (obter) e registrar.
CLASSIFICABILIDADE
Relacionado ao método de organização, arquivamento e recuperação. De extrema importância, pois os dados devem ser de fácil e rápido acesso para identificação do indivíduo.
PERENIDADE (PRESENTE APENAS EM FRANÇA, 2015)
Manutenção das características para durarem toda a vida e após a morte, por exemplo, os ossos.

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Enquanto elemento biométrico, a tatuagem é compatível com alguns dos fundamentos apresentados, como unicidade, praticabilidade e classificabilidade. Ressalta-se que o uso desses fundamentos técnicos é determinado para a tatuagem ainda em pele humana e não registrada por fotografia, o que ainda assim configura a sua aplicabilidade.

Abaixo, seguem justificativas para o enquadramento nos três fundamentos técnicos citados:

- **Unicidade:** desde o seu surgimento a tatuagem serve para identificar sujeitos. Ou seja, o indivíduo pode ser reconhecido/identificado pela tatuagem que possua. Possuindo a mesma figura e inscrição, o grafismo é único e de difícil reprodução exata e na mesma localização, diante da diversidade dos traços e elementos constitutivos da imagem. De qualquer modo, a tatuagem, mesmo sendo igual em outro indivíduo, está diretamente relacionada à um indivíduo que possui outras informações para confirmar à sua identidade.
- **Praticabilidade:** é possível fazer o registro dos dados das informações tatuadas de acordo com a localização corpórea da tatuagem. Por ser mais um exercício auxiliar para dirimir casos complicados de identificação, cabe a sua descrição por parte do Estado para tatuagem que esteja visível e perceptível ao olho humano. Ao indivíduo, sua descrição é voluntária, principalmente nos casos da tatuagem se localizarem em regiões não expostas ou consideradas insólitas (região interna dos olhos, dos lábios, das genitálias e do ânus).
- **Classificabilidade:** relacionada à sua localização no corpo, é viável estabelecer um método de organização, arquivamento e recuperação da tatuagem em um sistema taxonômico aberto, desenvolvendo assim uma construção taxonômica que atenda a constituição do grafismo e da localização do corpo.

Não se adequar à imutabilidade e à perenidade não inviabiliza a tatuagem ser um elemento biométrico. Desconsidera-se o aspecto da imutabilidade porque a tatuagem pode ser coberta ou alterada por uma outra imagem e, como explicado por Gomes (2004) e Hercules (2005), ela é feita em pele profunda e não desaparece mesmo o corpo se apresentando em estado de decomposição. Isso significa dizer que a tinta se mantém presente na pele humana, mas o desenho expresso externamente, e identificável ao olho humano, pode ser modificado. O não enquadramento na perenidade está relacionado à manutenção das características naturais, como o esqueleto. Logo, não se aplica à tatuagem porque ela se modifica com o envelhecimento da pele, devido à incidência da gravidade ou de luz solar muito intensa, por exemplo. E, mesmo sendo possível a extração da pele tatuada após a morte do sujeito, tal ação é provocada por agentes exógenos.

Ciente de que, desde as remotas populações, eram necessárias técnicas de identificação que validassem o reconhecimento observado sobre um indivíduo e, diante de toda exposição sobre a identificação humana, estabelecer uma tese com vertentes teóricas e práticas é importante para suprir a necessidade de informação precisa que a sociedade requer. Por isso, a identificação humana estabelece parâmetros constitutivos para uma manifestação biométrica ser validada.

Esta construção teórica é uma atividade complexa, sendo elaborada a partir de pressupostos presentes na CI e na medicina legal com vistas a dar à tatuagem uma utilidade para além de uma ornamentação em pele com a devida importância social e científica. Para isso, é preciso avançar em uma metodologia que satisfaça todos os universos teóricos apresentados, a fim de alcançar o que este trabalho se propõe, principalmente por ter oportunizado a pele como suporte para registro de informação.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

A produção do conhecimento é em parte um processo de desenvolvimento cognitivo que, mesmo com uma diversidade enorme de abordagens, está teoricamente fundamentado e se revela sistematicamente presente na sociedade. Seja compreendido pelo todo ou por suas partes, o conhecimento não é uma manifestação concreta, é amadurecimento do processo cognitivo no decorrer do tempo. A investigação científica tende a rever ou propor novas formulações acerca do tema ou ainda preencher novas lacunas surgidas incessantemente com as naturais transições tecnológicas. A evolução social e tecnológica permite novos olhares para a construção do conhecimento.

Notadamente, o homem é um sujeito cognoscente inquieto. E a relação com as coisas e as pessoas suscitam reflexões que explorem novos conhecimentos acerca de algum objeto, ampliando as perspectivas e aplicação em torno e por meio dele. Desse modo, a construção epistêmica está em eterno movimento. É do ser humano a proposição e tentativa de resolução de problemas a partir do pensamento reflexivo e criativo, seja por meio da interlocução entre seus agentes ou por meio de experimentos fenomenológicos. Assim, um protocolo de pesquisa científica inicia com a curiosidade ou o incomodo do sujeito por algo da natureza que ainda não possui respostas suficientes ou adequadas às suas necessidades.

A construção desta tese pretende alcançar uma teoria e uma prática de um fenômeno social, que explique de forma esclarecedora, sistemática e alicerçada em uma metodologia que resguarda a segurança e o rigor científico do processo e do objeto investigado na presente pesquisa: a tatuagem. Isso porque estudos demonstraram ser possível, válido e viável a identificação humana a partir da tatuagem, porém a necessidade de sistematização dos seus dados ainda requer aperfeiçoamentos e melhorias (Han e Jain, 2013; Brookes e Thompson, 2019; Lee, Jain e Jin, 2008). Conforme Strauss e Corbin (2008, p. 21), o valor da metodologia está na capacidade de gerar teoria e baseá-la em dados, sendo que a teoria e a análise de dados envolvem interpretação baseada em investigação feita sistematicamente.

Na verdade, a pesquisa científica tem um protocolo a seguir e o desenvolvimento teórico é uma atividade complexa, pois os fenômenos são investigados e solucionados por meio de instrumentos apropriados para alcance do objetivo e, conseqüentemente, superação do problema.

Teorizar é um trabalho que implica não apenas conceber ou intuir ideias (conceitos), mas também formular essas ideias em um esquema logico, sistemático e

explanatório. Independente do quão iluminada ou mesmo ‘revolucionária’ possa ser a ideia da teorização, a transformação de uma ideia em teoria ainda exige que a ideia seja explorada completamente e considerada de muitos ângulos ou perspectivas diferentes. Também é importante acompanhar as implicações de uma teoria. Essas formulações e implicações resultam em ‘atividade de pesquisa’, que implica tomar decisões sobre e agir em relação a muitas questões durante todo o processo de pesquisa - o que, quando, onde, como, quem, e assim por diante. (Strauss e Corbin, 2008, p. 34)

A CI, enquanto uma ciência jovem, vivencia progressões metodológicas diversas diante do seu próprio objeto: a informação. A articulação de abordagens teóricas e métodos variados para alcançar o objetivo pretendido e já afirmado — estabelecer metodologicamente um sistema taxonômico para a descrição da tatuagem — é consentido por ser a CI um campo interdisciplinar. Além disso, outra característica que reflete na presente pesquisa em função dos diferentes saberes é a multidisciplinaridade.

Além de ser uma investigação de cunho qualitativo, por não produzir resultados por meio de procedimentos estatísticos ou por outros meios de quantificação (Strauss e Corbin, 2008), essa investigação também possui uma abordagem quantitativa, porque os dados serão ordenados e estruturados a fim de garantirem uma melhor resposta ao usuário.

E, de acordo com as finalidades da CI no que tange à produção, à circulação, à recuperação e ao uso da informação, compreende-se em relação à pesquisa qualitativa:

Alguns autores entendem a pesquisa qualitativa como uma ‘expressão genérica’. Isto significa, por um lado, que ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns. Esta é uma ideia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo (Triviños, 1987, p. 120).

Como a pesquisa qualitativa visa a interação de dados e não se fixa apenas à ideia, essa construção tende a apresentar uma descrição racional, para que o alcance do conhecimento proposto se torne passível de compreensão. Assim, Triviños (1986, p. 110) assinala que é exigido para a pesquisa descritiva informações sobre o que se deseja pesquisar e a descrição precisa dos fatos e fenômenos de determinada realidade.

As pessoas literalmente não poderiam se comunicar sem a capacidade de descrever, independente de quão inapta ou primitiva possa ser sua linguagem. A descrição é necessária para informar o que estava (ou está) acontecendo, como está o ambiente, o que as pessoas envolvidas estão fazendo, e assim por diante. O uso de linguagem descritiva pode fazer com que os fatos comuns pareçam extraordinários. Os grandes escritores sabem disso e lutam para tornar seus detalhes tão vívidos que os leitores na verdade podem ver, sentir, cheirar e ouvir o que está acontecendo em uma cena. Mesmo os simples mortais, aqueles entre nós com habilidades de redação menos desenvolvidas, usam a descrição para relatar aos outros suas aventuras, seus

pensamentos e seus sentimentos à medida que encontram situações novas e, algumas vezes, rotineiras. (Strauss e Corbin, 2008, p. 30)

À tese doutoral é conferida um caráter formal a fim de manter o rigor científico. Não é pretensão eliminar a visão de mundo, mas considerar o que a empiria fornece de valioso, um conhecimento advindo da experiência humana e com a predileção em manter a razão e a lógica dos argumentos apresentados. Enxergar o fenômeno para além dele mesmo e do que está registrado sobre ele pressupõe manter um domínio pela área de conhecimento.

Desse modo, a vivência acadêmica e profissional, assim como o interesse pessoal na temática, promove a clareza para delimitar e resolver o problema de pesquisa. Notáveis são os diversos paradigmas que estabeleceram o conhecimento científico. A aliança de teóricos que estudaram a mesma metodologia com perspectivas diversas garante a adoção da TFD se fazer presente nesta tese em função de sistematizar e organizar os dados coletados para uma melhor análise, ainda mais por serem dados oriundos da criatividade humana.

5.1 Teoria Fundamentada em dados

A TFD, proposta pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss (1967), é a metodologia norteadora do método de qualificação e taxonomia da tatuagem nesta tese. Eles são os responsáveis por desenvolver estratégias metodológicas e sistemáticas para coleta e análise de dados extraídos do campo empírico de uma pesquisa qualitativa.

A perspectiva da TFD aplicada nesta tese é a de Anselm Strauss e Juliet Corbin (2008). A adoção dessa abordagem se justifica por Strauss defender o conhecimento prévio do pesquisador sobre o tema a ser investigado em campo. Juntos, Strauss e Corbin tratam a TFD como um conjunto de técnicas e procedimentos, caracterizando-a como referencial metodológico, permitindo o envolvimento do pesquisador durante todo o processo de análise dos dados e o uso de um referencial teórico (KOERICH et al, 2018).

A escolha por esse método ocorre em função de os dados principais da pesquisa serem de caráter empírico, fenômenos encontrados em sociedade. A CI e a TFD reúnem um conjunto de procedimentos de construção ancorado na realidade social, no fenômeno. Em função da sua condição de existência, a tatuagem permanece em uma constante social, histórica e científica na pele humana com as mais diversas abordagens visuais e imagéticas.

Como a manifestação da tatuagem pode ser registrada em qualquer parte do corpo e com uma infinita variedade de representação imagética, a pesquisa desenvolveu etapas que

compatibilizam com a proposta da TFD e da CI. Sá (2021, p. 57), ao fazer uso da TFD em pesquisa de doutorado em CI, defende:

[...] é importante destacar que essa perspectiva de produção de conhecimento aponta para uma direção já consagrada pela CI e visualizada em muitos estudos de gestão do conhecimento que se propõem a evidenciar a transformação dos conhecimentos tácitos em conhecimentos explícitos em determinada organização. A TFD parte de uma lógica semelhante, porém sem se deter apenas na formalização e no registro do conhecimento prático produzido, mas valendo-se da prática como um ‘laboratório’ para a produção de conhecimento teórico.

O diferencial no uso da TFD na pesquisa em CI é por sua abordagem não ser dada a partir de entrevistas, como é amplamente utilizada, e sim em documentos e imagens, concordando com a necessidade da pesquisa qualitativa de procedimentos predeterminados, visto que a tatuagem é um fenômeno possuidor de dados díspares, mas complementares. Diante dos estudos da CI, a escolha dessa metodologia, demonstrará os universos teóricos utilizados nesta pesquisa e a sistematização dos dados coletados de modo descritivo. Da mesma maneira, o estudo dos dados e da informação do documento investigado se revela a partir do uso da TFD, demonstrando ser ela uma metodologia viável e pouco explorada no âmbito da CI.

O objetivo da TFD é gerar uma teoria formal e com valor de uso, pois advém da necessidade de explorar uma área de investigação diante da profundidade de seu todo. Tarozzi (2011) explica que uma das características da TFD é a busca da regularidade do tipo conceitual entre os fenômenos a serem analisados, e permite explorar, além de um fenômeno estático, processos e dinâmicas do fenômeno, em seus possíveis contextos. Por essa razão, a abordagem oferecida pela TFD é útil, pois a análise dos dados ainda ocorre concomitantemente com a sua coleta. Ademais, é um método com viés indutivo, do particular para o universal, estratégico e procedimental.

O uso da TFD auxilia o pesquisador no controle dos dados e produção de uma teoria substancial correspondente a uma realidade objetiva. A tatuagem é um objeto de conhecimento e percebida por outro sujeito, por isso o destaque favorável para o uso da TFD é o interacionismo simbólico presente na teoria.

Mas a atribuição de significado ao mundo não é um processo individual, um mero produto da consciência, ao contrário, acontece sempre por meio de interações entre os sujeitos. Portanto, a sociedade, a realidade social e também a ideia de si são construídas socialmente por meio da interação. Aqui a centralidade que a análise da linguagem assume nas análises inspiradas nesta abordagem teórica, porque exatamente na linguagem se constroem os significados individuais e sociais e estes se manifestam na ação. Outro elemento próprio do interacionismo simbólico é a

atenção aos processos subjacentes às redes de significado que caracterizam o mundo social. A atenção heurística não acontece sobre fenômenos estáticos, mas sobre sua constante evolução, seus processos de transformação, seus mecanismos (que nunca são rígidos nem estruturais, mas construídos na interação), os quais regulamentam o desenvolvimento e a mudança de fenômenos. (Tarozzi, 2011, p. 36)

A citação acima corrobora para a metodologia aplicada quando um sujeito imprime em sua pele uma tatuagem com a imagem de algum objeto, pensamento, ou coisas da natureza de acordo com a sua percepção de mundo. E, conseqüentemente, essa mesma imagem é percebida por outro sujeito com uma visão de realidade diferente, mas mantendo a unicidade conceitual do que é percebido. Para tanto, a realidade social é uma construção simbólica a partir da interação entre sujeitos e do sujeito com o mundo. Por isso, a escolha de uma metodologia que ampara as diversas realidades a partir dos mais variados temas e perspectivas será visualizada na próxima seção quando for apresentada a classificação taxonômica da imagem a partir da percepção humana.

5.1.1 Coleta de dados e codificação

Para a construção desta tese e uso da TFD, é preciso que a teoria dê conta dos dados. A abordagem qualitativa e metodologia aplicada permite o uso de diversos instrumentos e métodos para a coleta de dados com vistas a elaborar as categorias de análise. Para os dados coletados, Strauss e Corbin (2008) orientam para três codificações: a codificação aberta ou inicial; a codificação axial ou focalizada; e a codificação seletiva ou teórica. Por codificação, compreende-se o “conjunto dos procedimentos e das técnicas para conceituar os dados” (Tarozzi, 2011, p. 122).

A codificação aberta é o “processo analítico por meio do qual os conceitos são identificados e suas propriedades e suas dimensões são descobertas nos dados” (Strauss e Corbin, 2008, p. 103). A primeira codificação, pode-se assim dizer, foi em designar a tatuagem como documento a partir de conhecimentos prévios de teóricos que defendiam o documento para além do suporte papel. Os dados foram levantados a partir de teorias em que confirmavam o suporte de outra natureza servir de registro de informação.

Como é uma pesquisa bibliográfica, os dados foram extraídos até alcançar uma conformação teórica e lógica, um silogismo. Sem adentrar no silogismo aristotélico, a definição defendida por Sautter (2010, p. 317) é a apresentada nos manuais de lógica: “um silogismo é uma relação de relações entre termos: nele, uma relação entre dois termos é esclarecida recorrendo-se a um terceiro termo cujas relações com aqueles são conhecidas; o

silogismo é uma ‘triangulação’ de termos”. Assim, conforme Tassinari (2012), o silogismo tem duas premissas e uma conclusão e a sua estrutura é dada por:

TERMOS:

P: Termo maior: (predicado da conclusão).

S: Termo menor: (sujeito da conclusão).

M: Termo médio: (ausente da conclusão e presente em ambas as premissas).

PREMISSAS:

Premissa maior: aquela com o termo maior.

Premissa menor: aquela com o termo menor.

SENTENÇAS CATEGÓRICAS:

A: Universal afirmativa: todo A é B.

I: Particular afirmativa: algum A é B.

E: Universal negativa: nenhum A é B.

O: Particular negativa: algum A não é B.

Para argumentar e deduzir a verdade dos termos, temos como:

PREMISSA MAIOR:

DOCUMENTO É INFORMAÇÃO REGISTRADA EM SUPORTE.

PREMISSA MENOR:

TATUAGEM É UM DOCUMENTO.

CONCLUSÃO:

LOGO, TATUAGEM É INFORMAÇÃO REGISTRADA EM SUPORTE.

Assumindo a configuração de documento, diante de uma premissa deduzida de Outlet e teóricos posteriores, foi preciso observar os dados da tatuagem a fim de elaborar categorias. Por isso, a pesquisa teórica se estendeu para a identificação humana com o intento de apresentar a tatuagem como elemento biométrico de nível secundário da identificação humana. Gasque (2007) explica que nessa codificação a comparação e os questionamentos são procedimentos analíticos básicos que garantem precisão e especificidade. O confronto

torna-se benéfico para analisar os dados que se aproximam ou se afastam garantindo conceito mais viáveis. Assim, a codificação aberta explora as possibilidades teóricas dos dados.

A codificação axial é a relação coerente e hierárquica entre as categorias de dados. Strauss e Corbin (2008, p. 124) explicam que o objetivo dessa codificação é o reagrupamento dos dados, interligando categorias e subcategorias para gerar explicações precisas e completas sobre o fenômeno investigado, diante das propriedades e discussões de cada categoria. Cassiani, Caliri e Pelá (1996, p. 81) explicam que, ao se estabelecer categorias mais gerais, após a imersão das integrações, o importante passa a ser a descoberta da variável central, pois é o processo que explica a ação na cena social. Desse modo, interligar as categorias, sugere o amadurecimento de categorias relacionáveis entre si, possivelmente entre pele (suporte) e imagem (informação), como veremos na seção seguinte sobre o método aplicado.

Importante ressaltar que o percurso metodológico realizado com TFD não é um encadeamento contínuo. Ou seja, até alcançar a codificação seletiva, ou para além dela, a pesquisa pode ser ajustada.

Em vista do discorrido até o momento, a codificação seletiva pretende oferecer “uma interpretação integrada, capaz de dar sentido unitário as várias porções analíticas induzidas pelos dados por meio dos vários níveis de codificação” (Tarozzi, 2011, p. 144). O objetivo dessa codificação, a partir da integração das categorias, é identificar a categoria central, ou seja, a imagem vai ser classificada e constituirá um sistema taxonômico constituinte do sistema taturrecognográfico.

Ao codificar os dados, do corpo humano e da tatuagem, e relacioná-los em categorias, observou-se uma dependência entre eles e uma categoria principal: o corpo humano. O aprimoramento dos dados em categorias e subcategorias foi feito para alcançar a quantidade ideal de categorias, facilitando a sua recuperação e evitando a exaustão. Portanto, para Gasque (2007), Cassiani e Almeida (1999) e Cassiani, Caliri e Pelá (1996), a categoria central, além de emergir no final, mantém relações teóricas e compreensivas dentro das redes de relação que fazem parte. Observar-se-á a integração e o nexos das categorias na seção seguinte.

5.1.2 Registros escritos

Aspecto apreciável para a adoção da TFD como metodologia norteadora é a redação ser um processo contínuo desde os momentos iniciais da pesquisa. O processo de pesquisa em laboratório e escrita da tese, a análise e o registro de imagens e dados até então coletados, seja por meio da pesquisa teórica como os obtidos em campo.

Strauss e Corbin defendem o uso dos memorandos, que são as anotações ou os registros escritos que “contêm os produtos da análise ou as direções para o analista (Strausse e Corbin, 2008, p. 209). As anotações realizadas de conteúdos prévios, artigos lidos, documentos, observações obtidas em orientações acadêmicas e percepção das tatuagens de terceiros tornam-se fontes de informação.

Os memorandos e diagramas evoluem. Talvez o ponto mais importante para se ter em mente é que não há memorandos errados ou mal-redigidos. Ao contrário, eles crescem em complexidade, em densidade, em clareza e em acuidade à medida que a pesquisa progride. [...] É realmente surpreendente observar como um banco de dados acumula informações e cresce teoricamente com o tempo, embora ainda mantenha sua base na realidade empírica. Os memorandos têm o duplo objetivo de manter a pesquisa embasada e de manter essa consciência para o pesquisador. (Strauss e Corbin, 2008, p. 210).

A escrita constante permite o ajuste dos dados, não negando a teoria, mas com possibilidades de continuar a pesquisa ou de corrigir (Tarozzi, 2011, p. 88). Assim, antes de ser concluída, seja por ter um percurso impreciso ou por não ter saturado a sua amostragem, a TFD possibilita a constante revisão e correção para atender aquilo a que se propõe, ou seja, uma teoria que resulte dos dados coletados.

A teoria a ser apresentada está diretamente relacionada aos universos teóricos distintos, ao documento, à tatuagem e à identificação humana, com a intenção de apresentar os pontos de interseção da pesquisa. Assertivamente, Triviños (1987, p. 100) infere:

O processo de avaliação do material bibliográfico que o pesquisador encontra lhe ensinará até onde outros investigadores têm chegado em seus esforços, os métodos empregados, as dificuldades que tiveram de enfrentar, o que pode ser ainda investigado etc. Ao mesmo tempo, irá avaliando seus recursos humanos e materiais, as possibilidades de realização de seu trabalho, a utilidade que os resultados alcançados podem emprestar a determinada área do saber e da ação. E como dizem Selltiz et al, a revisão permitirá descobrir as ligações do assunto que lhe interessa com outros problemas, o que, sem dúvida alguma, ampliará a visão sobre o tópico que se pretende estudar.

A conformação em conferir à tatuagem o *status* de documento foi dada também por meio da publicação do artigo “A tatuagem em pele humana como documento e elemento biométrico para identificação humana” na revista *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*. De acordo com os autores do artigo, Reis e Santos Filho (2021), a teoria de Paul Otlet (2018), Suzanne Briet (2016) e Jean Meyriat (2016) corrobora com a definição da tatuagem como documento. Tal publicação fortaleceu o tema de pesquisa “a tatuagem enquanto documento de identificação humana”, principalmente por

encetar a tatuagem ser um elemento biométrico e a necessidade de estabelecer um sistema que garanta classificação e ordenação, suscitando e sugerindo novas abordagens relacionadas à CI.

Para a tese, foi preciso ampliar a fundamentação teórica para além dos autores já defendidos no artigo para teóricos consolidados na CI que coadunam com uma discussão conceitual a possibilidade do documento ser um objeto para além do suporte em papel. Além do mais, e como vimos, a discussão teórica é alicerçada em estudos proposto por Javier Lasso de la Vega (1969), Robert Escarpit (1976), José López Yepes (1997), Claire Guinchat e Michel Menou (1994), Sagredo Fernández e Izquierdo Arroyo (1982 a), José Maria Desantes Guanter (1992) e Bernd Frohmann (2008).

Admitindo um registro de informação em pele humana, foi preciso imergir nos estudos da identificação humana. Como abordado, esse estudo foi conferido por meio do conhecimento produzido por teóricos da antropologia, medicina legal e do direito. Para tanto, compreender temas como identidade, identificação civil, reconhecimento e identificação humana, níveis de identificação humana e os agentes exógenos de identificação humana para asseverar a tatuagem como um elemento biométrico de identificação, foram temas indispensáveis, visto ser a tatuagem uma característica atribuída e mutável de um indivíduo.

Com o propósito teórico sendo alcançado, o método avança gradativamente perante todo o trabalho, a fim de demonstrar a presença da pesquisa bibliográfica, o caráter qualitativo, apontando para o aprofundamento e a necessidade da construção sistêmica dos dados da tatuagem. Logo, um encadeamento coerente a fim de demonstrar todo o percurso realizado.

Foram as escritas prévias que auxiliaram no encadeamento lógico das ideias, a ponto de surgir a necessidade de aplicar o que foi até então investigado em um modelo teórico e prático que se explique. Sendo indiscutível a necessidade do método para a investigação científica, foi avaliada uma estratégia de experimentação dos dados da tatuagem. Assim, o vasto material promoveu a escrita de mais um artigo, ainda não publicado, o “Taturrecognografia, uma proposta inicial”.

5.1.3 Amostragem teórica

A intenção é elaborar uma teoria e método da sistematização de um banco de dados informacionais sobre a tatuagem. Para tanto, é sabido que uma imagem é representada de diversas formas e tatuada em qualquer parte do corpo humano, até mesmo em parte internas.

A TFD permite uma amostragem para além de estratificações estatísticas e atua com o conceito de amostragem teórica.

A amostragem é processo de coleta de dados para gerar a teoria na qual o investigador coleta, codifica e analisa os dados que estão emergindo. O objetivo da amostragem teórica é o de amostrar eventos, incidentes que são indicados pela teoria e não de pessoas em si. Ao longo do processo, o pesquisador não designa previamente quantos grupos ele amostrará, podendo, inclusive, haver modificações dos planos iniciais logo no início do processo de pesquisa, de tal forma que os dados obtidos reflitam a realidade e não simples especulações acerca dos dados eventuais. (Cassiani e Almeida, 1999, p. 15)

Com a intenção de experimentar contextos diferentes, a análise de cada tatuagem se torna mais centrada nos seus dados. Tal fato permite não se limitar em uma quantidade de tatuagens para compor a amostra e sim esgotar todas as possibilidades com a intenção de ajustar o que ainda não havia sido percebido até alcançar o ponto de saturação. A TFD identifica, desenvolve e relaciona conceitos, imagéticos também, por isso a amostragem se completa quando as categorias estão saturadas. Strauss e Corbin (2008, p. 205) orientam que o pesquisador colete dados até:

- a) nenhum dado novo ou relevante pareça surgir em relação a uma categoria,
- b) a categoria esteja bem desenvolvida em termos de propriedades e de dimensões, demonstrando variação e
- c) as relações entre categorias estejam bem estabelecidas e validadas.

De tal modo, compreende-se que o sujeito da tatuagem se encontra em um universo difícil de ser mensurado diante das motivações, justificativas e desenhos produzidos. Além de não possuir um perfil definido para justificar o seu uso. Logo, são diversas ordens para o perfil e motivações.

Com o objetivo de saturar a amostra, as tatuagens serão com imagens diversas e aplicadas em toda possibilidade de extensão da pele humana. A saturação será possível diante do intento de construir um método de classificação e da metodologia iconográfica de Erwin Panofsky (1955) em um banco de dados contendo informação da área corporal e imagem tatuada. As imagens que serão apresentadas contribuirão para a possibilidade de estabelecer uma teoria e um método visando uma lógica na sua classificação e ordenação enquanto parametrização e taxonomia da tatuagem para fins documental.

5.2 O início da Taturecognografia

Mensurar e agrupar dados em um sistema resulta em conclusões que devem prevalecer em uma pesquisa, pois a teoria defendida será solidificada a partir do experimento de pesquisa. Por esse motivo, o método acompanha e dialoga com os pressupostos da pesquisa científica até o momento da discussão dos resultados, e ajustado quando necessário.

Visando uma objetividade para uma interpretação e análise dos dados, Triviños (1987, p. 112) afirma que os “estudos descritivos exigem do investigador, para que a pesquisa tenha certo grau de validade científica, uma precisa delimitação de técnicas, métodos, modelos e teorias que orientarão a coleta e interpretação dos dados”. Sendo assim, a construção metodológica é elaborada a partir dos postulados teóricos, dos métodos e da experimentação.

Inicialmente, a intenção era obter por meio de visitas em estúdios de tatuagens da cidade de Salvador, Bahia, acesso ao banco de dados de tatuagens feitas a fim de observar a imagem e a localização no corpo humano. Então, nos meses de janeiro e fevereiro do ano de 2021, foram realizadas visitas em alguns estúdios como Fúria Tattoo Studio, Bingha Tattoo Studio, República Tattoo & Piercing e Diego Tattoo.

Apesar de uma seleção ínfima, nenhum estúdio possuía um banco de dados com as tatuagens já registradas. Em conversa com os tatuadores e profissionais (receptionistas) que se encontravam nesses ambientes, todos foram unânimes ao afirmar que o único registro que os estúdios de tatuagem possuíam eram os documentos que a legislação exigia como condição de funcionamento, no caso do estado da Bahia, a partir do inciso III do art. 4º da Lei nº 13.920 de 29 de janeiro de 2018:

[...]

III - ter livro próprio, devidamente numerado e paginado, considerando-o como prontuário individual, autenticado na Vigilância Sanitária, contendo as seguintes informações individuais de seus clientes que se submeterem a tatuagem e transfixação dérmica de adereços:

- a) nome completo, alcunha, idade, sexo, endereço, telefone, número de documento de identidade ou do Cadastro de Pessoa Física (CPF);
- b) data dos atendimentos realizados;
- c) indicação da região corpórea submetida à tatuagem e sua descrição detalhada, como desenhos, cores e escritos em idioma nacional ou estrangeiro;
- d) quando a tatuagem e a aplicação de piercing for realizada em região íntima do corpo humano, o preenchimento do campo se dará pela identificação como “particular”;
- e) anotação da existência de outras tatuagens, descrevendo-as nos termos do presente inciso;

IV - arquivo próprio contendo:

- a) as autorizações com firma reconhecida, dos pais ou responsáveis, para os menores de 18 anos de idade, organizado de tal forma que possa ser objeto de rápida verificação por parte das autoridades sanitárias competentes;
- b) obrigatoriamente a cópia do documento de identidade ou do cartão do Cadastro de Pessoa Física (CPF) dos seus clientes;

V - livro de registro de acidentes, autenticado na Vigilância Sanitária, contendo:

- a) anotação de acidente, de qualquer natureza, que envolva o cliente ou o executor de procedimentos;
- b) no caso da prática de tatuagem, inclui-se a anotação de reação alérgica aguda após o emprego de substância corante, bem como reação alérgica tardia comunicada pelo cliente ao responsável pelo estabelecimento;
- c) no caso da prática de piercing, inclui-se a anotação de complicações que o cliente venha a comunicar ao responsável pelo estabelecimento, tais como infecção localizada, dentre outras;
- d) data da ocorrência do acidente.

Art. 5º - Os arquivos das autorizações dos pais ou responsáveis indicados no inciso IV, alínea a, e os documentos de identificação listados na alínea b do mesmo inciso, ambos do artigo antecedente deverão ser correlacionados com o livro prontuário de forma que a fiscalização possa identificar facilmente ao confrontá-los.

Art. 6º - Os responsáveis pelos estabelecimentos de que trata esta Lei devem fixar cartazes informando a todos os clientes sobre os riscos decorrentes da execução dos procedimentos, bem como sobre o Livro de Registro de Acidentes em caso de ocorrência de eventuais complicações.

Destaca-se que os dados informados nos documentos exigidos pela lei estadual como condição de funcionamento dos estúdios de tatuagem devem respeitar e fazer cumprir a Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018, a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, LGPD, a fim de proteger a privacidade dos seus clientes e do público em geral.

Art. 1º sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural. (BRASIL, 2018)

Diante da falta de dados nos estúdios de tatuagem, a experimentação passou a ser analisada com imagens coletadas em pesquisa telemáticas, resguardando a privacidade da pessoa e o respeito aos direitos autorais de imagens da internet.

Sendo a tatuagem um atributo particularizador do sujeito, depreende-se ser um registro que possa ser feito em qualquer parte do corpo humano, até mesmo em regiões internas como

lábios, olhos e genitália, por exemplo. Assim, a localização da tatuagem no corpo humano é um atributo indispensável ao estudo.

O mapeamento das regiões corporais foi uma diligência árdua por ser constatado que a medicina observa o corpo humano por meio dos estudos dos anatomistas e dos médicos-legistas. De tal forma, foi preciso explorar o estudo do corpo humano que se aproximasse dos objetivos reais da pesquisa, sendo a escolha definida pela medicina legal, por ser responsável pelo estudo da identificação humana pela subárea Antropologia Médico-legal.

Na ciência médica, a medicina legal, com abordagens técnicas, é um ramo que ampara as ciências jurídicas e as sociais. França (2017, 21), conceitua a medicina legal como uma “ciência de largas proporções e de extraordinária importância no conjunto dos interesses da coletividade, porque ela existe e se exercita cada vez mais em razão das necessidades da ordem pública e do equilíbrio social”.

Diante da sua relação com outros campos do saber, França (2017), Croce e Croce Junior (2012) afirmam não haver uma definição precisa do que seja a medicina legal. Desse modo, eles definem a Medicina Legal como “ciência e arte extrajurídica auxiliar alicerçada em um conjunto de conhecimentos médicos, paramédicos e biológicos destinados a defender os direitos e os interesses dos homens e da sociedade”.

A medicina legal para servir de modo jurídico e social, a sua forma de atuação, entendimento prático, contribuição e importância requer conhecimento médico relacionados com a patologia, fisiologia, traumatologia, psiquiatria, microbiologia e parasitologia, radiologia, tocoginecologia, anatomia patológica e com as especialidades biológicas e do direito (Croce e Croce Junior, 2012).

Desse modo, partir do contato com uma perita médica legista do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues / Departamento de Polícia Técnica-BA, foi definido o uso do esquema das lesões de Genival Veloso de França, professor titular de Medicina Legal nos cursos de Direito e de Medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Logo, a escolha contempla toda exterioridade corporal e é amplamente utilizada pelo ramo da medicina legal.

Ressalta afirmar que Peixoto (1893), arqueólogo e etnógrafo português, em seu estudo, *A Tatuagem em Portugal*, relatava a dificuldade em categorizar a sistematização da tatuagem, justamente pela multiplicidade de categorias possíveis para dispor o mesmo desenho¹⁹.

¹⁹ A sistematização das tatuagens em categorias é dificultosa, visto que muitas vezes há lugar de distribuir o mesmo desenho em mais do que uma. Provisoriamente poder-se-ão adoptar as seguintes:

Os pesquisadores tentam entender seus dados organizando-os segundo um esquema classificatório. No processo, os itens são identificados a partir dos dados e são definidos de acordo com suas várias propriedades e dimensões gerais. Ao apresentar essas interpretações dimensionalizadas, os pesquisadores estão quase certos de apresentar várias quantidades de material descritivo usando uma variedade de estilos comunicativos. (Strauss e Corbin, 2008, p. 32)

Em relação às imagens tatuadas, percebeu-se que haveria também a necessidade em ter um método de análise para auxiliar em sua descrição. Após diversas considerações àqueles que desenvolveram ciência por meio do estudo da imagem, optou-se pelo uso do método iconológico proposto por Erwin Panofsky (1955). Dessa forma, a escolha pelo método de Panofsky está em função dos critérios de percepção do objeto ser suficiente para descrever a imagem tatuada.

5.2.1 Do corpo humano

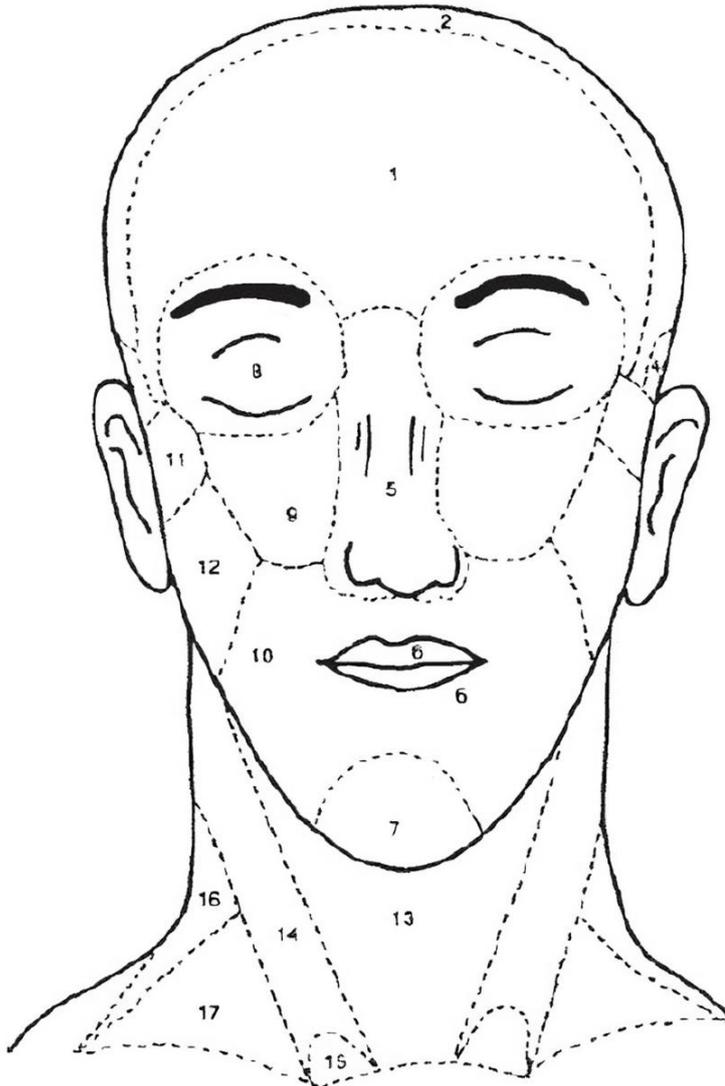
Como sinalizado, a tatuagem pode ser registrada em qualquer parte do corpo humano. Dessa forma e com vistas a identificar a sua localização, far-se-á uso do Esquema de Lesões utilizado na medicina legal por apresentar toda a região externa do corpo humano de modo detalhado e descritivo e sendo de fácil compreensão.

Como sinalizado, o esquema escolhido foi proposto por França (2017). Nesse caso, o esquema de lesões adotado servirá de apoio fundamental para incremento teórico e prático desta tese. Cabe ressaltar que esse esquema é utilizado em cadáver, mas o seu uso não é impeditivo para a finalidade desta pesquisa por estar a tatuagem localizada no corpo humano, independentemente da condição de o corpo estar vivo ou morto. Além disso, são modelos de laudos periciais que “podem tornar-se úteis àqueles que, mesmo sem serem legistas, possam vir a ter necessidade de responder a certos fatos médicos de interesse da Justiça” (França, 2017, n.p.).

Assim, apresenta-se o esquema de localizações de lesões de França (2017) que será aproveitado para auxiliar na localização de tatuagem:

-
- 1.a – Emblemas profissionais
 - 2.a – Amorosos e eróticos
 - 3.a – Religiosos
 - 4.a – Metáforas e fantasistas
 - 5.a – Inscrições

Figura 8 – Esquema das lesões localizadas na face e pescoço de um cadáver

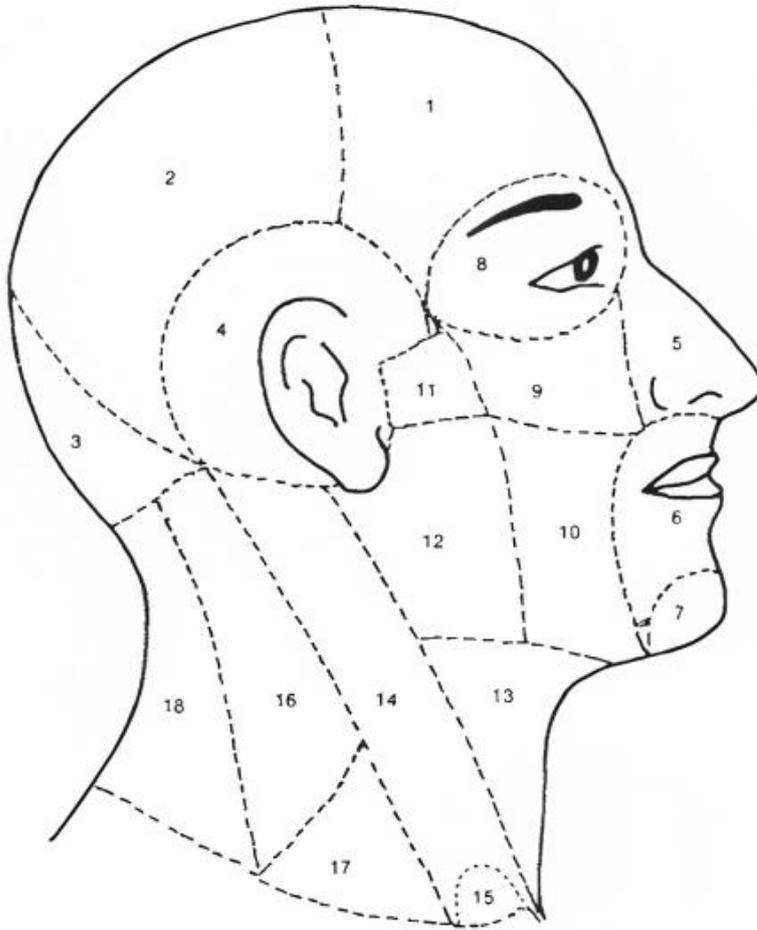


Regiões:

- 1 - Frontal
- 2 - Parietal
- 3 - Occipital
- 4 - Temporal
- 5 - Nasal
- 6 - Oral
- 7 - Mentoniana (do mento)
- 8 - Orbital
- 9 - Intraorbital
- 10 - Bucal (da bochecha)
- 11 - Zigomática
- 12 - Parotidomasseterica
- 13 - Região anterior do pescoço
- 14 - Esternocleidomastóidea
- 15 - Fossa supraclavicular menor
- 16 - Região lateral do pescoço
- 17 - Fossa supraclavicular maior (trigono omoclavicular)
- 18 - Região posterior do pescoço

Fonte: França (2017).

Figura 9 – Esquema das lesões localizadas na face direita da cabeça de um cadáver



Regiões:

- 1 - Frontal
- 2 - Parietal
- 3 - Occipital
- 4 - Temporal
- 5 - Nasal
- 6 - Oral
- 7 - Mentoniana (do mento)
- 8 - Orbital
- 9 - Intraorbital
- 10 - Bucal (da bochecha)
- 11 - Zigomática
- 12 - Parotídeo-masseterica
- 13 - Região anterior do pescoço
- 14 - Esternocleidomastóide
- 15 - Fossa supraclavicular menor
- 16 - Região lateral do pescoço
- 17 - Fossa supraclavicular maior (trigono omoclavicular)
- 18 - Região posterior do pescoço

Fonte: França (2017).

Figura 10 – Esquema das lesões localizadas no pavilhão auricular direito

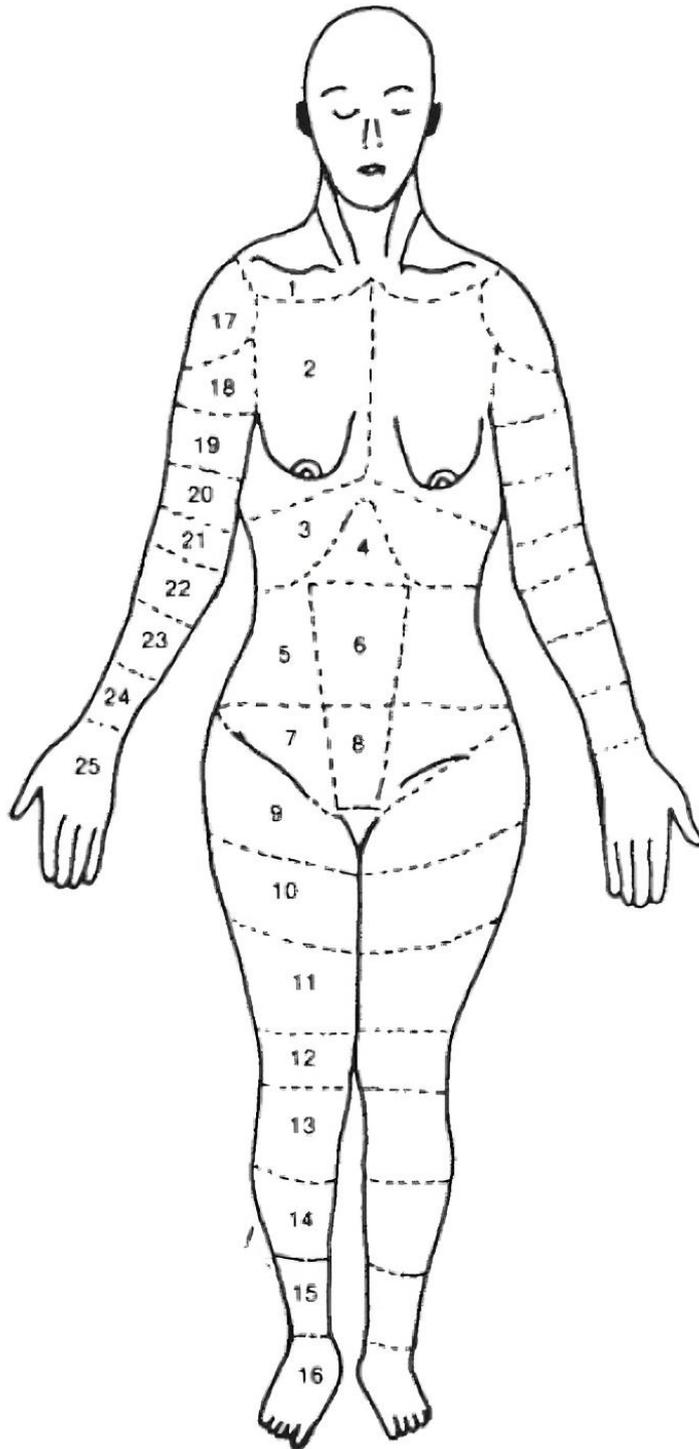


Regiões:

- 1 - Hélix
- 2 - Antélix
- 3 - Concha auricular
- 4 - Antetrágus
- 5 - Lóbulo
- 6 - Meato acústico externo
- 7 - Trágus
- 8 - Fossa triangular

Fonte: França (2017).

Figura 11 – Esquema das lesões localizadas na face anterior de um cadáver

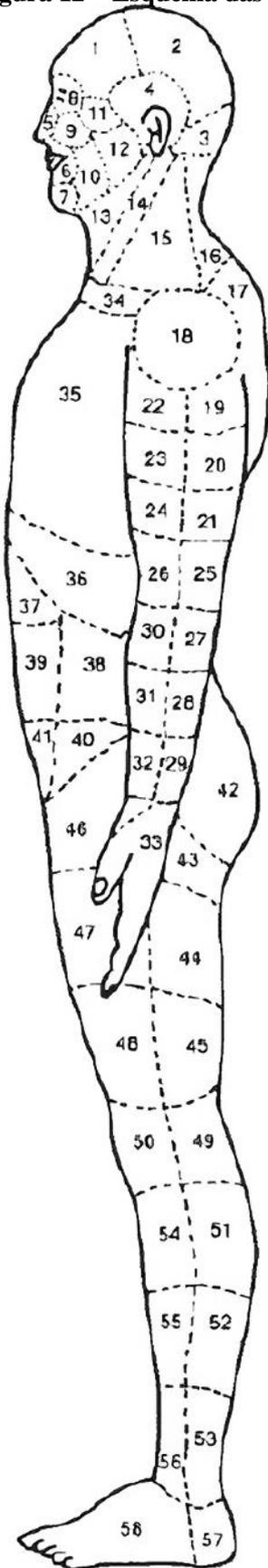


Regiões:

1 - Intraclavicular		
2 - Mamária		
3 - Hipocôndrica		
4 - Epigástrica		
5 - Lateral do abdôme		
6 - Umbilical		
7 - Inguinal		
8 - Púbica		
9 - Terço proximal	} Região anterior da coxa	
10 - Terço médio		
11 - Terço distal		
12 - Anterior do joelho		
		13 - Terço proximal
		14 - Terço médio
		15 - Terço distal
		16 - Dorso do pé
		17 - Deltóidea
		18 - Terço proximal
		19 - Terço médio
		20 - Terço distal
		21 - Anterior do cotovelo
		22 - Terço proximal
		23 - Terço médio
		24 - Terço distal
		25 - Palma da mão

Fonte: França (2017).

Figura 12 – Esquema das lesões localizadas na face lateral esquerda de um cadáver

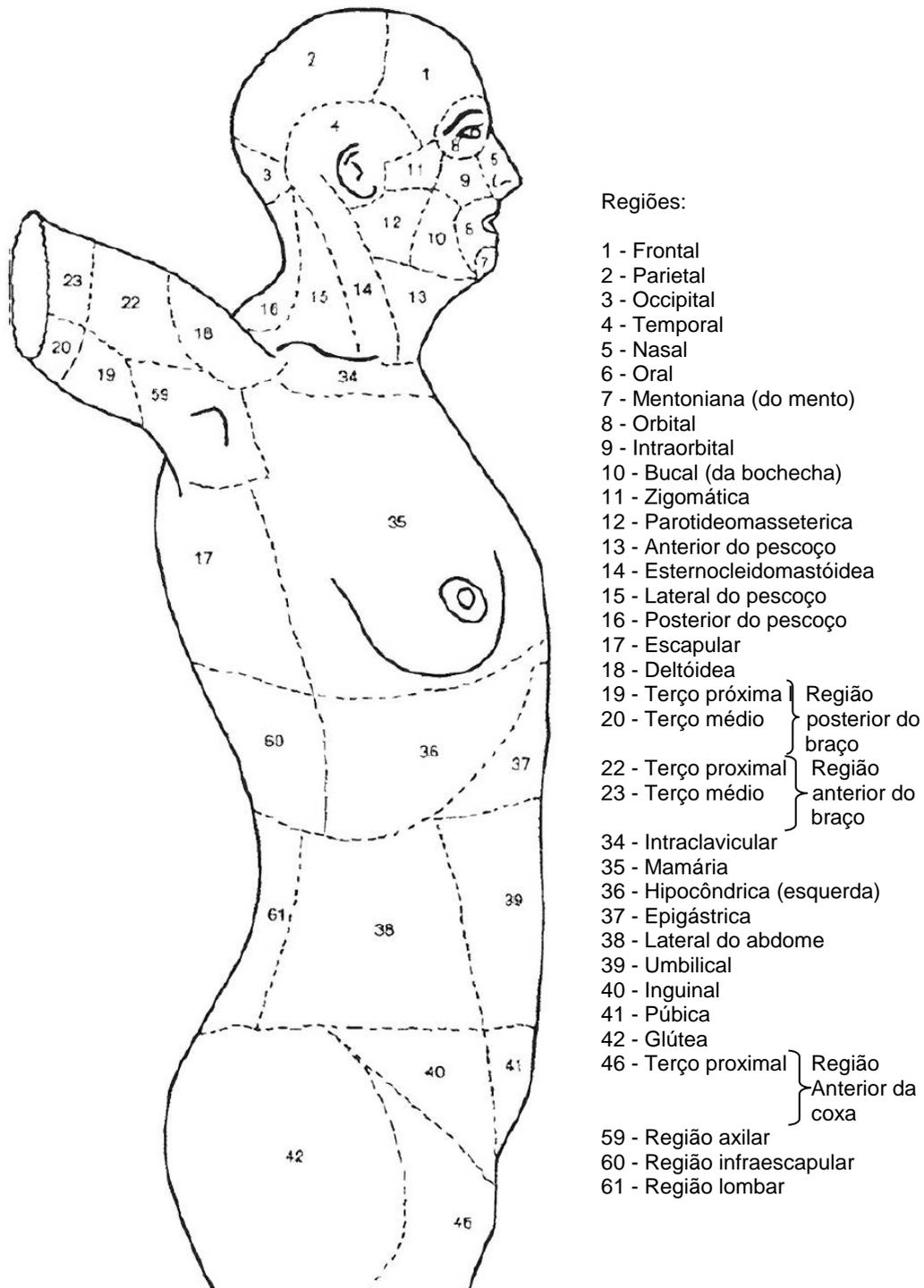


Regiões:

- 1 - Frontal
- 2 - Parietal
- 3 - Occipital
- 4 - Temporal
- 5 - Nasal
- 6 - Oral
- 7 - Mentoniana (do mento)
- 8 - Orbital
- 9 - Intraorbital
- 10 - Bucal (da bochecha)
- 11 - Zigomática
- 12 - Parotídeo-masseterica
- 13 - Região anterior do pescoço
- 14 - Esternocleidomastóidea
- 15 - Lateral do pescoço
- 16 - Região posterior do pescoço
- 17 - Escapular
- 18 - Deltóidea
- 19 - Terço proximal
- 20 - Terço médio
- 21 - Terço distal
- 22 - Terço proximal
- 23 - Terço médio
- 24 - Terço distal
- 25 - Região posterior do cotovelo
- 26 - Região anterior do cotovelo
- 27 - Terço proximal
- 28 - Terço média
- 29 - Terço distal
- 30 - Terço proximal
- 31 - Terço médio
- 32 - Terço distal
- 33 - Dorso da mão
- 34 - Intraclavicular
- 35 - Mamária
- 36 - Hipocôndrica (esquerda)
- 37 - Epigástrica
- 38 - Lateral do abdome
- 39 - Umbilical
- 40 - Inguinal
- 41 - Púbrica
- 42 - Glútea
- 43 - Terço proximal
- 44 - Terço médio
- 45 - Terço distal
- 46 - Terço proximal
- 47 - Terço médio
- 48 - Terço distal
- 49 - Posterior do joelho
- 50 - Anterior do joelho
- 51 - Terço proximal
- 52 - Terço médio
- 53 - Terço distal
- 54 - Terço proximal
- 55 - Terço médio
- 56 - Terço distal
- 57 - Calcanear
- 58 - Dorso do pé

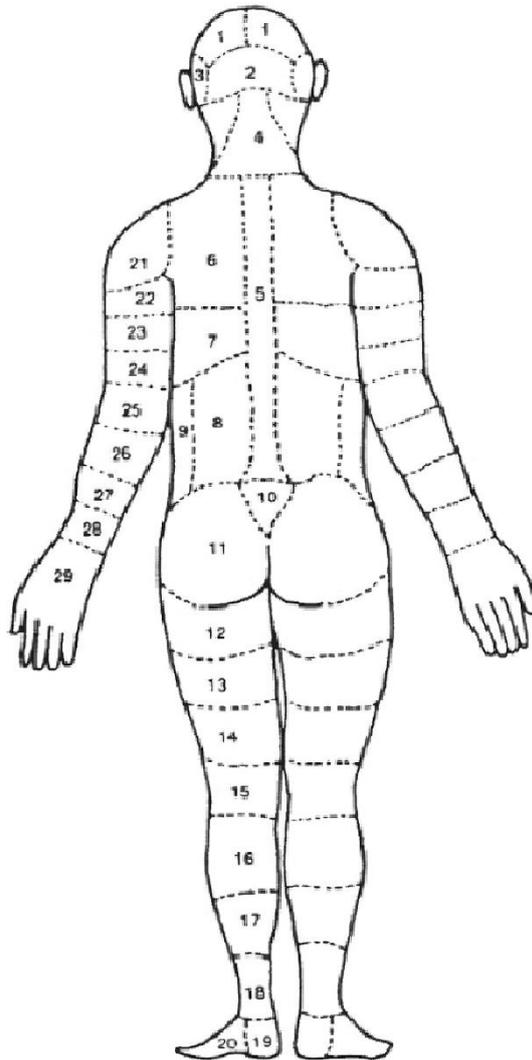
Fonte: França (2017).

Figura 13 - Esquema das lesões localizadas na face lateral direita de um cadáver



Fonte: França (2017).

Figura 14 - Esquema das lesões localizadas na face posterior de um cadáver

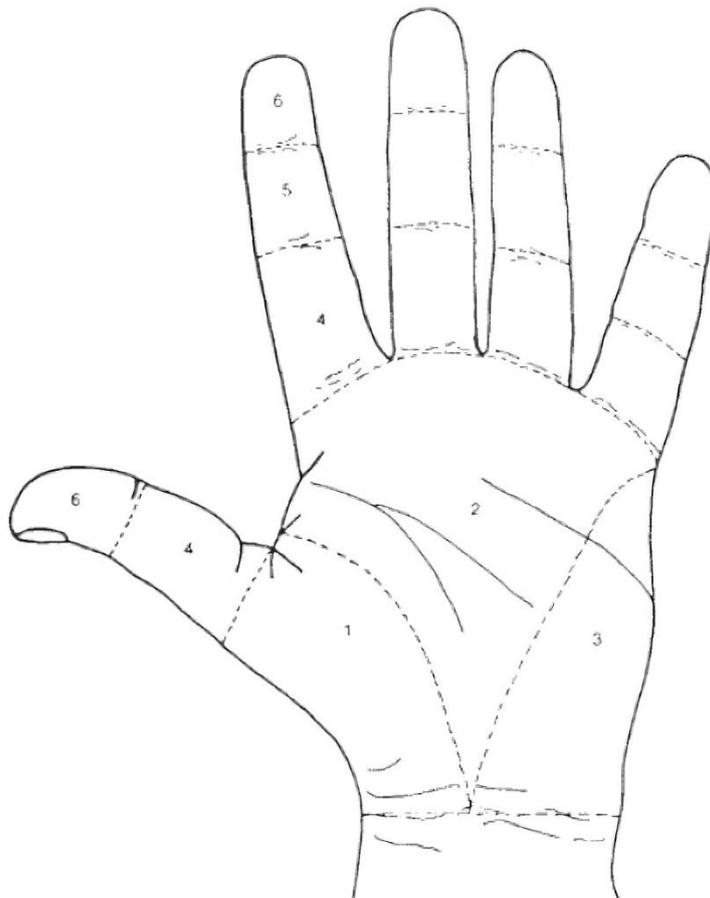


Regiões:

- | | | |
|--|----------------------------|---------------------------------|
| 1 - Parietal | 16 - Terço proximal | } Região posterior da perna |
| 2 - Occipital | 17 - Terço médio | |
| 3 - Temporal | 18 - Terço distal | |
| 4 - Posterior do pescoço (nuca) | 19 - Calcâneo | |
| 5 - Vertebral | 20 - Dorso do pé | |
| 6 - Escapular | 21 - Deltóidea | |
| 7 - Infraescapular | 22 - Terço proximal | } Região posterior do braço |
| 8 - Lombar | 23 - Terço médio | |
| 9 - Lateral do abdome | 24 - Terço distal | |
| 10 - Sacral | 25 - Posterior do cotovelo | |
| 11 - Glútea | 26 - Terço proximal | } Região posterior do antebraço |
| 12 - Terço proximal | 27 - Terço médio | |
| 13 - Terço médio | 28 - Terço distal | |
| 14 - Terço distal | 29 - Dorso da mão e dedos | |
| 15 - Posterior do joelho (fossa poplíteia) | | |

Fonte: França (2017).

Figura 15 - Esquema das lesões localizadas na região palmar esquerda

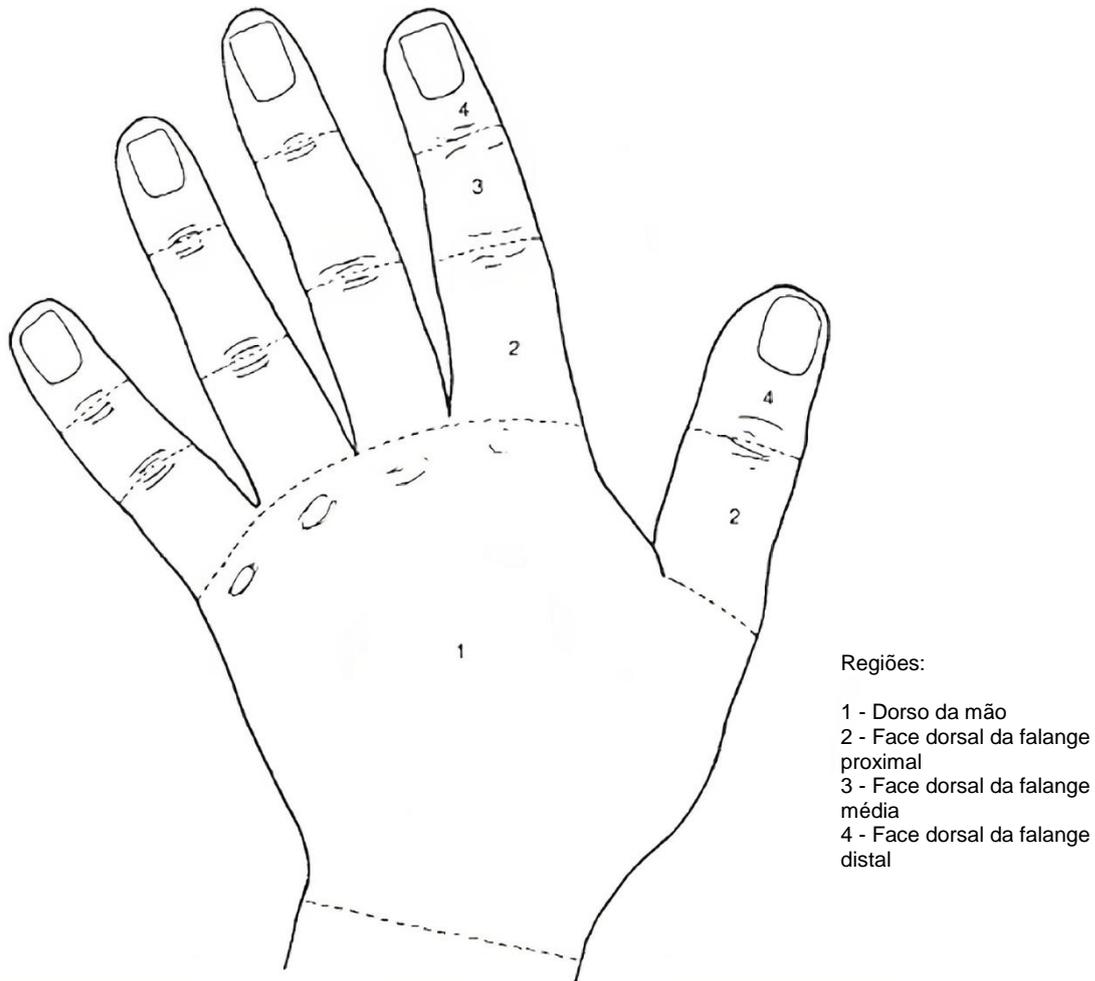


Regiões:

- 1 - Tenar
- 2 - Palmar média
- 3 - Hipotenar
- 4 - Face palmar da falange proximal
- 5 - Face palmar da falange média
- 6 - Face palmar da falange distal

Fonte: França (2017).

Figura 16 - Esquema das lesões localizadas no dorso da mão esquerda



Fonte: França (2017).

De posse dos esquemas apresentados, fica demonstrado que a pele humana se estende por toda região corporal e são finitas as possibilidades de localização para registrar uma tatuagem. A partir da análise feita das imagens apresentadas por França (2017), não foi utilizada a imagem de esquema das lesões localizadas no tórax, ventre e genitais, por parte delas estarem contempladas em outras imagens e a criação de um campo específico para genitais na taxonomia a ser apresentada na seção seguinte. Logo, por ser a tatuagem um documento passível de ordenamento científico e metodológico, a teoria também será construída a partir das inferências feitas sobre a estrutura de experimento dos seus dados.

5.2.2 Da imagem

A tatuagem é um documento que tem em pele uma imagem que serve como documento de identificação humana. Como sinalizado, requer uma descrição sistematizada dos seus dados, principalmente por ser uma pesquisa de cunho visual, relacionada a percepção humana, visto que diz respeito ao conhecimento do outro sobre pessoas, objetos e coisas. Logo, uma pesquisa descritiva e ao mesmo tempo interpretativa, sendo necessário uma compreensão sobre a imagem.

A imagem é uma forma de expressão e um poderoso artefato de comunicação. Para Aumont (2009, p. 260), a imagem “se define como um objeto produzido pela mão do homem, em um determinado dispositivo, e sempre para transmitir a seu espectador, sob forma simbolizada, um discurso sobre o mundo real”.

Os registros materializados sempre explicaram a história da humanidade, independentemente se por símbolos convencionados ou não. É a representação visual sobre o que faz parte do mundo e da sociedade. É representação de emoções e sentimentos, é o abstrato sendo materializado. Aguilar e colaboradores (2017, p. 14) dizem que toda escritura tem obrigação de transmitir uma mensagem, seja por sinais figurativos ou simbólicos.

A imagem é um terreno fértil para o trabalho científico. Cada área do conhecimento trabalha a imagem com uma perspectiva diferente para as variadas finalidades e com os mais diversos acessórios para auxiliar em seu entendimento, como, por exemplo, os gráficos matemáticos ou ainda as imagens observadas em microscópios ou as obtidas por ressonância magnética (Joly, 2002, p. 23).

Depreende-se a construção de uma imagem na pele um processo interativo do homem com a sociedade e um processo de reconhecimento das formas existentes no mundo aliado à cor, luz e tinta ao suporte escolhido. É também por conhecermos os objetos que nos rodeiam que conseguimos representar e (re)conhecer uma imagem. Desse modo, tornou-se importante compreender como fazer a análise de uma imagem.

A concepção sistêmica para leitura da tatuagem, dar-se-á pelo método desenvolvido por Erwin Panofsky na obra *Significado nas Artes Visuais* (2017), na qual ele utiliza a iconografia e a iconologia para a análise das obras de arte. Contudo, a sua teoria é perfeitamente aplicável para imagens que não sejam convencionalmente enquadradas como obras de arte, como as pinturas, telas, murais ou monumentos. É possível apropriar a teoria de Panofsky para o alcance dos resultados pretendidos. Para tanto, a análise de uma imagem

requer definição de objetivo, logo, ter um método condizente com ele. Ou seja, dispor os dados de uma imagem em pele determina o uso do método proposto por Panofsky.

O método de Panofsky (2017) parte de uma análise em três níveis: pré-iconográfico, iconográfico e iconológico. Tais níveis de análise permitem identificar e descrever elementos externos de uma imagem. O nível pré-iconográfico, ou tema primário ou natural, permite identifica-los sem esforço, ou seja, é o reconhecimento das formas puras por meio da percepção humana sobre pessoas, coisas e objetos.

Os objetos e eventos, cuja representação por linhas, cores e volumes constituem o mundo dos motivos, podem ser identificados, como já vimos, tendo por base nossa experiência prática. Qualquer pessoa pode reconhecer a forma e o comportamento dos seres humanos, animais e plantas, e não há quem não possa distinguir um rosto zangado de um alegre. (Panofsky, 2017, p. 55)

O nível iconográfico, ou tema secundário ou convencional, é a identificação das formas puras relacionadas com assuntos e conceitos. É um conhecimento ampliado sobre o que as formas puras representam em uma imagem.

A análise iconográfica, tratando das imagens, histórias e alegorias em vez de motivos, pressupõe, é claro, muito mais que a familiaridade com objetos e fatos que adquirimos pela experiência prática. Pressupõe a familiaridade com temas específicos ou conceitos, tal como são transmitidos por meio de fontes literárias, quer obtidos por leitura deliberada ou tradição oral. (Panofsky, 2017, p. 58)

O nível iconológico, ou significado intrínseco ou conteúdo, é a interpretação a partir da análise dos elementos implícitos que são verificados dos elementos externos, requerendo, às vezes, pesquisa para uma maior compreensão e veracidade dos fatos. Panofsky orienta para a forma, o tema e o conteúdo como componentes para colaborar na descrição e significação. A análise iconológica é subjetiva e de investigação profunda, “suas características composicionais e iconográficas como qualificações e propriedades a ela inerentes” (PANOFSKY, 2017, p. 52). É uma etapa mais densa, pois envolve pesquisa para entendimento das condições históricas e motivacionais da sua criação, por isso Panofsky (2017, p. 62) sinaliza que “a interpretação iconológica requer algo mais que a familiaridade com conceitos ou temas específicos transmitidos por meio de fontes literárias”. Além de considerar a significação da mensagem ao seu suporte.

Como um fenômeno social e por estar relacionado à vida humana, são infinitas as possibilidades de escrita e grafismo sobre a pele. Consideradas como marcas corporais, a tatuagem mantém o significado convencionalmente aceito para símbolos, letras, signos,

números, objetos, paisagens, mas significação diversa e singular para o sujeito tatuado. Desse fato, destaca-se que a leitura interpretativa é diferenciada, mas a percepção dos objetos que geralmente compõem uma imagem é única, há o reconhecimento por meio das formas dos elementos que compõem a imagem em pele. Como a intenção é a construção da taxonomia da imagem tatuada, nesse primeiro momento utilizaremos apenas os níveis pré-iconográfico e iconográfico de Panofsky, que atendem a teoria pretendida por serem objetivos e altamente descritivos.

A justificativa em não utilizar o nível iconológico é por não ter a pretensão em realizar uma análise subjetiva da imagem e nem utilizar tais dados para uma possível classificação. A intenção é a descrição com vistas ao ordenamento e à recuperação do documento. Unfried (2014) explica que estudiosos como Panofsky defendiam que a imagem de uma obra de arte pode ter mensagens escondidas por meio de símbolos disfarçados nas cenas do cotidiano. Por isso, este trabalho não comporta a motivação e a significação pessoal da tatuagem. No máximo, pode gerar especulação acerca dela. Não se admitindo julgamento ou inferências de conceitos sobre a imagem que uma pessoa possui.

A transcrição do visual para o verbal, respeitando o reconhecimento e as descrições em primeiro e em segundo nível, propiciam a modelagem sistêmica. Percebe-se a necessidade de descrever a tatuagem por meio dos dados de uma imagem e também uma tentativa de compreender o homem. Ainda alcança a unicidade documental, pois nenhuma tatuagem é igual a outra. Então assegura uma metodologia com vistas a organizar, acessar e recuperar a informação, além de ampliar o conhecimento sobre o registro em pele humana.

A descrição da imagem a partir de um sistema com base no método de Panofsky demonstra não apenas a sua estrutura organizacional como os impactos para a cidadania, segurança pública, medicina legal, cultura e artes. Diante de todo o exposto até aqui, prontamente, foi idealizado uma experimentação dos dados da tatuagem no corpo humano.

5.2.3 A experimentação

De posse dos tratados teóricos da CI, fortalecendo a análise e o uso do documento para os mais diversificados fins, da confirmação da tatuagem como documento, dos métodos de identificação das regiões corporais, do método panofskiano e da metodologia da TFD, a pesquisa foi se solidificando para colocar em práticas toda a odisséia teórica apresentada.

Construir uma tese de modo inovador e articulado com o rigor da investigação científica é um labor que explica o fenômeno pesquisado por meio de categorias taxonômicas

pensadas para serem executadas em um banco de dados. As categorias são derivadas dos universos teóricos explorados: tatuagem e identificação humana, respectivamente imagem e pele humana. Logo, as categorias correspondem aos dados.

Com uma teoria relevante para a CI e outras áreas do conhecimento como a antropologia forense, as ciências criminais e a medicina legal, a predisposição é oferecer uma tese com um percurso preciso, por isso a experimentação para verificar o objeto investigado de acordo com a sua aplicação teórica e prática. Ainda assim, passível de modificação para atender as demandas advindas com a contemporaneidade ou para adequação de contexto específico.

O uso de um banco de dados é compreendido na CI como um implemento tecnológico para auxiliar no tratamento e recuperação da informação de modo seguro e ágil. Cianconi (1987, p. 53), ao vislumbrar a importância dos bancos de dados e a pesquisa em CI, afirmava:

A pesquisa em Ciência da Informação leva ao desenvolvimento de técnicas e tecnologias que permitem organizar a informação de modo a ampliar o poder intelectual do homem. Assim, o desenvolvimento de estruturas de arquivos, estruturas de dados para informação em diversos formatos, em vários meios, técnicas relacionais, técnicas associativas, técnicas de inteligência artificial e sistemas de conhecimento, representam modos de organizar a informação e aumentar a capacidade da mente humana.

De tal forma, pensar a perspectiva teórica apresentada pela autora em um banco de dados informacionais sobre a tatuagem é mais uma comprovação do *status* documental do registro imagético em pele em uma área científica altamente interligada à tecnologia.

O sistema proposto tem a tatuagem para definir uma taxonomia que qualifique e quantifique os elementos constituintes na imagem posta no corpo humano. Devido à pluralidade de imagens, uma mesma tatuagem pode ser enquadrada em uma ou mais categorias, mas alcança unicidade por meio dos documentos alimentados em um banco de dados, pois nenhuma imagem é igual a outra, assim como nenhum suporte em pele humana será igual a outro.

A simulação da identificação humana a partir da tatuagem considerou desenhos de silhuetas de indivíduos reais, mas sem revelação dos dados pessoais. Para fins da investigação científica, foi possível fazer simulações, a partir de desenhos, tatuagens geradas pelo cruzamento de informações, e consequente formação de identificações simuladas.

A escolha do corpo sendo o princípio classificatório confirmou-se como a categoria central exigida pela TFD. Acabou por consistir em reduzir o tempo de busca do usuário e parte da premissa que o registro da tatuagem é feito em pele humana. Desse modo, a tatuagem

apresenta elementos que servem de identificação, mensuração e sistematização do desenho sobre a pele. Tais elementos são suficientes para construir uma taxonomia da tatuagem na pele humana e ainda ser mais um elemento biométrico para fins de identificação.

Como a proposta foi testar um sistema que permitisse o registro da tatuagem como documento, a experimentação respondeu uma questão de pesquisa que não pode ser reduzida ou simplificada. Durante a experimentação, toda tatuagem era analisada em sua forma de descrição. Por isso, reafirma-se que a teoria emerge dos dados. Sendo validado o seu registro e descrição, a seção seguinte demonstrará o seu desenvolvimento em profundidade.

A experimentação comprovou não ser exequível trabalhar a iconologia, por ser uma demasiada interpretação das informações codificadas. Fato, o nível iconológico está relacionado à compreensão do significado intrínseco da imagem tatuada, podendo ser desenvolvido em momento posterior.

A metodologia demonstrou ser trabalhosa e complexa diante das variedades e possibilidades dos dados a serem analisados. Não obstante, a teoria proposta pretende responder questões relacionadas ao documento. Para tanto, a experimentação fez uso dos que asseveram a compreensão da sua manifestação e constituição, para então classificá-los e dotar o estudo do devido rigor científico.

Por ora, a experimentação, diante da perspectiva metodológica apresentada, se compatibiliza com a CI a partir dos fenômenos que têm a informação como elemento encontrado nas práxis humanas e naturais. A implementação de um banco de dados garantindo a organização e armazenamento do documento reafirma o compromisso da CI em estar sob constante atualização tecnológica de acordo com as novas tendências da informação e comunicação, e como aspecto imperioso, o controle para recuperar e dar acesso à informação. A experimentação validou as categorias, estabeleceu relações e necessitou, quando da construção de sua taxonomia, a formação de tupla matemática para representar uma instância. A partir do experimento dos dados das tatuagens, constrói-se uma teoria fundamentada nas conclusões obtidas da experimentação do sistema e alcança-se a taturecognografia.

6 TATURECOGNOGRAFIA

Como informado, a pesquisa da tatuagem como um elemento exógeno de identificação humana se integra à investigação das recognografias (reconhecimento por imagem), de Santos Filho (2014). Em sua pesquisa, o autor observou que foi por meio da imagem que as manifestações fenotípicas nos indivíduos se tornaram classificáveis e, por um sistema taxonômico, pôde atribuir valor e ordem para as regiões mensuráveis da face.

Em função desse panorama, tomaremos uma posição propositiva e oferecemos à ciência uma nova configuração do termo, a prosoporrecognografia. A prosoporrecognografia seria, então, o ramo da identificação humana, mais propriamente da representação facial humana, que se ocuparia da descrição, comparação e do confronto da face humana, para fins de reconhecimento e identificação. (Santos Filho, 2014, p. 97).

Assim como a prosoporrecognografia, que nasceu “etimologicamente, de *proso*pon + *re*cono + *gr*afia ou seja, a área de estudo que se ocupa da descrição e do reconhecimento da representação facial humana (Santos Filho, 2014, p.97)”, o estabelecimento do termo “taturecognografia” surgiu a partir da constatação da necessidade de estabelecer uma nova área de investigação diante de um fenômeno que estava sendo observado e de sua nova possibilidade de utilização.

Foi evidenciado o caráter específico e inovador desta pesquisa, em suas dimensões teórica, metodológica e epistemológica, a ação de dotar de uma nova nomenclatura declarar, portanto, a proposição intrínseca da unicidade e de vanguarda do ajuntamento dos universos teóricos, até então estanques, agora evolvidos. A postura foi propor um termo que definisse a perspectiva documental da CI, do reconhecimento e da identificação de grafismos efetuados sobre a pele humana, com possibilidades de virtualização em um sistema taxonomicamente projetado.

A taturecognografia tem como finalidade descrever, comparar e confrontar a tatuagem enquanto documento de identificação humana. Conceitualmente, a palavra tem origem em termos em latim que trazem os conceitos de cognição, como “*re*cono”, e “*gr*afia”, que remete a imagem, desenho. Desse modo, associam-se três palavras em português — “tatuagem”, “reconhecimento” e “grafia” — para se formar “taturecognografia”. Com efeito, uma palavra que traz o entendimento para a descrição do reconhecimento da imagem em pele humana. Ainda detalhando o termo, ao considerar o prefixo de cada palavra para a formação da nova terminologia, busca-se compreender etimologicamente cada uma delas. “Tatu” é

derivada da palavra “tatuagem”, traduzida do inglês *tattoo*, e tem como objetivo dar referência ao objeto a partir do objetivo pretendido. Como visto, a prática da tatuagem torna-se conhecida e popularizada nas Ilhas Polinésias, e o nome dado à prática de tatuar foi conforme o som que saía dos instrumentos ao tocar na pele (Marques, 1997, p.42). Por isso, Peres (2015) assegurava ser necessário entender que “a semântica das palavras se confunde com a prática que a determina e sua evolução histórica”.

A palavra “recono” faz alusão à palavra “reconhecer”, que, para esta pesquisa e em interpretação cotidiana, é mantida para o ato de lembrar de algo ou alguém para fins de identificação ou, devido à soma do prefixo re + conhecer, conhecer novamente. “Cogno”, em uma tradução literal do latim para o português, remete à “cognição”, palavra relacionada ao conhecimento. O desenvolvimento do termo adquire forma, finalizando com a terminologia “grafia” por estar relacionado à escrita, “algo registrado, escrito ou representado de maneira específica, ou sobre assunto específico: campo de estudo” (Santos Filho, 2014, p.95).

O neologismo criado a partir de palavras já existentes converge diretamente para a pretensão deste trabalho: construir um sistema taxonômico com base na tatuagem. Por isso, taturrecognografia é um sistema que descreve e classifica ordenadamente a tatuagem enquanto documento de identificação humana. Desse modo, os dados sistematizados garantirão a recuperação da informação e, por conseguinte, a compreensão teórica do registro da imagem na pele, observando aspectos cronológicos, sociais e tecnológicos. Doravante, a taturrecognografia será tratada como um achado teórico construído e validado e, a partir deste momento, será grafada como TTRCG.

6.1 Construção taxonômica

O conhecimento humano é regido pela classificação e ordenamento. Na sua construção e na sua difusão, é um axioma elementar do processo de cognição humano. O indivíduo naturalmente está inserido em uma sociedade ordenada e classificada. O conhecimento sobre o ordenamento e a classificação dos seres vivos remonta a um período anterior a Aristóteles (Prestes, Oliveira e Jensen, 2009), que, inclusive, é mencionado por estudiosos das ciências biológicas como um dos que iniciaram os estudos taxonômicos (Klepka & Corazza, 2018).

A necessidade puramente humana, a classificação e a ordenação biológica de plantas e pessoas têm historicamente o seu estudo inicial desenvolvido por Carl von Linné que, a partir de estudos anteriores, estabelece novo método para a classificação botânica. Conforme os

autores Prestes, Oliveira e Jensen (2009, p. 106), a proposta de Linné tem três componentes importantes:

O seu empreendimento foi maior do que a classificação propriamente dita. A contribuição de Lineu é melhor dimensionada se entendermos que ele reuniu, ao sistema de classificação, uma sistemática de descrição e uma normatização para a nomeação das espécies e gêneros. Com suas definições e terminologia próprias, vertidas numa descrição telegráfica, o conjunto permitia um sub-produto útil, o de permitir a rápida identificação de espécies.

Tais componentes, a classificação, a descrição e a nomeação são temas presentes nas pesquisas desenvolvidas na CI, e em suas subáreas, arquivologia e biblioteconomia. São itens basilares para a construção de um sistema taxonômico porque a sua estrutura permitirá uma melhor robustez na alimentação e recuperação dos dados informacionais. Por isso, Campos e Gomes (2007) reconhecem a taxonomia como ciência das leis da classificação de formas vivas, mas em outros ambientes como dos sistemas de classificação, das ontologias, da inteligência artificial, a taxonomia é compreendida como classificação de elementos de variada natureza.

Vital e Café (2011) também concordam que o uso da taxonomia foi feito primeiro nas ciências biológicas e, de acordo com as pesquisas realizadas pelas autoras, estudiosos afirmam que o uso nos ambientes digitais está relacionado com as formas automatizadas de organização da informação, tornando-se tema de estudo da CI. Ainda assim, Santos (2018) assevera que, independentemente do ambiente, físico ou digital, a taxonomia é empregada na organização e na representação categórica da informação.

A taxonomia é então uma classificação sistemática de um domínio. Para Vital e Café (2011, p. 123), a organização da informação utiliza a relação hierárquica, partindo da mais genérica para a mais específica, e, ao visar a recuperação eficaz da informação, estabelece parâmetros em todo o ciclo de produção da informação. Sendo assim, a taxonomia integra um sistema de organização de informação estruturado por meio de um esforço lógico.

É observado que a construção de uma taxonomia tem relação com o indivíduo e o conhecimento que ele possui de si e do mundo. Isso porque ele projeta a inter-relação de termos/conceitos em categorias acerca de um domínio, com vistas a manter similaridade para o qual é destinado. Assim, a TTRCG é pensada a partir de modelos taxonômicos de dois fenômenos, o corpo e a imagem.

A construção da TTRCG visa, em determinado momento, organizar e classificar a manifestação da imagem no corpo humano e daí construir um sistema e processo de identificação e documentação.

Por definição desta pesquisa, o documento utilizado para alimentar a base de dados da TTRCG, a tatuagem, fornece informações suficientes do seu suporte e da sua imagem para o seu ordenamento, pois evidencia dados observáveis, mensuráveis e descritivos como localização corporal, cor e tamanho, por exemplo. Em vista disso, a TTRCG permitirá que o documento alimente, gere e recupere a informação por meio da percepção ou (re)conhecimento, acessando a base de dados taxonomizada.

As escolhas das categorias e sua hierarquização foram deliberadas a partir da experimentação realizada no Laboratório de Biometria e Imagem (LBI), do grupo de pesquisa Arte, Design e Tecnologia, do Departamento de Ciências Exatas e da Terra da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Durante a experimentação, foram discutidos os pontos que deveriam ser considerados para a classificação, quais categorias deveriam ser priorizadas e a ordem de classificação mais indicada. As considerações desencadearam na determinação primeira da tupla²⁰ com o corpo humano como elemento principal na construção da taxonomia.

A pele, o maior órgão do corpo humano, é o por consequência um extenso suporte para o registro documental da tatuagem, fazendo com que a complexidade de sua manifestação e natureza sejam de uma diversidade imensurável e, desse modo, prestando-se a ser única em cada indivíduo. É por causa da sua extensão que há a possibilidade de ser feita em qualquer lugar do corpo, até mesmo em regiões consideradas para este trabalho como insólitas, como a região interna dos olhos, dos lábios, das genitálias e do ânus.

O corpo, como princípio elementar da classificação, tende a responder com mais celeridade ao planejamento taxonômico, pois, por meio do interesse do usuário, o registro de uma imagem em pele humana requer exatidão na sua localização. Ainda no planejamento da taxonomia, em determinado momento, a experimentação sistemática se deu por imagens coletadas na internet, observando as implicações das relações por meio das classes e subclasses e sendo ajustada a fim de obter uma melhor resposta. Tal ação confirma o posicionamento de Campos e Gomes (2007) sobre os termos de uma taxonomia se apresentarem de forma lógica (classes, subclasses, sub-sub-classes) e em níveis de

²⁰ Sequência ordenada de elementos, que será explicada mais adiante.

especificidade necessários para agregar informação sobre os documentos existentes na base de dados.

Considerando ser um sistema aberto, porque deve ser alimentado continuamente e em função da miríade de imagens possíveis em uma tatuagem, o experimento permitiu a construção de uma metodologia sistematizada e fundamentada, obtendo-se a carta taturecognográfica.

6.2 Carta taturecognográfica

Dentre os produtos que foram gerados pela modelagem taxonômica, temos a carta taturecognográfica, a partir de então CTTRCG, um documento que descreve as possibilidades de formação da tupla taturecognográfica. Um método que classifique, descreva, mensure e sistematize a tatuagem tornou-se possível em função da classificação dos dados que servem para um protocolo inicial de registro e identificação. Tal metodologia contempla a região corporal e a imagem em um protocolo denominado CTTRCG. O corpo humano é utilizado como padrão e contempla todas as regiões mensuráveis capazes de gerar a identificação da pessoa a partir da localização da imagem.

O corpo foi dividido por região corporal: cabeça, tronco, membro superior, membro inferior e insólita. Essa taxonomia gera classificação e subclassificação dos atributos das localizações das tatuagens. Assim, a região da cabeça é composta pela face anterior, posterior, o pescoço e as orelhas. O tronco compreende o tórax e o abdômen. Os membros superiores envolvem os braços, os antebraços, os ombros e as mãos. Os membros inferiores são compostos pelo quadril, coxas, pernas e pés. E a região insólita são aquelas possíveis de ter uma tatuagem, mas de difícil acesso como parte interna dos lábios, olhos e genitálias.

A carta é o percurso inicial porque tem o propósito de relacionar a tatuagem ao indivíduo e constará de todas as classificações exteriores do corpo humano. Por isso, a CTTRCG servirá de conformação fundamental de uma análise descritiva e classificatória. Como sinalizado, um padrão corporal utilizado pela medicina legal foi indispensável para localização corporal e construção da taxonomia para possíveis áreas a serem tatuadas.

Desse modo, a estrutura corpórea dividida por região (cabeça, tronco, membro superior, membro inferior e insólita) facultou o seu detalhamento para obtenção de um conjunto de linhas e colunas definidas que servem de base para identificar a localização, quantificação, e qualificação da tatuagem, estabelecida com numeração específica de acordo

com o esquema de lesões de França (2017), apresentado nas figuras das páginas 92 a 101 e nas tabelas de 1 a 5.

Tabela 1 - Detalhamento da região da cabeça

CABEÇA			
FACE ANTERIOR	FACE POSTERIOR	FACE LATERAL	PAVILHÃO AURICULAR (orelha)
1 Frontal	1 Parietal	1 Frontal	1 Hélix
2 Parietal	2 Occipital	2 Parietal	2 Antélix
3 Occipital	3 Temporal	3 Occipital	3 Concha auricular
4 Temporal	4 Posterior do pescoço (nuca)	4 Temporal	4 Antetrágus
5 Nasal		5 Nasal	5 Lóbulo
6 Oral		6 Oral	6 Meato acústico externo
7 Mentoniana (do mento)		7 Mentoniana (do mento)	7 Trágus
8 Orbital		8 Orbital	8 Fossa triangular
9 Intraorbital		9 Intraorbital	
10 Bucal (da bochecha)		10 Bucal (da bochecha)	
11 Zigomática		11 Zigomática	
12 Parotídeomasseterica		12 Parotídeomasseterica	
13 Região anterior do pescoço		13 Região anterior do pescoço	
14 Esternocleidomastóidea		14 Esternocleidomastóidea	
15 Fossa supraclavicular menor		15 Fossa supraclavicular menor	
16 Região lateral do pescoço		16 Região lateral do pescoço	
17 Fossa supraclavicular maior (trigono omoclavicular)		17 Fossa supraclavicular maior (trigono omoclavicular)	
18 Região posterior do pescoço		18 Região posterior do pescoço	

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Tabela 2 - Detalhamento da região do tronco

TRONCO			
FACE ANTERIOR - ABDÔMEN	FACE POSTERIOR - TÓRAX	FACE LATERAL - ABDÔMEN	FACE LATERAL - TÓRAX
1 Intraclavicular	5 Vertebral	34 Intraclavicular	17 Escapular
2 Mamária	6 Escapular	35 Mamária	60 Região ingraescapular
3 Hipocôndrica	7 Infraescapular	36 Hipocôndrica (esquerda)	61 Região lombar
4 Epigástrica	8 Lombar	37 Epigástrica	
5 Lateral do abdômen	9 Lateral do abdome	38 Lateral do abdome	
6 Umbilical	10 Sacral	39 Umbilical	
7 Inguinal		40 Inguinal	
8 Púbica		41 Púbica	

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Tabela 3 - Detalhamento da região do membro superior

MEMBRO SUPERIOR					
FACE ANTERIOR	FACE POSTERIOR	FACE LATERAL	FACE LATERAL ABERTA	PALMA DA MÃO	DORSO DA MÃO
17 Deltóidea	21 Deltóidea	18 Deltóidea	18 Deltóidea	1 Tenar	1 Dorso da mão
18 Terço proximal – região anterior do braço	22 Terço proximal – região posterior do braço	19 Terço proximal – região posterior do braço	19 Terço proximal – região posterior do braço	2 Palmar média	2 Face dorsal da falange proximal
19 Terço médio – região anterior do braço	23 Terço médio – região posterior do braço	20 Terço médio – região posterior do braço	20 Terço médio – região posterior do braço	3 Hipotenar	3 Face dorsal da falange média
20 Terço distal - região anterior do braço	24 Terço distal – região posterior do braço	21 Terço distal – região posterior do braço	22 Terço proximal – região anterior do braço	4 Face palmar da falange proximal	4 Face dorsal da falange distal
21 Anterior do cotovelo	25 Posterior do cotovelo	22 Terço proximal – região anterior do braço	23 Terço médio – região anterior do braço	5 Face palmar da falange média	
22 Terço proximal – região anterior do antebraço	26 Terço proximal – região posterior do antebraço	23 Terço médio – região anterior do braço	59 Região axilar	6 Face palmar da falange distal	
23 Terço médio – região anterior do antebraço	27 Terço média - região posterior do antebraço	24 Terço distal - região anterior do braço			
24 Terço distal - região anterior do antebraço	28 Terço distal - região posterior do antebraço	25 Região posterior do cotovelo			
25 Palma da mão	29 Dorso da mão e dedos	26 Região anterior do cotovelo			
		27 Terço proximal – região posterior do antebraço			
		28 Terço média - região posterior do antebraço			
		29 Terço distal - região posterior do antebraço			
		30 Terço proximal – região anterior do braço			
		31 Terço médio – região anterior do braço			
		32 Terço distal - região anterior do braço			
		33 Dorso da mão			

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Tabela 4 - Detalhamento da região do membro inferior

MEMBRO INFERIOR		
FACE ANTERIOR	FACE POSTERIOR	FACE LATERAL
9 Terço proximal – região anterior da coxa	11 Glútea	42 Glútea
10 Terço médio – região anterior da coxa	12 Terço proximal – região posterior da coxa	43 Terço proximal – região posterior da coxa
11 Terço distal - região anterior da coxa	13 Terço médio - região posterior da coxa	44terço médio - região posterior da coxa
12 Anterior do joelho	14 Terço distal - região posterior da coxa	45 Terço distal - região posterior da coxa
13 Terço proximal - região anterior da perna	15 Posterior do joelho (fossa poplítea)	46 Terço proximal – região anterior da coxa
14 Terço médio - região anterior da perna	16 Terço proximal – região posterior da perna	47 Terço médio – região anterior da coxa
15 Terço distal - região anterior da perna	17 Terço médio - região posterior da perna	48 Terço distal - região anterior da coxa
16 Dorso do pé	18 Terço distal – região posterior da perna	49 Posterior do joelho
	19 Calcanear	50 Anterior do joelho
	20 Dorso do pé	51 Terço proximal – região posterior da perna
		52 Terço médio – região posterior da perna
		53 Terço distal – região posterior da perna
		54 Terço proximal – região anterior da perna
		55 Terço médio - região anterior da perna
		56 Terço distal - região anterior da perna
		57 Calcanear
		58 Dorso do pé
		52 Terço médio – região posterior da perna

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Tabela 5 - Detalhamento da região insólita

INSÓLITA
1 Lábios - internos da boca
2 Interno das pálpebras
3 Genitálias
4 Sola dos pés
5 Anal

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Observa-se que as áreas identificáveis do corpo humano facilitam a sua mensuração e possibilitam a observação, a construção, a classificação e a análise da tatuagem para fins de identificação humana.

Essas áreas são basilares para localização e descrição da tatuagem e, por listarem toda a exterioridade do corpo humano e alimentarem a informações coletadas em um banco de dados sistematizado, a carta faz parte do sistema da TTRCG.

Então a classificação primária são as cinco regiões do corpo humano, devendo informar na subclassificação primária se a tatuagem está localizada na face anterior (frente) ou posterior (atrás) ou ainda do lado esquerdo ou direito do corpo. O campo “extensão” tem relação com o espaço preenchido pela imagem, ou seja, a mancha gráfica é a quantidade de pele entintada com a imagem e foi arbitrada com uma variação de 0 a 100% de uma região e é de caráter relativo. Para uma tatuagem que cobrisse toda as costas, por exemplo, seria designada a ‘Extensão – 3 61-100%’ da tabela 6. Desse modo, a tabela 6 apresenta o esquema taxonômico do corpo humano para a TTRCG:

Tabela 6 - Esquema taxonômico para a Taturrecognografia – Corpo humano

CORPO HUMANO							
CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA		SUBCLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA - CLASSIFICAÇÃO DAS PARTES PRIMÁRIA				
	FACE / LADO	EXTENSÃO	1 CABEÇA	2 TRONCO	3 MEMBRO SUPERIOR	4 MEMBRO INFERIOR	5 INSÓLITA
1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %					
2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%					
3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%					
4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo						
5 INSÓLITA	5 Total						

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Ao registrar as informações da classificação e subclassificação primária, será possível a inserção do local exato da tatuagem de acordo com o detalhamento da região corporal especificada na classificação primária e conforme as tabelas 1, 2, 3, 4 e 5.

A classificação secundária da imagem possui campos relativos à sua coloração. Se for uma imagem colorida, ela é classificada como policrômica; se a imagem possui apenas uma cor ela é monocrômica; *outline* é a classificação para imagens registradas apenas pelo contorno; e preto e branco, caso a imagem possua apenas essas duas cores.

Dentro da CTTRCG, existem campos exclusivamente relativos ao grafismo, a efetiva tatuagem. A imagem, por ser uma manifestação complexa pode *a priori* ser de difícil mensuração e classificação. Dessa forma, existe uma abordagem particular para a consecução taxonômica, o processo iconográfico de Panofsky. O primeiro passo a fazer, de acordo com a subclassificação primária, o pré-iconográfico, é uma descrição elementar e fruto da percepção natural. O nível iconográfico da subclassificação primária é um conhecimento além da identificação das formas puras, ou seja, uma informação contextualizada.

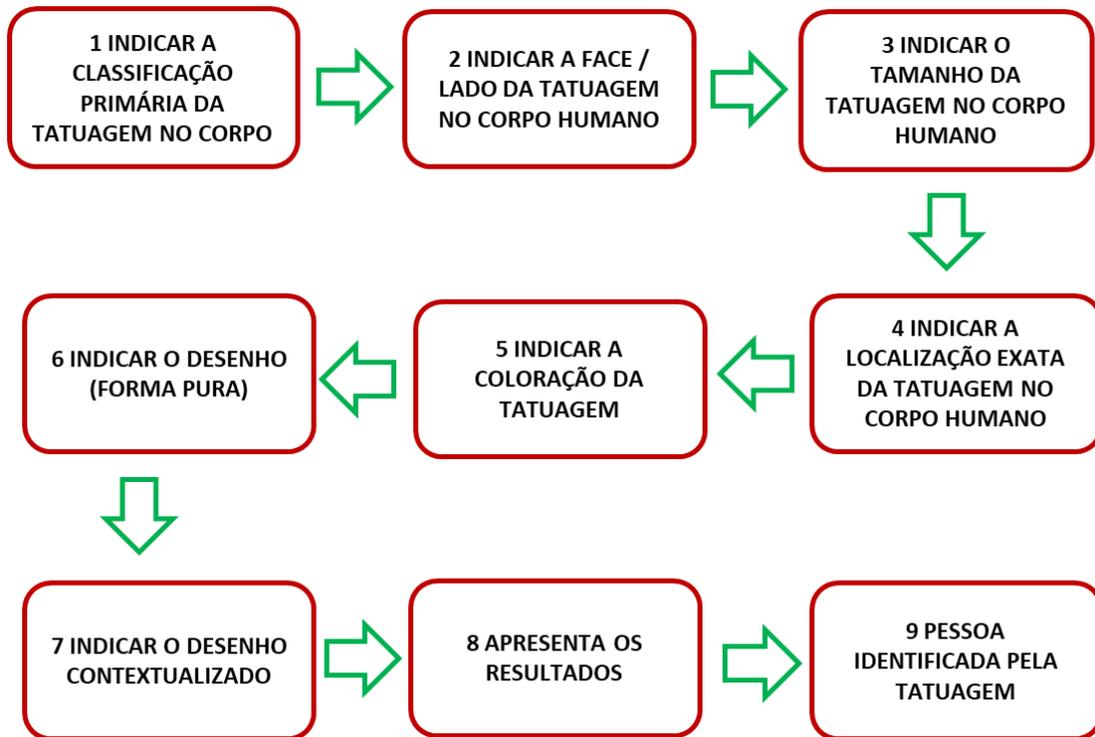
Tabela 7 - Esquema taxonômico para a Taturecognografia – Imagem

IMAGEM		
CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
	PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
1 POLICRÔMICA		
2 MONOCRÔMICA		
3 OUTLINE		
4 PRETO & BRANCO		

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Desse modo, a criação do modelo do sistema TTRCG se constitui a partir da classificação da imagem e tem início com a descrição imagética a partir da sua tipologia iconográfica, gerada e descrita no modelo taxonômico demonstrado na tabela 7. Segue abaixo, figura 17, fluxograma linear demonstrando o funcionamento processual do sistema, com vistas a ilustrar as etapas a serem seguidas e que orientam para a identificação de um indivíduo a partir da tatuagem. Observa-se que as etapas de 1 a 7 são os artefatos de entrada, as informações da tatuagem. E as etapas 8 e 9 indicam os artefatos de saída, as tatuagens e seus respectivos indivíduos:

Figura 17 - Instrução básica de operação do sistema taturrecognográfico



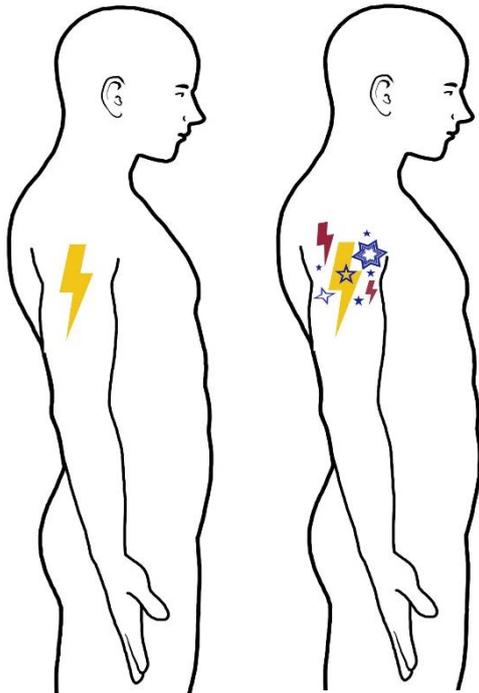
Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

A priori, e com intenção de dinamizar e potencializar o processo, observa-se que essas etapas podem vir a sofrer alterações diante das experimentações das tatuagens analisadas.

Admitindo uma imagem ser infinita na possibilidade de criações e podendo ser manipulada, no sentido de agregar novos elementos, a cobertura de uma imagem existente, ou até mesmo a remoção da tatuagem, observou-se ser necessário, a existência de uma Tabela de Transfiguração Taturrecognográfica (TabTTRCG).

A TabTTRCG é um campo para informar a modificação ou remoção, intencional ou não, de uma tatuagem existente em determinada localização corporal. Desse modo, impede a inserção de novos dados no mesmo campo de uma tatuagem já cadastrada e também não impõe limites de dados na classificação secundária da tatuagem.

Figura 18 - Modelo de transfiguração



Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Tabela 8 - Transfiguração taturecognográfica

TRANSFIGURAÇÃO								
CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA - CLASSIFICAÇÃO DAS PARTES PRIMÁRIA					CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
	1 CABEÇA E PESCOÇO	2 TRONCO	3 MEMBRO SUPERIOR	4 MEMBRO INFERIOR	5 INSÓLITA		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
1 CABEÇA E PESCOÇO						1 POLICRÔMICA		
2 TRONCO						2 MONOCRÔMICA		
3 MEMBRO SUPERIOR						3 OUTLINE		
4 MEMBRO INFERIOR						4 PRETO & BRANCO		
5 INSÓLITA								

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

De acordo com a figura 18, a tabela 8 da TabTTRCG permitirá a inclusão de novos dados sobre a mesma tatuagem em área previamente localizada, em uma constante atualização sistêmica.

Estabelecer o corpo humano tornou o primeiro padrão para evitar falhas, pois, com as áreas corporais especificadas, as mensurações serão precisas ao gerar a tatuagem descrita por meio das regiões corporais. Por isso, a CTTRCG apresenta atributos de observação e análise para a sistematização do corpo e da imagem para fins de reconhecimento.

Ainda, mesmo em estágio experimental, foi determinado que o sistema deveria ser aberto por alimentar e retroalimentar a carta com novos dados, de modo contínuo a partir da

identificação civil ou criminal, em ambientes que tenham tal finalidade como os institutos de identificação. A alimentação dos novos dados pode ser sobre uma tatuagem em uma nova área corporal ou da complementação de uma imagem já registrada, a partir da tabela de transfiguração.

A observação constante da manifestação da tatuagem auxiliou nas escolhas e conclusões de pesquisa no tocante ao desenvolvimento da taxonomia, os atributos e as relações. Esse estabelecimento, fruto da escrita de artigos e da construção experimental do banco de dados no LBI, fundamentou e gerou toda a pesquisa até então apresentada.

A consistência sistêmica se faz com o processo de busca, por meio de dados taturrecognográfico com números reduzidos de pessoas para as buscas reportadas em função dos dados lançados. Assim, o sistema é composto das tuplas taturrecognográfico da CTTRCG, sendo o registro alfanumérico da taxonomia da localização da tatuagem na região corporal e o conjunto de tuplas da imagem, desencadeando na tatuagem do indivíduo e resultando na fórmula Taturrecognográfica.

6.3 Fórmula taturrecognográfica

A fórmula taturrecognográfica, agora denominada FTTRCGF, é constituída por uma classificação das regiões corporais e das características da imagem em termos ordenados. Cada termo é a representação de cada atributo que recebe dados qualitativos e quantitativos que facilitarão o reconhecimento e a identificação do indivíduo.

A fórmula apresenta a classificação primária, secundária e suas respectivas subclassificações de acordo com cada elemento da tatuagem. A classificação dos dados se inicia com a observação visual e a subclassificação é o detalhamento da classificação com dados precisos que visem alcançar a fórmula FTTRCGF.

A fórmula consta de apenas um atributo biométrico classificatório, a tatuagem. O atributo citado será classificado a partir da macrorregião (MR) do corpo humano. A classificação primária é de acordo com a localização da tatuagem e será classificada, assim como as subclassificações, de acordo com as suas especificações, conforme face/lado, extensão e região. De tal modo, a secundária será a coloração da imagem e pelos níveis panofskianos.

Ao estabelecer padrões construtivos com valores qualitativos e quantitativos (alfanuméricos) que permitem mensurar a representação de um agente exógeno de um

indivíduo, por meio de característica visível e verificável, a FTTRCGF é dada por meio de uma tupla.

A tupla é uma sequência ordenada de dados em uma relação por características particulares. Caldeira (2004) explica que uma relação é representada por um conjunto de objetos de um tipo particular e que os objetos que fazem parte da relação são elementos que obedecem às propriedades dessa relação, por isso os elementos da relação se designam por tuplas.

A tupla possui caráter matemático e é utilizada no âmbito das Tecnologias de Informação e Comunicação, propriamente nas criações de banco de dados. Ao explicar a Programação Funcional com a Linguagem Haskell, Du Bois (s/a) explica que a tupla é a agregação de um ou mais componentes de diferentes tipos.

Santos Filho (2014, p.113), ao alertar que a tupla não é um simples conjunto de dados para não gerar erros significativos na modelagem do conhecimento, adverte existir diferenças no conceito e na aplicação:

Em primeiro lugar, na tupla é um objeto e pode conter outros objetos e ainda, os objetos são apresentados dentro de uma ordem estabelecida. Ambas características são imprescindíveis para otimização da funcionalidade taxonômica estabelecida, quando da modelagem do conhecimento, características que não são observadas obrigatoriamente nos conjuntos como regra.

Como a estrutura taxonômica é hierárquica, o banco de dados é estruturado de modo que seus dados sejam relacionáveis dentro de uma tabela formada por colunas e linhas, na qual a tupla é o resultado dessas linhas. De acordo com Gersting (1995, p.168), um banco de dados é:

Um depósito de informações relacionadas a um determinado negócio. Para projetar um banco de dados útil e eficiente é necessário modelar o negócio. Um modelo conceitual procura capturar os recursos e mecanismos importantes do negócio. É necessária uma considerável interação com pessoas que tenham familiaridade com os negócios a fim de obter todas as informações necessárias para formular o modelo.

Por isso, a organização do processo para formular o banco de dados com um conjunto de tabelas por meio de colunas e linhas é o Modelo Relacional de banco de dados introduzido por Edgar Frank Codd (1970), baseado na teoria dos conjuntos. Sobre isso, Vicente (2020, p.23) explica:

Uma Relação é o principal elemento do modelo relacional. Esta consiste em uma instância de relação — tabela e um esquema de relação — cabeçalhos de coluna da

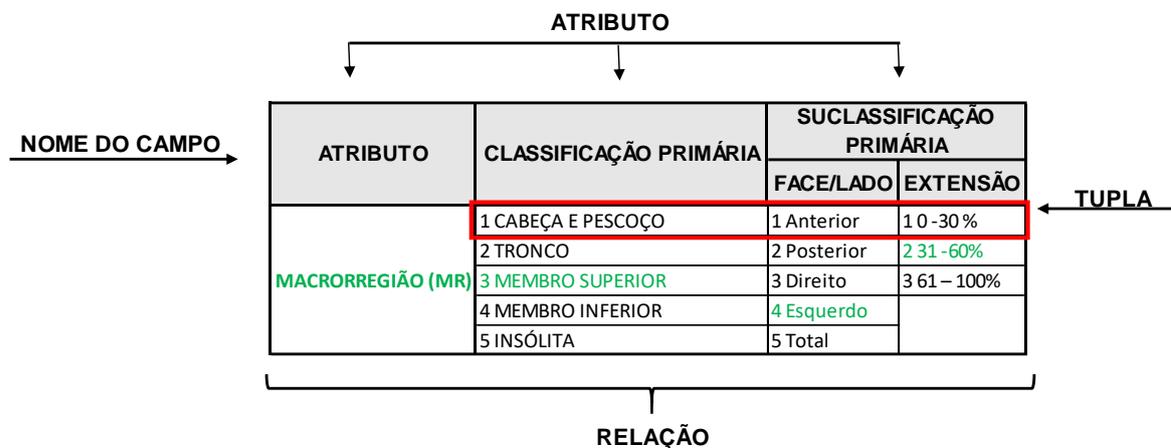
tabela. Seguindo a denominação formal do modelo relacional, uma relação corresponde a uma tabela, uma tupla corresponde a uma linha da tabela, um atributo corresponde a um cabeçalho da coluna da tabela. O domínio dos valores representa o tipo de dado que descreve os valores que podem aparecer em cada coluna.

Assim, nesta investigação, a tupla compreende o resultado da organização da informação e a recuperação de uma busca. Além do mais, as tabelas apresentadas, pertinentes aos esquemas taxinômicos do corpo humano e da imagem, se estruturam em um banco de dados de acordo com o Modelo Relacional, observando os domínios, as relações e os atributos.

Desse modo, esta é uma pesquisa com abordagem teórica com tendência pragmática guiada pela reflexão, flexibilidade e criatividade para superar os possíveis obstáculos. Com isso, o método demonstra o percurso trilhado para alcance da teoria. A adoção do Modelo Relacional se deu durante a experimentação no LBI. Visando uma metodologia que armazene e organize a informação para ter uma recuperação mais acessível, foi estabelecido colunas com dados fixos e ajustáveis por sinônimos. As colunas que permitem adaptação de dados são referentes à imagem, nos níveis pré-iconográfico e iconográfico. É sabido que um mesmo objeto pode aparecer repetidas vezes e, para manter a estrutura da organização das informações registradas, é preciso eliminar termos redundantes para possibilitar um melhor acesso aos dados. Assim, o controle dos dados é garantido pela otimização e flexibilidade sistêmica em excluir dados repetidos e inserir ou atualizar novos dados.

Por isso, o método da TFD se faz presente nesta tese por amparar as diversas realidades a partir dos mais variados temas e perspectivas. A descrição de dados é um modelo porque as tabelas que contemplam os esquemas taturrecognográfico do corpo e da imagem são organizadas e se relacionam entre si para representar a informação, conforme figura 19. Com isso, as *colunas* são os atributos e cada atributo possui um domínio ou tipo de dado associado. E a *tupla*, por possuir um componente de cada atributo da relação (classificação primária, subclassificação primária e secundária, mas a classificação secundária e a subclassificação secundária) é a *fórmula da TTRCG*, constituída de dados quantitativos e qualitativos separados por barras e, quando no mesmo domínio, por vírgulas.

Figura 19 - Modelo relacional da fórmula taturrecognográfica



Fonte: Adaptado de Santos Filho (2014).

Com a demonstração da tabela apresentada acima, é percebido que os níveis taxonômicos das informações conferem o burilamento dos dados. A tupla é a sequência de uma linha, de modo crescente (da esquerda para a direita), obedecendo a aparição de cada dado, na qual a Macrorregião (MR) é o atributo principal, seguido pela classificação primária e a subclassificação. Como ilustração, em relação aos dados em verde da figura acima, teríamos para a tupla “MR” a sequência 3 / 4 / 2.

A fórmula, conforme a tatuagem a ser classificada ou recuperada, apresenta os dados coletados por meio da carta de modo sistematizado, na qual a manifestação tatuada é parametrizada em classificações e subclassificações na taxonomia construída. Os atributos devem seguir a ordem apresentada de acordo com a tabela dos esquemas taturrecognográficos, iniciando pelo corpo até alcançar a imagem para que cada domínio do atributo seja objeto particularizador na carta.

Os estudos da informação promovidos pela CI, seja na área de descrição, seja na representação e recuperação da informação, também colaboram com a implementação de um banco de dados. Sendo assim, por meio de simulações, demonstraremos a carta em sua totalidade. Como é a sua construção após a análise de diferentes tatuagens em áreas corporais distintas e específicas e com diversos contextos imagéticos. Ou seja, a montagem total da carta.

Primeiramente, apresentaremos as tabelas referentes ao Esquema Taturrecognográfico, que contempla a classificação da tatuagem em relação ao corpo, assim, a classificação primária, subclassificação primária e secundária (essa última com todas as regiões corporais).

A segunda tabela é referente à imagem, classificação secundária. A subclassificação primária é alimentada à medida que é preenchida com os dados das tatuagens analisadas.

As tatuagens apresentadas foram coletadas do banco de imagens Pixabay, um *site* de compartilhamento de imagens, ilustrações, fotos e vídeos isentos de *royalties*, ou seja, livre de direitos autorais²¹. Por isso, a escolha em fazer uso das imagens disponibilizadas pelo Pixabay, pois elas têm certificação Creative Commons 0 – CC0²², isentando a autoridade do *Copyright*.

²¹ What is Pixabay?

Pixabay is a vibrant community of creatives, sharing royalty-free HD photos and stock images, new illustration vectors, high-quality videos, popular animated GIFs and best audio music that are free to download. All contents are released under the Pixabay License, which makes them safe to use without attribution - even for commercial purposes. <https://pixabay.com/pt/service/faq/>

²² Simplified Pixabay License

Our license empowers creators and protects our community. We want to keep it as simple as possible. Here is an overview of what Pixabay content can and can't be used for.

What is allowed?

✓All content (e.g. images, videos, music) on Pixabay can be used for free for commercial and noncommercial use across print and digital, except in the cases mentioned in "What is not allowed".

✓Attribution is not required. Giving credit to the artist or Pixabay is not necessary but is always appreciated by our community.

You can make modifications to content from Pixabay.

What is not allowed?

This section only applies to media users and not to the appropriate artists.

✗Don't redistribute or sell Pixabay content on other stock or wallpaper platforms.

✗Don't sell unaltered copies of content, e.g. don't sell an exact copy of a stock photo as a poster, print or on a physical product.

✗Don't portray identifiable people in a bad light or in a way that is offensive.

✗Don't use content with identifiable persons or brands to create a misleading association with a product or service.

Tabela 9 - Esquema taxonômico da Taturecognografia

CORPO HUMANO						
CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA		SUBCLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA - CLASSIFICAÇÃO DAS PARTES PRIMÁRIA			
	FACE / LADO	EXTENSÃO	1 CABEÇA E PESCOÇO FACE ANTERIOR	1 CABEÇA E PESCOÇO FACE POSTERIOR	1 CABEÇA E PESCOÇO FACE LATERAL	1 CABEÇA E PESCOÇO PAVILHÃO AURICULAR (orelha)
1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	10 -30 %	1 Frontal	1 Parietal	1 Frontal	1 Hélix
2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	2 Parietal	2 Occipital	2 Parietal	2 Antélix
3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	3 Occipital	3 Temporal	3 Occipital	3 Concha auricular
4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		4 Temporal	4 Posterior do pescoço (nuca)	4 Temporal	4 Antetráguas
5 INSÓLITA	5 Total		5 Nasal		5 Nasal	5 Lóbulo
			6 Oral		6 Oral	6 Meato acústico externo
			7 Mentoniana (do mento)		7 Mentoniana (do mento)	7 Tráguas
			8 Orbital		8 Orbital	8 Fossa triangular
			9 Intraorbital		9 Intraorbital	
			10 Bucal (da bochecha)		10 Bucal (da bochecha)	
			11 Zigomática		11 Zigomática	
			12 Parotidomasseterica		12 Parotidomasseterica	
			13 Região anterior do pescoço		13 Região anterior do pescoço	
			14 Esternocleidomastóidea		14 Esternocleidomastóidea	
			15 Fossa supraclavicular menor		15 Fossa supraclavicular menor	
			16 Região lateral do pescoço		16 Região lateral do pescoço	
			17 Fossa supraclavicular maior (trigono omoclavicular)		17 Fossa supraclavicular maior (trigono omoclavicular)	
			18 Região posterior do		18 Região posterior do pescoço	
2 TRONCO FACE ANTERIOR - ABDÔMEN	2 TRONCO FACE POSTERIOR - TÓRAX	2 TRONCO FACE LATERAL - ABDÔMEN	2 TRONCO FACE LATERAL - TÓRAX	3 MEMBRO SUPERIOR FACE ANTERIOR	3 MEMBRO SUPERIOR FACE POSTERIOR	3 MEMBRO SUPERIOR FACE LATERAL
1 Intraclavicular	5 Vertebral	34 Intraclavicular	17 Escapular	17 Deltóidea	21 Deltóidea	18 Deltóidea
2 Mamária	6 Escapular	35 Mamária	60 Região ingraescapular	18 Terço proximal – região anterior do	22 Terço proximal – região posterior do	19 Terço proximal – região posterior do
3 Hipocôndrica	7 Infraescapular	36 Hipocôndrica (esquerda)	61 Região lombar	19 Terço médio – região anterior do	23 Terço médio – região posterior do	20 Terço médio – região posterior do
4 Epigástrica	8 Lombar	37 Epigástrica		20 Terço distal - região anterior do braço	24 Terço distal – região posterior do	21 Terço distal – região posterior do braço
5 Lateral do abdômen	9 Lateral do abdome	38 Lateral do abdome		21 Anterior do cotovelo	25 Posterior do cotovelo	22 Terço proximal – região anterior do braço
6 Umbilical	10 Sacral	39 Umbilical		22 Terço proximal – região anterior do	26 Terço proximal – região posterior do	23 Terço médio – região anterior do braço
7 Inguinal		40 Inguinal		23 Terço médio – região anterior do	27 Terço média - região posterior do	24 Terço distal - região anterior do braço
8 Púbica		41 Púbica		24 Terço distal - região anterior do antebraço	28 Terço distal - região posterior do antebraço	25 Região posterior do cotovelo
				25 Palma da mão	29 Dorso da mão e dedos	26 Região anterior do cotovelo
						27 Terço proximal – região posterior do
						28 Terço média - região posterior do antebraço
						29 Terço distal - região posterior do antebraço
						30 Terço proximal – região anterior do braço
						31 Terço médio – região anterior do braço
						32 Terço distal - região anterior do braço
						33 Dorso da mão

3 MEMBRO SUPERIOR FACE LATERAL ABERTA	3 MEMBRO SUPERIOR PALMA DA MÃO	3 MEMBRO SUPERIOR DORSO DA MÃO	4 MEMBRO INFERIOR FACE ANTERIOR	4 MEMBRO INFERIOR FACE POSTERIOR	4 MEMBRO INFERIOR FACE LATERAL	5 INSÓLITA
18 Deltóidea	1 Tenar	1 Dorso da mão	9 Terço proximal – região anterior da coxa	11 Glútea	42 Glútea	1 Lábios internos da boca
19 Terço proximal – região posterior do braço	2 Palmar média	2 Face dorsal da falange proximal	10 Terço médio – região anterior da coxa	12 Terço proximal – região posterior da coxa	43 Terço proximal – região posterior da coxa	2 Interno da pálpebras
20 Terço médio – região posterior do braço	3 Hipotenar	3 Face dorsal da falange média	11 Terço distal - região anterior da coxa	13 Terço médio - região posterior da coxa	44 Terço médio - região posterior da coxa	3 Genitálias
22 Terço proximal – região anterior do braço	4 Face palmar da falange proximal	4 Face dorsal da falange distal	12 Anterior do joelho	14 Terço distal - região posterior da coxa	45 Terço distal - região posterior da coxa	4 Sola dos pés
23 Terço médio – região anterior do braço	5 Face palmar da falange média		13 Terço proximal - região anterior da perna	15 Posterior do joelho (fossa poplíteia)	46 Terço proximal – região anterior da coxa	5 Anal
59 Região axilar	6 Face palmar da falange distal		14 Terço médio - região anterior da perna	16 Terço proximal – região posterior da perna	47 Terço médio – região anterior da coxa	
			15 Terço distal - região anterior da perna	17 Terço médio - região posterior da perna	48 Terço distal - região anterior da coxa	
			16 Dorso do pé	18 Terço distal – região posterior da perna	49 Posterior do joelho	
				19 Calcanear	50 Anterior do joelho	
				20 Dorso do pé	51 Terço proximal – região posterior da perna	
					52 Terço médio – região posterior da perna	
					53 Terço distal – região posterior da perna	
					54 Terço proximal – região anterior da perna	
					55 Terço médio - região anterior da perna	
					56 Terço distal - região anterior da perna	
					57 Calcanear	
					58 Dorso do pé	
					52 Terço médio – região posterior da perna	

IMAGEM		
CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
	PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
1 POLICRÔMICA	1 Gato	1 Estilo aquarela
2 MONOCRÔMICA	2 Casa	2 Astronomia
3 OUTLINE	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
4 PRETO & BRANCO	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 Astronauta	5 Astrologia
	6 Lua	6 Misticismo
	7 Rosa	7 Marilyn Monroe
	8 Estrela	8 Forma geométrica
	9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
	10 Olho (s)	10 Pin-up
	11 Tigre	11 Movimento negro
	12 Golfinho	12 Cultura Africana
	13 Frase	13 Tribo maori
	14 Palavra	14 Religião
	15 Carta	15 Idioma
	16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
	17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
	18 Caveira	18 Ornamentação
	19 Sol	19 Natureza
	20 Dunas	20 Meio de transporte
	21 Mandala	21 Fruta
	22 Sereia	22 Estação do ano (verão;outono; primavera; inverno)
	23 Totem	23 Animais
	24 Rosto	24 Vertebrados
	25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
	26 Coração	26 Folclore
	27 Espada	27 Política
	28 Arasbesco	28 Flora
	29 Flor	29 Diversão
	30 Pássaro	30 Fantasia
	31 Árvore	31 Herói ; heroína
	32 Letra	32 Música
	33 Traço	33 Mapa
	34 Cruz	34 Família ; maternidade ; paternidade
	35 Asas	35 Realismo
	36 Morcego	36 Modernismo

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

A tupla deve representar o registro de sete colunas, assumindo um valor nulo, se necessário. Uma pessoa que possua mais de uma tatuagem, em mais de um local no corpo, possuirá mais de uma tupla. Ou seja, para cada tatuagem, uma tupla, pois a subclassificação

secundária da classificação primária varia de acordo com a disposição corporal: face anterior, face posterior, lateral, palma da mão, dorso da mão, pavilhão auricular e insólita. Assim, após as disposições dos atributos e seus domínios na respectiva tabela 9, verifiquemos a representação dos dados na carta e na fórmula das tatuagens seguintes:

Figura 20 - Imagem de Angelina Bunker por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/tatuagem-borboleta-abstract-611048/>. Acesso: em 05 mar. 2023

Tabela 10 - Taturecognografia da figura 20

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	2 TRONCO FACE POSTERIOR - TORAX		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	5 Vertebral	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	6 Escapular	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	7 Infraescapular	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		8 Lombar	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		9 Lateral do abdome		5 Astronauta	5 Astrologia
				10 Sacral		6 Lua	6 Misticismo
				7 Rosa		7 Marilyn Monroe	
					8 Estrela	8 Forma geométrica	
					9 Mulher	9 Gótico ; sombrio	
					10 Olho (s)	10 Pin-up	
					11 Tigre	11 Movimento negro	
					12 Golfinho	12 Cultura Africana	
					13 Frase	13 Tribo maori	
					14 Palavra	14 Religião	
					15 Carta	15 Idioma	
					16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro	
					17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school	
					18 Caveira	18 Ornamentação	
					19 Sol	19 Natureza	
					20 Dunas	20 Meio de transporte	
					21 Mandala	21 Fruta	
					22 Sereia	22 Estação do ano	
					23 Totem	23 Animais	
					24 Rosto	24 Vertebrados	
					25 Peça quebra-cabeça	25 Felino	
					26 Coração	26 Folclore	
					27 Espada	27 Política	
					28 Arasbesco	28 Flora	
					29 Flor	29 Diversão	
					30 Pássaro	30 Fantasia	
					31 Árvore	31 Herói ; heroína	
					32 Letra	32 Música	
					33 Traço	33 Mapa	
					34 Cruz	34 Família	
					35 Asas	35 Realismo	
					36 Morcego	36 Modernismo	
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: 2 / 2 ; 3 / 3 / 6 / 1 / 3 / 1							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 21 - Imagem de Heinz Groth por Pixabay



Fonte:

Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/tatuagem-conven% c3% a7% c3% a3o-de-tatuagem-989145/>. Acesso: em 05 mar. 2023

Tabela 11 - Tatuarecognografia da figura 21

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	3 MEMBRO SUPERIOR FACE ANTERIOR		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	17 Deltóidea	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	18 Terço proximal – região anterior do braço	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	19 Terço médio – região anterior do braço	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		20 Terço distal - região anterior do braço	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		21 Anterior do cotovelo		5 Astronauta	5 Astrologia
				22 Terço proximal – região anterior do antebraço		6 Lua	6 Misticismo
				23 Terço médio – região anterior do antebraço		7 Rosa	7 Marilyn Monroe
				24 Terço distal - região anterior do antebraço		8 Estrela	8 Forma geométrica
				25 Palma da mão		9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
						10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golfinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tribo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 3 / 1 ; 3 / 3 / 21; 22; 23 / 1 / 9; 15; 16 / 10							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 22- Imagem de Gerhard Lipold por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/tatuagem-tatuagens-tinta-agulha-5762669/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 12 - Tatturecognografia da figura 22

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	4 MEMBRO INFERIOR FACE POSTERIOR		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	11 Glútea	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	12 Terço proximal – região posterior da coxa	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	13 Terço médio - região posterior da coxa	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		14 Terço distal - região posterior da coxa	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		15 Posterior do joelho (fossa poplítea)		5 Astronauta	5 Astrologia
				16 Terço proximal – região posterior da perna		6 Lua	6 Misticismo
				17 Terço médio - região posterior da perna		7 Rosa	7 Marilyn Monroe
				18 Terço distal – região posterior da perna		8 Estrela	8 Forma geométrica
				19 Calcanear		9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
				20 Dorso do pé		10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golfinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tribo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 4 / 2; 5 / 3 / 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18 / 2 / 9; 19; 21; 22; 23 / 11; 12							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 23 - Imagem de Herco Roelofs por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/tatuagem-maori-voltar-631213/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 13 - Taturecognografia da figura 23

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	2 TRONCO FACE POSTERIOR - TÓRAX		PRÉ-ICONGRÁFICA	ICONGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	5 Vertebral	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	6 Escapular	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	7 Infraescapular	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		8 Lombar	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		9 Lateral do abdome		5 Astronauta	5 Astrologia
				10 Sacral		6 Lua	6 Misticismo
						7 Rosa	7 Marilyn Monroe
						8 Estrela	8 Forma geométrica
						9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
						10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golfinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tribo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 2 / 2 ; 4 / 3 / 6 / 2 / 4 ; 24 / 13							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 24 - Imagem de Ralfy Horsepool por Pixabay



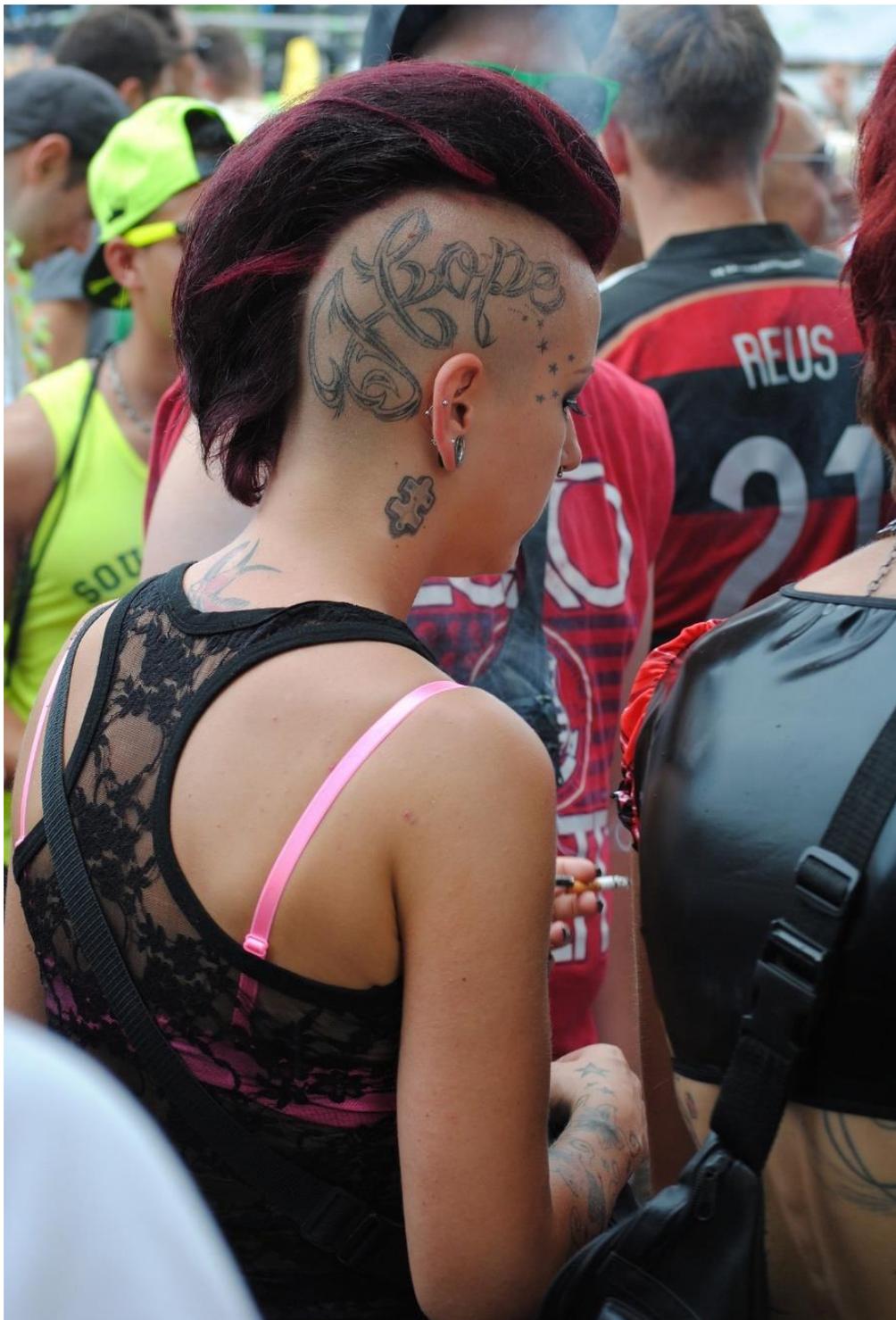
Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/tatuagem-rosto-homem-projeto-728314/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 14 - Taturecognografia da figura 24

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	1 CABEÇA E PESCOÇO FACE ANTERIOR		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	1 Frontal	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	2 Parietal	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	3 Occipital	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		4 Temporal	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		5 Nasal		5 Astronauta	5 Astrologia
				6 Oral		6 Lua	6 Misticismo
				7 Mentoniana (do mento)		7 Rosa	7 Marilyn Monroe
				8 Orbital		8 Estrela	8 Forma geométrica
				9 Intraorbital		9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
				10 Bucal (da bochecha)		10 Olho (s)	10 Pin-up
				11 Zigomática		11 Tigre	11 Movimento negro
				12 Parotidomasseterica		12 Golinho	12 Cultura Africana
				13 Região anterior do pescoço		13 Frase	13 Tribo maori
				14 Esternocleidomastóidea		14 Palavra	14 Religião
				15 Fossa supraclavicular menor		15 Carta	15 Idioma
				16 Região lateral do pescoço		16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
				17 Fossa supraclavicular maior (trigono omoclavicular)		17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
				18 Região posterior do pescoço		18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 1 / 1 ; 4 / 2 / 8 ; 9 ; 10 / 2 / 17 / 8 ; 14							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 25 - Imagem de Walti Göhner por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/punk-desfile-de-rua-zurique-cabe%c3%a7a-441704/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 15 - Tatuarecognografia da figura 25

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	1 CABEÇA E PESCOÇO FACE LATERAL		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	1 Frontal	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	2 Parietal	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	3 Occipital	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		4 Temporal	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		5 Nasal		5 Astronauta	5 Astrologia
				6 Oral		6 Lua	6 Misticismo
				7 Mentoniana (do mento)		7 Rosa	7 Marilyn Monroe
				8 Orbital		8 Estrela	8 Forma geométrica
				9 Intraorbital		9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
				10 Bucal (da bochecha)		10 Olho (s)	10 Pin-up
				11 Zigomática		11 Tigre	11 Movimento negro
				12 Parotidomasseterica		12 Golfinho	12 Cultura Africana
				13 Região anterior do pescoço		13 Frase	13 Tribo maori
				14 Esternocleidomastóidea		14 Palavra	14 Religião
				15 Fossa supraclavicular menor		15 Carta	15 Idioma
				16 Região lateral do pescoço		16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
				17 Fossa supraclavicular maior (trigono omoclavicular)		17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
				18 Região posterior do pescoço		18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
				22 Sereia		22 Estação do ano	
				23 Totem	23 Animais		
				24 Rosto	24 Vertebrados		
				25 Peça quebra-cabeça	25 Felino		
				26 Coração	26 Folclore		
				27 Espada	27 Política		
				28 Árabesco	28 Flora		
				29 Flor	29 Diversão		
				30 Pássaro	30 Fantasia		
				31 Árvore	31 Herói ; heroína		
				32 Letra	32 Música		
				33 Traço	33 Mapa		
				34 Cruz	34 Família		
				35 Asas	35 Realismo		
				36 Morcego	36 Modernismo		
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T¹ 1 / 2; 3 / 2 / 1; 2; 4; 8 / 2 / 8; 14 / 15 T² 1 / 2; 3 / 2 / 14; 16 / 2 / 25 / 16							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 26 - Imagem de Shaarc por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/tatuagem-m%C3%A3o-eu-te-amo-propor-amor-702133/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 16 - Taturecognografia da figura 26

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	3 MEMBRO SUPERIOR FACE LATERAL		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	18 Deltóidea	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	19 Terço proximal – região posterior do braço	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	20 Terço médio – região posterior do braço	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		21 Terço distal – região posterior do braço	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		22 Terço proximal – região anterior do braço		5 Astronauta	5 Astrologia
				23 Terço médio – região anterior do braço		6 Lua	6 Misticismo
				24 Terço distal - região anterior do braço		7 Rosa	7 Marilyn Monroe
				25 Região posterior do cotovelo		8 Estrela	8 Forma geométrica
				26 Região anterior do cotovelo		9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
				27 Terço proximal – região posterior do antebraço		10 Olho (s)	10 Pin-up
				28 Terço média - região posterior do antebraço		11 Tigre	11 Movimento negro
				29 Terço distal - região posterior do antebraço		12 Golfinho	12 Cultura Africana
				30 Terço proximal – região anterior do braço		13 Frase	13 Tribo maori
				31 Terço médio – região anterior do braço		14 Palavra	14 Religião
				32 Terço distal - região anterior do braço		15 Carta	15 Idioma
				33 Dorso da mão		16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
					34 Cruz	34 Família	
					35 Asas	35 Realismo	
					36 Morcego	36 Modernismo	
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 3 / 3 / 1 / 20; 21; 23; 24 / 1 / 7; 13; 26; 27 / 15; 17							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 27 - Imagem de Barbara Bonanno por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/pernas-cruzadas-foto-preto-e-branco-1053173/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 17 - Taturecognografia da figura 27

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	4 MEMBRO INFERIOR FACE LATERAL		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	42 Glútea	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	43 Terço proximal – região posterior da coxa	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	44 Terço médio - região posterior da coxa	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		45 Terço distal - região posterior da coxa	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		46 Terço proximal – região anterior da coxa		5 Astronauta	5 Astrologia
				47 Terço médio – região anterior da coxa		6 Lua	6 Misticismo
				48 Terço distal - região anterior da coxa		7 Rosa	7 Marilyn Monroe
				49 Posterior do joelho		8 Estrela	8 Forma geométrica
				50 Anterior do joelho		9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
				51 Terço proximal – região posterior da perna		10 Olho (s)	10 Pin-up
				52 Terço médio – região posterior da perna		11 Tigre	11 Movimento negro
				53 Terço distal – região posterior da perna		12 Golfinho	12 Cultura Africana
				54 Terço proximal – região anterior da perna		13 Frase	13 Tribo maori
				55 Terço médio - região anterior da perna		14 Palavra	14 Religião
				56 Terço distal - região anterior da perna		15 Carta	15 Idioma
				57 Calcanear		16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
				58 Dorso do pé		17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
				52 Terço médio – região posterior da perna		18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 4 / 3 / 2 / 47; 48 / 3 / 28; 29 / 18							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 28 - Imagem de McLee por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/tatuagem-homem-as-costas-643091/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 18 - Tatturecognografia da figura 28

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	2 TRONCO FACE POSTERIOR - TÓRAX		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	5 Vertebral	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	6 Escapular	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	7 Infraescapular	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		8 Lombar	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		9 Lateral do abdome		5 Astronauta	5 Astrologia
				10 Sacral		6 Lua	6 Misticismo
						7 Rosa	7 Marilyn Monroe
						8 Estrela	8 Forma geométrica
						9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
						10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tribo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 2 / 2 ; 3 ; 4 / 2 / 5 ; 6 / 2 / 17 ; 35 ; 36 / 9							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 29 - Imagem de jcarnota0 por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/pessoas-retrato-tatuagem-carro-628668/>. Acesso: em 05 mar. 2023

Tabela 19 - Tatuarecognografia da figura 29

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	1 CABEÇA E PESCOÇO FACE ANTERIOR		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	1 Frontal	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	2 Parietal	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	3 Occipital	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		4 Temporal	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		5 Nasal		5 Astronauta	5 Astrologia
				6 Oral		6 Lua	6 Misticismo
				7 Mentoniana (do mento)		7 Rosa	7 Marilyn Monroe
				8 Orbital		8 Estrela	8 Forma geométrica
				9 Intraorbital		9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
				10 Bucal (da bochecha)		10 Olho (s)	10 Pin-up
				11 Zigomática		11 Tigre	11 Movimento negro
				12 Parotidomasseterica		12 Golfinho	12 Cultura Africana
				13 Região anterior do pescoço		13 Frase	13 Tribo maori
				14 Esternocleidomastóidea		14 Palavra	14 Religião
				15 Fossa supraclavicular menor		15 Carta	15 Idioma
				16 Região lateral do pescoço		16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
				17 Fossa supraclavicular maior (trigono omoclavicular)		17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
				18 Região posterior do pescoço		18 Caveira	18 Orna mentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 1 / 1 ; 5 / 3 / 1 ; 2 ; 3 ; 4 ; 5 ; 6 ; 7 ; 8 ; 9 ; 10 ; 11 ; 12 / 2 / 14 ; 28 ; 32 ; 33 ; 34 / 8 ; 18							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Tabela 20 - Taturecognografia da figura 29

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	5 INSÓLITA		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	1 Lábios internos da boca	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	2 Interno da pálpebras	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	3 Genitálias	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		4 Sola dos pés	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		5 Anal		5 Astronauta	5 Astrologia
						6 Lua	6 Misticismo
						7 Rosa	7 Marilyn Monroe
						8 Estrela	8 Forma geométrica
						9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
						10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golfinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tribo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terç	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeç	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 5 / 1 ; 4 / 3 / 2 / 2 / 0 / 0							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 30 - Imagem de Markus por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/mulher-nu-as-costas-corpo-arte-1092695/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 21 - Taturecognografia da figura 30

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	2 TRONCO FACE POSTERIOR - TÓRAX		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	5 Vertebral	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	6 Escapular	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 - 100%	7 Infraescapular	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		8 Lombar	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		9 Lateral do abdome		5 Astronauta	5 Astrologia
				10 Sacral		6 Lua	6 Misticismo
						7 Rosa	7 Marilyn Monroe
						8 Estrela	8 Forma geométrica
						9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
						10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golfinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tribo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 2 / 2; 5 / 3 / 5; 6; 7; 8; / 4 / 9 / 4; 7							

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 31 - Imagem de Adriano Isernia por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/tatuagem-sol-lua-m%C3%A3o-1599452/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 22 - Taturecognografia da figura 31

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	3 MEMBRO SUPERIOR FACE ANTERIOR		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	17 Deltóidea	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	18 Terço proximal – região anterior do braço	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	19 Terço médio – região anterior do braço	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		20 Terço distal - região anterior do braço	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		21 Anterior do cotovelo		5 Astronauta	5 Astrologia
				22 Terço proximal – região anterior do antebraço		6 Lua	6 Misticismo
				23 Terço médio – região anterior do antebraço		7 Rosa	7 Marilyn Monroe
				24 Terço distal - região anterior do antebraço		8 Estrela	8 Forma geométrica
				25 Palma da mão		9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
						10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golfinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tribo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arabesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 3 / 1; 4 / 1 / 22; 23 / 3 / 6; 19; 20 / 5							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 32 - Imagem de Dorothe por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/tatuagem-corvos-olho-preto-colori-1057451/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 23 - Taturecognografia da figura 32

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	2 TRONCO FACE POSTERIOR - TÓRAX		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	5 Vertebral	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	6 Escapular	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	7 Infraescapular	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		8 Lombar	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		9 Lateral do abdome		5 Astronauta	5 Astrologia
				10 Sacral		6 Lua	6 Misticismo
						7 Rosa	7 Marilyn Monroe
						8 Estrela	8 Forma geométrica
						9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
						10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golfinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tribo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 2 / 2 ; 3 ; 4 / 2 / 5 ; 6 / 1 / 10 ; 30 ; 31 / 9							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 33 - Imagem de StockSnap por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/pessoas-garota-perna-coxa-tatuagem-2565092/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 24 - Taturecognografia da figura 33

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	4 MEMBRO INFERIOR FACE ANTERIOR		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	9 Terço proximal – região anterior da coxa	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	10 Terço médio – região anterior da coxa	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	11 Terço distal - região anterior da coxa	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		12 Anterior do joelho	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		13 Terço proximal - região anterior da perna		5 Astronauta	5 Astrologia
				14 Terço médio - região anterior da perna		6 Lua	6 Misticismo
				15 Terço distal - região anterior da perna		7 Rosa	7 Marilyn Monroe
				16 Dorso do pé		8 Estrela	8 Forma geométrica
						9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
						10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golfinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tribo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Oramentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 4 / 1; 3 / 1 / 11 / 3 / 1 / 8							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 34 - Imagem de Herco Roelofs por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/tatuagem-rose-cajado-flor-cr%c3%a2nio-631206/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 25 - Tatuarecognografia da figura 34

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	2 TRONCO FACE ANTERIOR - ABDÔMEN		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	1 Intraclavicular	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	2 Mamária	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	3 Hipocôndrica	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		4 Epigástrica	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		5 Lateral do abdômen		5 Astronauta	5 Astrologia
				6 Umbilical		6 Lua	6 Misticismo
				7 Inguinal		7 Rosa	7 Marilyn Monroe
				8 Púbica		8 Estrela	8 Forma geométrica
						9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
						10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tribo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 2 / 1 ; 3 ; 4 / 2 / 1 ; 2 / 1 / 7 ; 18 / 9							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Tabela 26 - Taturecognografia da figura 34

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	3 MEMBRO SUPERIOR FACE ANTERIOR		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	17 Deltóidea	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	18 Terço proximal – região anterior do braço	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	19 Terço médio – região anterior do braço	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		20 Terço distal - região anterior do braço	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		21 Anterior do cotovelo		5 Astronauta	5 Astrologia
				22 Terço proximal – região anterior do antebraço		6 Lua	6 Misticismo
				23 Terço médio – região anterior do antebraço		7 Rosa	7 Marilyn Monroe
				24 Terço distal - região anterior do antebraço		8 Estrela	8 Forma geométrica
				25 Palma da mão		9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
						10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golfinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tnbo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Tolem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arabesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 3 / 1 ; 3 ; 4 / 1 / 17 ; 18 / 1 / 18 / 9							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 35 - Imagem de ChrisArambula por Pixabay



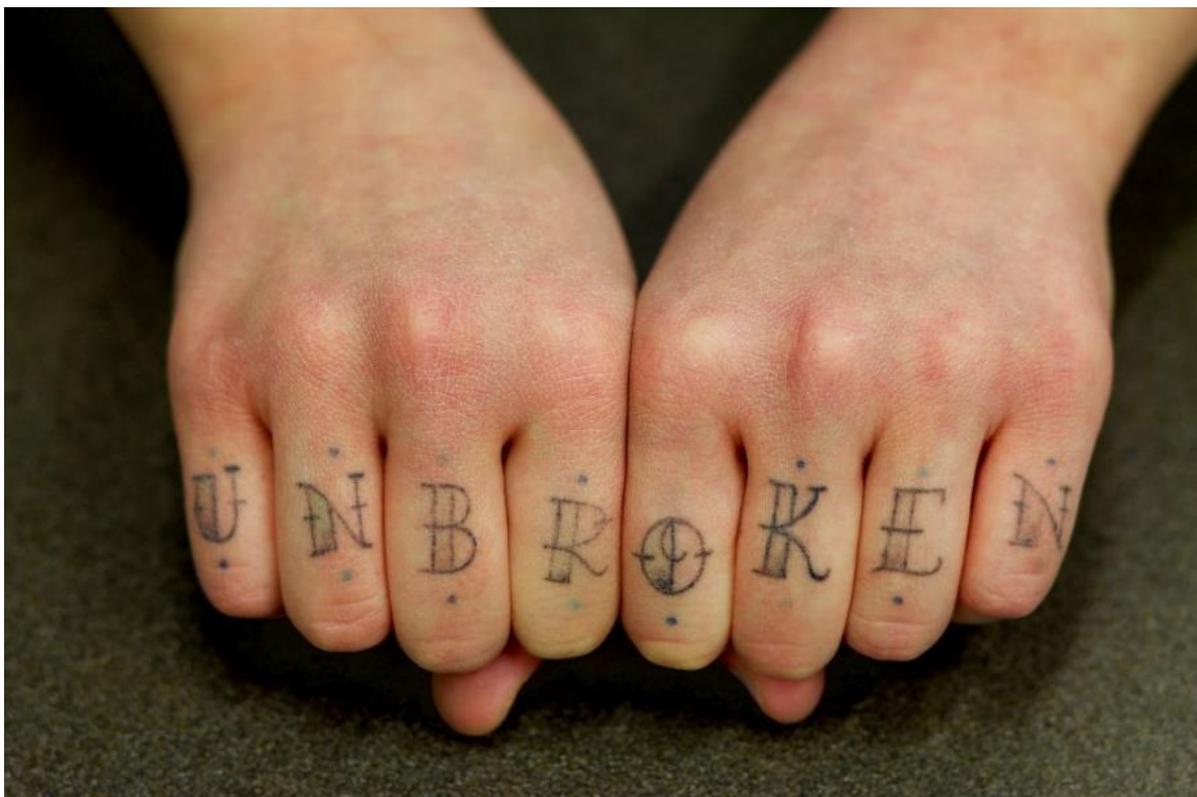
Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/tatuagem-bra%C3%A7o-corpo-arte-projeto-412072/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 27 - Taturecognografia da figura 35

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	3 MEMBRO SUPERIOR FACE ANTERIOR		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	17 Deltóidea	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	18 Terço proximal – região anterior do braço	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	19 Terço médio – região anterior do braço	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		20 Terço distal - região anterior do braço	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total		21 Anterior do cotovelo		5 Astronauta	5 Astrologia
				22 Terço proximal – região anterior do antebraço		6 Lua	6 Misticismo
				23 Terço médio – região anterior do antebraço		7 Rosa	7 Marilyn Monroe
				24 Terço distal - região anterior do antebraço		8 Estrela	8 Forma geométrica
				25 Palma da mão		9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
						10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golfinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tribo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-cabeça	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arasbesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 3 / 1; 3 / 1 / 22; 23 / 2 / 4; 5; 6 / 2							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 36 - Imagem de H. B. por Pixabay



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/m%c3%a3os-dedo-tatuagem-mensagem-1399552/>. Acesso: em 05 mar. 2023.

Tabela 28 - Tatuarecognografia da figura 36

ATRIBUTO	CORPO HUMANO				IMAGEM		
	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA			CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
		FACE / LADO	EXTENSÃO	3 MEMBRO SUPERIOR DORSO DA MÃO		PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA
TATUAGEM	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	1 0 -30 %	1 Dorso da mão	1 Policrômica	1 Gato	1 Estilo aquarela
	2 TRONCO	2 Posterior	2 31 -60%	2 Face dorsal da falange proximal	2 Monocrômica	2 Casa	2 Astronomia
	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito	3 61 – 100%	3 Face dorsal da falange média	3 Outline	3 Borboleta	3 Jogo de cartas
	4 MEMBRO INFERIOR	4 Esquerdo		4 Face dorsal da falange distal	4 Preto & Branco	4 Homem	4 Famoso ; artista ; personalidade
	5 INSÓLITA	5 Total				5 Astronauta	5 Astrologia
						6 Lua	6 Misticismo
						7 Rosa	7 Marilyn Monroe
						8 Estrela	8 Forma geométrica
						9 Mulher	9 Gótico ; sombrio
						10 Olho (s)	10 Pin-up
						11 Tigre	11 Movimento negro
						12 Golfinho	12 Cultura Africana
						13 Frase	13 Tribo maori
						14 Palavra	14 Religião
						15 Carta	15 Idioma
						16 Baralho	16 Jogo de tabuleiro
						17 Cruz ; crucifixo ; terço	17 Estilo old school
						18 Caveira	18 Ornamentação
						19 Sol	19 Natureza
						20 Dunas	20 Meio de transporte
						21 Mandala	21 Fruta
						22 Sereia	22 Estação do ano
						23 Totem	23 Animais
						24 Rosto	24 Vertebrados
						25 Peça quebra-	25 Felino
						26 Coração	26 Folclore
						27 Espada	27 Política
						28 Arabesco	28 Flora
						29 Flor	29 Diversão
						30 Pássaro	30 Fantasia
						31 Árvore	31 Herói ; heroína
						32 Letra	32 Música
						33 Traço	33 Mapa
						34 Cruz	34 Família
						35 Asas	35 Realismo
						36 Morcego	36 Modernismo
REPRESENTAÇÃO NA CARTA E ATRIBUTO NA FÓRMULA: T 3 / 2; 3; 4 / 1 / 2 / 3 / 14; 32 / 15							

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

O sistema taxonômico da tatuagem foi a partir de uma modelagem de banco de dados, ou seja, um sistema que classifica e codifica. Assim, a tatuagem é classificada e codificada corporalmente a partir de um código já presente na literatura da medicina legal. Logo, a base de dados é formada a partir da inserção desses dados, pois o sistema de codificação apresentado é numérico e estruturado.

Desse modo, o preenchimento da carta com dados da tatuagem de um indivíduo gera uma tupla. É por meio da tupla que a tatuagem é localizada e, conseqüentemente, encontra-se o indivíduo detentor daquele registro. Supõe-se que toda tatuagem descrita no sistema esteja relacionada a um indivíduo, até porque a fórmula gerada pela tupla pode ser idêntica, sendo necessária a confirmação a partir de outros dados como filiação, nascimento, registro geral, dentre outros. Ainda assim, a depender da situação, é preciso haver o confronto dos dados por

um registro fotográfico ou reconhecimento por parte de um familiar e/ou amigos para auxiliar e validar a identificação humana.

Também, para os casos de tatuagem classificadas igualmente nos atributos do corpo humano, a representação na carta e o atributo na fórmula se mantém igual em sua classificação, se diferenciando a partir dos atributos da imagem como podemos observar nas tuplas das tatuagens das figuras 28 e 32 representadas nas tabelas 18 e 23:

Tupla da tabela 18:

T 2 / 2; 3; 4 / 2 / 5; 6 / 2 / 17; 35; 36 / 9

Tupla da tabela 23:

T 2 / 2; 3; 4 / 2 / 5; 6 / 1 / 10; 30; 31 / 9

Tatuagens com imagens diferentes na mesma região corporal sugerem representação na carta e o atributo na fórmula similar na tupla do corpo humano, diferenciando-se nos atributos da subclassificação primária e na tupla referente à imagem. As tuplas das imagens das tatuagens das figuras 21, 31 e 35 representadas nas tabelas 11, 22 e 27 são de tatuagens no antebraço com imagens diferentes, sendo a tupla dos atributos do corpo humano diferenciada pela extensão e por estar localizada no lado esquerdo ou direito do corpo:

Tupla da tabela 11:

T 3 / 1; 3 / 3 / 21; 22; 23 / 1 / 9; 15; 16 / 10

Tupla da tabela 22:

T 3 / 1; 4 / 1 / 22; 23 / 3 / 6; 19; 20 / 5

Tupla da tabela 27:

T 3 / 1; 3 / 1 / 22; 23 / 2 / 4; 5; 6 / 2

Situação igual ocorre nas imagens das figuras 20 e 23 representadas nas tabelas 10 e 13. São tatuagens nas costas, sendo a tupla da região corporal diferenciada pela localização direita/esquerda, representada pelos números 3 e 4 respectivamente e na classificação dos atributos da imagem:

Tupla da tabela 10:

T 2 / 2; 3 / 3 / 6 / 1 / 3 / 1

Tupla da tabela 13:

T 2 / 2; 4 / 3 / 6 / 2 / 4; 24 / 13

Em oposição as situações apresentadas acima, supondo tatuagens de mesma imagem, o que tende a ocorrer é a tupla da classificação do corpo humano ser diferente se localizada em regiões diversas e na tupla da classificação da imagem também ser diferente caso possua outra coloração, o que modifica a classificação secundária, mesmo possuindo imagem igual.

A tatuagem tem suporte e informação que podem ser descritos em um robusto sistema taxonômico aberto em relação à imagem e amparado em um banco de dados que faça o cruzamento de informações, a fim de recuperar a informação desejada em um processo ordenado e classificado, como demonstrado com os esquemas taturrecognográficos.

Fica constatado ser a tatuagem um elemento biométrico que serve como um documento auxiliar a identificação humana e a metodologia de classificação adotada poderá ser analisada a partir de técnicas de agrupamento de dados objetivando uma melhor representação e visualização dos conjuntos de dados.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO TATURRECOGNÓGRAFICA

O avanço da pesquisa atesta metodologicamente a perspectiva de aplicação da teoria em um sistema taxonômico da tatuagem, para fins de documentação e reconhecimento, descritos em relação à sua localização corporal e imagética. Por meio do reconhecimento visual, o experimento realizado assegurou a possibilidade sistemática de a tatuagem ser capturada e classificada em ambiente virtual por técnicos e instituições das áreas envolvidas.

O sistema da TTRCG ao mensurar, descrever e classificar a tatuagem, demandou abordagem sobre a captura, o armazenamento e a adequação semântica dos dados capturados. *A priori*, é no âmbito da identificação civil com a coleta da tatuagem, como elemento biométrico, que o sistema TTRCG se estabelece.

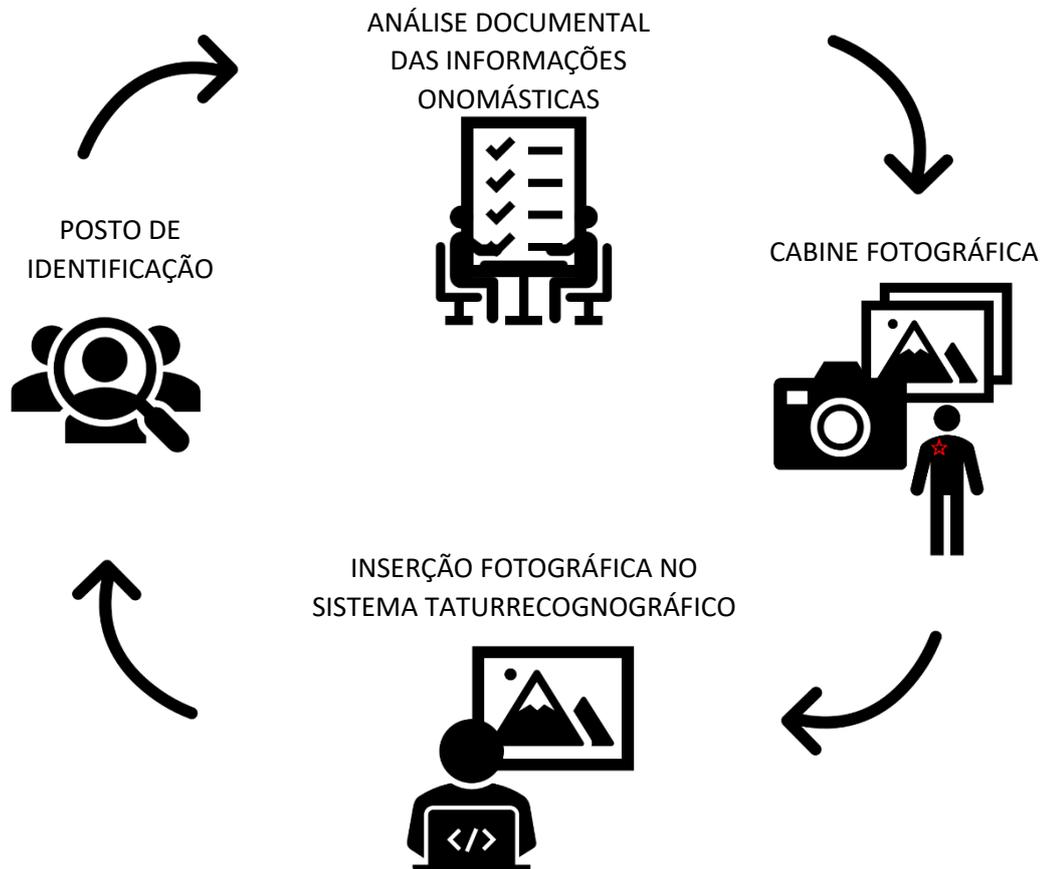
O indivíduo, ao ser identificado civilmente, tem seus dados previamente cadastrados onomásticos, tais como nome, filiação, nascimento, estado civil e CPF. Normalmente, um indivíduo, ao se dirigir a um posto de identificação civil, porta obrigatoriamente uma certidão de nascimento, documento essencial para início do processo de geração de um RG, número que o identifica em todo o território brasileiro de acordo com o controle de cada estado. Naturalmente, o indivíduo, com o passar dos anos, e emissão de um novo RG, dados como sobrenome (em função do estado civil) e registro fotográfico podem ser alterados a cada nova passagem e nova emissão. Por consequência, a atualização dos dados imagéticos dentro do registro civil também deve ser alterada de acordo com cada emissão de documento.

O processo de captura da imagem para compor o banco de dados será um passo facultativo para o indivíduo. Após a análise e a confirmação dos dados onomásticos pessoais previamente cadastrados no sistema, argui-se pela anuência em atualização dos dados bioimagéticos. Considera-se este o momento de o agente identificador questionar se aquele indivíduo tem tatuagem e, em caso positivo, se deseja realizar o registro fotográfico dela. Em caso positivo, o indivíduo é conduzido para uma cabine fotográfica, a fim de realizar o registro da(s) tatuagem(ens). Ressalta-se que, quando a tatuagem é fotografada, o seu registro passa a compor o banco de dados, conectando o registro fotográfico ao cadastro do indivíduo.

Em caso de recusa da captura por registro fotográfico da sua tatuagem, ainda é facultado ao indivíduo a opção de informar se tem e a quantidade de tatuagem, além da localização e da imagem. Se ainda assim, o indivíduo recusar a fornecer determinada informação acerca da tatuagem, e sendo de possível visualização e reconhecimento por parte do agente identificador, este está autorizado a declarar no sistema a localização corporal e a imagem da tatuagem. Relembrando que tatuagens em regiões consideradas insólitas serão

registradas como tal em função da difícil captura e acesso, desde que mencionadas pelo indivíduo.

Figura 37 - Processo de coleta / captura quando autorizado o registro



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

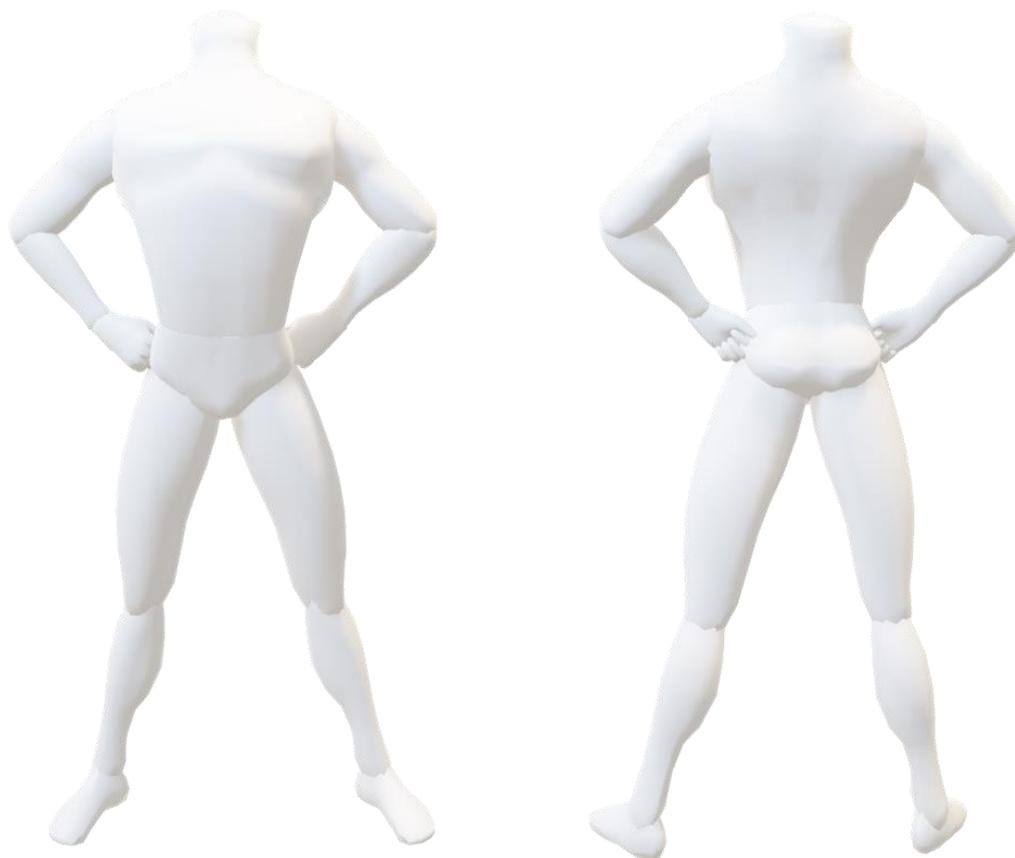
Com a proposição do protocolo de virtualização das tatuagens em ambientes que trabalham com a identificação humana, seja no cadastro ou recuperação da informação, observou-se que haverá campos de preenchimento obrigatório. Essa observação passa a ser um procedimento imprescindível para a recuperação de um indivíduo pela tatuagem. Assim, apresentar-se-á modelos procedimentais para inserção e recuperação dos dados da tatuagem no TTRCG.

Para identificação civil, a inclusão da tatuagem como elemento biométrico de identificação humana deve ser feita a partir da aceitação voluntária do indivíduo em postos ou institutos de identificação.

No sistema, diante de um protótipo do corpo humano, previamente demarcado e espelhando as suas regiões mensuráveis, conforme a tabela 9 das regiões demarcadas do

corpo humano, o agente identificador indicará a localização da imagem da tatuagem relacionada ao perfil do identificado.

Figura 38 - Modelo de representação 3D da face anterior e posterior do corpo humano



Fonte: Modelos 3D do Microsoft Word 2019.

Com relação ao corpo humano, o campo de preenchimento obrigatório está relacionado à localização exata da tatuagem, ou seja, à classificação primária e à subclassificação secundária (classificação das partes primárias do corpo humano). Com a virtualização do processo, a indicação no modelo de representação do corpo humano automaticamente preenche a localização da tatuagem de acordo com a sua classificação corporal. O sistema preenche os campos da classificação primária, a face/lado da subclassificação primária e a subclassificação secundária. A mecanização do preenchimento dos campos garante uma segurança e agilidade ao dado cadastrado na indicação e descrição da tupla formada.

Para o preenchimento dos dados referente à imagem, observou-se que o campo de preenchimento obrigatório é também em função de garantir uma rápida recuperação da

informação. Assim, seguir as etapas conforme são apresentadas no esquema taxonômico de indicação da coloração na classificação secundária e o item pré-iconográfico no campo da subclassificação primária são imprescindíveis para lograr êxito para identificar um indivíduo a partir de uma tatuagem.

Tabela 29 - Demonstração da inserção dos dados relacionado ao corpo humano

IMAGEM		
1º CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA	SUBCLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	
	2º PRÉ-ICONOGRÁFICA	ICONOGRÁFICA

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

De acordo com o explicado e com a figura 37, não é imperioso o registro da imagem para compor o banco de dados. A descrição verbal ou até mesmo uma fotografia da imagem contempla e alimenta o banco de dados turrecognográfico.

O experimento objetivou a construção taxonômica da imagem em pele humana a partir de padrões científicos. Por isso, a metodologia elaborada para esta tese favorece a implantação sistemática a partir do reconhecimento/coleta (captura) de um atributo biométrico exógeno que visa auxiliar a identificação humana, com ajustes e aperfeiçoamento a fim de legitimar a tese apresentada.

Sendo este trabalho uma teoria procedimental e estruturada visando sua virtualização, é natural conceber que a forma de análise sintática das imagens, que se convertem em dados, foi inserida de forma a colaborar para a estrutura taxonômica do banco de dados. Dessa forma, a partir do armazenamento, é imperativo que o ordenamento dos dados facilite o uso e a recuperação da informação para fins de reconhecimento de posterior identificação.

Almeida e Dias (2019) afirmam que a Recuperação da Informação (RI) se originou na Ciência da Computação e adentra na CI nos processos de busca e relevância dos documentos. Por isso, a recuperação da informação deve gerar uma resposta positiva ao usuário diante de uma pergunta formulada e uma informação armazenada, seja ela manual ou automatizada/digital (Fachin, 2009). Assim, a importância de um processamento eficiente da informação para expressar o seu valor e, por conseguinte, ser recuperada, acessada, utilizada e apropriada por quem dela necessite (Cervantes et al, 2018).

Por conseguinte, a recuperação da informação para a identificação de um indivíduo por meio da tatuagem é a partir de um corpo não identificado, não reclamado, desaparecido, ou um indivíduo perdido ou uma imagem questionada. Desse modo, essa recuperação requer informações essenciais e descritivas para identificar o indivíduo que tenha determinada tatuagem cadastrada no banco de dados de identificação civil, imagem padrão. Ferreira (2006) ao falar sobre recuperação da informação, pontua que os objetos de informação de diversas tipologias e complexidade requerem diferentes tipos de tratamento e representação e, sendo assim, devem atender às necessidades de seus usuários.

Para fins de recuperação da informação desejada e da identificação do indivíduo, a experimentação demonstrou que é de extrema importância o registro da localização da tatuagem para reduzir o universo de indivíduos tatuados no sistema TTRCG. Tal constatação foi percebida a partir das regiões consideradas insólitas, pois a empiria demonstra que é mais fácil encontrar um indivíduo a partir da localização da imagem tatuada do que do grafismo apostado no corpo, propriamente a imagem tatuada. Por exemplo: ao indicar a localização da tatuagem no lábio interno da boca ou na sola dos pés, o universo de indivíduos que possuem tal tatuagens se reduz e o número de imagens também. Por isso, visando uma rápida e ágil recuperação, é preferível a busca primeira ser por meio da área corporal, pois serão reportados resultados especificamente para aquela localização no processo de busca pela forma e configuração do grafismo.

A constante observação do objeto de pesquisa sugere que o indivíduo pode ter mais de uma tatuagem, modificar a que possui ou até mesmo removê-la, sendo essas duas últimas alternativas pensadas por meio de uma tabela de transfiguração. Assim, a cada nova tatuagem ou modificação, o sistema TTRCG é retroalimentado e a tabela de transfiguração comporá o banco de dados atualizando o perfil do indivíduo a cada passagem de identificação.

Mediante a inserção de novos dados da tatuagem no sistema TTRCG, destaca-se que nenhum registro anterior será excluído. Tal garantia visa analisar cronologicamente, a partir dos registros, perfil e trajetória dos grafismos no indivíduo tatuado. Considera-se também, na análise cronológica do grafismo, que o processo natural do envelhecimento humano pode ter efeitos diversos na tatuagem e todos eles podem ser acompanhados a cada passagem no processo de identificação.

A possibilidade de informar mais de uma tatuagem em várias partes do corpo de uma mesma pessoa é possível devido ao mapeamento das regiões corporais. Ao cadastrar novas tatuagens, o sistema tem um novo ciclo de dados para retroalimentação e refinamento do processo.

7.1 Banco e análise de dados

A análise e discussão de dados à luz da CI ocorrem em função dos dados provenientes do documento. Com a tatuagem, os dados apresentados demonstram o que Almeida e Dias (2019, p. 193) abordam sobre a “desterritorialização do documento, a desvinculação da forma física e a ruptura da linearidade do acesso colaboraram para as mudanças no processo de recuperação da informação, exigindo novos métodos de busca e representação”.

A constituição do banco de dados é gerada a partir da inserção dos dados da tatuagem no sistema TTRCG. A partir de então, os dados são observados a fim de serem explorados, extraídos e analisados para gerar compreensão informacional relevante e útil do conjunto de dados. É importante ressaltar as considerações de Ferreira (2013) na CI. Para a autora, o tempo presente e o contexto apoiam uma representação, pois a linguagem é revestida de padrões e regras para a representação da informação, ainda assim, é uma linguagem adaptativa porque é uma tecnologia de comunicação que se adéqua a realidades e cenários com estrutura modificada e muitas vezes a expansão do seu conceito.

Para uma demonstração gráfica de como a informação dos dados da tatuagem pode ser interpretada, o banco de dados é relacional. É interessante que a sua implementação permita evitar conflito na recuperação e análise dos dados. Os dados coletados são tabulares, estruturados e de variáveis categóricas, permitindo a associação das categorias a fim de que os seus resultados sejam interpretáveis, conforme demonstração do banco de dados das tatuagens analisadas nesta tese e apresentadas no apêndice A.

Em um banco de dados, é necessária a existência de uma chave primária, uma identificação única e, portanto, não pode ser repetida. Assim, as tatuagens trabalhadas nesta tese estão identificadas com o atributo ID_IND, pois representa o número da figura de acordo com a sua aparição e o indivíduo que tem mais de uma tatuagem nas imagens trabalhadas. A classificação apresentada para a TTRCG agrupou os dados de acordo com as suas instâncias (características), pois os objetos relacionados ao mesmo conceito são semelhantes entre si.

Os atributos face/lado, região corporal, pré-iconográfica e iconográfica pode contemplar mais de um dado para esse mesmo atributo, ou seja, por conterem dados multivariados, eles foram replicados para facilitar a análise dos dados, mas não deixam de ser inter-relacionados. Fogliatto (2000) afirma que “dados multivariados ocorrem com frequência em investigações empíricas”.

Possuindo dados com características em comum, diversas análises podem ser feitas em um banco de dados de tatuagem porque existem ferramentas para cada tipo de dados. A

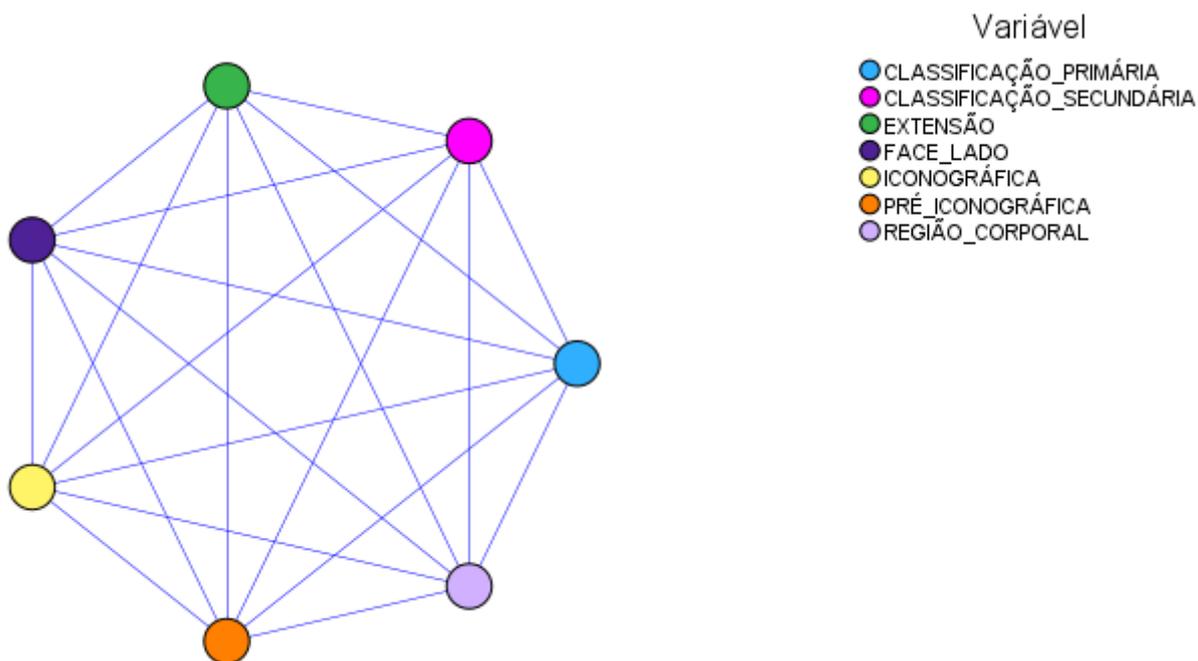
compreensão de agrupamento (ou *clusters*) é fornecida por Guimarães, Asmus e Burdorf (2013) quando explicam ser a organização dos dados observados em estruturas que fazem sentidos ou o desenvolvimento de taxonomias que classificam dados observados em diferentes classes, ressaltando a importância de elas ocorrerem de modo espontâneo no conjunto de dados.

A análise por clusters teve como objetivo principal classificar os objetos de análise (por exemplo, indivíduos de uma população) que são conhecidos por suas características, em grupos que sejam homogêneos intragrupos e heterogêneos intergrupos. As técnicas objetivas de agrupamentos diminuem a subjetividade, pois quantificam a similaridade ou dissimilaridade entre indivíduos. Dentre os vários métodos ou algoritmos de classificação de grupos estão aqueles que utilizam as técnicas hierárquicas. Neste, a partição se dá a partir de um número de grupo não definido inicialmente, em que os grupos majoritários são divididos em subgrupos minoritários agrupando aqueles indivíduos que apresentam características semelhantes. (Guimarães, Asmus e Burdorf 2013, p.234).

Com a asserção dos autores supracitados, o uso do agrupamento de dados auxiliaria o agrupamento da taxonomia do corpo humano e da imagem. Além de estabelecer as ocorrências a partir do agrupamento de informações baseadas em um determinado dado, o cálculo de distância poderia ser avaliado por diversas características como formato, cor, ou qualquer outro aspecto que tenham em comum.

A aplicação da análise de agrupamento dos dados é uma alternativa viável para o TTRCG, mas em função do banco de dados desta tese representar uma amostra pequena, o agrupamento de dados, neste momento, se torna inviável, pois o agrupamento das informações por região corporal traria apenas uma observação de cada coluna, já que a união de categorias apontaria para apenas uma observação de cada tatuagem (instância).

O mapa de relacionamentos do Grafo 1, descreve os relacionamentos entre as variáveis (atributos) de qualquer tipo, não importando o que seja discutível, a medição é interessante por demonstrar a interlocução que pode haver entre elas. Observa-se uma paridade entre nós e ligações, pois a finalidade foi demonstrar a possibilidade de relação entre eles. Assim tanto os nós como os *links* possuem mesmo tamanho e espessura, respectivamente. Ou seja, nenhuma variável exerce uma influência maior que outra, apresentando apenas um número de ligações vinculadas a um número gerenciável de variáveis.

Grafo 1 - Mapa de relacionamentos

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Ressalta-se que, diante de um banco de dados mais robusto, o mapa de relacionamentos demonstrará a variável que representa maior força de relacionamento dentre as demais variáveis. Essa força de relação está em função da informação gerada a partir dos dados que alimentarão o sistema. Tal fundamento está de acordo com a assertiva de Rodrigues e Baptista (2021) sobre não se tratar apenas da definição do documento, mas sobre uma discussão que influencia a forma de se pensar e trabalhar a informação registrada, principalmente porque pesquisadores da CI retomaram as pesquisas sobre o documento que conforme as autoras contribuem para a compreensão da informação por ser um objeto de estudo que está sempre em constante transformação.

A compreensão e interpretação dos dados depende de instrumentos específicos de visualização e estatística, por isso as tabelas foram ajustadas para serem melhor representadas e entendidas a partir dos gráficos.

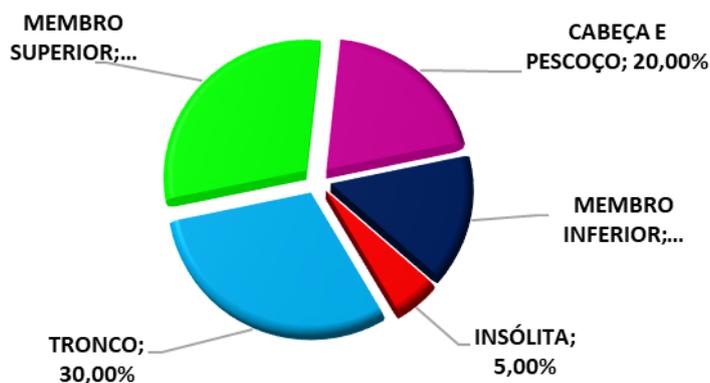
A amostragem por saturação forneceu uma amostra viável de ser apresentada a partir de resultados interpretáveis, com cruzamento simples das variáveis categóricas por meio de tabelas de dupla entrada. Ao trabalhar com tabelas inter-relacionadas, parte-se do princípio de entidade e relacionamento entre as tabelas de um banco de dados. Seguem tabelas e gráficos que ilustram algumas análises acerca das informações do banco de dados criado.

Tabela 30 - Classificação primária

Classificação primária		
Categories	Frequência absoluta	Frequência relativa
TRONCO	6	30,00%
MEMBRO SUPERIOR	6	30,00%
CABEÇA E PESCOÇO	4	20,00%
MEMBRO INFERIOR	3	15,00%
INSÓLITA	1	5,00%
Total	20	100%

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Gráfico 2 - Classificação primária



Fonte: Elaborado pela autora,

2023.

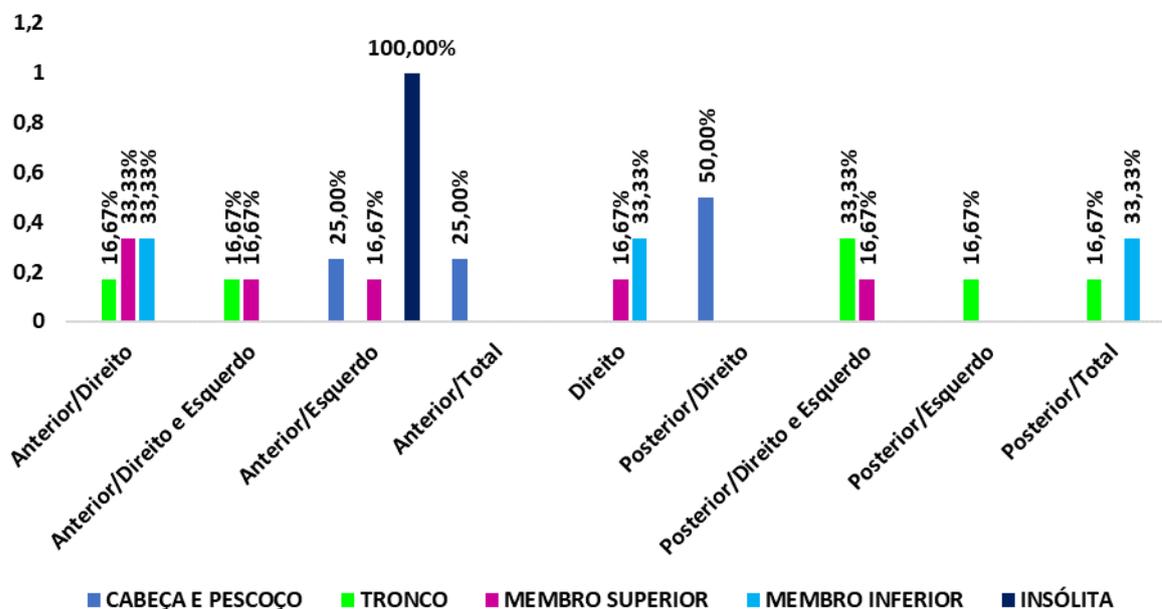
Para a classificação primária, nota-se que 60% das tatuagens foram de tronco ou de membro superior, seguidos por tatuagens na cabeça e pescoço (20%), membro inferior (15%) e apenas 5% apenas da amostra fizeram tatuagens insólitas. Essas informações tendem a demonstrar qual a região corporal possui mais tatuagem.

Tabela 31 - Face/lado em relação à classificação primária

Categorias	CABEÇA E PESCOÇO	TRONCO	MEMBRO SUPERIOR	MEMBRO INFERIOR	INSÓLITA
Anterior/Direito		1 16,67%	2 33,33%	1 33,33%	
Anterior/Direito e Esquerdo		1 16,67%	1 16,67%		
Anterior/Esquerdo	1 25,00%		1 16,67%		1 100,00%
Anterior/Total	1 25,00%				
Direito			1 16,67%	1 33,33%	
Posterior/Direito	2 50,00%				
Posterior/Direito e Esquerdo		2 33,33%	1 16,67%		
Posterior/Esquerdo		1 16,67%			
Posterior/Total		1 16,67%		1 33,33%	

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Gráfico 3 - Face/lado em relação à classificação primária



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Dentre as classificações primárias, a maior proporção para tatuagens de cabeça e pescoço foi na região posterior direita. As tatuagens de tronco tiveram maior proporção na região posterior, tanto do lado esquerdo quanto do lado direito. As tatuagens de membro

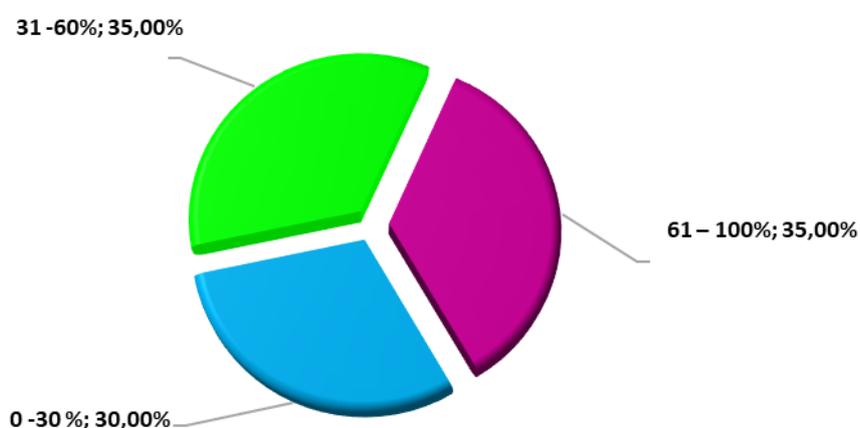
inferior tiveram maior proporção na região anterior direita. As tatuagens de membro inferior apresentam uma paridade proporcional entre as regiões anterior/direito, direito e posterior/total. Na amostra estudada, temos apenas uma tatuagem insólita feita na região anterior esquerda.

Tabela 32 - Extensão

Extensão		
Categorias	Frequência absoluta	Frequência relativa
0 -30 %	6	30,00%
31 -60%	7	35,00%
61 – 100%	7	35,00%
Total	20	100%

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Gráfico 4 - Extensão



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

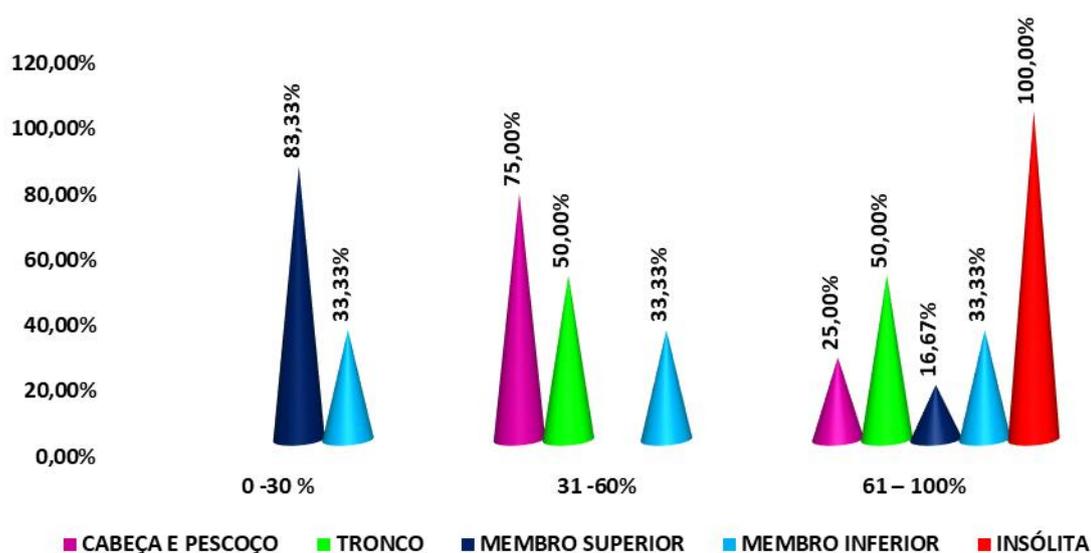
Com relação à extensão, nota-se existir uma semelhança proporcional entre a extensão das tatuagens, 70% fizeram tatuagens com extensão de 31% a 100% da área ocupada e 30% fizeram tatuagens de extensão de até 30% de ocupação. Ou seja, para estudos anatômico, artístico ou de ordem diversa, pode ser curioso o quanto da extensão da pele, o suporte, é preenchido de informação.

Tabela 33 - Extensão em relação à classificação primária

Categorias	Classificação primária		
	0 -30 %	31 -60%	61 – 100%
CABEÇA E PESCOÇO		3 75,00%	1 25,00%
TRONCO		3 50,00%	3 50,00%
MEMBRO SUPERIOR	5 83,33%		1 16,67%
MEMBRO INFERIOR	1 33,33%	1 33,33%	1 33,33%
INSÓLITA			1 100,00%

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Gráfico 5 - Extensão em relação à classificação primária



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Ao analisar o preenchimento de informação em pele, nota-se que as tatuagens de cabeça e pescoço tiveram, em sua maioria, extensão de 31% a 60% da área ocupada. As tatuagens de tronco tiveram paridade, variando a extensão de 50% a 100% da área. Para as tatuagens de membro superior, nota-se uma grande maioria com extensão até 30%. Para as tatuagens de membro inferior, as extensões estão variando de 0% até 100% da área ocupada. E a única tatuagem insólita da amostra tem extensão variando de 61% a 100%. Assim, é possível analisar qual região corporal tem uma maior ou menor área de pele preenchida de informação registrada.

Tabela 34 - Categorias da região corporal com classificação primária

Categorias	CABEÇA E PESCOÇO	TRONCO	MEMBRO SUPERIOR	MEMBRO INFERIOR	INSÓLITA	Total
6 Escapular		5				5
5 Vertebral		3				3
8 Orbital	3					3
1 Frontal	2					2
10 Bucal (da bochecha)	2					2
2 Parietal	2					2
22 Terço proximal – região anterior do antebraço			2			2
23 Terço médio – região anterior do antebraço			2			2
4 Temporal	2					2
9 Intraorbital	2					2
1 Intraclavicular		1				1
11 Terço distal – região anterior da coxa				1		1
11 Zigomática	1					1
12 Parotidomasseterica	1					1
12 Terço proximal – região posterior da coxa				1		1
13 Terço médio – região posterior da coxa				1		1
14 Esternocleidomastoidea	1					1
14 Terço distal – região posterior da coxa				1		1
15 Posterior do joelho (fossa poplítea)				1		1
16 Região lateral do pescoço	1					1
16 Terço proximal – região posterior da perna				1		1
17 Deltoidea			1			1
17 Terço médio – região posterior da perna				1		1
18 Terço distal – região posterior da perna				1		1
18 Terço proximal – região anterior do braço			1			1
2 Face dorsal da falange proximal			1			1
2 Interno das pálpebras					1	1
2 Mamária		1				1
20 Terço médio – região posterior do braço			1			1
21 Anterior do cotovelo			1			1
21 Terço distal – região posterior do braço			1			1
22 Terço proximal – região anterior do braço			1			1
23 Terço médio – região anterior do antebraço			1			1
23 Terço médio – região anterior do braço			1			1

24 Terço distal – região anterior do braço			1			1
3 Occipital	1					1
47 Terço médio – região anterior da coxa				1		1
48 Terço distal – região anterior da coxa				1		1
5 Nasal	1					1
6 Oral	1					1
7 Infraescapular		1				1
7 Mentoniana (do mento)	1					1
8 Lombar		1				1
Total	21	12	14	10	1	58

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Observa-se que, dentre as regiões corporais, a região escapular obteve maior número de tatuagens, seguida pelas regiões vertebral e orbital. As demais regiões apresentam paridades na contagem das informações. Ressalta-se que, devido à quantidade de instâncias, a representação gráfica dos dados da tabela apresentada se tornaria confusa e imprecisa, além de ter frequências muito pequenas em função da amostra analisada. O mesmo ocorre com a tabela a seguir:

Tabela 35 - Categorias da região corporal em relação à extensão

Categorias	0 -30 %	31 -60%	61 – 100%	Total
6 Escapular		2	3	5
5 Vertebral		2	1	3
8 Orbital		2	1	3
1 Frontal		1	1	2
10 Bucal (da bochecha)		1	1	2
2 Parietal		1	1	2
22 Terço proximal – região anterior do antebraço	2			2
23 Terço médio – região anterior do antebraço	2			2
4 Temporal		1	1	2
9 Intraorbital		1	1	2
1 Intraclavicular		1		1
11 Terço distal – região anterior da coxa	1			1
11 Zigomática			1	1
12 Parotidomasseterica			1	1
12 Terço proximal – região posterior da coxa			1	1
13 Terço médio – região posterior da coxa			1	1
14 Esternocleidomastoidea		1		1
14 Terço distal – região posterior da coxa			1	1
15 Posterior do joelho (fossa poplítea)			1	1
16 Região lateral do pescoço		1		1
16 Terço proximal – região posterior da perna			1	1
17 Deltoidea	1			1
17 Terço médio – região posterior da perna			1	1
18 Terço distal – região posterior da perna			1	1

18 Terço proximal – região anterior do braço	1			1
2 Face dorsal da falange proximal	1			1
2 Interno das pálpebras			1	1
2 Mamária		1		1
20 Terço médio – região posterior do braço	1			1
21 Anterior do cotovelo			1	1
21 Terço distal – região posterior do braço	1			1
22 Terço proximal – região anterior do braço			1	1
23 Terço médio – região anterior do antebraço			1	1
23 Terço médio – região anterior do braço	1			1
24 Terço distal – região anterior do braço	1			1
3 Occipital			1	1
47 Terço médio – região anterior da coxa		1		1
48 Terço distal – região anterior da coxa		1		1
5 Nasal			1	1
6 Oral			1	1
7 Infraescapular			1	1
7 Mentoniana (do mento)			1	1
8 Lombar			1	1
Total	12	17	29	58

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

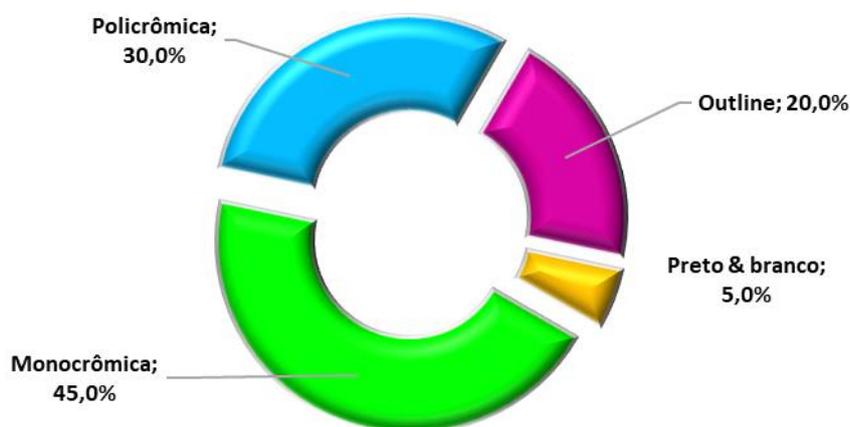
Nota-se que, entre as cinco tatuagens da região escapular, duas têm extensão entre 31% e 60% da área ocupada e três têm de 61% a 100% da área ocupada. Das três tatuagens da região vertebral e da região orbital, duas possuem extensão entre 31% e 60% da área ocupada e uma tem de 61% a 100% da área ocupada.

Tabela 36 - Classificação secundária

Categorias	Classificação secundária	
	Frequência absoluta	Frequência relativa
Monocrômica	9	45,0%
Policrômica	6	30,0%
Outline	4	20,0%
Preto & branco	1	5,0%

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Gráfico 6 - Classificação secundária



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Com relação à tabela e ao gráfico da classificação secundária, percebe-se que 45% da amostra é composta de tatuagens monocromáticas, seguidas por tatuagens policrômicas (30%), *outline* (20%) e apenas 5% da amostra de tatuagens em preto & branco. A análise desses dados, reportam para uma preferência da coloração da tatuagem. Ou seja, o registro em pele dessa informação reporta para uma preferência da coloração da tatuagem, o que em um momento posterior pode servir de elemento fundamentador para pesquisas sobre manifestações corporais com viés artístico-cultural, por exemplo. Este aspecto comprova o potencial informativo que uma imagem possui e corrobora para o desempenho da CI ao aceitar e analisar as propriedades dos mais diferentes tipos de documento. Ainda, as tabelas 37 e 38 apresentam as relações da classificação secundária, coloração das imagens da tatuagem, ao aspecto pré-iconográfico e iconográfico.

Tabela 37 - Pré-iconográfica em relação à classificação secundária

Pré-Iconográfica	Policrômica	Monocrômica	Outline	Preto & branco	Total Geral
14 Palavra		2	1		3
9 Mulher	1	1		1	3
17 Cruz, crucifixo, terço		2			2
18 Caveira	2				2
19 Sol		1	1		2
28 Arabesco		1	1		2
32 Letra		1	1		2
4 Homem		2			2
6 Lua		1	1		2
7 Rosa	2				2
1 Gato			1		1

10 Olho(s)	1				1
13 Frase	1				1
15 Carta	1				1
16 Baralho	1				1
20 Dunas			1		1
21 Mandala		1			1
22 Sereia		1			1
23 Totem		1			1
24 Rosto		1			1
25 Peça quebra-cabeça		1			1
26 Coração	1				1
27 Espada	1				1
29 Flor			1		1
3 Borboleta	1				1
30 Pássaro	1				1
31 Árvore	1				1
33 Traço		1			1
34 Cruz		1			1
35 Asas		1			1
36 Morcego		1			1
5 Astronauta		1			1
8 Estrela		1			1
Total Geral	14	22	8	1	45

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Observa-se que as tatuagens monocromáticas, de acordo com tabela 37, se apresentam com maior número de subcategorias, seguidas pelas tatuagens policromáticas, *outline* e preto & branco. Por exemplo, na amostra, tem tatuagens que apresentam palavras que são classificadas como monocromática ou *outline*. Entre três tatuagens que apresentam a imagem de uma mulher, uma foi classificada como policromática, outra como monocromática e outra preto & branco. Tal fato demonstra a possibilidade de utilizar cores ou não em uma imagem.

Tabela 38 - Iconográfica em relação a classificação secundária

Iconográfica	Policromática	Monocromática	Outline	Preto & branco	Total Geral
1 Estilo aquarela	1				1
10 <i>Pin-up</i>	1				1
11 Movimento negro		1			1
12 Cultura Africana		1			1
13 Tribo maori		1			1
14 Religião		1			1
15 Idioma	1	1	1		3
16 Jogo de tabuleiro		1			1
17 Estilo <i>old school</i>	1				1
18 Ornamentação		1	1		2
2 Astronomia		1			1

4 Famoso, artista, personalidade				1	1
5 Astrologia		1			1
7 Marilyn Monroe				1	1
8 Forma geométrica		2	1		3
9 Gótico, sombrio	3	1			4
Total Geral	7	11	4	2	24

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A constatação do uso da cor ou não fica evidenciada também pela análise da Tabela 38, na qual observam-se três tatuagens classificadas como idioma, sendo um policrômica, uma monocrômica e outra *outline*. Desse modo, a análise dos dados da tabela 37: Pré-íconográfica em relação a Classificação Secundária difere da tabela 38: Íconográfica em relação a Classificação Secundária, mesmo a categoria íconográfica sendo derivada da pré-íconográfica. Tem-se duas tatuagens preto & branco; uma de famosos, artista, personalidade e outra da Marilyn Monroe. Entre as três tatuagens com forma geométrica, duas são monocrômicas e um *outline*. As perspectivas apresentadas coadunam com o que Fachin (2009) diz sobre o mecanismo de recuperar uma informação ser inúmeros e variados além de cada mecanismo atender a uma recuperação específica, isso reflete as tabelas 37 e 38 porque os temas imagéticos produzidos para uma tatuagem podem ser coloridos ou não, preto & branco ou *outline*.

Tabela 39 - Classificação primária em relação à classificação secundária

Classificação primária	Policrômica	Monocrômica	Outline	Preto & branco
CABEÇA E PESCOÇO		4 44,44%		
TRONCO	3 50,00%	2 22,22%		1 100%
MEMBRO SUPERIOR	3 50,00%	1 11,11%	2 50,00%	
MEMBRO INFERIOR		1 11,11%	2 50,00%	
INSÓLITA		1 11,11%		

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

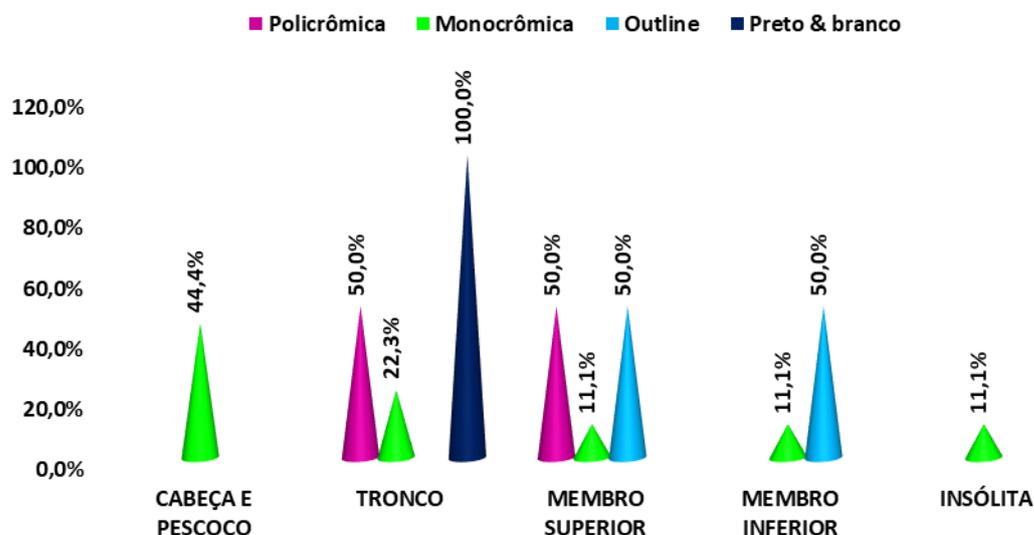


Gráfico 7 - Classificação primária em relação à classificação secundária

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

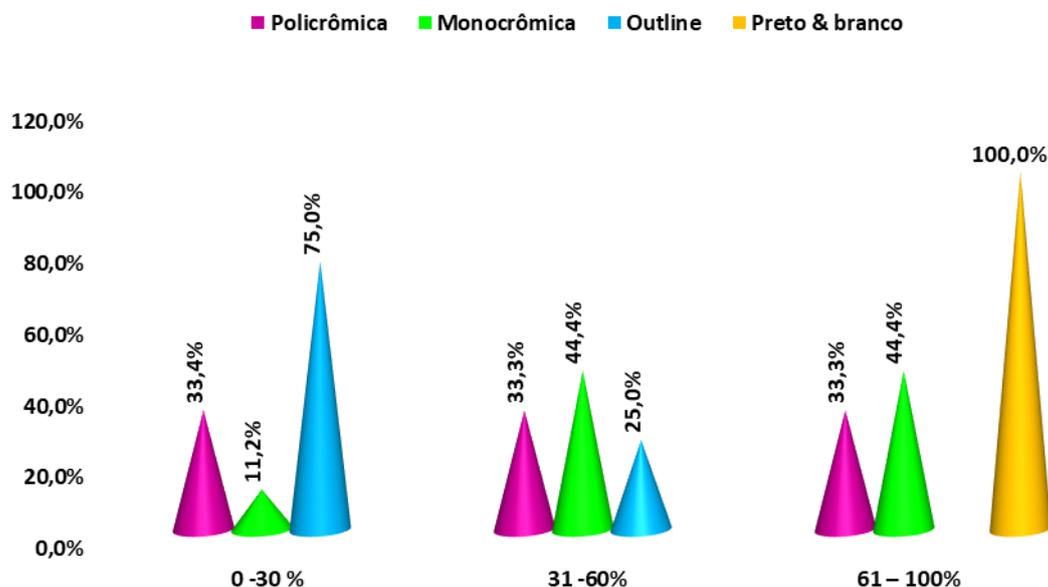
Dentre as quatro tatuagens de cabeça e pescoço, todas são monocrômicas. Dentre as seis tatuagens de tronco, três são policrômicas, duas são monocrômicas e uma em preto & branco. Dentre as tatuagens de membro superior, três foram classificadas como policrômicas, uma monocrômica e duas como *outline*. Já para os membros inferiores, duas são classificadas como *outline* e uma classificada como monocrômica. A única tatuagem insólita foi classificada como monocrômica.

Tabela 40 - Extensão em relação à classificação secundária

Extensão	Policrômica	Monocrômica	Outline	Preto & branco
0 -30 %	2	1	3	
	33,34%	11,12%	75,00%	
31 -60%	2	4	1	
	33,33%	44,44%	25,00%	
61 – 100%	2	4		1
	33,33%	44,44%		100,00%

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Gráfico 8 - Extensão em relação à classificação secundária



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Observa-se que, nas tatuagens policrômicas, existe uma paridade entre as suas extensões. Nas monocrômicas, a maioria foi com extensão variando de 31% a 100% da área corporal ocupada. Nota-se que, para as tatuagens *outline*, 75% da amostra tem extensão de até 30% e a única tatuagem classificada como preto & branco da amostra teve extensão de 100%. Esta é mais uma das relações possíveis do documento no contexto da CI, porque a multiplicidade de análise que podem surgir é oriundo da inquietação da mente humana. Prontamente, Cervantes et al (2018) observa que:

[...] os aportes teóricos e tecnológicos que sustentam a elaboração de instrumentos para a representação e a recuperação da informação, em ambiente Web estruturado, encontram-se compatíveis com os objetivos de orientar a representação e a recuperação da informação.

Assim, o documento quando possuidor de finalidade específica deve ser compreendido em todas as suas esferas para responder as necessidades dos usuários. Isso porque os dados que alimentam um sistema de informação devem fazer sentido em contexto geral e particular, até mesmo na observação do contexto de produção, e principalmente, conforme já citado por Almeida e Dias (2019) fornecer uma resposta positiva ao usuário diante de uma necessidade de informação. Este é um aspecto observado em Bufrem (2001), sobre a pesquisa em informação, pois “tanto as questões consideradas conceituais, quanto aquelas orientadas à

prática, é possível construir trajetórias selecionadas dentre as amplas possibilidades que cada um dos campos da ciência oferece concretamente”.

Tabela 41 - Iconográfica em relação à classificação primária

ICONOGRÁFICA	CABEÇA E PESCOÇO	TRONCO	MEMBRO SUPERIOR	MEMBRO INFERIOR
1 Estilo aquarela		1		
10 <i>Pin-up</i>			1	
11 Movimento negro				1
12 Cultura Africana				1
13 Tribo maori		1		
14 Religião	1			
15 Idioma	1		2	
16 Jogo de tabuleiro	1			
17 Estilo <i>old school</i>			1	
18 Ornamentação	1			1
2 Astronomia			1	
4 Famoso, artista, personalidade		1		
5 Astrologia			1	
7 Marilyn Monroe		1		
8 Forma geométrica	2			1
9 Gótico, sombrio		3	1	

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A tabela 41 mostra que três tatuagens foram feitas no tronco e têm estilo classificado como gótico/sombrio. Duas tatuagens feitas na área da cabeça e pescoço têm forma geométrica. As tatuagens de membro superior são duas classificadas como idioma e, no membro inferior, observam-se tatuagens classificadas como movimento negro, cultura africana, ornamentação e forma geométrica. As tatuagens receberam classificação de acordo com o método de Panofsky indicam a sua localização na região do corpo humana, sem detalhamento exato do seu registro.

As tabelas 42, 43 e 44 demonstram que a identificação de diferentes dados para definir uma imagem é uma atividade complexa do conhecimento e deve ser pensada de modo estratégico para resultar em uma recuperação eficiente. Por esse motivo, a indexação das palavras deve ser processada para uma maior uniformidade da representação do documento a fim de viabilizar a inserção e recuperação de dados.

Da mesma forma, quando se pensa acerca do processo automático de indexação é possível afirmar que a Ciência da Informação tem contribuições a dar e que tais contribuições passam pelo uso de vocabulários controlados, produto do processo de organização do conhecimento, cuja aplicação à indexação e à recuperação da informação resulta em benefícios para os usuários. (Dias, 2020, p. 246)

Além de informar que a indexação surge na Biblioteconomia e Ciência da Informação, Dias (2020) explica que a representação temática de objetos textuais constitui um processo de organização que objetiva identificar e representar em termos de uma linguagem controlada o conteúdo ou assunto.

Categories	Arabesco/Flor	Borboleta	Caveira	Cruz, crucifixo, terço/Asas/Morcego	Cruz, crucifixo/terço	Estrela/Palavra	Gato	Homem/Astronauta/Lua	Homem/Rosto	Lua/Sol/Dunas
1 Frontal						1				
1 Intraclavicular										
10 Bucal (da bochecha)					1					
11 Terço distal - região anterior da coxa							1			
11 Zigomática										
12 Parotidomasseterica										
12 Terço proximal – região posterior da coxa										
13 Terço médio - região posterior da coxa										
14 Esternocleidomastóidea										
14 Terço distal - região posterior da coxa										
15 Posterior do joelho (fossa poplíteia)										
16 Região lateral do pescoço										
16 Terço proximal – região posterior da perna										
17 Deltóidea			1							
17 Terço médio - região posterior da perna										
18 Terço distal – região posterior da perna										
18 Terço próximo - região anterior do braço			1							
2 Face dorsal da falange proximal										
2 Mamária										
2 Parietal						1				
20 Terço médio – região posterior do braço										
21 Anterior do cotovelo										
21 Terço distal – região posterior do braço										
22 Terço proximal – região anterior do antebraço								1		1
22 Terço proximal - região anterior do braço										
23 Terço médio - região anterior do antebraço										
23 Terço médio – região anterior do antebraço								1		1
23 Terço médio – região anterior do braço										
24 Terço distal - região anterior do braço										
3 Occipital										
4 Temporal						1				
47 Terço médio – região anterior da coxa	1									
48 Terço distal - região anterior da coxa	1									
5 Nasal										
5 Vertebral				1						
6 Escapular		1		1					1	
6 Oral										
7 Infraescapular										
7 Mentoniana (do mento)										
8 Lombar										
8 Occipital					1					1
9 Intraorbital					1					

Tabela 42 - Categorias da região corporal em relação à pré-iconográfica

categorias	Mulher	Mulher/Carta/Baralho	Mulher/Sol/Mandala/Sereia/Totem	Olho(s)/Pássaro/Árvore	Palavra/Arabesco/Letra/Traço/Cruz	Palavra/Letra	Peça quebracabeça	Rosa/Caveira	Rosa/Frase/Coração/Espada
1 Frontal					1				
1 Intraclavicular								1	
10 Bucal (da bochecha)					1				
11 Terço distal - região anterior da coxa									
11 Zigomática					1				
12 Parotídeo masseterica					1				
12 Terço proximal – região posterior da coxa			1						
13 Terço médio - região posterior da coxa			1						
14 Esternocleidomastóidea							1		
14 Terço distal - região posterior da coxa			1						
15 Posterior do joelho (fossa poplítea)			1						
16 Região lateral do pescoço							1		
16 Terço proximal – região posterior da perna			1						
17 Deltóidea									
17 Terço médio - região posterior da perna			1						
18 Terço distal – região posterior da perna			1						
18 Terço proximal - região anterior do braço									
2 Face dorsal da falange proximal						1			
2 Mamária								1	
2 Parietal					1				
20 Terço médio – região posterior do braço									1
21 Anterior do cotovelo		1							
21 Terço distal – região posterior do braço									1
22 Terço proximal – região anterior do antebraço									
22 Terço proximal - região anterior do braço		1							
23 Terço médio - região anterior do antebraço		1							
23 Terço médio – região anterior do antebraço									
23 Terço médio – região anterior do braço									1
24 Terço distal - região anterior do braço									1
3 Occipital					1				
4 Temporal					1				
47 Terço médio – região anterior da coxa									
48 Terço distal - região anterior da coxa									
5 Nasal					1				
5 Vertebral	1			1					
6 Escapular	1			1					
6 Oral					1				
7 Infraescapular	1								
7 Mentoniana (do mento)					1				
8 Lombar	1								
8 Orbital					1				
9 Intraorbital					1				

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Tabela 43 - Categorias da região corporal em relação à iconográfica

Categorias	Astrologia	Astronomia	Estilo aquarela	Famoso, artista, personalidade/Marilyn Monroe	Forma geométrica	Forma geométrica/Ornamentação	Forma geométrica/Religião	Gótico, sombrio	Idioma	Idioma/Estilo old school	Jogo de tabuleiro	Movimento negro/Cultura Africana	Ornamentação	Pin-up	Tribo maori
1 Frontal						1				1					
1 Intraclavicular								1							
10 Bucal (da bochecha)						1	1								
11 Terço distal - região anterior da coxa					1										
11 Zígomática						1									
12 Parotídeo-masseterica						1									
12 Terço proximal – região posterior da coxa													1		
13 Terço médio - região posterior da coxa													1		
14 Esternocleidomastóidea											1				
14 Terço distal - região posterior da coxa													1		
15 Posterior do joelho (fossa poplítea)													1		
16 Região lateral do pescoço											1				
16 Terço proximal – região posterior da perna													1		
17 Deltóidea								1							
17 Terço médio - região posterior da perna													1		
18 Terço distal – região posterior da perna													1		
18 Terço próximo - região anterior do braço								1							
2 Face dorsal da falange proximal										1					
2 Mamária								1							
2 Parietal						1				1					
20 Terço médio – região posterior do braço											1				
21 Anterior do cotovelo															1
21 Terço distal – região posterior do braço											1				
22 Terço proximal – região anterior do antebraço	1	1													
22 Terço proximal - região anterior do braço															1
23 Terço médio - região anterior do antebraço															1
23 Terço médio – região anterior do antebraço	1	1													
23 Terço médio – região anterior do braço											1				
24 Terço distal - região anterior do braço											1				
3 Occipital						1									
4 Temporal						1				1					
47 Terço médio – região anterior da coxa														1	
48 Terço distal - região anterior da coxa														1	
5 Nasal						1									
5 Vertebral				1				2							
6 Escapular			1	1				2							1
6 Oral						1									
7 Infraescapular				1											
7 Mentoniana (do mento)						1									
8 Lombar				1											
8 Orbital						1	1			1					
9 Intraorbital						1	1								

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Tabela 44 - Categorias da iconográfica em relação à pré-iconográfica

Categorias	Gato	Olho(s)	Palavra	Cruz, crucifixo, terço	Caveira	Peça quebra-cabeça	Arabesco	Borboleta	Homem	Lua	Rosa	Estrela	Mulher
Estilo aquarela								1					
Pin-up													1
Movimento negro													1
Cultura Africana													1
Tribo maori									1				
Religião				1							1	1	
Idioma			1								1		
Jogo de tabuleiro						1							
Estilo old school											1		
Ornamentação			1				1						
Astronomia									1				
Famoso, artista, personalidade													1
Astrologia										1			
Marilyn Monroe													1
Forma geométrica	1		1	1									
Gótico, sombrio		1		1	1						1		

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

As três tabelas anteriores (42, 43 e 44) demonstram a necessidade da adequação semântica a fim de evitar sinônimos e redundâncias das palavras que alimentam o sistema. Por essa razão, é preciso que o ajuste da linguagem seja apurado, precisando avaliar o uso da linguagem natural ou artificial. Tal fato requer uma atenção para análise do conteúdo da tatuagem, podendo ser avaliado o uso das linguagens conforme a necessidade dos usuários, sejam aqueles que alimentam o sistema, os profissionais, como aqueles que farão uso do sistema, o usuário.

O uso da LN possibilita aos usuários finais participar colaborativamente da representação da informação ou pelo uso de indexação livre com a adoção de palavras-chave em linguagem natural. [...] O uso de uma linguagem controlada oferece como vantagem a ênfase na adequação de um instrumento de representação da informação que foi projetado para oferecer o controle da sinonímia, a redução da polissemia e da ambiguidade. Em relação a estes termos esclarece-se que a polissemia está relacionada à existência de mais de um significado de uma palavra, enquanto a ambiguidade se refere a uma palavra que pode prestar-se a mais de uma interpretação (Dias, 2020, p. 134)

Este aspecto da análise semântica é uma atividade complexa e requer profissionais da informação atuando a fim de garantir que documentos, seja físico ou digital, estejam controlados e padronizados no intuito de estruturar a sua representação para agilizar a sua recuperação. A adoção desta perspectiva reflete a estrutura taxonômica defendida, pois os instrumentos de representação apresentados, esquema de lesões de França e o método iconográfico e iconológico de Panofsky, resultam na identificação de um indivíduo a partir da descrição da tatuagem.

Para o além, e de modo a ampliar ainda mais o campo de estudo da CI, Dias (2020) em artigo sobre a representação temática de imagens, reconhece que a metodologia proposta por Panofsky (1979), influenciou o desenvolvimento de diversas propostas de metodologias com fins documentários que apontam para uma análise manual feita pelo indexador, isto é para a indexação de imagens.

Para reduzir tais problemas a Ciência da Informação pode trazer contribuições que são úteis para a redução da ambiguidade e da polissemia das anotações realizadas por humanos e outros mecanismos para anotação de imagens. Estas contribuições incluem o uso dos vocabulários controlados associados à anotação de imagens com vistas a melhorar a representação da informação e a recuperação da informação (Dias, 2020, p. 144)

A colaboração intelectual se aprimora dentro de perspectivas múltiplas, mas com a mesma percepção em torno do objeto. Isso porque segundo Cervantes et al, (2018) a

contribuição de procedimentos para a aplicação de tecnologias da informação, produz uma representação de conceitos que compõe a base para a representação e a recuperação temática da informação e é compatível com a demanda de áreas de especialidade.

Dessa maneira, Fontane e Cordenonsi (2019, p. 105) explicam que “os relacionamentos são fundamentais para que o resultado da consulta retorne com informações estruturadas, refinadas e sem redundância. Ou seja, devem retornar informações relevantes e pertinentes ao usuário”.

A análise feita por meio de tabelas de dupla entrada permitiu que os dados fossem reorganizados a fim de alcançar um resultado interpretável a partir das relações categóricas. Tornou-se visível que a implementação da metodologia de arquivamento e criação da base de dados será uma atividade complexa, devido a possibilidades de relações entre atributos. Por isso, gerenciar informação “é racionalizar a informação produzida e recebida pelo ser humano a título individual ou coletivo (Marques, 2017, p. 64).

O sistema taturrecognográfico é um modelo documental de protocolo de classificação da tatuagem para fins de identificação humana. O preenchimento desses dados complementa o perfil do indivíduo cadastrado no banco de dados de identificação civil. Por isso, os dados da tatuagem no sistema TTRCG, que alimentam a CTTRCG, representam taxonomicamente os atributos do corpo humano e da imagem e devem ser preenchidos de acordo com a informação da tatuagem.

A carta inicia o processo sistêmico de modo hierarquizado e a fórmula representa os atributos da carta que geram a referência para identificar o indivíduo. A tabela de transfiguração é o campo que permite incluir a informação acerca de uma tatuagem já registrada atrelada a um indivíduo identificado. Desse modo, promove um ciclo informacional a partir da inserção de novos dados, promovendo as práticas informacionais compreendidas pela CI, pois o sistema de informação “compreende o conjunto de pessoas, recursos de informação e meios que se organizam e articulam para produzir/receber, organizar e representar, armazenar, recuperar e difundir informação, sendo as saídas do sistema os serviços de informação” (Marcial, Gomes e Marques (2015, p.6)

A pesquisa desenvolvida a partir de um documento que se encontra de forma física e digital, demonstra ser compatível para ser abordada a partir dos estudos da Representação do Informação e do Conhecimento. Presente na CI e em outras áreas, porque o estudo da representação “extrapola o domínio da documentação, o que não significa que ela abandone suas próprias teorias relacionadas com a representação, pois elas são parte integrante deste novo movimento, que tem em comum a organização do conhecimento” (Campos, 1995).

Assim, relembra-se os pressupostos da CI para fundamentar algumas possibilidades investigativas:

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima. A Ciência da Informação está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação (Borko, 1968, p. 1).

É percebido que a CI atua em constante evolução e acompanha as práticas informacionais e documentais que passam a existir na sociedade. A análise do banco de dados está totalmente relacionada ao estudo da informação presente na tatuagem como um documento com a finalidade de identificação humana, por isso:

Os desafios e tendências das formas de representação no contexto da recuperação da informação estão seguindo uma linha evolutiva que começa com a aquisição do conhecimento e termina com as bases de conhecimento dos sistemas especialistas, na qual considera-se a Organização do Conhecimento como a espinha dorsal dos atos de representar, recuperar e democratizar o conhecimento (Almeida e Dias, 2019, p. 203).

Pensando na perspectiva da representação da informação e do conhecimento, amplia a possibilidade desta pesquisa ser também compreendida pela ontologia, pois na CI, Santos e Correa (2014, p.2) explicam que “a ontologia é um instrumento de Representação do Conhecimento atuando, principalmente, no controle terminológico”, concordando com Almeida e Dias (2019, p.198) quando afirmam que na CI “o termo é usado para descrever uma base de conhecimento” . Ou ainda, “as ontologias são modelos de dados que podem apoiar a representação da informação e relacionar conceitos aos termos presentes nos acervos digitais” (Santos e Bräscher, 2017, p.1).

[...] pode-se afirmar que as ontologias também são instrumentos de cognição, a partir dos quais é possível compreender o mundo observável. Um ponto comum entre ontologias e linguagens documentárias é que ambas são linguagens construídas para fins específicos. As ontologias, assim como as linguagens documentárias, na condição de instrumentos de representação do conhecimento, permitem descrever alguns fenômenos e atuam, desse modo, como linguagem. (Moreira e Santos Neto, 2014, p. 51).

Em âmbito informacional, e diante da compreensão da taxonomia apresentada nesta pesquisa, não se deve atribuir características ou propriedades aos atributos, visto que é uma estrutura hierarquizada e estabelecida de relacionamentos a partir do que se representam.

Assim, ao ampliar o estudo da Taturrecognografia para uma ontologia, será preciso estabelecer regras de inferências, isso também requer planejamento e objetivo em relação ao domínio do conhecimento que se deseja estabelecer ontologicamente:

Assim, o estabelecimento de compromisso ontológico revela uma tomada de posição em relação aos objetos que se reconhecem como fundamentais em uma visão de mundo e que possibilitam o diálogo sobre esse mundo, e ainda em relação à maneira pela qual esses objetos são caracterizados. Vale ressaltar que existem diversos modos possíveis de um acordo sobre esta visão de mundo. Deve-se ter em mente, entretanto, que nas ontologias, principalmente nas chamadas ontologias de fundamentação, devido às restrições dos mecanismos de representação do conhecimento para as máquinas, a representação dos conceitos e de suas relações que constituem o seu modelo conceitual é sempre limitada e, portanto, aproximada. (Campos, Campos e Medeiros, 2011, p. 146).

A citação de Campos, Campos e Medeiros (2011) visa explicar a importância do compromisso ontológico para a formação de uma conceitualização e por isso a noção sobre o estudo da representação e recuperação da informação e ontologia, comprova uma maior necessidade do estudo da tatuagem no campo da CI.

Além do mais, a concepção destacada das supracitadas autoras conversa com Almeida e Dias (2019), em função justamente, de compreender que o desenvolvimento de um Sistema de Organização do Conhecimento, requer conhecimento das funcionalidades, aplicações e tipologias para verificar qual será a sua utilidade de acordo com a comunidade de usuários com vistas a obtenção dos benefícios da representação do conhecimento. Este panorama está relacionado ao que os autores explicam ser na CI as pistas para a evolução do conhecimento entre domínios, porque nos estudos da Computação e da CI a ontologia de um domínio é a construção de conjuntos de termos (conceitos) que são usados em uma comunidade específica mapeados em conjunto com os relacionamentos entre eles.

Diante da complexidade da informação da tatuagem, e visando uma ontologia, a organização deve ser eficiente e exata. Pois a informação é um ativo imperioso e trabalhado por diversos campos científico, e com o aumento do uso da tecnologia e da digitalização de serviços, a presente pesquisa pode ser ampliada, de acordo com o escopo de interesse, para e com o uso da Inteligência Artificial (IA).

Martins (2010) apresentava a IA como provedora de subsídios técnicos ao tratamento digital da informação. Complementando para o momento presente, Farinelli (2023, p. 144) explica que a IA:

refere-se à criação de algoritmos e sistemas para as máquinas executarem tarefas que normalmente requerem inteligência humana, como aprendizado, resolução de

problemas e comunicação em linguagem natural. O objetivo é imitar a capacidade humana de realizar atividades cognitivas complexas, transformando a forma como interagimos com a tecnologia e automatizamos diversas áreas da vida cotidiana e dos negócios.

A asserção da autora corrobora para o que Fachin (2009) diz sobre a característica multidisciplinar no tratamento e recuperação da informação e o trabalho requer um conjunto de áreas para além da CI e da computação. Principalmente, e retomando o prisma da ontologia, saber o objetivo e o usuário para que o uso da IA não vicie os algoritmos a fazer leituras e interpretações erradas dos seus dados, como tem sido visto em relação ao reconhecimento fácil. Por isso, a descrição da tatuagem nesta tese está relacionada para um individuo a fim de que ele seja identificado por sua própria informação em pele. E não aprofundada para a questão do significado da imagem por ser de cunho subjetivo.

A intenção foi demonstrar ser possível a viabilização adequada da informação documentada da tatuagem para o desenvolvimento virtualizado do sistema, facilitando a operação e a modelagem (modelo matemático usando programação). Ainda assim, Marcial, Gomes e Marques (2015, p.5) concordam que sistema de informação é:

Portanto, sempre constituído pelos diferentes tipos de informação, que pode ser registada num determinado suporte (material/tecnológico), de acordo com uma estrutura, a da entidade produtora/receptora, ao longo do tempo.

Portanto, a experimentação foi fruto das teorias solidificadas que coadunaram para a tatuagem ser um documento de identificação humana, considerando o seu suporte e a sua informação para todo o processo documental de classificação, organização e recuperação da informação em um modelo de sistema. Assim, a pesquisa doutoral pretendeu estabelecer uma classificação taxonômica da tatuagem. E demonstra o quanto ela pode ser expandida para outros campos da CI a fim de legitimar mais ainda o conhecimento acerca do documento e da informação.

8 CONCLUSÃO

A investigação científica apresentada alcança a construção de um sistema metodológico e taxonômico de identificação humana auxiliar com base na tatuagem. Deste modo, afirma-se a tese da tatuagem ser um documento de identificação humana que é descrito e classificado ordenadamente em um sistema taxonômico.

O alcance da afirmação em considerar a tatuagem como documento em um campo científico na CI, respeitou os pressupostos teóricos advindos de Paul Otlet e Suzanne Briet. Desse modo, avança com a perspectiva de diversos teóricos que avaliam o documento para além do suporte papel para apresentar a pele enquanto suporte de informação e fornecer o *status* de documento para a tatuagem. Para isso, foi preciso analisar os universos teóricos distintos e limítrofes, a fim de verificar a relação da CI com os demais campos em vista de alcançar o objetivo pretendido e como demonstrado.

As peculiaridades da tatuagem enquanto documento primário provocaram inquietações sobre o ordenamento e acesso à tatuagem enquanto um documento corporificado em um ser humano. Diante de tal fato, o uso do registro fotográfico, como documento secundário, elucidou que, em função do acesso à tatuagem enquanto documento primário, ela não precisava ser tratada e/ou organizada previamente para estar em um sistema de informação, pois, conforme compreendido por Briet (2016), o documento é justificado pelo seu contexto, por esta razão o registro imagético satisfaz. Por isso, a validade em dispor da tatuagem em um meio digital.

Concordou-se com a compreensão do movimento neodocumental em retomar o estudo do documento enquanto objeto importante da área. Por isso, a investigação reforçou as características da CI em relação ao documento, além de promover o estado da arte para compreensão e produção de novos conhecimentos em relação as possibilidades de documentos que se encontra em sociedade.

É valorável destacar o empenho e o método implementado por Bertillon em registrar todas as informações biométricas de um indivíduo em fichas. Infelizmente, porém, a tecnologia da época não suportava a documentação gerada pelo volume de identificação realizada pela metodologia desenvolvida, o sistema antropométrico.

A relação estabelecida pelas áreas da CI com a identificação humana, a papiloscopia e a medicina legal, ocasionou em um sistema, sucedido pelos estudos das recognografias promovidos por Santos Filho (2014), que promoveram necessários aportes teóricos para a

consecução da pesquisa e apontassem para o reconhecimento da tatuagem como um elemento biométrico.

Como a sociedade contemporânea prima por produtos que estejam em rede, a disponibilização dos documentos em ambientes virtualizados é também em função do rápido acesso à informação. Para tanto, em vista de o documento ser um agente social e de mudanças, necessita acompanhar as tendências atuais e dispor seus dados em um sistema informatizado que auxilie nos avanços de reconhecimento e identificação humana.

Diante de tal fato, a tese ofereceu novas formulações acerca do tema. A pesquisa demonstrou que a tatuagem auxilia na identificação humana por meio da sua descrição e mensuração. Com um ordenamento metodológico e taxonomizado, é sustentado que é possível a construção de um sistema de informação biométrico aberto e possível de adequação informacional no presente e futuro a fim de garantir melhor robustez no ato de reconhecer e identificar indivíduos. Especificamente, a tese contemplou teóricos e temas nobres da CI para ser aplicada em ambiente digitais. A tese é pensada para ser disponibilizada em rede, por meio de ferramentas virtuais de construção. Mas com as devidas ressalvas tecnológicas, principalmente com o uso da IA em não criar rótulos para os indivíduos de acordo com a sua tatuagem.

Entende-se que o cientista da informação é um profissional suficientemente capacitado para desenvolver produtos de informação ou que se utilizem desta como valor agregado, pois esse profissional, com suporte dos conhecimentos sólidos concernentes à ontologia e à taxonomia, estabelece multidisciplinarmente os caminhos de projeção dos sistemas de informação ou ainda como sistema de organização do conhecimento.

A teoria apresentada garante que a inserção da tatuagem em sistemas de identificação humana visa ser mais um elemento biométrico para auxiliar na busca de desaparecidos, corpos não reclamados, identificação de vítimas de desastre, agentes delituosos não identificados. Para tanto, para assegurar que tais dados sejam efetivamente utilizados em toda sua potencialidade, é preciso que exista uma política de gerenciamento que adote medidas que visem a segurança, a integridade, a qualidade, a usabilidade e a responsabilidade.

Ainda, a possibilidade de trabalhar com a tatuagem em um ambiente computacional, com a virtualização dos dados, possibilita a tatuagem ser integrada a um Sistema ou Solução Automatizada de Identificação Biométrica – ABIS com a possibilidade de ser identificado por uma característica única, neste caso, a tatuagem.

A significação da tatuagem, para fins de identificação humana não foi contemplada na pesquisa e não é comportada no sistema, porém a pesquisa pode ser ampliada para o

paradigma social da CI e o estudo iconológico de Panofsky quando dispor, sob autorização e respeitando a LGPD, o banco de dados de tatuagem público, mas sem a intenção de impor conceitos preconceituosos estabelecidos em sociedade .

O estatuto científico alcançado amplia o uso sistêmico da TTRCG para outros campos do conhecimento como *design*, artes, história, filosofia, antropologia, direito, dentre outros. Ou ainda, em outros ambientes profissionais que não os institutos de identificação humana, como os estúdios de tatuagem. É sabido também a existência de museus que contemplam em seus acervos fragmentos de pele tatuada, bem como associações que extraem a tatuagem de pessoas falecidas para serem emolduradas ou guardadas pelos seus entes.

Pautado no rigor científico, todo o desenvolvimento teórico e pragmático acerca do tema abordado amplia o arcabouço teórico da CI. É uma pesquisa consistente, mas não definitiva, pois muito pode ser aprofundado como a identificação ser realizada pelo reconhecimento da própria imagem, e dentro do escopo da CI, o desenvolvimento de uma ontologia, o uso do sistema pela IA, até mesmo a mediação da informação a partir da dialogia estabelecida entre tatuador e usuário.

Afirma-se que o resultado alcançado satisfaça e responda as necessidades momentâneas da pesquisa. A contribuição promovida com o desenvolvimento da pesquisa na CI é a taxonomia do corpo humano e da imagem a partir de um elemento biométrico como a tatuagem em uma perspectiva documental diante da sua descrição informacional.

Por fim, a pesquisa doutoral alcançou os resultados pretendidos e se encerra com possibilidades investigativas. Para além da contemporaneidade, necessita de continuísmo científico e assim mantém portas e janelas encostadas para serem abertas e jamais fechadas.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, A. G. et al. **Visualização de dados, informação e conhecimento**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017, 211 p.
- ALMEIDA, J. F. V. R.; DIAS, G. A. Representar para recuperar: uma necessidade do usuário. **Pesquisa Brasileira Em Ciência da Informação e Biblioteconomia - PBCIB**, v. 14, p. 00-00, 2019. Disponível em: <http://arquivistica.fci.unb.br/au/representar-para-recuperar-uma-necessidade-do-usuario/>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- ALVAREZ, M. C. O homem delinqüente e o social naturalizado: apontamentos para uma história da criminologia no Brasil. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 1, n. 47, 2005. Disponível em: <https://nev.prp.usp.br/publicacao/entre-o-homem-delinqente-e-o-social-naturalizado-por-uma-histria-da-criminologia-no-brasil/>. Acesso em: 20 jul. 2023
- ARAÚJO, M.; PASQUALI, L. **Datilosopia: a determinação dos dedos**. Brasília: Labpam, 2006, 450p.
- ASN NACIONAL. **Microempreendedores Individuais representam 97% dos estúdios de tatuagem e piercing abertos em 2022**. 06 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/microempreendedores-individuais-representam-97-dos-estudios-de-tatuagem-e-piercing-abertos-em-2022/>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- AUGUSTO, C. B.; ORTEGA, F. Nina Rodrigues e a patologização do crime no Brasil. **Revista Direito GV**, v. 7, n. 1, p. 221–236, jan. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/TBkszTqHbPw8wYcH9wQ6F5N/#>. Acesso em: 21 jul. 2023
- AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 2009.
- BAHIA (BA). **LEI Nº 13.920 DE 29 DE JANEIRO DE 2018**. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-13920-2018-bahia-dispoe-sobre-a-proibicao-da-realizacao-de-tatuagem-ou-aplicacao-de-piercing-em-menor-de-18-dezoito-anos-salvo-com-autorizacao-dos-pais-ou-responsaveis-legais-com-assinatura-registrada-em-cartorio-sobre-as-condicoes-de-funcionamento-fiscalizacao-e-vigilancia-sanitaria-dos-estabelecimentos-de-tatuagem-e-de-piercing-e-adota-outras-providencias>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- BALERA, J. E. R.; DINIZ, N. M. A eticidade de pesquisas bioantropológicas de delinquência no cenário científico contemporâneo. **Revista Bioética**, v. 21, n. 3, set. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3615/361533263018.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2023
- BARRETO, E. A. Hibridismo e ambivalência na análise de política de currículo: lutas por significação. **Revista Teias**, [S.l.], v. 10, n. 19, p. 17 pgs., jun. 2009. ISSN 1982-0305. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24061>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- BENTHAM, J. **Panopticon; or, the Inspection-House**. T. Payne, Londres, 1791.
- BERNARDO, A. F. C.; SANTOS, K. dos; SILVA, D. P. da. Pele: Alterações Anatômicas e Fisiológicas do Nascimento à Maturidade. **Revista Saúde em Foco**, edição nº11, Minas Gerais, 2019. Disponível em <http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp->

content/uploads/sites/10001/2019/11/PELE-ALTERA%C3%87%C3%95ES-ANAT%C3%94MICAS-E-FISIOLOGICAS-DO-NASCIMENTO-%C3%80-MATURIDADE.pdf. Acesso em: 07 ago. 2023

BERTILLON, A. **Signaletic Instructions, Including the Theory and Practice of Anthropometrical Identification**. 1896 THE WERNER COMPANY - Chicago, New York, London.

BOLETIM INFORMATIVO [DO] NÚCLEO DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS. Lisboa, nº 28, 2017. Disponível em: https://ordemdosmedicos.pt/wp-content/uploads/2017/09/Boletim-InformativoNHMOM-N%C2%BA-28_JUNHO.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p. 3-5, jan. 1968. (Tradução Livre) Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992827/mod_resource/content/1/Borko.pdf. Acesso em: 08 mar 2022

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 08 out. 2022

BRASIL. Decreto nº 4.764 de 05 de fevereiro de 1903. Dá novo regulamento à Secretaria da Polícia do Distrito Federal.1903. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-4764-5-fevereiro-1903-506801-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 08 out. 2022

BRASIL. DECRETO Nº 7.950, DE 12 DE MARÇO DE 2013. **Institui o Banco Nacional de Perfis Genéticos e a Rede Integrada de Bancos de Perfis Genéticos**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d7950.htm. Acesso em: 10 out. 2022

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.689 de 03 de outubro de 1941. Código de Processo Penal. 1941. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3689.htm DECRETO-LEI Nº 3.689, DE 3 DE OUTUBRO DE 1941. Acesso em: 08 out. 2022

BRASIL. Lei nº 12.037 de 01 de outubro de 2009. **Dispõe sobre a identificação criminal do civilmente identificado, regulamentando o art. nº 5º, inciso LVIII, da Constituição Federal**. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112037.htm. Acesso em: 10 out. 2022

BRASIL. LEI Nº 7.116, DE 29 DE AGOSTO DE 1983. **Assegura validade nacional as Carteiras de Identidade regulam sua expedição e dá outras providências**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/17116.htm. Acesso em: 10 out. 2022

BRASIL. LEI Nº 13.709, DE 14 DE AGOSTO DE 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm. Acesso em: 20 jul. 2023

BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Técnicas, 1951.

BRIET, S. **O que é a documentação?** Brasília: Briquet de Lemos, 2016.

BRITISH MUSEUM. Tattoos in ancient Egypt and Sudan. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/blog/tattoos-ancient-egypt-and-sudan>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BROOKES, G. K.; THOMPSON, T. The impact of personal perception on the identification of tattoo pattern in human identification. *Journal of forensic and legal medicine*, 64, 34–41, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30959313/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

BUCKLAND, M. K. What is a “document”? **Journal of the American society for information science**, v. 48, n. 9, p. 804-809, 1997. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerneda/what-is-a-document.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

BUFREM, L. S. Complementaridade qualitativo-quantitativa na pesquisa em informação. **Transinformação**, v. 13, n. 1, p. 49–55, jan. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/DQRPkSGgqKKdwJMZcVdXbLh/#>. Acesso em: 07 dez. 2023.

BUSH, V. As we may think. **Atlantic Monthly**, v.176, n.1, p.101-108, 1945. Disponível em: <https://web.mit.edu/STS.035/www/PDFs/think.pdf>. Acesso em 08 ago. 2023.

CALDEIRA, C. P. Introdução ao modelo de dados relacional. **Departamento de Informática**, Universidade de Évora, 2004. Disponível em: <http://host.di.uevora.pt/~ccaldeira/e/sp/imd/docs/BD1.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2023.

CAMPOS, M. L. de A. Perspectivas para o estudo da área de representação da informação. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 25, n. 2, 1996. DOI: 10.18225/ci.inf.v25i2.661. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/661>. Acesso em: 13 dez. 2023.

CAMPOS, M. L. de A.; CAMPOS, L. M.; MEDEIROS, J. da S. A representação de domínios de conhecimento e uma teoria de representação: a ontologia de fundamentação. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 140–164, 2011. DOI: 10.5433/1981-8920.2011v16n2. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10389>. Acesso em: 17 dez. 2023.

CAMPOS, M. L. A; GOMES, H. E. Taxonomia e Classificação: a categorização como princípio. In: do VIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007, Salvador. **VIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2007. p. 1-14. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/172684>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: **V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso: 15 mar. 2022.

CARMO, R. V. da S.; GOMES, D. M. C. Identidade e sexo: a construção do gênero através do corpo na iconografia Moche. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 86–105, 2017. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/493>. Acesso em: 15 maio. 2022.

CASSIANI, S. H. de B.; ALMEIDA, A. M. de. Teoria Fundamentada nos Dados: a coleta e análise de dados qualitativos. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 4, n. 2, 1999. ISSN 2176-9133. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/44840/27269>. Acesso em: 19 fev. 2023.

CASSIANI, S. H. de B.; CALIRI, M.H. L.; PELÁ, N. T. R. A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 4, n. 3, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/4kYVcFy88CSrfBWYBPmRcYD/?lang=pt#>. Acesso em: 19 fev. 2023.

CERVANTES, B. M. N.; RAMALHO, R. A. S. R.; GONÇALEZ, P. R. V. A.; SANTOS, J. C. F. dos. Representação e recuperação da informação na web: aspectos teóricos e tecnológicos. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 409-426, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/108270>. Acesso em: 11 dez. 2023.

CHEDIAK, K. O problema da individuação na biologia à luz da determinação da unidade de seleção natural. **Scientiae Studia**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 65-78, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11028>. Acesso em: 28 set. 2022.

CIANCONI, R. de B. Banco de dados de acesso público. **Ciência da Informação**, v. 16, n. 1, 1987. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/20904>. Acesso em: 12 mar. 2023.

CLARKSON, H.; BIRCH, W. Tattoos and human identification: investigation into the use of X-ray and infrared radiation in the visualization of tattoos. **Journal of forensic sciences**, 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1556-4029.12237>. Acesso em: 18 jul. 2023.

CODD, E. F. A relational model of data for large shared data banks. **Commun. ACM**, New York, NY, USA, v. 13, n. 6, p. 377–387, jun. 1970. ISSN 0001-0782

COHEN, M. Resumo da História da Escrita. **Revista de História**, [S. l.], v. 40, n. 81, p. 137-151, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/128945>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CORRÊA, E. C. D.; SPUDEIT, D. F. A. de O. O legado de Suzanne Briet: vida e obra além da documentação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 24–40, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1184>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CORREIA, V. Idolos preistóricos tatuados de Portugal. **Águia**. Porto: Renascença Portuguesa, 1915. Disponível em: <http://ric.slhi.pt/docs/Extras/0000000076.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023

COSTA, R. C. da; VILAÇA, M. L. C.; SILVA, R. da. A evolução e revolução da escrita: um estudo comparativo. **Cadernos do CNLF**, v. XVII, p. 122, 2013. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/trab_completos/Evolu%C3%A7%C3%A3o%20e%20re%20volu%C3%A7%C3%A3o%20da%20Escrita%20ROSIMERI.pdf. Acesso em 13 mar. 2023

COUZINET, V. Complexidade e documento: a hibridação das mediações nas áreas em ruptura. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 3, n. 3, 2009. v3i3.750 Disponível em: Acesso em: 30 ago. 2021.

Croce, D.; Croce Júnior, D. **Manual de medicina legal**. 8. ed. — São Paulo: Saraiva, 2012.

CUNHA, A. F.; SANTOS, K. dos; SILVA, D. P. da. Pele: Alterações Anatômicas e Fisiológicas do Nascimento à Maturidade. **Revista Saúde em Foco, edição nº11, Minas Gerais, 2019**. Disponível em: <http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/11/PELE-ALTERA%C3%87%C3%95ES-ANAT%C3%94MICAS-E-FISIOLOGICAS-DO-NASCIMENTO-%C3%80-MATURIDADE.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 7, n. 2, 1978. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115>. Acesso em: 22 jul. 2023.

DESANTES GUANTES, J. M. **La Documentación en la investigación científica**. Documentación de las Ciencias de la Información, 2000.

DESANTES GUANTES, J. M. La documentación, actualidad permanente. **Documentación de las Ciencias de la Información**, N. 15, 1992- Editorial Complutense. Madrid.

DIAS, C. da C. Representação temática de imagens: reflexões acerca dos subsídios da indexação manual e do reconhecimento de imagens. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], p. 125–149, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22285>. Acesso em: 15 dez. 2023.

DIAZ RODRIGUEZ, V. Sistemas biométricos en materia criminal: un estudio comparado. **Revista IUS**, Puebla, v. 7, n. 31, p. 28-47, jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-21472013000100003&lng=es&nrm=iso. Acesso em 19 fev. 2023.

DODEBEI, V. Cultura digital: novo sentido e significado de documento para a memória social? **DataGramZero**, v. 12, n. 2, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7335>. Acesso em: 30 ago. 2021.

DU BOIS, A. R. **Programação funcional com a linguagem haskell**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.inf.ufpr.br/andrey/ci062/ProgramacaoHaskell.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2023

DURANTI, L. Diplomática: novos usos para uma antiga ciência (parte v). **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 28, n. 1, p. 196-215, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/43320>. Acesso em: 12 mar. 2023.

ESCARPIT, R. **Théorie générale de l'information et de la communication Paris, Hachette**, 1976, (2e édition 1993), Collection Hachette Université

FACHIN, G. R. B. Recuperação inteligente da informação e ontologias: um levantamento na área da Ciência da Informação. **BIBLOS**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 259–283, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1282>. Acesso em: 18 dez. 2023.

FAILLACE, S. **Medicina legal**. Livraria Ateneu S. A., 1ª Ed.

FARINELLI, Fernanda. Inteligência Artificial e suas abordagens semânticas. **Código 31**, v. 1 n. 2 (2023), Jul./Dez. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/codigo31/article/view/9772>. Acesso em: 15 dez. 2023.

FÁVERO, F. **Medicina Legal: introdução ao estudo da medicina legal, identidade, traumatologia**. 11ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1980.

FERNANDES, W. R.; CENDÓN, B. V. Ciência da Informação e interdisciplinaridade: análise das áreas de conhecimento correlatas. In: **ENCUENTRO DEL ASOCIACIÓN DE EDUCACIÓN E INVESTIGACIÓN EM BIBLIOTECOLOGIA, ARCHIVOLOGIA, CIÊNCIAS DE LA INFORMACIÓN Y DOCUMENTACIÓN DE IBEROAMERICA Y EL CARIBE (EDIBCIC)**, 2009, Coimbra. A ciência da Informação criadora de conhecimento. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. v. 1. p. 113-127. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/31869/1/10-%20a%20ci%C3%Aancia%20da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20criadora%20de%20conhecimento%20vol%20I.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em: 20 fev. 2023

FERREIRA, M. da S. Linguagem e representação: considerações no universo da Ciência Informação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 11, n. 3, p. 1–14, 2013. DOI: 10.20396/rdbci.v11i3.1627. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1627>. Acesso em: 15 dez. 2023.

FIGINI, A. R. da L. et al. **Identificação Humana**. São Paulo: Millennium. 2003

FLEURI, R. M. Educação intercultural, gênero e movimentos sociais no Brasil. **Educar em Revista**, n. spe_, p. 121–136, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/pyNvqXP9HPZ8wyTfLRmCCGB/?lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2023.

FOGLIATTO, F. S. Estratégias para modelagem de dados multivariados na presença de correlação. **Gestão & Produção**, v. 7, n. 1, p. 17–28, abr. 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/j/gp/a/nBFgCrMfvM4SWdHmTLDJfXd/?lang=pt#_Acesso em: 12 ago. 2023

FONTANA, F. F.; CORDENONSI, A. Z. Banco de dados em software livre: uma solução para acesso e recuperação do patrimônio documental. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 12, p. 90-119, 2019. DOI: 10.26512/rici.v12.n1.2019.12438 Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/107051>. Acesso em: 09 dez. 2023.

FRANÇA, G. V. **Medicina legal** 10. ed. -- Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

FRANÇA, G. V. **Medicina legal** 11. ed. -- Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

FRANCELIN, M. M. Configuração epistemológica da ciência da informação no Brasil em uma perspectiva pós-moderna: análise de periódicos da área. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 33, n. 2, 2004. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1046>. Acesso em: 14 fev. 2023.

FRIEDMAN, R., et al.; Natural mummies from Predynastic Egypt reveal the world's earliest figural tattoos. **Journal of Archaeological Science**, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S030544031830030X#preview-section-cited-by>. Acesso em: 19 fev. 2023

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M. S.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. de (org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p. 19-34. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5167774/mod_resource/content/1/Aula%204_02%2004_Texto%201_O%20carater%20social%20material%20e%20publico.pdf. Acesso em: 20 fev. 2023

FROHMANN, B. A documentação rediviva: prolegômenos a uma (outra) filosofia da informação. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, [S. l.], v. 8, n. 14, 2015. Disponível em: <http://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4828>. Acesso em: 3 ago. 2023.

GALEANO, D. Identidade cifrada no corpo: o bertillonage e o Gabinete Antropométrico na Polícia do Rio de Janeiro, 1894-1903. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 7, n. 3, p. 721-742, set.-dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/XwJfHPCMsyvKZNNLtXj6nqf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023

GARCIA, I. A. A segurança na identificação: a biometria da íris e da retina. 2009. **Dissertação (Mestrado em Direito Penal)** - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde-24062010-084048/pt-br.php>. Acesso em: 20 fev. 2023.

GASQUE, K. C. G. D. Teoria fundamentada: nova perspectiva à pesquisa exploratória. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 83-118.

GLASER, B.; STRAUSS, A. **The discovery of grounded theory** New York: Aldene de Gruyter, 1967. 271p.

GERSTING, J. L. **Fundamentos Matemáticos para a Ciência da Computação**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 3ª Edição, 1995.

GOMES, A. C. V.; SILVA, A. L. dos S.; VAZ, A. F. O Gabinete Biométrico da Escola de Educação Física do Exército: medir e classificar para produzir corpos ideais, 1930-1940*. **História, Ciências, Saúde** -Manguinhos, v. 20, 2013 20(4), out. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xRz8NKjXPXfWZPCtC7K7Kwr/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 19 fev. 2023

GOMES, H. **Medicina Legal** - 33º ed. rev. e atualizada - Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2004.

GUGLIOTTA, A. C. Uma bibliotecária a serviço da documentação. **BIBLOS**, [S. l.], v. 31, n. 2, p. 14–30, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/7117>. Acesso em: 15 fev. 2023.

GUINCHAT, C.; MENO, M. **Introduction générale aux sciences et techniques de l'information et de la documentation**. Unesco, 1981.

GUINCHAT, C.; MENO, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2.ed. Brasília: Ibict; CNPq, 1994. 540 p.

HAMÚ, D. C. A cultura Moche do Peru: uma exposição pobre sobre uma rica cultura. **Ciência em Museus**, Belém, 1(1):97-99, 1989. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/580>. Acesso em: 15 maio 2022.

HAN, H.; JAIN, A. K. Tattoo based identification: Sketch to image matching. **International Conference on Biometrics (ICB)**, Madrid, Spain, 2013, pp. 1-8. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235701857_Tattoo_Based_Identification_Sketch_to_Image_Matching. Acesso em: 18 jul. 2023.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2017.

HERCULES, H. de C. **Medicina Legal - Texto e Atlas**. São Paulo? Editora Atheneu, 2005.

DVI [DO] INTERPOL. **Disaster Victim Identification Guide**, 2018. Disponível em: <https://www.interpol.int/How-we-work/Forensics/Disaster-Victim-Identification-DVI>. Acesso em: 20 fev. 2023.

JAIN, A. K.; LEE, J-E.; JIN, R. Tattoo-id: Automatic tattoo image retrieval for suspect and victim identification. **Proceedings of the multimedia 8th Pacific Rim conference on Advances in multimedia information processing**, pp. 256- 265, 2007. Disponível em: <http://biometrics.cse.msu.edu/Publications/SoftBiometrics/JainLeeJinTattoo07.pdf>. Acesso em: 12 out. 2022.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP. Papirus, 2002.

KLEPKA, V. CORAZZA, M.J. O essencialismo na classificação de Lineu e a repercussão dessa controvérsia na Biologia. **História da Ciência e Ensino: construindo interfaces** v.18, 73-110, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/hcensino/article/view/37084>. Acesso em: 10 ago. 2023.

Köche, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KOERICH, C. et al. Teoria fundamentada nos dados: evidenciando divergências e contribuições para a pesquisa em Enfermagem. **REME - Revista Mineira de Enfermagem**, 22, 1084, 1-6, 2018. Disponível em http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622018000100600&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 09 ago. 2023

LANÇA, T. A.; AMARAL, R. M.; GRACIOSO, L. S. Multi e interdisciplinaridade nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação brasileiros. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 23, n. 4, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/4Bv59WyHf8gDnLqXqf96Nvt/?lang=pt#>. Acesso em: 19 fev. 2023

LARA, M. L. G. de; MENDES, L. C. Suzanne Briet e a Documentação como técnica cultural. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 75–89, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1179>. Acesso em: 16 fev. 2023.

LARA, M. L. G. de; ORTEGA, C. D.. Para uma abordagem contemporânea do documento na Ciência da Informação. **Actas del X Congreso ISKO**. Universidade da Coruña (Espanha), 2012. ISBN: 978-84-9749-535-6 Pp. 371-387 Disponível em: https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/11621/CC_132_art_23.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 fev. 2023

LASSO DE LA VEGA, J. **Manual de Documentación**. Editorial Labor, S.A., 1969.

LEE, J-E.; JAIN, A. K.; JIN, R. Scars, marks and tattoos (SMT): Soft biometric for suspect and victim identification. **Biometrics Symposium**, Tampa, FL, USA, 2008, pp. 1-8. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/document/4655515>. Acesso em: 18 jul. 2023.

LEE, J.-E; JIN, R.; JAIN, A. K. Image retrieval in forensics: Tattoo image database application. **IEEE multimedia**, v. 19, n. 1, p. 40–49, 2012. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=f0dc80163dd5df320121f0b9bc6c74545634d5ae>. Acesso em 12 out. 2022.

LEITÃO, D. K. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. **Apresentação In: Caderno IHU Ideias** – Rio Grande do Sul: Unisinos, 2004. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/016cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.

LIECHOSCKI, I. P. A adoção do Documento Único de Identificação Civil e perspectivas de impactos para o sistema de inteligência de segurança pública. 2018. **Especialização em Inteligência de Segurança**. da Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: <https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/liechoscki,igorpena.pdf>. Acesso em: 10 out .2022.

LIMA, R. M. de S. Tatuagem: História e Contemporaneidade. **Dissertação de Mestrado em Desenho**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/44715>. Acesso em 15 maio 2022.

LISE, M. L. Z. Et al. Tatuagem: perfil e discurso de pessoas com inscrição de marcas no corpo. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 85, 2010. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-567823>. Acesso em: 20 fev. 2023

LISE, M. L. Z.; GAUER, G. J. C.; CATALDO NETO, A. Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma. **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 294–316, 2013. Disponível em: <https://www.bjfs.org/bjfs/bjfs/article/view/493>. Acesso em: 20 fev. 2023.

LOPES, J. R. Os caminhos da identidade nas ciências sociais e suas metamorfoses na Psicologia Social. **Psicol. Soc.** Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 7-27, June 2002. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 fev. 2023.

LÓPEZ YEPES, J. Reflexiones sobre el concepto de documento ante la revolución de la información. ¿un nuevo profesional del documento? **Scire: representación y organización del conocimiento**, v. 3, n. 1, p. 11-29, 1997. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/166776>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LÓPEZ YEPES, J. La investigación española en Teoría de la documentación (1990-2000). **Revista General de Información y Documentación**, v. 11, n. 2, p. 259, 2001. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/RGID0101220259A>. Acesso em: 14 mar. 2022

LÓPEZ YEPES, J. Notas acerca del concepto y evolución del documento contemporáneo. **VII Jornadas Científicas sobre Documentación Contemporánea (1868-2008)**. Madrid, Departamento de Ciencias y técnicas historiográficas, UCM, 2008, p. 273-279. Disponível em: <https://webs.ucm.es/centros/cont/descargas/documento11910.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023

LUNA, P. D. V. D.; ENCISO, A. A.; MAJCHRZAK, Łukasz. Marcas para la vida, señales para la muerte Los cuerpos tatuados de la cultura Chancay en Cerro Colorado, Huacho, Perú. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 344–377, 2019. Disponível em: <http://seer.unirio.br/revistam/article/view/9045>. Acesso em: 21 abr. 2022.

MAACK, M. N. A dama e o antílope: a contribuição de Suzanne Briet ao movimento pela documentação na França. In: BRIET, S. O que é a documentação? Brasília-DF: Briquet de Lemos, 2016

MARCIAL, V. F.; GOMES, L. I. E.; MARQUES, M. B. Perspetiva teórica e metodológica em sistemas de informação complexos. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas** (Portugal), n. 4, 2015, p. 3-21. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/64130>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MARQUES, T. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARQUES, M. B. Gestão da informação em sistemas de informação complexos. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 060-

076, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/42456>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MARTINS, A. L. Potenciais aplicações da Inteligência Artificial na Ciência da Informação. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 1–16, 2010. DOI: 10.5433/1981-8920.2010v15n1p1. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/3882>. Acesso em: 16 dez. 2023.

MARTINS FILHO, I. E. **Simplificação de método para identificação humana por meio da rugoscopia palatina**. 2006. Dissertação (Mestrado em Odontologia em Saúde Coletiva) - Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, Bauru, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/25/25141/tde-24012007-163107/pt-br.php>. Acesso em: 2023-02-20.

MAYOR, A. Pele: amazonas tatuadas. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 305–326, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/herodoto/article/view/10126>. Acesso em: 20 fev. 2023.

MENDES, L. A. de O. Memória a respeito dos escravos e tráficos da escravatura entre a costa d'África e o Brasil (1812). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 10, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/kT8d5QWzMHG4CdHMGBhGNsF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2023.

MEYRIAT, J. Document, documentation, documentologie. Schéma et Schématisation , n. 14, p. 51-63, 1981

MEYRIAT, J. et al. Documento, documentação, documentologia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 21, n. 3, p. 240-253, set. 2016. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2891>. Acesso em: 20 abr. 2020

MINAYO-GOMEZ, C.; THEDIM-COSTA, S. M. da F. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 13, p. S21–S32, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/dgXxhy9PBddNZGhTy3MK8bs/#>. Acesso em: 22 jul. 2023

MIRANDA, M. K. F. de O. **O acesso à informação no paradigma pós-custodial: da aplicação da Intencionalidade para a findability**. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto Portugal, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/50422>. Acesso em: 14 mar. 2022

MOREIRA, W.; SANTOS NETO, M. F. D. A formação do conceito de ontologia na ciência da informação: uma análise nos periódicos Scire e Ibersid. **Scire**, 2014, p. 49-54, Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/182785>. Acesso em: 16 dez. 2023.

MOURA, F. G. A identificação criminal pela biometria. **Cadernos de Direito Actual**, [S. l.], n. 7, p. 43–59, 2017. Disponível em: <https://www.cadernosdedereitoactual.es/ojs/index.php/cadernos/article/view/215>. Acesso em: 21 maio. 2022.

NUNES, F. T.; SILVA, J. B. da; NICOLETE, P. C.; PEREIRA, J.; CRISTIANO, M. A. da S.; “Um Estudo sobre Técnicas de Biometria Baseadas em Padrões Faciais e sua Utilização na Segurança Urbana”, p. 113 -129. In: **Tecnologias da Informação e Comunicação na Segurança Pública e Direitos Humanos**. São Paulo: Blucher, 2016.

NUNES, M. S. C. Metodologia universitária em 3 tempos [recurso eletrônico]. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2021. 52 p.: il. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/14940/2/MetodologiaCientificaUniversitaria3Tempos.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

NUNES, T. P. et al. Triquíase pós blefaropigmentação: relato de caso. *Arquivos Brasileiros de Oftalmologia*, v. 67, n. 1, p. 165–167, jan. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abo/a/Jxqxt95pY4cGqLRDTf8b3YP/?lang=pt#>. Acesso em: 08 ago. 2023

ORTEGA, C. D.; SALDANHA, G. S. A noção de documento no espaço-tempo da Ciência da Informação: críticas e pragmáticas de um conceito. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 24, p. 189-203, mar. 2019. ISSN 19815344. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/3920>. Acesso em: 21 fev. 2022.

ORTEGA, C. D. O conceito de documento em abordagem bibliográfica segundo as disciplinas constituintes do campo. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, p. 41-64, 2016.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **DataGramZero**, v. 11, n. 2, 2010.

OSÓRIO, A. B. O gênero da tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro. **Tese – Doutorado em Antropologia - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006**. Disponível em: https://minerva.ufrj.br/F/?func=direct&doc_number=000652239&local_base=UFR01#.Y_QnYSbMLIV. Acesso em: 20 fev. 2023

OTLET, P. **Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique**. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

OTLET, P. **Tratado de documentação: o livro sobre o livro: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos, 2018.

PANOFSKY, E. **Meaning in the visual arts**. Anchor Books, Estados Unidos, Garden City, N.Y. 1955

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**; Trad: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2017

PAULO, R. F. O desenvolvimento industrial e o crescimento populacional como fatores geradores do impacto ambiental. **Veredas do Direito** (Belo Horizonte), v. 7, p. 173-189, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/270203222.pdf>. Acesso em 22 jul. 2023.

PEIXOTO, R. A tatuagem em Portugal. In: **Revista de Ciências Naturais e Sociais**. Porto: Typographia Occidental, 1893. Disponível em: http://www.cm-pvarzim.pt/biblioteca/site_rocha_peixoto/PDF_s/PDF%27s%20Obra/A_tatuagem_em_portugal.pdf. Acesso em: 11 jun 2020

PERES, R.L.P. Etimologia e semântica da palavra tatuagem. **RUTA - Revista Universitária de Treballs Acadèmics**, no. 6, p. 1-8. Barcelona: UAB, 2015. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/ruta/ruta_a2015n6/ruta_a2015n6a3.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

PÉREZ, A. L. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Mana**, v. 12, n. Mana, 2006 12(1), abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/FrNcPbPJ5TGxVPZCMY9mVHC/?lang=pt#>. Acesso em: 20 fev. 2023.

PRESTES, M. E. B. e OLIVEIRA, P. e JENSEN, G. M. As origens da classificação de plantas de Carl von Linné no ensino de biologia. **Filosofia e História da Biologia**, v. 4, p. 101-137, 2009. Disponível em: <https://www.abfhib.org/FHB/FHB-04/FHB-v04-04-Maria-Elice-Prestes-et-al.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

Prodanov, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**– 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

RABELLO, R. A dimensão categórica do documento na ciência da informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 131-156, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n31p131>. Acesso em: 29 out. 2021.

REIS, P.; SANTOS FILHO, E. F. A tatuagem em pele humana como documento e elemento biométrico para identificação humana. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 26, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/79913>. Acesso em: 19 fev. 2023.

RIBEIRO, D. Arte índia. In: **Suma Etnológica Brasileira**. Vol. 3: p. 29-64. Vozes, Finep. 1986. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/suma:vol3p29-64>. Acesso em: 20 fev. 2023

RODRIGUES, G. F. R.; BAPTISTA, D. M. O movimento neodocumentalista e a reaproximação entre ciência da informação e documentação: uma perspectiva histórico-conceitual. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 15, n. 1, p. 35-49, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/150694>. Acesso em: 19 fev. 2023.

RODRIGUES, G. F. R.; BAPTISTA, D. M. O retorno ao documento: reaproximações entre a ciência da informação e a documentação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 26, n. 2, p. 3-14, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/161814>. Acesso em: 19 fev. 2023.

SÁ, R. M. C. de. Práticas de compartilhamento do conhecimento na pós-graduação stricto sensu em Ciência da Informação: uma leitura a partir da Teoria Fundamentada nos Dados e da Abordagem Clínica da Informação. 2021. **Tese (Ciência da Informação)**. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/36760>. Acesso em: 22 fev. 2023.

SACKS, T.; BARCAUI, C. Laser e luz pulsada de alta energia: indução e tratamento de reações alérgicas relacionadas a tatuagens. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 79, n. An. Bras. Dermatol., 2004 79(6), nov. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abd/a/7kGnDzLkzpZp9BkRytPqHbS/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SAGREDO FERNÁNDEZ, F. IZQUIERDO ARROYO, J. M. Análisis formal de las definiciones de documentación. **Boletín Millares Carlo**, ISSN 0211-2140, N°. 6, 1982a, págs. 239-288. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1466182>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SAGREDO FERNÁNDEZ, F. IZQUIERDO ARROYO, J. M. Reflexiones sobre “documento” palabra/objeto (I). **Boletín Millares Carlo**, ISSN 0211-2140, N°. 5, 1982b, págs. 161-198. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1448715>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SALDANHA, G. S.; ORTEGA, C. D. Itinerários da obra de Suzanne Briet: inflexões e tensões. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 103–134, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1173>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SANTOS, M. T.; CORRÊA, R. F. Estudos sobre ontologia na Ciência da Informação. In: **Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria**, 2014, Recife. Anais do 4º Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria. Recife: UFPE, 2014. v. 4. p. 1-8.

SANTOS, L. C. de M. dos; BRÄSCHER, M. Uso de ontologia na recuperação da informação em acervos digitais de jornais. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 346–376, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n3p346. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/28782>. Acesso em: 18 dez. 2023.

SANTOS FILHO, E. F.; Prosoporrecognografia do reconhecimento e identificação da face humana: uma aproximação para o envelhecimento crânio facial. **Tese**, Ufba, 2014.

SANTOS FILHO, E. F.; MONTEIRO, R. L. S.; PEREIRA, H. B. B. Identificação facial humana e a proposição de um Sistema Prosoporrecognográfico. In: Suely Aldir Messeder; Elaine Cristina Barbosa Cambui. (Org.). **Analista cognitivo: uma profissão interdisciplinar**. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2019, v. 1, p. 163-177.

- SANTOS FILHO, E. F.; PEREIRA, H. B. B. Proposição de uma carta prosoporecognográfica - biometria, imagem e identificação humana. - **I CIC SAÚDE BRASIL**, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304575741_PROPOSICAO_DE_UMA_CARTA_P ROSOPORRECOGNOGRAFICA_BIOMETRIA_IMAGEM_E_IDENTIFICACAO_HUMA NA Acesso em: 19 fev. 2022
- SANTOS, E. V. A ciência da informação no contexto do paradigma pós-custodial e da pós-modernidade. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)**, n. 10, p. 3-16, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/109275>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- SARACEVIC, T., Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, 1996. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/37415>. Acesso em: 14 mar. 2022
- SAUTTER, F. T. A Essência do Silogismo: Uma Abordagem Visual. **Cognitio**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 316-332, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/12125/9477>. Acesso em: 18 fev. 2023
- SEBRAE. **Estúdio de tatuagem**. 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/estudio-de-tatuagem,ed83251092cff610VgnVCM1000004c00210aRCRD#mercado>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- SILVA, P. A. de O. **A escrita e a história**. [s.d.]. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51015/1/1973_art_paosilva.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.
- SILVA, A. M. da. O impacto do uso generalizado das tic (tecnologias da informação e comunicação) no conceito de documento ensaio analítico-crítico (i). **Prisma.com (Portugal)**, n. 16, p. 116-176, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69127>. Acesso em: 19 fev. 2023.
- SILVA, A. M.; RIBEIRO, F. **Das “Ciências” documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2008.
- SILVA, A. M. da; RIBEIRO, F. A avaliação em arquivística: reformulação teórico-prática de uma operação metodológica. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)**, n. 5, p. 57-113, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69293>. Acesso em: 08 ago. 2023.
- SILVA, J. V. A tatuagem como expressão de fé entre os cristãos coptas. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, Nº 21, 1ª. s. 2018. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/9660>. Acesso em 16 maio 2022.
- SILVA, T. R. Os Estudos Demóticos e a Possibilidade de uma Nova Egiptologia. **Mare Nostrum, [S. l.]**, v. 4, n. 4, p. 22-43, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/105847>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SOUSA, M. S. F. **Métodos e técnicas da Antropologia criminal em Portugal: Da Criação do Posto Antropométrico do Porto aos Institutos de Criminologia (1880-1940).**

Dissertação (Mestrado em Criminologia) - Universidade do Porto, Faculdade de Direito. Porto: [s.n.], 2018. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/118817>. Acesso em: 20 fev. 2023

SOUZA, F. L. G. **História da tatuagem no Brasil: corpos, técnicas e espaços em transformação.** Dourados, MS: Ed. UFGD, 2020. 243p. E-book

STEINEN, K. V. Den. **Entre os aborígenes do Brasil Central.** Trad. de Egon Schaden. Separata renumerada da “Revista do Arquivo”, N. XXXIV a LVIII. São Paulo: Dep. de Cultura, 1940. Disponível em:

<https://archive.org/details/Steinen1940Entre/page/n248/mode/1up?q=rem%C3%A9dio+univerisal&view=theater>. Acesso em: 20 fev. 2023.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada.** Trad.: Luciane de Oliveira da Rocha. 2ª ed. - Porto Alegre: Artmed, 2008

TADEU, T (org.). **O Panóptico.** Traduções: Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora Ltda, 2008.

TAROZZI, M. **O que é grounded theory: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

TASSINARI, R. P. **Formalização da Silogística Aristotélica.** Unesp/Marília. 2012. Disponível em:

<https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/RicardoTassinari/FSA.pdf>. Acessado em: 18 fev. 2023

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987

UNFRIED, R. A. R. O uso da iconografia e da iconologia para a análise de fotografias e recuperação da história de Londrina. Londrina-PR: **Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI**, 2014. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT7/O%20USO%20DA%20ICONOGRAFIA%20E%20DA%20ICONOLOGIA.pdf>. Acesso em: 10 de ago de 2022.

VICENTE, A. T. O. Mapeamento, Conversão e Migração automática de Bancos de Dados Relacionais para Orientados a Grafos. **Dissertação** (Programa de Pós-Graduação: Mestrado - Ciência e Tecnologia da Computação). Universidade Federal de Itajubá – Unifei, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unifei.edu.br/jspui/handle/123456789/2331>. Acesso em: 04 mar. 2023.

VITAL, L. P.; CAFÉ, L. M. A. Ontologias e taxonomias: diferenças. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n. 2, p. 115–130, abr. 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pci/a/VxhxGfW6zfHpfTswwPM5wXP/#>. Acesso em: 04 mar. 2023.

XVI RELATÓRIO DA REDE INTEGRADA DE BANCOS DE PERFIS GENÉTICOS (RIBPG). Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-seguranca/seguranca-publica/ribpg/relatorio/xvi-relatorio-da-rede-integrada-de-bancos-de-perfis-geneticos-maio-2022>. Acesso em: 27 jul. 2023.

APÊNDICE

Apêndice A - Banco de dados do Taturecognografia

ID_T	ID_IND	CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA	FACE / LADO 1	FACE / LADO 2	FACE / LADO 3	EXTENSÃO	REGIÃO_CORPORAL 1
1	20	2 TRONCO	1 Anterior	3 Direito		3 61 – 100%	6 Escapular
2	21	3 MEMBRO SUPERIOR	1 Anterior	3 Direito		3 61 – 100%	21 Anterior do cotovelo
3	22	4 MEMBRO INFERIOR	2 Posterior	5 Total		3 61 – 100%	12 Terço proximal – região posterior da coxa
4	23	2 TRONCO	2 Posterior	4 Esquerdo		3 61 – 100%	6 Escapular
5	24	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	4 Esquerdo		1 0 - 30 %	8 Orbital
6	25	1 CABEÇA E PESCOÇO	2 Posterior	3 Direito		2 31 -60%	1 Frontal
7	25	1 CABEÇA E PESCOÇO	2 Posterior	3 Direito		2 31 -60%	14 Esternocleidomastóidea
8	26	3 MEMBRO SUPERIOR	3 Direito			1 0 -30 %	20 Terço médio – região posterior do braço
9	27	4 MEMBRO INFERIOR	3 Direito			2 31 -60%	47 Terço médio – região anterior da coxa
10	28	2 TRONCO	2 Posterior	3 Direito	4 Esquerdo	2 31 -60%	5 Vertebral
11	29	1 CABEÇA E PESCOÇO	1 Anterior	5 Total		3 61 – 100%	1 Frontal
12	29	5 INSÓLITA	1 Anterior	4 Esquerdo		3 61 – 100%	2 Interno da pálpebras
13	30	2 TRONCO	2 Posterior	5 Total		3 61 – 100%	5 Vertebral
14	31	3 MEMBRO SUPERIOR	1 Anterior	4 Esquerdo		1 0 -30 %	22 Terço proximal – região anterior do antebraço
15	32	2 TRONCO	2 Posterior	3 Direito	4 Esquerdo	2 31 -60%	5 Vertebral
16	33	4 MEMBRO INFERIOR	1 Anterior	3 Direito		2 31 -60%	11 Terço distal - região anterior da coxa
17	34	2 TRONCO	1 Anterior	3 Direito	4 Esquerdo	2 31 -60%	1 Intraclavicular
18	34	3 MEMBRO SUPERIOR	1 Anterior	3 Direito	4 Esquerdo	1 0 -30 %	17 Deltóidea
19	35	3 MEMBRO SUPERIOR	1 Anterior	3 Direito		1 0 -30 %	22 Terço proximal – região anterior do antebraço
20	36	3 MEMBRO SUPERIOR	2 Posterior	3 Direito	4 Esquerdo	1 0 -30 %	2 Face dorsal da falange proximal

REGIÃO_CORPORAL 2	REGIÃO_CORPORAL 3	REGIÃO_CORPORAL 4	REGIÃO_CORPORAL 5
22 Terço proximal - região anterior do braço	23 Terço médio - região anterior do antebraço		
13 Terço médio - região posterior da coxa	14 Terço distal - região posterior da coxa	15 Posterior do joelho (fossa poplíteia)	16 Terço proximal – região posterior da perna
9 Intraorbital	10 Bucal (da bochecha)		
2 Parietal	4 Temporal	8 Orbital	
16 Região lateral do pescoço			
21 Terço distal – região posterior do braço	23 Terço médio – região anterior do braço	24 Terço distal - região anterior do braço	
48 Terço distal - região anterior da coxa			
6 Escapular			
2 Parietal	3 Occipital	4 Temporal	5 Nasal
6 Escapular	7 Infraescapular	8 Lombar	
23 Terço médio – região anterior do antebraço			
6 Escapular			
2 Mamária			
18 Terço próximo - região anterior do braço			
23 Terço médio – região anterior do antebraço			

REGIÃO_CORPORAL 10	REGIÃO_CORPORAL 11	REGIÃO_CORPORAL 12	CLASSIFICAÇÃO SECUNDÁRIA
			1 Policrômica
			1 Policrômica
			2 Monocrômica
			1 Policrômica
			3 Outline
			2 Monocrômica
10 Bucal (da bochecha)	11 Zigomática	12 Parotideomasseterica	2 Monocrômica
			2 Monocrômica
			4 Preto & branco
			3 Outline
			1 Policrômica
			3 Outline
			1 Policrômica
			1 Policrômica
			2 Monocrômica
			3 Outline

PRÉ-ICONOGRÁFICA 1	PRÉ-ICONOGRÁFICA 2	PRÉ-ICONOGRÁFICA 3	PRÉ-ICONOGRÁFICA 4
3 Borboleta			
9 Mulher	15 Carta	16 Baralho	
9 Mulher	19 Sol	21 Mandala	22 Sereia
4 Homem	24 Rosto		
17 Cruz, crucifixo, terço			
8 Estrela	14 Palavra		
25 Peça quebra-cabeça			
7 Rosa	13 Frase	26 Coração	27 Espada
28 Arabesco	29 Flor		
17 Cruz, crucifixo, terço	35 Asas	36 Morcego	
14 Palavra	28 Arabesco	32 Letra	33 Traço
9 Mulher			
6 Lua	19 Sol	20 Dunas	
10 Olho(s)	30 Pássaro	31 Árvore	
1 Gato			
7 Rosa	18 Caveira		
18 Caveira			
4 Homem	5 Astronauta	6 Lua	
14 Palavra	32 Letra		

PRÉ-ICONOGRÁFICA 5	ICONOGRÁFICA 1	ICONOGRÁFICA 2
	1 Estilo aquarela	
	10 Pin-up	
23 Totem	11 Movimento negro	12 Cultura Africana
	13 Tribo maori	
	8 Forma geométrica	14 Religião
	15 Idioma	
	16 Jogo de tabuleiro	
	15 Idioma	17 Estilo old school
	18 Ornamentação	
	9 Gótico, sombrio	
34 Cruz	8 Forma geométrica	18 Ornamentação
	4 Famoso, artista, personalidade	7 Marilyn Monroe
	5 Astrologia	
	9 Gótico, sombrio	
	8 Forma geométrica	
	9 Gótico, sombrio	
	9 Gótico, sombrio	
	2 Astronomia	
	15 Idioma	

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.